



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA — UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO — PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO — PPGED
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO



WELTON CARDOSO JUNIOR

**QUALIDADE DE VIDA E VALORIZAÇÃO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR:
A DIALÉTICA DO ADOECIMENTO**

VITÓRIA DA CONQUISTA — BA
ABRIL — 2026

WELTON CARDOSO JUNIOR

**QUALIDADE DE VIDA E VALORIZAÇÃO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR:
A DIALÉTICA DO ADOECIMENTO**

Trabalho apresentado à banca em defesa de Tese de Doutorado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB), sob orientação da Prof. Dr. Cláudio Pinto Nunes.

VITÓRIA DA CONQUISTA — BA

ABRIL — 2026

C263q

Cardoso Junior, Welton.

Qualidade de vida e valorização docente no ensino superior: a dialética do adoecimento / Welton Cardoso Junior, 2026.

243 p.

Orientador (a): Dr. Cláudio Pinto Nunes.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd, Vitória da Conquista, 2026.

Inclui referências F. 203 - 221

1. Ensino superior. 2. Qualidade de vida no trabalho. 3. Valorização docente. 4. Dialética e adoecimento. I. Nunes, Cláudio Pinto. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Acadêmico em Educação – PPGEd. III. T.

CDD 370.7108142

Catálogo na fonte: Karolyne Alcântara Profeta – CRB 5/2134

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Dedicatória

Este trabalho é dedicado a Idalina, minha avó, *in memoriam*. Professora, diretora escolar, servidora pública municipal e escritora. A Adroiza, minha mãe, *in memoriam*. Professora, empresária e, muito antes, e muito depois, enfermeira. A Berta, esposa, companheira leal e ideal, *ad eternam*. Educadora física, pedagoga, servidora pública, empresária, pesquisadora e escritora. Por fim, a Maitê, minha filha, meu *status quo*. Universitária humilde e exemplar, monitora, intercambista e poliglota.

A todas as grandes mulheres, dignas e resistentes, principalmente a essas da minha vida, esta dedicatória, vocês são o novelo de esperança em minhas ciências.

Agradecimentos

O ato de agradecer é motivo *per se* de uma tese da minha vida. Alguns entendem que gratidão é um movimento linear. Outros entendem que é um movimento circular. Eu entendo que é um movimento em espiral. Explico.

Se refletirmos, veremos que, na humanidade, nada foi original a partir de um indivíduo. Ao que se entende da evolução, tudo o que existe na natureza, no mundo real, não surgiu do nada e de repente. Até aqui, tudo o que se pode sentir e imaginar advém de algum lugar anterior, de algum trabalho prévio.

Nesse sentido, os meus agradecimentos não podem ser um movimento retilíneo, mesmo que o fosse bidirecional. Isso porque, na vida, nada volta a ser exatamente como já foi um dia e, muito menos, o mesmo caminho pode se conservar no tempo. Fosse assim, poderíamos agradecer e nos arrepender, voltando atrás para reescrever da melhor maneira que nos fosse conveniente. Ora, não existe essa possibilidade. O que construímos em um segundo já torna o mundo *per se* um lugar diferente, de pessoas diferentes, como a onda no mar. A imperfeição faz parte do caminho da humanidade.

Da mesma forma, meus agradecimentos não podem ser um movimento circular. A mudança de cada momento no tempo, de cada ato, de cada pensamento, não permite que o mundo assim se comporte. A vida não dá as mesmas voltas. O universo não é feito de órbitas estáticas. A realidade se transmuta inigualavelmente a cada segundo. Gratidão em movimento circular seria benéfica ao começo, mas também poderia ser ao fim. Agradecer a quem significa, em minha vida, os termos de começo com gratidão e, ao mesmo tempo, me proporcionar um fim cheio de ingratidão seria seguir uma mera exigência ritual fundada em uma teologia cultural nem sempre condizente com o curso natural. Tudo o que era idealização de infância, a realidade desmistificou. Um círculo, em verdade, nunca existirá.

Meu agradecimento é em espiral. Sim, em espiral, porque este momento é apenas parte de uma trajetória que é progressista, de uma libertação do espírito pela compreensão consciente da materialidade nuclear de todas as coisas reais. De uma sentença que absolve pela verdade exposta, nua e crua, doa ou não, mas que é fruto incessante de uma dialética entre o ter e o ser, numa superação que determinou o

transformar. Agradecer é, portanto, um ato devido a quem me ensinou e ajudou a transformar a vida em minha, a quem, com leveza e despreensão, faz desse movimento uma espiral.

Agradeço esta tese a quem se propôs dialogar comigo, sem me prejudicar, compreendendo minha construção e o meu necessário processo de desconstrução. A Berta, minha esposa, melhor amiga em quase trinta anos. Uma amizade com recheios avassaladores de grande paixão. Ao Cláudio, meu orientador, melhor eu jamais poderia ter. Pessoa que não se resume em discursos, porque é um grande exemplo de ser humano, batalhador e digno. Dos pés descalços aos espaços de poder, sempre educando com uma generosidade ilimitada. Tão generoso que se permitiu absorver minhas ideias.

Em nome deles, agradeço aos demais professores, funcionários, colegas, amigos, todos companheiros e companheiras (de todos os setores, sem exceções), do PPGED, da UESB, da UNEB, do DIFORT, do NEPEAF, do INRAD, da CAPES e também do Governo do Estado da Bahia e do Governo do Brasil. Agradeço esta tese a todos vocês e a tantos outros personagens.

Eu preciso continuar estudando até o fim, porque é a Educação que me liberta de mim. Este é o meu movimento. Minha história não é uma repetição, no máximo, uma rima. Que continuem sendo luzes em meio a tanta escuridão. Com muito amor, com muito respeito e com muita admiração, eu agradeço a meus mestres por esta consciência, ciente de que é uma trajetória atípica de vida.

RESUMO

A presente tese analisa a qualidade de vida, a valorização e o adoecimento docente no ensino superior público brasileiro contemporâneo. O objetivo geral foi investigar esse fenômeno à luz do Materialismo Histórico-Dialético de Marx e Engels, refletindo sobre a existência de um movimento hegemônico de forças produtivas que impacta as condições de trabalho e de vitalidade desses profissionais sendo denominado por Dialética do Adoecimento. Os objetivos específicos focaram na aferição e diagnóstico das categorias da valorização docente (carreira, remuneração, formação, condições de trabalho e saúde), da Qualidade de Vida pelos parâmetros preconizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Adoecimento referido. A metodologia contemplou uma pesquisa bibliográfica e empírica, com adesão livre e consentida dos participantes, resultando na construção de um banco de dados analisado com suporte por softwares que empregam métodos tanto quantitativos quanto qualitativos. Os resultados apontam para a intensificação laboral, a precarização das condições de trabalho e o aumento da vulnerabilidade ao adoecimento docente, sendo que, quase um terço dos docentes pesquisados já enfrenta doenças crônicas que impactam a sua saúde, bem como o seu desempenho acadêmico. Sendo impulsionados por pressões neoliberais e pela desvalorização institucional da categoria, conclui-se que o enfrentamento dessas adversidades demanda a formulação de consciência da realidade, de políticas públicas que assegurem condições dignas voltadas para a emancipação crítica desses sujeitos em crise.

Palavras-chave: Ensino Superior; Qualidade de Vida; Valorização Docente; Dialética e Adoecimento

ABSTRACT

This thesis analyzes the quality of life, valorization, and illness among faculty in contemporary Brazilian public higher education. The general objective was to investigate this phenomenon through the lens of Marx and Engels' Historical-Dialectical Materialism, reflecting on the existence of a hegemonic movement of productive forces that impacts the working conditions and vitality of these professionals, which term the Dialectic of Illness. The specific objectives focused on measuring and diagnosing the categories of faculty valorization (career, remuneration, training, working conditions, and health), Quality of Life based on the parameters established by the World Health Organization (WHO), and reported illness. The methodology included bibliographic and empirical research, with free and consented participation from the subjects, resulting in the construction of a database analyzed with the support of software employing both quantitative and qualitative methods. The results point to the intensification of labor, the precariousness of working conditions, and increased vulnerability to faculty illness, with almost one-third of the surveyed faculty already facing chronic diseases that impact on their health as well as their academic performance. Driven by neoliberal pressures and the institutional devaluation of the category, it concludes that addressing these adversities requires the formulation of an awareness of reality and public policies that ensure dignified conditions aimed at the critical emancipation of these subjects in crisis.

Keywords: Higher Education; Quality of Life; Teacher Appreciation; Dialectics and Illness.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Domínios e Facetas do WHOQOL-100 (Projeto Piloto Refinado)	36
Quadro 2	Resultados da Pesquisa por Teses e Dissertações – CAPES	102
Quadro 3	Resultados da Pesquisa por Teses e Dissertações – BDTD	103
Quadro 4	Resultados da Pesquisa por Teses e Dissertações – PPGED/UESB	104
Quadro 5	Citações Marcantes dos docentes sobre a valorização e remuneração	148

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Esquema de ativação fisiopatológica em resposta ao estresse	45
Figura 2	Exemplo de Movimento de Abstração de uma Categoria do Fenômeno	83
Figura 3	Dendrograma sobre narrativa genérica de valorização docente	141
Figura 4	Dendrograma sobre a Valorização Docente pela Remuneração	143
Figura 5	Nuvem de palavras do discurso de valorização docente	144
Figura 6	Nuvem de palavras sobre o discurso de valorização por remuneração	145
Figura 7	Relações de Similitude Textuais sobre Valorização Docente	146
Figura 8	Relações de Similitude sobre Remuneração Docente	147
Figura 9	Dendrograma sobre Condições de Trabalho e Saúde	164
Figura 10	Nuvem de palavras sobre condições de trabalho e Saúde	164
Figura 11	Relações de Similitude das Condições de Trabalho e Saúde	165
Figura 12	Dendrograma Qualidade de Vida Entendida pelos Docentes	174
Figura 13	Nuvem de palavras sobre a qualidade de vida entendida	175
Figura 14	Relações de similitude textuais sobre qualidade de vida	176

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Dados Sociais dos Docentes	116
Tabela 2	Caracterização Profissional dos Docentes Entrevistados	122
Tabela 3	Apoio Institucional para a Formação Continuada	127
Tabela 4	Motivações para a Formação Continuada	128
Tabela 5	Vínculo de Trabalho e Plano de Carreira	132
Tabela 6	Realização profissional	137
Tabela 7	Renda Familiar e Relações Salariais	140
Tabela 8	Percepção de Valorização	150
Tabela 9	Infraestrutura Institucional	151
Tabela 10	Equipamentos e Suporte Pedagógico	154
Tabela 11	Apoio à Docência	155
Tabela 12	Relacionamento interpessoal no trabalho	157
Tabela 13	Sintomas de Adoecimento Docente	159
Tabela 14	Dados de Saúde	161
Tabela 15	Dados a partir das Respostas do WHOQOL-BREF	167

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Quantidade de trabalhos por nível de pós-graduação	106
Gráfico 2	Tendências de trabalhos ao longo dos anos	106
Gráfico 3	Quantidade de trabalhos produzidos por região brasileira	107
Gráfico 4	Distribuição de trabalhos por ano e macrorregião	107
Gráfico 5	Quantidade de trabalhos por Sexo	109
Gráfico 6	Distribuição da Frequência de Entrevistados por Campus da UNEB	121
Gráfico 7	Médias Apuradas das Respostas às Questões do WHOQOL-Bref	171
Gráfico 8	Qualidade de Vida por Domínios WHOQOL-Bref obtido por Médias	173
Gráfico 9	Qualidade de Vida em Proporção da Amostra para cada questão	186
Gráfico 10	Relação entre Suficiência Financeira (Q12) e QV Total	187
Gráfico 11	Relação entre Suficiência Financeira e Saúde	189

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID-19	<i>Corona Virus Disease</i> – Doença do Coronavírus descrita em 2019
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
CONAE	Conferência Nacional de Educação
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Saúde
DA	Dialética do Adoecimento
ERE	Ensino Remoto Emergencial
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
OMS	Organização Mundial de Saúde
IES	Instituição de Ensino Superior
IA	Inteligência Artificial
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MHD	Materialismo Histórico-Dialético
PDA	Protocolo de Disfunções Autônomas
PNE	Plano Nacional de Educação
PPGD	Programas de pós-graduação
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
QV	Qualidade de Vida
QVD	Questionário de Valorização Docente
QVT	Qualidade de Vida no Trabalho
SESEB	Superintendência de Ensino Superior da Bahia
SNA	Sistema Nervoso Autônomo
SPSS	Statistical Package for Social Science
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBER	Empresa Plataforma Digital Global de Transporte Urbano
UCE	Unidades de Contexto Elementares
UCI	Unidades de Contexto Iniciais
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
WHOQOL	Grupo de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	22
2.1 OS SUJEITOS DO FENÔMENO (OS DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR).....	24
2.2 AS CATEGORIAS DO FENÔMENO: A QUALIDADE DE VIDA, A VALORIZAÇÃO E O ADOECIMENTO	32
2.3 O MATERIALISMO HISTÓRICO E A DIALÉTICA COM A NATUREZA	47
3 O PERCURSO METODOLÓGICO DAS PESQUISAS	67
3.1 A METODOLOGIA PARA A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA/ESTADO DA ARTE	68
3.2 A METODOLOGIA PARA A PESQUISA EMPÍRICA	69
3.2.1 CAMPO, POPULAÇÃO E OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	70
3.2.2 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS E OS CUIDADOS ÉTICOS.....	72
3.2.3 PROCEDIMENTOS DE COMPUTAÇÃO DOS DADOS	73
3.3 A METODOLOGIA DE ANÁLISE PARA OS DADOS DO FENÔMENO	77
3.3.1 ENFOQUE DADO NA PESQUISA EMPÍRICA	99
4 ESTADO DA ARTE: O ESTADO DO CONHECIMENTO ATUAL SOBRE A QUALIDADE DE VIDA E A VALORIZAÇÃO DO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR, EVIDENCIANDO O ADOECIMENTO PELO MÉTODO DIALÉTICO DE MARX E ENGELS	101
5 DISCUSSÕES DA PESQUISA EMPÍRICA COM EXPOSIÇÃO AO MÉTODO.....	114
6 A TOTALIDADE HISTÓRICA E A REALIDADE PENSADA (CONCRETA) DO FENÔMENO	190
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	199
REFERÊNCIAS	204
ANEXO 1- Questionário de Valorização Docente Adaptado	223
ANEXO 2- WHOQUOL- Bref.....	236
ANEXO 3- Parecer Consubstanciado do CEP	238
ANEXO 4- Tabelas de Correlações	239
ANEXO 5- Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	242

1 INTRODUÇÃO

A Humanidade, buscando a satisfação de suas necessidades e desejos, lida com a sua existência permeada de significados e, para compreendê-los, desenvolveu ao longo do tempo sistemas particulares e distintivos dessa vivência como a Filosofia, as Artes, as Mitologias/Religiões e as Ciências. Esses sistemas se perfazem de modo a explicar a natureza do Universo e de tudo o que pertence a esta ordem, mas acabam por revelar contradições inerentes a essa espécie tão socialmente criativa, e por isso mesmo, eles parecem ser inesgotáveis.

Inicialmente, o que se pode acreditar é que o animal humano transforma o sentido elementar da vida, do mundo fenomênico ou das suas condições de existência, através das ideias que são concebidas com um intuito muito maior de recrutar outros agentes para a própria visão de mundo, do que propriamente para explicá-lo à luz da pura razão. Segundo Althusser (1971), a humanidade se distingue no reino animal porque cria representações para seus indivíduos se reconhecerem mutuamente, e por isso, é necessariamente constituída de seres sociais.

Nesse sentido, é possível pensar que, inconscientemente e naturalmente, os seres humanos se imiscuem por relações imaginárias (ideológicas) com os elementos externos do universo, formadas inicialmente a partir das próprias experiências vividas. Sendo interpelados por elas, os indivíduos naturais desenvolvem um senso comum a partir dessas percepções por habitualidade e transformam-se em sujeitos que carregam a ilusão de que tudo pode ser fruto de uma consciência própria, quando em verdade seria uma falsa consciência ou um mero fruto do imaginário.

Contudo, dentre as supramencionadas construções humanas, a vivência científica muito se distingue. Isto porque ela foi desenvolvida com uma abordagem que, teoricamente, se empenha em compreender e manipular os elementos da vida por meio de conceitos, métodos e técnicas, de forma coerente e controlada, de maneira a explicar cada existência a partir de um mecanismo objetivo, ou seja, promete estar ao máximo livre dessas

subjetividades idealizadas, e assim, produzir uma verdade real, e sobre o prisma dela, o progresso coletivo inconteste.

Mesmo nela, há uma questão determinante que é comumente discutida: a relação indissociável entre os sujeitos-pesquisadores, os seus métodos de análise e os seus objetos de estudo. Pode-se pensar inclusive que há uma espécie de atração entre eles, o que também é uma fórmula, pela qual o pesquisador, que ora subscreve, edificou esta tese de Doutorado. Foi pelo encontro e identificação com um método de pesquisa que se pode definir a melhor forma de consciência para compreender o esforço construtivo social que faz um indivíduo no exercício da docência do ensino superior.

Esta tese acontece então pela pauta de uma visão materialista, de uma dinâmica global que este pesquisador percebeu que está repleta de contradições históricas, mas que da mesma maneira, ao abraçar uma formação transdisciplinar, vislumbrou a possibilidade de uma análise original sobre a qualidade de vida do sujeito do fenômeno em tela, das suas relações diretas e indiretas por sua valorização profissional e das inversas em relação ao seu adoecimento.

Essa fórmula foi pensada diante das vivências deste pesquisador, de modo que, as graduações que foram basilares também foram reforçadas por uma necessidade de uma formação pedagógica doutoral. Trajetória possível por meio de um Mestrado Acadêmico prévio também em Educação e através do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) na Linha de Pesquisa de Política Pública Educacional. Isto foi fundamental para iniciar o mergulho nesse campo de teorização e de intervenção.

Ressalta-se nesse momento discursivo que, neste documento, o masculino genérico foi adotado na redação em referência aos sujeitos da pesquisa, mantendo-se alinhado à linguagem formal e ao posicionamento dos autores nos trabalhos vinculados. O lugar de fala aqui é fruto da desconstrução de uma alienação estabelecida pelo interesse hegemônico de uma classe social. Daquela que visa apenas a preservação da produção e do acúmulo de riquezas, mesmo que isso resulte em instabilidade nas condições mínimas de

vida das pessoas indiscriminadamente, principalmente das que pertencem a classe mais explorada. Este lugar está inserido num contexto de vivências nas condições e nas regras de um Estado Capitalista.

Esse contexto é bem elucidado por Harvey (2012), que preleciona o capitalismo não apenas como um sistema econômico, mas como um modo de organização sociocultural estruturado por uma lógica da acumulação incessante. Segundo o autor, o motor desse sistema não é a satisfação das necessidades humanas, mas a expansão contínua delas, exigindo uma dinâmica de crescimento constante. E se o capital não se expande, ele entra em crise. Trata-se de um sistema, portanto, que é estruturalmente dependente da manutenção da perversa acumulação.

O mesmo autor (Harvey, 2013) explica que a base dessa acumulação capitalista é composta pela diferença entre o valor que é pago pela força do trabalhador e o valor superior correspondente ao é apurado pelo seu tomador, isto é, pela apropriação do excedente do trabalho (mais-valia). Contudo, para o autor, quando o sistema também exhibe uma superacumulação, caem o consumo e a taxa de lucro, de modo que ocorrem crises estruturais no sistema. O autor continua ensinando que as crises obrigam o próprio sistema a buscar outras fontes e formas de reprodução, mercantilizando o que ainda e onde não havia sido, expropriando mais as essências das naturezas e produzindo uma ampliação sistemática de exclusões, explorações, precarizações e de desigualdades.

É nesse sistema que esta tese surgiu, mas ela segue por uma direção contrária ao do esperado, ao do que é meramente politécnico, porque o anseio pelo desenvolvimento científico integral tomou este pesquisador que subscreve, e que, dessa maneira, passou a concordar que o conhecimento deve ser construído e internalizado através de um processo libertador que passa essencialmente pela compreensão do contexto socio-histórico-cultural (Vigotsky, 1987).

Foi percebido a tempo então que também há uma determinação hegemônica para se conduzir formações acadêmicas de maneira cada vez mais unilaterais e fragmentadas, com conteúdo impregnado de ideologias que

exaltam o consumo, em que o debate educacional fundamental para a sociedade passa mais pelas mãos dos grupos empresariais do que pelas da própria ciência pedagógica.

Nessa condição, a Ciência da Educação parece ter sido forçada a se adaptar sempre às novas exigências desse mercado flexível, tornando-se tão enxuta quanto a indústria atual, o que levaria os seus pesquisadores a um empobrecimento drástico de seu caráter filosófico, de sua missão e de sua humanidade. Nesse processo alienante, o ser humano se tornaria seu próprio inimigo, confrontar-se-á com os seus pares e será incapaz de perceber o sofrimento alheio como o seu próprio, o que significa em última análise uma formação de mentes apenas para atender as demandas do sistema de acumulação de capital.

Muitas questões desta tese emergiram deste cenário sombrio, principalmente na esperança de que a pesquisa aqui coligida possa ajudar a refletir e compreender teoricamente essa realidade, estratégia para continuar defendendo o óbvio: o direito à emancipação humana pela valorização e para a superação do reino das necessidades.

Nessa jornada, o principal que precisamos, inicialmente, é esclarecer a compreensão de que a Educação é o fenômeno histórico-social mais importante para o desenvolvimento coletivo e cujas origens estão interligadas ao desenvolvimento socioeconômico de cada época histórica, ou seja, sempre foi determinada pelo tipo de sociedade que se realizava (Mello, 1983). Isso significa, entre outras coisas, que a compreensão da educação atual também nos exige entender a sua progressão histórica.

[...] compreender a educação em um determinado momento histórico implica não apenas apropriar-se daquilo que ela é objetivamente, mas sim do que ela tem sido e virá a ser a partir do que é. Neste modelo, o movimento não acontece porque é construído na esfera do pensamento, mas porque existe na própria realidade. E o pensamento correto é aquele que consegue expressar esse movimento real (Mello, 1983, pp. 71-72).

Entendemos que o conhecimento e a Educação, para a formação humana, devem servir a bem da sua natureza, ao propósito dos interesses da

classe majoritariamente oprimida no tempo. Ela tem um sentido libertário em sua existência e isso é fundamental. Nessa perseguição, esta desconstrução é per si uma atitude revolucionária dentro das batalhas de ideias e de interesses em que todos estão ideologicamente compelidos. Ao desenvolver esta tese performando o método de Marx e Engels significa também assumir uma posição antagônica à pré-determinada, a que é esperada dentro desta sociedade de classes que vivemos no Brasil.

Temos assim que, de forma explícita ou implícita, é o próprio pesquisador que escolhe o método e o conjunto teórico a partir dos quais busca compreender seus objetos de pesquisa, suas problematizações sobre ele e que esta escolha é fundamental para os seus resultados.

Nesse íterim é que passa o Objetivo Geral desta tese que é o de interpretar a intensificação estrutural do trabalho docente do ensino superior público contemporâneo pela ótica da filosofia alemã de Karl Marx e Frederick Engels, utilizando-a como método científico para a investigação.

Já os Objetivos Específicos desta tese são de dimensionar e de abstrair a situação contemporânea (status quo) dos docentes pesquisados por categorias entrelaçadas no objetivo geral da pesquisa: a Qualidade de Vida (QV), conforme os critérios estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a Valorização Docente (com ênfase em carreira, remuneração, formação, condições de trabalho e saúde) e o Adoecimento (OMS). Também são outros objetivos específicos, ainda dentro da proposta; Evidenciar a possibilidade da existência de um movimento hegemônico das forças produtivas influenciando de forma determinante a vida e o trabalho desses profissionais com a intencionalidade de os expropriar ao nível de sua vitalidade e Validar esse movimento como Dialética do Adoecimento.

Se uma categoria é uma contenção analítica que representa propriedades essenciais de um fenômeno, organizando a realidade empírica em níveis de abstração teórica (Konder, 1981; Marx, 2008), essas categorias do fenômeno serão colocadas a dialogar com as categorias clássicas do método científico marxista. Isto feito, busca-se refutar a mera aparência do fenômeno estudado, alcançando a sua essência e assim também a sua

totalidade para então construir subsídios em proposições de política(s) pública(s) que irão contribuir favoravelmente para os sujeitos do fenômeno, atores fundamentais para a Educação, cuja performance deva ser equilibradamente otimizada.

Feitas essas breves considerações iniciais que serão retomadas oportunamente com mais profundidade em tópicos posteriores, prosseguem algumas outras menções introdutórias para adentrar no tema anunciado.

Trata-se da docência no ensino superior, uma atividade educativa que se desdobra na articulação de diversos elementos organizacionais e que visa atender as demandas de uma sociedade progressista, ora em diante, que também deva ser necessariamente sustentável. No Brasil esse nível de docência é um campo historicamente multifacetado e que enfrenta desafios significativos em termos de condições, seja de trabalho, de formação, de desenvolvimento ou de inovação. Mas, esses desafios representam ao mesmo tempo oportunidades contínuas para o debate quanto a construção de um sistema de ensino superior mais justo, inclusivo e de qualidade.

Por isso, entende-se como fundamental que as instituições de ensino e os formuladores de políticas públicas trabalhem em conjunto promovendo um ambiente de valorização e de apoio aos docentes, reconhecendo sua importância nuclear e irradiadora para a educação das gerações vindouras e para o desenvolvimento harmônico das nações. Essa concatenação, que será ressaltada reiteradamente neste trabalho, exige que o docente do ensino superior possa ter condições específicas para bem performar. Diferentemente de transmitir um conhecimento, ele precisa discuti-lo, construí-lo e assim contribuir efetivamente pela necessária transformação da sociedade.

Nesse raciocínio, a valorização do trabalho docente torna-se uma conquista social, e não um aspecto secundário somente ao indivíduo. Neste trabalho partimos da consagrada premissa que o desenvolvimento de qualquer sociedade passa antes pelo desenvolvimento da sua ciência educativa e por sua vez pelo respeito máximo a dignidade de todos os seus atores.

Conforme certifica Guimarães (2006), ser professor implica pertencer a uma profissão em constante constituição histórica, exigindo um olhar específico sobre os seus fundamentos. Suas ações pedagógicas demandam uma interação profunda com as Ciências Sociais e Humanas, essenciais para as finalidades políticas e culturais da cidadania. Nesse sentido, Pimenta e Anastasiou (2002) também destacaram que o desenvolvimento profissional dos docentes do ensino superior exige uma conexão entre o seu aprimoramento pedagógico e o seu desenvolvimento pessoal.

Esse é um desafio sempre atual e primordial para a docência no ensino superior. Ele coloca em pauta as condições mínimas necessárias para que esse profissional possa desempenhar plenamente o seu papel transformador da sociedade. Temos então que, se a atuação do professor no ensino superior envolve uma gama variada de tarefas e interações humanas, entendemos então que ela demanda esforços físicos, mentais e sociais contínuos por parte desse docente, e esses esforços, quando excessivos no trabalho, podem refletir-se negativamente na Qualidade de Vida (QV) desse profissional, levando-o a sucumbências.

A pesquisa sobre a QV desenvolvida nesta tese foi imbricada nas questões de valorização no trabalho e isto também representa um desafio significativo porque problematiza a busca da negação da alta carga de subjetividade que muitos autores supõem e atrelam ao tema em seus compilados. Esta tese pode ser inovadora quando propõe uma abordagem para analisar a QV dos docentes que atuam no nível superior, pela evidência de um método objetivo, pela análise materialista, histórica e dialética marxistas. Com metas específicas, desvendando gradativamente as múltiplas determinações do fenômeno e as suas intrínsecas, a proposta é de verificação de influências sobre as condições de trabalho do docente em questão. A partir do estudo dos dados socioeconômicos e dos relacionados a QV e do trabalho dos sujeitos pesquisados, esta tese enuncia um potencial risco linear de adoecimento desse profissional.

Considerando a possível originalidade, mesmo estudando um segmento específico da população, os resultados da pesquisa e a análise da proposta

têm o potencial de estimular uma consciência mais abrangente, provocando reflexões benéficas para os indivíduos envolvidos, para as instituições democráticas, para a sociedade contemporânea e para as gerações vindouras.

Sabemos que a vida é dinâmica e, enquanto o pesquisador apresenta esta tese, o educador-trabalhador continua a transformar a natureza da sociedade, mas o está fazendo sob inúmeras cobranças e responsabilizações cujas origens são intangíveis ao seu senso comum, talvez pela influência premeditada de uma classe dominante. Submersos às práticas reprodutivas das agências de financiamento, às normas previamente estabelecidas, a regulamentos circulares e a estatutos, os sujeitos alvo ficam possivelmente engessados para não poderem trabalhar de maneira crítica.

Ao permitir o relativismo de uma epistemologia positivista, esses docentes podem evitar a adoção de uma perspectiva revolucionária que nesta tese entende-se como necessária ao conhecimento. Somente a formação humana através da Educação é que pode nos conduzir a uma compreensão da realidade que considera esta visão materialista, ensinando indivíduos a pensarem o mundo de acordo com as suas considerações sobre aquilo que é de fato o real, de fato o que é o determinante ou o que sintetiza uma multiplicidade de determinações.

Esse conhecimento e essa Educação devem atender aos interesses da sociedade como um todo, sem que a classe mais trabalhadora seja explorada, oprimida e alienada no tempo presente e no futuro. Estas menções introdutórias são importantes para partirmos da concepção de que há uma batalha de ideias onde os atores da Educação devam se envolver, devam estar do lado certo, do lado oposto ao da desumanização.

Se bem percebemos, os reformistas contemporâneos nos parecem ser meros administradores de um Estado de colaboração entre classes através da melhoria do assistencialismo à classe trabalhadora. Da mesma forma, a ciência como uma construção estéril, longe de ser uma utopia, parece-nos estar mais próxima de ser uma recomendação hegemônica. Nesse sentido, qualquer neutralidade é uma parcialidade, é uma derrota do racionalismo porque a mera idealização dela é a vitória do opressor. Reafirma-se também nesta presente

tese sobre a necessidade da vivência educacional que equilibre as contradições do mundo.

Entretanto, este pesquisador precisa reconhecer que a própria forma dada a disposição da tese é uma demonstração de que a tradição dentro da Universidade está posta por todos os contornos do conforto habitual aos seus leitores, o que se adverte que a “mão invisível”¹ possa estar regendo até mesmo a criatividade epistemológica. A coragem anunciada e que se evidenciará durante a leitura do texto ainda foi insuficiente para uma total ruptura formal com essa estética a que a academia direciona porque ela própria nos parece ser direcionada. Encontra-se, portanto, aqui nesta tese, uma “acomodação formal democrática”. Isso porque ao nosso entender diante da escolha do método científico de Marx e Engels, a pesquisa empírica deva preceder à do estado de conhecimento. Por hora, sigamos a forma tradicionalmente preconizada, mas sem perder a corajosa intencionalidade.

Nesse sentido, a totalidade a ser afirmada aqui é a de que o docente do ensino superior é um indivíduo que, ao construir o conhecimento, transforma a natureza dos indivíduos e que, por isto, assume o mais relevante papel para a construção de um Estado Nacional, preparando a produção e o moldando a consciência crítica da população. Ao fazê-lo de maneira coerente e racional acaba por desnudar a realidade de vida das pessoas que passam a questionar as abstrações humanas e suas reais finalidades. Sendo elemento decisivo pela cidadania, o docente exerce um papel político que assume a sociedade por classes e, nesse sentido, pode estar sendo tolhido da sua plena atuação pelos interesses da classe economicamente dominante e de várias maneiras.

Determinando-lhe o sofrimento por suas condições de trabalho, a elite econômica pode estar intervindo para desestimular essa categoria quanto ao seu mister apropriado e assim impondo-a ao esgotamento, a desmotivação, ao

¹**A mão invisível** é uma das metáforas mais conhecidas e debatidas em Economia. Ela foi cunhada pelo filósofo social e economista político escocês Adam Smith (1723-1790), amplamente reconhecido como o pai da economia moderna ou do **capitalismo**. A mão invisível promove um objetivo que nem sempre faz parte das conscientes intenções do homem, mas que sempre está a **serviço exclusivo do lucro** (Smith, 1983, p. 438)

cerceamento e ao adoecimento em última análise. Nessa percussão, qualquer abordagem deva ser holística, sem separar os indivíduos das relações que os determinam. Por isto é que o entender sobre o constructo qualidade de vida desse sujeito também requer o entender pelos trabalhos precedentes, um esforço teórico conceitual em que se seleciona o ferramental, o ponto de partida objetivo e universal da condição, posto que, o sujeito a ele atrelado é que se apresenta como temporal e geográfico. É preciso desmistificar a subjetividade tão prolatada para os constructos debatidos e esta tese se propõe a isto.

Nessa seara, pode-se entender que esta investigação científica serve também para instigar e estabelecer uma base para a análise de fenômenos de maneira semelhante, tendo assim importante utilidade pela sua potencial reprodutividade. Uma bandeira social, um ato de descolonização científica, um legado de quem está se reconstruindo a tempo de conhecer a realidade não como única e não como uma espécie de visão particular alienada de classe social, mas como um desvendar do lado oculto do próprio devir.

Para tanto a construção segue em um movimento polifásico, como o que pressupõe mesmo o marxismo científico. Inicialmente, é apresentado o arcabouço teórico sobre os elementos do fenômeno, que é a origem de toda a problematização deste sujeito-pesquisador e que naturalmente restou instigado a aplicar o método como pressuposto. No segundo momento, será apresentado as bases para o movimento de captura da realidade caótica, num percurso com dados de pesquisa empírica nessa temática, mas com a proposição da instrumentação pela captura de categorias do fenômeno. Num terceiro momento, haverá a análise dessas categorias que emergiram a partir dos dados onde elas serão elementarmente mediadas pelas categorias do método científico proposto. As vistas aqui se voltam para a desnudação das impressões iniciais que serão assim abstraídas. Com essa formulação pretende-se entregar a tão almejada totalidade histórica concreta (realidade pensada), o que é o mais nuclear possível sobre o fenômeno.

Partimos então, seguindo o movimento interpretativo desse fenômeno social que está dentro do contexto de um Estado Neoliberal (fundado pelo capitalismo), onde Marx e Engels encontraram substratos para a sua filosofia.

Uma forma de desmistificar as abstrações humanas, inclusive as transcendentais que ainda influenciam os pensamentos desta época, mas, principalmente, enfatizando uma ontologia, uma epistemologia e uma teleologia feita de e pela essência humana. Uma amostra da ciência que aponta o caminho para a superação das mazelas do mundo, *in casu*, a partir do trabalho do docente do ensino superior.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nenhuma produção é possível sem trabalho passado, acumulado, mesmo sendo este trabalho apenas destreza acumulada e concentrada na mão do selvagem pelo exercício repetido (Marx, 2011, p. 57).

Todo processo de pesquisa científica deve ser estruturado por um procedimento sistemático e lógico, com o objetivo de oferecer soluções úteis para os problemas identificados que ainda carecem de compreensão ou de proposições adequadas (Gil, 2002). Considerando as tensões inerentes ao campo investigativo, é imperativo abordá-las a partir de um questionamento organizado, ou seja, de uma problematização. Assim, o primeiro pressuposto teórico é o de que a análise e a intervenção na realidade exigem, portanto, uma interrogação incessante.

Nesse momento, a interrogação primordial seria: Qual é o fenômeno a ser interpretado? Mas, antes disso, o que é um fenômeno?

No sentido geral científico da tradição positivista, ou em termos amplos, fenômeno seria aquilo que se manifesta à observação, podendo ser descrito, analisado e interpretado de maneira neutra e separada do observador, uma definição que é comum nas ciências naturais e em pesquisas quantitativas tradicionais (Pinheiro, 2024).

Contudo, por outras tradições científicas, o conceito de fenômeno é bem mais complexo. Por exemplo, na tradição de Edmund Husserl, chamada de fenomenologia, o fenômeno seria aquilo que aparece à consciência (Husserl, 2016), enquanto, pela perspectiva de Karl Marx e Friedrich Engels, o fenômeno não seria apreendido como realidade última; esta seria apenas uma aparência produzida por uma estrutura imbricada, cuja essência é mais profunda. A realidade para estes últimos autores, então, seria uma síntese dessas múltiplas determinações a serem desnudadas (Konder, 1982).

Nessa linha de pensamento de Konder (1982), as ciências sociais e humanas parecem aderir mais fortemente, pois compreendem que o fenômeno social não se esgota no que aparece de forma imediata; ou seja, a realidade

completa pode ser significativamente distinta daquela apreendida pela mera aparência. De plano, o sujeito pesquisador necessita de um conhecimento filosófico prévio e deve decidir sob qual prisma conduzir a pesquisa ou sua interpretação.

No caso em análise nesta tese, para investigar a QV e suas relações imbricadas na valorização e no adoecimento dos docentes do ensino superior, foi fundamental avaliar quais condições preexistiam para interpretar essa realidade, ou seja, a partir de uma perspectiva ou metodologia específica. Nesse sentido, a escolha do método de análise para os eventos investigados em uma pesquisa científica é de extrema importância para o pesquisador, pois é necessário ter noção prévia das implicações lógicas que permitirão uma compreensão o mais fiel possível da realidade, daquilo que é observado no mundo e que precisa ser adequadamente explicado pela ciência.

Dessa forma, como anunciado e não habitualmente prescrito, esta tese se inicia com o estabelecimento de um diálogo epistemológico entre os sujeitos, as categorias do fenômeno e a filosofia-método desenvolvida e aplicada por Karl Marx e Friedrich Engels, também conhecida, em algumas de suas tradições, como marxismo² ou materialismo histórico-dialético (Konder, 1982). Distingue-se, portanto, neste momento, a filosofia elencada como pressuposto do percurso metodológico empregado na pesquisa para a análise dos resultados obtidos, verificando, assim, a viabilidade da proposta e como ela pode melhor caracterizar o fenômeno em questão.

Esse diálogo inicia-se com o sujeito do fenômeno (o docente do ensino superior), segue para as três categorias do fenômeno (qualidade de vida, valorização e adoecimento) e, em linhas basilares, aborda a teoria marxiana³ para o seu método.

² Relativo às interpretações, desenvolvimentos e correntes derivadas do filósofo Karl Marx.

³ Relativo diretamente às obras de Karl Marx.

2.1 OS SUJEITOS DO FENÔMENO (OS DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR)

Todo indivíduo pesquisador precisa enveredar pelo desafio lúcido de compreender, explicar e aplicar a filosofia metódica nas pesquisas, e, se nesta tese tratamos de uma pesquisa sobre a qualidade de vida, a valorização e sobre o adoecimento docente, teremos, então, dois sujeitos a considerar: o pesquisador e o pesquisado, este último do fenômeno social a ser estudado.

Essa discussão acerca dos sujeitos em uma pesquisa científica exige posicionamento epistemológico. Na tradição positivista, o sujeito é frequentemente reduzido a unidade empírica de análise. Em contraste, na tradição marxista trilhada por Althusser (2001), por exemplo, e interpretada no Brasil por Leandro Konder (1981), deve-se compreender todos os indivíduos envolvidos como construções históricas inseridas na totalidade social. Assim, esta discussão precisa ser mencionada a partir de uma ideia aprofundada de que estes sujeitos estão “já sujeitos”, ou seja, eles são constituídos pelas estruturas sociais, cujas subjetividades são atravessadas por uma ideologia, e, assim, as suas consciências são formadas dentro das relações de poder da produção. Ideia que é trabalhada no campo da teoria crítica da educação.

Explicando bem essa matriz marxista, Konder (1981) propõe que o sujeito não é um indivíduo natural, autônomo e transparente a si mesmo, mas um produto histórico constituído nas relações sociais e ideológicas, e essa concepção tem implicações diretas para a epistemologia da pesquisa científica. Para Konder, estes sujeitos, tanto o pesquisador quanto o pesquisado, não são totalmente passivos; há em si sempre uma tensão entre a determinação estrutural e a possibilidade de consciência crítica, sendo, portanto, atravessados por contradições e interpelados por normas, valores e discursos dominantes, bem como formados a partir de determinadas relações de produção e instituições sociais.

Este pesquisador declara a sua consciência ou intencionalidade ao longo deste trabalho, mas os sujeitos que mais importam, esmiuçadamente para a tese, são os pesquisados docentes do ensino superior público. São

trabalhadores que vendem a sua força produtiva para as instituições de ensino superior públicas, ou seja, para o próprio Estado onde são também representantes.

Elementos centrais da atividade educativa, desde os tempos antigos, esses docentes assim, no passado, figuraram, porque tinham a missão de aprimorar os conhecimentos em diversas áreas da interação e da existência humana. “Na antiguidade, observava-se uma comunidade de discípulos orbitando em torno de um mestre, porque ele era uma figura tida como a detentora do saber” (Luckesi; Barreto; Cosma, 2012, p. 30). Já na Idade Média, o professor universitário, além de garantir a ortodoxia das ideias (teológicas), assumiu o papel de moderador. Dessa forma, vemos que do docente sempre foi exigida uma ampla gama de atribuições, responsabilidades e possibilidades, envolvimento lhe impostos ou socialmente esperados. Isso assim prosseguiu porque é da essência desta profissão, como veremos.

Hypolito (1997) foi quem destacou as questões centrais sobre o trabalho docente no contexto do movimento de sua desvinculação da religião. Para o renomado professor, historicamente, tratava-se a docência como um sacerdócio ou como uma vocação, pois isso atendia às demandas de um contexto social hegemônico clerical. A Igreja, além do controle sobre os intelectuais e a grande massa da população, também “exercia um papel fundamental nessa disputa ideológica por desempenhar, dentre outros fatores, o controle sobre a educação” (Hypolito, 1997, p. 18).

Esse mesmo renomado autor e educador brasileiro esclarece que a imagem do professor promovida pela Igreja, especialmente no século XIX, passou a contrastar com a concepção moderna e liberal, que se baseava no profissionalismo, na laicidade e no espírito democrático da educação pública. Essa perspectiva liberal era uma resposta às exigências de uma sociedade capitalista em desenvolvimento, urbana e industrial, que necessitava, cada vez mais, de uma educação básica acessível para que amplas camadas da população trabalhadora adquirissem comportamentos e habilidades necessários aos interesses da produção econômica social.

Neste sentido, compreende-se que, para os liberais, o trabalho docente precisava sair das mãos da Igreja, pois os professores, até então, eram membros do clero e carregavam uma concepção conservadora que tentava combater as ideias liberais de maneira muito acirrada na disputa pelo poder. Para tanto, o autor esclarece o seguinte:

Fica claro que a visão de professor promovida e estimulada pela Igreja, especialmente no século passado, opunha-se à concepção moderna, liberal, baseada no profissionalismo, na laicidade, no espírito democrático e público da educação. A concepção liberal atendeu a uma exigência do desenvolvimento da sociedade capitalista, urbana e industrial, que demandava, de forma crescente, atendimento educacional elementar para parcelas cada vez maiores da população trabalhadora (Hypolito, 1997, p. 21).

Essa lição histórica nos demonstra que, para entender este sujeito, temporal e geograficamente, carece-se de uma compreensão sobre a estrutura organizativa do seu trabalho. O docente do ensino superior não ganhou a prometida liberdade; ele mudou de perspectiva de acordo com as estruturas que o fomentam.

No Brasil, a história da docência no ensino superior remonta ao período colonial, quando as primeiras instituições de ensino superior foram estabelecidas, com objetivos limitados e voltadas para a formação dos filhos das elites locais estabelecidas. Foi somente a partir do século XIX, com a fundação dos primeiros cursos de nível superior, em áreas como Medicina e Direito, que o país começou a desenvolver um sistema de ensino superior mais estruturado, embora já fortemente influenciado pelo modelo profissionalizante europeu, especialmente o francês-napoleônico (Schwartzman, 1991).

No início do século XX, esse modelo de ensino superior no Brasil passou, então, a incorporar a pesquisa científica como uma de suas funções essenciais, além do ensino e da extensão. Foi pela reforma universitária, em 1968, durante o regime militar, que houve essa reestruturação significativa do ensino superior no Brasil, pensada não só pela profissionalização, mas também pela tecnificação e expansão das universidades públicas e privadas.

Essa reforma, desta feita inspirada pelo modelo norte-americano, introduziu novas exigências para a qualificação dos docentes, como a obtenção

de títulos de mestrado e doutorado, promovendo novamente a especialização para o crescimento da pesquisa científica (Sguissardi, 2000). Este movimento marcou o início da consolidação do tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão, o que caracteriza o sistema de ensino superior até hoje, inclusive é possível que tenha dado origem as assimetrias regionais que ainda pode-se perceber na produção científica nacional (Durham, 2005).

Partindo desta branda contextualização histórica, compreende-se que o trabalho docente, principalmente do ensino superior, sempre foi crucial para as sociedades, mas que esses professores também sempre foram posicionados em uma lógica constante de controle, pois, além do ensino, a atividade docente no ensino superior, mesmo que continuamente repensada, sempre desempenhou um papel que acaba por ser central para o progresso de culturas civilizadas.

Atualmente, a atividade docente superior, além de basear-se nesse tripé anteriormente mencionado, vai muito além do processo tradicional de ensino-aprendizagem para a formação de profissionais em diversas áreas do conhecimento humano. Esses professores da contemporaneidade precisam, hoje, preparar os alunos para se tornarem excelentes pesquisadores, acadêmicos curiosos, criativos e reflexivos. Para o desenvolvimento conjugado da autonomia com o da cidadania do alunado, os docentes precisam questionar e investigar problemas, buscando soluções para as questões existenciais e para as necessidades humanas, onde os discentes devem ser chamados a assumir um papel mais ativo em seu processo educativo.

Nesse sentido, o professor que predominava nas instituições superiores do Brasil, como bacharéis de sucesso profissional nas suas áreas de atuação, aqueles com o perfil de “quem sabe fazer, automaticamente sabe ensinar” (Masetto, 2003, p. 13), sofreu não só uma crescente exigência de especialização, mestrado e doutorado, mas também exigências das condições para promover a formação de profissionais sensíveis, criativos e inclusivos, com potencial para promover, além do desenvolvimento econômico, o desenvolvimento social sustentável do país.

Na mesma linha, é possível pensar que o espaço de formação superior no Brasil exige ainda uma melhor regulamentação nesse nível de ensino. Esse espaço é hoje, portanto, muito mais do que antes, um espaço de relações e de convivências pedagógicas. Para Nunes e Oliveira (2017), trata-se de uma demanda de identidade profissional, de melhorias na formação inicial, de formação continuada e de atitudes que impactam na relação do docente com o seu trabalho.

Seria preciso avançar muito nessa regulamentação, posto que, até mesmo na Lei de Diretrizes e Bases – LDB nº 9.394 (Brasil, 1996), há omissão em relação à formação pedagógica exigida para o nível superior, pois não faz qualquer especificação a esse respeito; pelo contrário, exclui da educação superior a obrigatoriedade da prática de ensino, como é destacado no seu artigo 65: “A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas” (Brasil, 1996, online).

Salienta-se, então, a relevância da organização do trabalho docente no ensino superior, dada pela importância desse nível educacional não mais somente para a formação de profissionais aos critérios do mercado, mas também para a formação de cidadãos conscientes e de novos pesquisadores que serão os futuros professores. O docente que hoje ainda se basta de renome profissional não deve mais bastar.

Rego (2014) explica, contudo, que esse movimento tem sido contraditório, porque, nessa nova realidade, surgiram controles que passaram a exigir mais produtivismo acadêmico, de onde o ensino superior é o próprio polo irradiador institucional. Ele está trazendo mais impacto sobre os próprios professores qualificados, sobre as universidades, sobre a produção científica por seus veículos (na editoração, por exemplo) e, conseqüentemente, sobre a totalidade desse nível de educação no Brasil. Para a autora, surgem questionamentos sobre as relações entre o gerencialismo acadêmico e as formas e propósitos de produção científica. Esse movimento pode estar determinando efeitos colaterais deletérios na vida dos próprios docentes, principalmente nos que são também pesquisadores.

Silva Júnior, Ferreira e Kato (2013) já advertiam que, a cada ano ou quadriênio, as relações de produção exigiriam cada vez mais cobranças no trabalho dos docentes do ensino superior. De fato, atualmente, eles trabalham fortemente pressionados para buscarem publicações, financiamentos para pesquisas, consultorias, e acabam reproduzindo, na iniciação científica, na extensão e no ensino de graduação, essa cultura que sempre distorceu a missão e as relações do fazer docente científico universitário. Em face de avaliações, inclusive em ampla escala, segundo os mesmos autores, a performance desses profissionais passou a ser verificada por resultados e metas que não condizem com a afetação social legítima almejada.

Mais ainda, o desenvolvimento tecnológico atual (inclua-se a IA – Inteligência Artificial) e o fenômeno da globalização afetaram o cerne dessa proposta, em que, segundo Masetto (2003), ao passo que foi exigida a revisão das carreiras profissionais, também foi exigida muita produção desse docente e a divulgação do conhecimento produzido para além das fronteiras físicas das instituições. Segundo esse último autor, o docente deixou de ser meramente um repassador de informações profissionais atualizadas e passou a ser requisitado ainda por novas capacitações como, por exemplo, “adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia, comunicação, iniciativa e cooperação” (Masetto, 2003, p. 14).

Nesse sentido, por sua maior dedicação e formação pedagógica, esperava-se naturalmente a sua maior valorização. O que deveria ser um custo de investimento essencial nos novos tempos e para a plena educação passou a caminhar por rumos incertos, muitas vezes, em sentido oposto a essa expectativa e que, por força de interesses privados, se articulam para a construção e direção das políticas educacionais nacionais (Peroni; Caetano, 2015). Agravando ainda mais o contexto, a pandemia da Covid-19⁴ no Brasil

⁴ A pandemia da COVID-19 foi declarada em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), após a rápida disseminação global do vírus SARS-CoV-2, identificado inicialmente na China no final de 2019. A doença apresentou elevada transmissibilidade, provocou milhões de mortes, recessão econômica, transformações na dinâmica dos trabalhos, interrupções educacionais e impacto significativo na saúde pública, levando ao colapso de sistemas hospitalares em diversos países. Para conter a propagação, foram adotadas medidas como distanciamento social, fechamento de fronteiras, suspensão de atividades presenciais e campanhas massivas de vacinação a partir de 2021. No Brasil, o primeiro caso confirmado de Covid-19 ocorreu em fevereiro de 2020. O país enfrentou múltiplas ondas de contágio, especialmente críticas em 2020 e 2021, com elevada mortalidade e pressão sobre o Sistema

contribuiu para uma percepção da sociedade muito superficial sobre o trabalho docente, como se o desejo dos docentes do ensino superior fosse de oportunismo pela situação de mandatório distanciamento social, de que passaram a se manter em casa, seguros, percebendo salários sem efetivamente produzir.

Desse senso comum, muito equívoco houve, pois os docentes foram, em verdade, desafiados a modificar suas atividades remotamente, o que, pelo contrário ao superficialmente percebido, envolveu-os em maior esforço laboral, com condições mais precárias de trabalho (Pontes; Rostas; Rostas, 2020). Naquele momento histórico de pandemia, por exemplo, a paralisação das atividades presenciais não significou uma menor jornada de trabalho para os docentes, e sim o oposto disso: ela aumentou o trabalho sem o crescimento salarial correspondente (Saraiva; Traversini; Lockmann, 2020).

Aliás, o trabalho docente se tornou contínuo e mais exigente, representando um *plus* quanti-qualitativo, com maior carga horária, sem diferenciação do tempo à disposição do trabalho e com exigência de novas competências para o ensino remoto (Neves; Fialho; Machado, 2021, p. 10).

Exigências que possivelmente tiveram implicações diretas na qualidade de vida, na valorização e no adoecimento desse trabalhador. Eis que se faz mister compreender essa realidade mais a fundo.

De um lado, podemos perceber o impulso das estruturas econômicas para (re)organizar interesses empresariais que ensejam a ascensão sobre a área da educação, promovendo mudanças, especialmente na própria formação desse docente (Peroni; Caetano, 2015). Em contraposição, observam-se os movimentos dos docentes trabalhadores do ensino superior insurgindo por seus sindicatos em suas pautas comuns. Um real campo de tensões, de disputa de classes, que fará parte da totalidade histórica perseguida também nesta

Único de Saúde (SUS). A resposta envolveu medidas estaduais e municipais de restrição de circulação, ampliação de leitos hospitalares e posterior implementação de campanha nacional de vacinação. A pandemia também produziu impactos expressivos na economia, na educação pública e nas condições de trabalho, aprofundando vulnerabilidades sociais já existentes (Brasil, 2023)

tese. Esse movimento de luta docente se tornou a base conjectural da proposta que pretendemos verificar a partir desta tese, dessa pesquisa.

Reenfatize-se que esta tese analisa a qualidade de vida, a valorização e o adoecimento do sujeito trabalhador num contexto de correlações de fatores e de sua resultante, que reconstrói a incessante demonstração de reorganização histórica laboral desse docente. Temos, assim também, um substrato efetivo da visão de mundo marxiana para a aplicação do seu método de exposição da realidade.

2.2 AS CATEGORIAS DO FENÔMENO: A QUALIDADE DE VIDA, A VALORIZAÇÃO E O ADOECIMENTO

Como elencado nas menções introdutórias, nesta tese adota-se o conceito materialista de que uma categoria, dentro de um estudo científico, é um instrumento teórico-analítico que organiza o pensamento e que, assim, é utilizado para interpretar a realidade (Konder, 1981).

Um observador superficial, tentando entender o que seria, conceitualmente, a qualidade de vida (QV) dos docentes, imediatamente pensaria em uma ideia composta de múltiplos fatores a ela relacionados. De maneira geral, ainda um tanto caótica, consideraria elementos como prazer, saúde, disposição, satisfação, longevidade, completude, ou até mesmo os situaria no contexto das relações familiares, do trabalho, do lazer, da religiosidade ou da vida social, por exemplo.

Verificando melhor, observa-se que as abordagens sobre o conceito-categoria qualidade de vida têm ocorrido com muitas publicações e pesquisas na atualidade. No entanto, devido à grande discussão existente, seus enfoques são extremamente variados, assim como os instrumentos de investigação utilizados para delimitá-la. Nesse sentido, quanto maior a divagação, mais distante parece estar a sua sistematização para os mais acurados observadores e estudiosos do tema. É essencial, neste momento do texto, que seja perseguida essa definição, pois, mesmo que ainda não exista uma zona conceitual confortável e consagrada sobre a qualidade de vida, esse conceito-categoria deve ser abordado com a profundidade epistêmica necessária, a que propomos, em uma legítima busca ativa por essa determinação objetiva. Sigamos.

Etimologicamente, o termo "qualidade" deriva do latim "qualis" e significa um modo de ser característico de algo, em si mesmo ou em relação a outro, podendo ter conotações positivas ou negativas (Aulete, 2021). Para Day e Jankey (1996), as abordagens dos estudos sobre qualidade de vida podem ser vistas sob quatro perspectivas: a econômica, a psicológica, a biomédica e a geral (holística). Segundo os autores, a abordagem econômica tem os

indicadores sociais como principal foco e foi popularizada pelos norte-americanos, que a transformaram em uma plataforma política nos anos 1960.

Em relação à abordagem psicológica, esses autores apontam indicadores que tratam das reações subjetivas dos indivíduos às suas experiências. Na abordagem biomédica, a questão central é o impacto das condições de saúde na capacidade de viver plenamente. Já nas abordagens holísticas, ainda de acordo com os autores, destaca-se a percepção da multidimensionalidade desse conceito, em que a qualidade de vida é vista como algo complexo e dinâmico, variando de pessoa para pessoa, do ambiente e do contexto em que ela está inserida. O que propomos nesta tese é uma abordagem dialética. Isto veremos através do movimento que se segue.

Tani (2002) dialoga no sentido de que, para ter qualidade de vida, não basta ter atendidas as necessidades básicas da vida no sentido de sobrevivência, como comida, bebida, vestuário e moradia. Também implicaria não somente em ter saúde física e mental adicionadas a esse conjunto. Seria necessário, além dos anteriores, ter harmonia nas relações sociais, ter uma educação permanente e um bom relacionamento com o meio ambiente, ter tempo livre para o lazer e oportunidades de usufruto cultural. Gill e Feinstein (1994) dispõem que qualidade de vida é uma percepção individual e está relativizada a aspectos gerais da vida pessoal, como a autoestima, por exemplo.

Landeiro et al. (2009) afirmam que o termo e o conceito de qualidade de vida (QV) surgiram com o crescimento e o desenvolvimento econômico após a Segunda Guerra Mundial. Ainda segundo esses autores, no Brasil, o conceito começou a ser aplicado a partir de 1970, inicialmente restrito aos serviços de saúde. Teria sido após 1988, com a promulgação da Constituição Federal (CF) cidadã e a subsequente criação do Sistema Único de Saúde (SUS), que o conceito se consolidou. Seu foco inicial, então, foi provavelmente direcionado em função da saúde dos pacientes usuários do sistema.

O que temos inicialmente é que são muitas dimensões pertinentes à QV, mas esse mapeamento como soma de fatores também não é o bastante, porque ainda restariam as questões de subjetividade dos indivíduos, e, aí,

aderem-se outros enfoques e conceitos. A percepção até aqui é de que o termo qualidade de vida quer nos dizer muito, mas, ao mesmo tempo, as discussões empreendidas ainda não conseguem delimitar o todo, não conseguem universalizá-lo ou encontrar um núcleo objetivo a partir do qual todas as dimensões estariam conectadas.

Caminhando em busca dessa clarificação (universalização) conceitual, a World Health Organization Quality of Life (WHOQOL), um grupo de discussão sobre qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (OMS), conceitua esse constructo (QV) como sendo a “percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (Whoqol, 1994, p. 3). Esse conceito foi amadurecido por estratégias de mensuração em saúde pública, porque houve a necessidade de um novo paradigma para o combate ao adoecimento das populações humanas pelo mundo. Foi em razão desse amadurecimento que partiu a compreensão de que QV devia ultrapassar, e muito, a mera questão do bem-estar físico e mental, pois avançaria sobre outras facetas ou dimensões da vida humana, inclusive na das crenças, daquilo que é abstrato.

Para a OMS (1998), na medida em que se aumentava o foco de interesse sobre aferições de saúde, as tradicionais taxas de mortalidade e morbidade tornaram-se insuficientes, e, daí, percebeu-se a necessidade de aferir o conforto e o bem-estar humano, de entender as motivações para as atividades diárias do homem. Isso também porque as medidas de funcionalidade não eram suficientes para aferir um status de realização plena do ser humano. Dessa forma, houve um esgotamento de um modelo mecanicista pautado no conceito de saúde por ausência de doença.

Ficou evidente a necessidade de uma compreensão distinta e mais abrangente sobre os significados e os sentidos de uma vida humana qualificada, em harmonia ou motivada, de modo que, de fato, eles parecem estar além das questões intrínsecas ao corpo e à mente, extrapolando para questões externas, econômico-materiais. Os cuidados de saúde passaram, então, a considerar a aferição dessa questão por meio de um referencial que

seria o da QV. Nessa perspectiva, já compreendendo o constructo saúde também de maneira mais ampla, é que a OMS (1948, p.1) também o redefiniu para o “estado de completo bem-estar biológico, psíquico e social”. Para a OMS, entender o conceito de saúde passaria pelo entendimento da categoria de bem-estar, que, por sua vez, é atrelado à percepção de qualidade de vida, mas que, diante da ausência de um consenso universal, criou o WHOQOL (1993) para perseguir esse objetivo.

Para além da clarificação dos conceitos, estava o desafio pela ampliação complexa e sistematizada da visão sobre a percepção da QV dos indivíduos. Nessa linha de construção da OMS, a aferição e a promoção do bem-estar humano necessitaram dessa depuração analítica. Não somente a saúde física e psicológica, mas o nível de independência, as relações sociais, as crenças pessoais e as interações amplas dos indivíduos com seus ambientes seriam elementos determinantes.

Além de multidimensional, o conceito de qualidade de vida estaria, de fato, posto pela OMS numa perspectiva de subjetividade dos indivíduos, o que o tornaria também um conceito multicultural. Contudo, nem mesmo por isso desistiu-se de sistematizá-lo como um termo comum e universalmente aceito. Pelo contrário, a busca foi e continua sendo crescente. Nesse ponto, o WHOQOL (1994) agrupou aspectos que relacionam a percepção de QV do sujeito com características semelhantes, chegando à compreensão sobre dimensões da vida humana, segmentando-as por frações semelhantes: os domínios. E mais, procurou uma maneira pela qual se alcançasse validade intercultural, ou seja, que fosse cuidadosamente capturado, testado e universalmente aceito.

Pelo visto, o método da OMS foi desenvolvido pela validação de instrumentos teorizados pela ideia de domínios, que seriam os campos de existência humana. Eles se apresentam, de fato, a partir da realização prazerosa ou pela sujeição aos sofrimentos do sujeito, e cuja resultante é dada como uma mensuração individual quantitativa, um score (pontuação) de QV do indivíduo: uma quantidade de cada qualidade dimensional percebida e que se soma.

A construção desses domínios e de suas facetas pela OMS ocorreu por consenso entre os cientistas da saúde de diversas culturas, a partir de pesquisas com pessoas da população geral consideradas como “saudáveis” e com pessoas que estavam em contato com os serviços de saúde por motivo de doença (Whoqol, 1994). No projeto piloto, foram propostos seis domínios (físico, psicológico, nível de independência, relações sociais, relações ambientais e crenças), mas, após as análises de conteúdo das respostas, das equivalências semânticas e do emprego de metodologias de escalonamento visual, um grupo de especialistas conseguiu a redução dessas questões e o refinamento em facetas de cada domínio, conforme demonstrado no Quadro abaixo.

Quadro 1 — Domínios e facetas do WHOQOL-100 (Projeto Piloto Refinado)

Domínio	Facetas / Aspectos
1. Domínio Físico	Dor e desconforto; Energia e fadiga; Sono e repouso
2. Domínio Psicológico	Sentimentos positivos; Pensar, aprender, memorização e concentração; Autoestima; Imagem corporal e aparência; Sentimentos negativos
3. Domínio Independência	Mobilidade; Atividades da vida cotidiana; Dependência de medicação ou de tratamentos; Capacidade de trabalho
4. Domínio Relações Sociais	Relações pessoais; Suporte (apoio) social; Atividade sexual
5. Domínio Ambiente	Segurança física e proteção; Ambiente no lar; Recursos financeiros; Cuidados de saúde e sociais (disponibilidade e qualidade); Oportunidades de adquirir novas informações e habilidades; Participação e oportunidades de recreação/lazer; Ambiente físico (poluição, ruído, trânsito, clima); Transporte
6. Domínio Crenças	Espiritualidade; Religião

Fonte: Adaptado de WHOQOL (1994).

Apesar de todo esse contexto, ainda pela necessidade de sistematização e de uso de instrumentos de mensuração mais práticos, que demandavam menor tempo para seu preenchimento, mantendo o interesse na

cooperação e, ao mesmo tempo, as características psicométricas satisfatórias, o grupo de QV da OMS desenvolveu o mesmo instrumento, mas de maneira abreviada, o WHOQOL-bref (Whoqol, 2020).

Isso foi possível porque esse painel de *experts* restabeleceu representações conceituais de cada domínio e facetas e, dessa forma, alguns itens de um domínio foram substituídos por serem muito correlacionados com os de outros domínios. Após uma análise fatorial confirmatória, o instrumento ficou reduzido a quatro domínios: o físico, o psicológico, o de relações sociais e o de meio ambiente. O *score* sobre esses domínios revelaria o necessário para a aferição da QV humana. Entretanto, ainda, apesar dessa linha conceitual ter maior difusão por sua associação com o desenvolvimento desse instrumental abrangente e convergente (Anexo 2), não se pode perder de vista que outras propostas para a análise da QV existem. Outros pontos de partida, críticas antagônicas ou outros enfoques teóricos apresentaram-se exatamente como anuncia a dialética trazida por Marx.

Nessa contraposição, por exemplo, estão Almeida, Casotti e Sena (2018), que chamaram a atenção para as ideias de Edgar Morin, considerando que a “completude” expressa no conceito da OMS, como uma busca pela totalidade, não compreende a realidade por meio de uma complementaridade, e, assim, tentaram não ancorar as definições em únicas e totalitárias. Para esses autores, a viabilidade de unir as diversas dimensões da vida não está evidente no conceito da OMS. Para eles, tal conceito trata a ideia de saúde, por exemplo, fragmentando-a em soma de partes e não como uma unidade complexa que é influenciada e modificada por muitos fatores. Dessa compreensão anterior para a promoção da saúde, o constructo por eles utilizado, na complexidade que envolve o tema, é o de estilo de vida. Este seria uma parte de um todo, influenciando e sendo influenciado por esse todo, por meio de comportamentos positivos ou negativos e que contribuiriam na ordem e na desordem da QV das pessoas.

Nahas (2017), um renomado expoente sobre o tema no Brasil, adota essa visão holística sobre a QV e a define como sendo “a percepção de bem-estar resultante de um conjunto de parâmetros individuais e socioambientais, modificáveis ou não, que caracterizam as condições em que vive o ser humano”

(p. 13). Para esse autor, o estilo de vida é que pode levar a maior parte das pessoas a uma saúde positiva, com maior longevidade ou, também, ao contrário, à perda da QV e da motivação. Ainda segundo esse autor nacional, a adoção de determinados comportamentos pode ocasionar o desenvolvimento positivo do estilo de vida e, por conseguinte, da QV. Assim, o estilo de vida apresentaria alguns aspectos sobre os quais se pode ter controle e modificar, como, por exemplo, a alimentação, o consumo de álcool, o estresse, o isolamento social, o sedentarismo e outros que também estão associados ao funcionamento de diversos órgãos e sistemas do corpo humano.

Refletindo sobre tais comportamentos, observa-se que o estilo de vida se torna um conceito amplo, dependente das condições e oportunidades que as pessoas possuem. Dessa forma, ficou posta a crítica pós-moderna de Morin, de que, sobre o complexo, não se inicia a análise pelas partes, pois elas, isoladamente, não podem ser entendidas quando possuem suas próprias complexidades atreladas. Portanto, nessa linha de pensamento que Nahas (2017) adotou, não bastaria, para entender, a fragmentação da QV em domínios, posto que o “estilo de vida” seria um elemento determinantemente entrelaçado e indissociável. O mesmo Nahas afirmou ainda que esses hábitos, comportamentos e a percepção da QV mudam ao longo dos anos quando associados, mas que isso só ocorrerá se o indivíduo, conscientemente, enxergar algum valor em determinado comportamento que deva incluir ou excluir, além de perceber sua capacidade de realizar tais mudanças.

De acordo com Priess (2010), os indivíduos parecem estar mais preocupados com o seu desenvolvimento profissional, técnico e cultural do que com seu bem-estar, lazer e demais fatores relacionados à QV, e essa realidade também parece se reproduzir não só na carreira docente. Vejamos essa manifestação como inquietante e, assim, nesta proposta de tese, ela assumirá um papel central a partir da visão de mundo apresentada por Marx e Engels e que será mais bem compreendida a partir da leitura do capítulo seguinte. Antes, propomo-nos seguir trilhando o caminho das abstrações idealizadas para entender as categorias referidas.

Nessa sequência, temos que uma outra forma de análise sobre o significado de QV é a da percepção da satisfação pessoal como aferição do

nível de bem-estar, um constructo que bem se adere à temática. Para Renwick e Brown (1996), o fato de se sentir um alto nível de bem-estar subjetivo também pode ser denominado estado de “felicidade”. Desse modo, esses autores entendem que uma pessoa feliz tem alto bem-estar subjetivo e está “satisfeita” com sua vida, vivendo-a de forma positiva, com boa QV. Por outro lado, uma pessoa com bem-estar subjetivo baixo está “insatisfeita” com a vida, vive emoções negativas e pode conter ansiedade e/ou até depressão. Se ela estiver “infeliz” com a sua vida, ela pode adoecer.

A partir daqui, precisamos seguir pelas luzes do renomado psicanalista Sigmund Freud (1996), para quem os instintos são chamados de necessidades e desejos e são a chave para compreender essa relação de felicidade e infelicidade, de prazer ou de sofrimento. Este autor define, por exemplo, a dimensão do trabalho como um controle, com regras e disciplinas, em que a pulsão⁵ voltada para o prazer é constantemente ressignificada e os limites impostos são castrações ao instinto humano. Estes últimos seriam preços a serem pagos por trabalhar pelo capital, e, desse modo, seria o evento mental a partir do qual os docentes podem vivenciar a influência do sofrimento no lugar do prazer.

De acordo com D'Oliveira et al. (2017), o sentimento de prazer e o de sofrimento no trabalho inscrevem-se na dimensão subjetiva dos indivíduos, pois envolvem aspirações, valores, desejos e idealizações. Tais sentimentos sofrem interferência da organização do trabalho e do processo laboral, já que o mundo do trabalho é dinâmico e, por sua vez, sofre a influência dos aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais, que estão em um movimento espiral de mudanças. O prazer é conceituado por esses autores como uma sensação de bem-estar e plenitude, tendo relação com a experiência de vida, desejos, valores e com a construção social e psicológica de cada ser humano. Além disso, outros fatores, tais como o acesso a bens e ao consumo, o salário percebido, o reconhecimento pelo trabalho realizado, o sentido de utilidade do trabalho e a configuração da estrutura social e econômica na qual se está

⁵ Para o renomado psicanalista Sigmund Freud (1996) a pulsão são os instintos, chamados de necessidades e desejos. Eles são a chave para compreender outros conceitos como o prazer e o sofrimento. Freud (1996) define o trabalho como uma pulsão constantemente ressignificada

inserido, relacionam-se a essa percepção de prazer. Em contrapartida, os mesmos autores explicam também que o sofrimento é a energia pulsional que não encontra descarga no exercício do trabalho e acumula-se no aparelho psíquico, ocasionando o desprazer e a tensão.

Nesse movimento espiral de debate de ideias e de defesa de posições, o enfoque dado por Buss (2000) retoma o entendimento de que a QV é um produto de um amplo espectro de fatores relacionados com as “condições de vida” do indivíduo, citando como exemplo um padrão adequado com boa nutrição; boa habitação e bom saneamento; presença de oportunidades de educação ao longo de toda a vida; ambiente físico limpo; apoio social; estilo de vida responsável; um espectro adequado de cuidados com a saúde; boas condições de trabalho. Essa linha de conceito está mais voltada ao coletivo de indivíduos, compreendida num sentido amplo de ambiente físico, social, político, econômico e cultural, por meio de políticas públicas e das condições favoráveis ao desenvolvimento do empoderamento dos indivíduos e das comunidades. Não é incomum termos a leitura do Índice de Desenvolvimento Humano⁶ (IDH) como referência para a abordagem da QV em determinadas populações, porque seria uma forma de aferir as condições de vida por indicadores socioeconômicos e, indiretamente, o grau de alcance individual das políticas coletivas de promoção da vida.

Loscocco e Roschelle (1991) trataram a questão com um olhar mais específico, indagando que a QV deve ser analisada como a resultante da composição de realidades que não devem ser separadas. Assim, sugerem categorias para o fenômeno mais materialmente dimensionadas e enfatizam o constructo Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) como central.

Voltaremos a esta questão reiteradamente neste projeto, e de maneira não proposital, mas como próprio fruto do movimento que o método nos

⁶ Indicador sintético criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 1990) com o objetivo de medir o desenvolvimento humano para além da renda econômica. O IDH é composto por três dimensões fundamentais: Saúde (expectativa de vida), Educação e Renda Bruta per capita ajustada ao poder de compra. O índice classifica os países em quatro faixas: desenvolvimento humano muito alto, alto, médio e baixo.

conduzirá. Agora, ainda seguimos tentando capturar as impressões caóticas sobre as categorias.

Segundo Chiavenato (2004, p. 448), “A gestão da qualidade total nas organizações depende fundamentalmente da otimização do potencial humano”. Por isso, o debate sobre QV está intimamente atrelado às condições de trabalho. Parece fazer muito sentido, visto que o objeto-constructo Qualidade de Vida se entrelaça diretamente com questões de Trabalho (QVT). No ambiente laboral, o sofrimento surge quando se chocam as aspirações, os desejos e os valores do indivíduo com os da organização do trabalho, e ainda pelo fato de o trabalhador utilizar seus mecanismos de defesa para transformar ou se adaptar a tal situação sem sucesso.

Percebe-se, então, a QV como um objeto com dimensões diversas que, supostamente, é carregado de subjetividades, mas que não seria impossível pensar em analisá-la sob um prisma de múltiplas relações distintas ou por agrupamento em função de condições distinguíveis ou com características semelhantes. Podemos pensar nos elementos comuns desse objeto, como fez a OMS ao subcategorizá-lo por domínios, sem perder de vista a sua totalidade, como o quis dizer Edgar Morin. Uma proposta seria partir dos elementos reais responsáveis pela ruptura com a percepção do satisfatório e não do que seria o ideal para cada domínio, por exemplo. Precisaremos pensar este objeto a partir de um método que considere a realidade e não aquilo que está apenas no campo dos conceitos de múltiplos significados. Para isso, escolhemos um método: o método de Marx e Engels de se aproximar da realidade.

É nessa seara interlocutória com a QVT que uma outra categoria, a Valorização (no sentido profissional), apresenta-se como necessariamente imbricada aos demais objetos. Mas essa noção de valorização em relação à força de trabalho docente precisa ser distinta daquela que é utilizada apenas no sentido remuneratório, esclarecido pela “Teoria do Valor” de Marx (2023), em que o capitalismo tudo trata como mercadoria.

É claro que, por ser útil e ter sentido na sociedade capitalista, todo trabalho tem necessariamente uma contraprestação pecuniária para quem o

realiza e para quem o contrata, mas, no caso da docência, por exemplo, como dito, há outros elementos tão importantes quanto a se considerar.

De acordo com Penin (2009), o trabalho docente possui aspectos objetivos e subjetivos, em que as relações objetivas são exteriores ao ser e as subjetivas estão ligadas à satisfação profissional a partir de condições salutaras ou socialmente significativas. Nesse sentido, a Conferência Nacional de Educação de 2018 (Brasil, CONAE, 2018) produziu um documento referência que discutiu a valorização dos profissionais da educação, estabelecendo que as condições de formação, carreira, remuneração, trabalho e saúde são indissociáveis nos debates em torno desse constructo fundamental.

De maneira coesa ao que está sendo proposto, temos que a categoria valorização profissional é um constructo mais abrangente do que a valorização como categoria clássica do método proposto nesta tese, que, como veremos, está posta num sentido constricto de valoração, de precificação. Independentemente, há um elemento comum universal ao contexto de todo fenômeno social existente em Estados neoliberais: a remuneração. Nesse sentido restrito, a retomaremos no tópico correspondente ao método, pois o que importa aqui, neste momento, é exarar que a valorização se revela como uma categoria ampla que engloba outras subcategorias correlatas. Isso também passa a ser crucial para a compreensão da Dialética do Adoecimento que propomos.

Portanto, apresenta-se o pressuposto de que, quando o trabalho é valorizado, ou seja, quando ele se realiza sob condições que respeitam a dignidade humana, a autonomia, a criatividade e o tempo de vida dos sujeitos trabalhadores, ele também permite a construção de relações significativas, tanto no plano individual quanto no coletivo. Essa valorização cria as bases para uma existência plena, pois integra o sujeito ao mundo de modo ativo e emancipado, favorecendo o florescimento da QV.

Por outro lado, a valorização do trabalho na lógica de mercado, típica do capitalismo contemporâneo em sua fase neoliberal e gerencialista (Harvey, 2008), rompe essa integração. O trabalho parece tornar-se alienado, precarizado (falta de infraestrutura adequada, de materiais didáticos, jornadas

extenuantes), esvaziado de sentido e invadido por lógicas quantitativas, por metas inatingíveis e por práticas de controle que negam a existência subjetiva do sujeito. Nesse processo, o trabalho deixa de ser fonte de realização e passa a ser vetor de sofrimento, o que se expressa pelo adoecimento físico, psíquico, ético e moral.

Ampliando essa formulação, fica reforçado que a valorização do trabalho docente não diz respeito apenas a aspectos remuneratórios ou legais, mas a uma forma de organização social em que o tempo de vida seja respeitado, a saúde mental preservada e o reconhecimento simbólico assegurado. O trabalhador, nesse modelo, deixa de ser um mero recurso para tornar-se sujeito de direitos, de desejos e de transformações. A categoria Valorização aqui referida, portanto, é política e diz respeito à construção de uma sociedade em que o trabalho seja redimensionado em sua potência emancipadora, e não meramente submetido à lógica do capital e da produtividade mercantil. A valorização docente constitui-se em um constructo diretamente associado a fatores estruturais e funcionais indispensáveis ao exercício qualificado da atividade acadêmico-profissional.

A identificação e a efetivação desses elementos que a compõem revelam-se condições necessárias não apenas para a elevação da qualidade educacional, mas também para a mitigação dos índices de adoecimento docente, frequentemente associados às circunstâncias objetivas de trabalho. A categoria valorização e seus elementos constituintes, ou subcategorias, prestam-se a recolocar o sujeito no centro das prioridades sociais, numa tese de que, onde houver *ad plenum vitam* (propósito de vida plena), com menor probabilidade, haverá adoecimento precoce.

Nesse sentido, seguirá a pesquisa sobre o objeto adoecimento do sujeito do fenômeno, percorrendo o mesmo trajeto em relação aos demais, isto é, da abrangência do campo social em relação ao pesquisar dos objetos e dos fenômenos. A tese é a de que há relações imbricadas entre eles que este trabalho se propõe a desvendar. Pelo corolário exposto, a pesquisa terá vertentes empíricas cartesianas e filosóficas marxistas a se confrontarem. Aos pragmáticos e tecnicistas da ciência natural, seria difícil compreender que não é possível criar uma política pública sem critérios sociais, sem juízos de valor

social. A quem não interessa esse entendimento? A quem o adoecimento do docente precisa aparecer como sendo apenas um desígnio pessoal?

Em tela, agora, o adoecimento do ser, do sujeito que é objeto do fenômeno, do homem que é naturalmente trabalhador e cuja QV deve estar sempre associada. Em linhas gerais, entender o adoecimento apenas pela perda da saúde do indivíduo é percebê-lo, por senso comum, apenas como o passo inicial do movimento de interpretação do objeto. Então, o que significa estar doente de maneira mais precisa? Quais são esses significados em uma sociedade de classes?

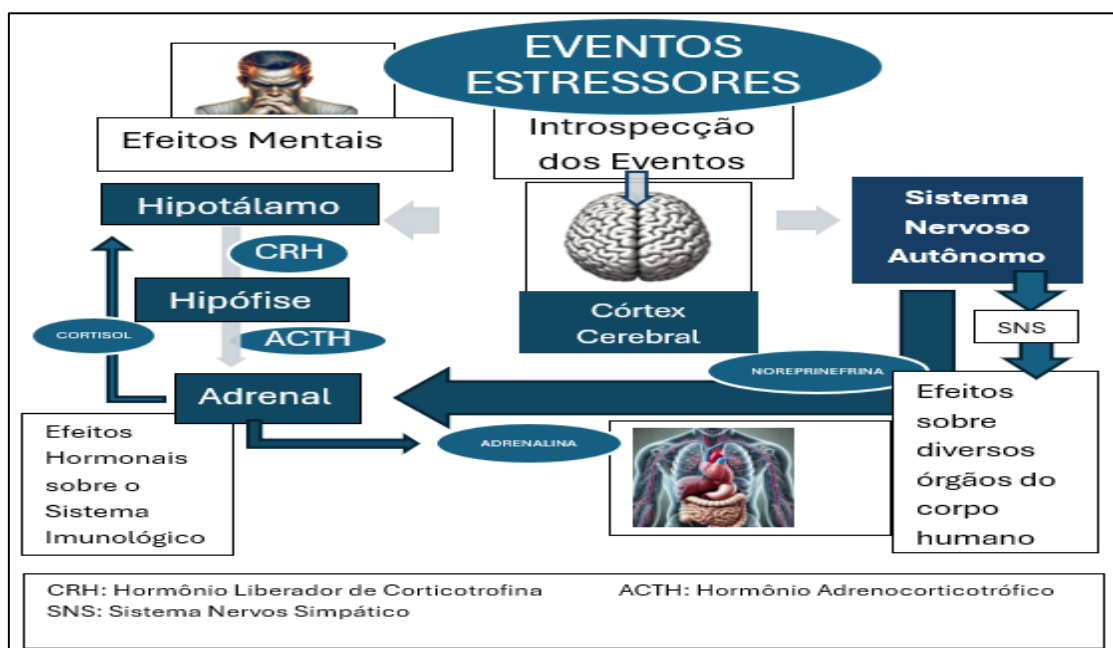
Revisitando agora o conceito da OMS (1948, s.p.), de que "Saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade", é que percebemos a abrangência e a profundidade daquilo que possa, meramente ou caoticamente, parecer antes de se mergulhar nas abstrações e nas ideações conceituais. Se olharmos bem, para a OMS, a saúde reflete a conjuntura social das pessoas. Pela visão de mundo marxista, até mesmo a saúde depende da classe socioeconômica das pessoas, portanto, da valorização dada a elas.

De acordo com essas ideias basilares sobre os objetos, não há como negar que uma visão econômica pode mesmo ser capturada em plano comum, nuclear, de modo a compreender os fenômenos sociais em seus contextos históricos, de acordo com o interesse de cada classe e, assim, o fenômeno do adoecimento dos indivíduos teria objetos próprios dele derivados. O que parece estar em evidência inicialmente à proposta é que uma exposição coletiva dos docentes a níveis variados de desvalorização (sofrimento resultante percebido) representaria níveis de estresse cada vez maiores ao longo da história do desenvolvimento do seu mister.

Quem primeiro descreveu os efeitos do estresse prolongado sobre o ser humano foi o renomado médico Hans Selye (1936). Ele demonstrou, por meio de experiências, que o estresse, em determinado nível, promove reações bioquímicas em cadeia que geram uma condição de descontrole fisiológico do corpo humano. Ao longo dos anos seguintes, outras descobertas reiteraram os estudos de Selye, especialmente sob as muitas relações entre o sistema

nervoso e o imunológico, contribuindo, assim, para o estabelecimento do elo motivador de doenças com o estresse em função de eventos intensos e prolongados. A Figura 1 abaixo, demonstra resumidamente como o estresse pode induzir o adoecimento. Do esquema, inferimos resumidamente que os estímulos de estresse chegam ao cérebro, determinando estados mentais e influenciando circuitos autonômicos que podem levar a disfunções hormonais, imunológicas, bem como afetar o funcionamento de diversos órgãos do corpo humano.

Figura 1 - Esquema de ativação fisiopatológica em resposta ao estresse



Fonte: Adaptado de Sardá Jr., Legal e Jablonski Jr. (2004).

De acordo com Sardá Jr., Legal e Jablonski Jr. (2004), as disfunções se apresentam por sintomas e sinais premonitórios do Sistema Nervoso Autônomo (SNA), ou seja, da parte involuntária do funcionamento fisiológico do ser humano. Eis que temos um mecanismo, uma lei em que o sofrimento pode se materializar pelos eventos estressantes que, em última análise, levarão ao adoecimento do indivíduo.

Isso é sabido porque, de fato, as situações de estresse crônico estão quase sempre associadas a condições clínicas degenerativas, tais como aumento da resistência insulínica, diabetes, aterosclerose, hipertensão arterial,

obesidade, osteoporose, alterações imunológicas e transtornos psiquiátricos (Borges Neto, 2011).

Capturadas as aparências (o senso comum) das categorias do fenômeno a serem pesquisadas, sigamos pelo movimento para melhor compreendê-las e as suas relações cientificamente. Para isso, antes, é preciso que, além de um mínimo acento de conhecimento prévio sobre as categorias (aproximação do pesquisador com o objeto e as categorias da pesquisa), outra compreensão pressuposta (ferramental prévio) deva estar em campo: a filosofia do método que será utilizado com este propósito. Notar-se-á, ao final, inclusive, que é dele que já estamos nos valendo desde o princípio desta composição.

Esse movimento epistemológico é apenas o ponto de partida que anuncia o próprio método, a captura do concreto caótico sobre o fenômeno que teremos que verificar. Será que a problematização se ilumina? Se a essência do fenômeno se desnuda? Se a hipótese aparente se refuta? Se conseguimos verificar as múltiplas determinações do fenômeno? Antes, que compreendamos melhor a sinalização da trilha escolhida para chegarmos aos objetivos apresentados.

2.3 O MATERIALISMO HISTÓRICO E A DIALÉTICA COM A NATUREZA

A compreensão do caminho proposto nesta tese começa com a ideia de que existem leis que governam as interações humanas. Essa concepção foi a mesma que levou a colaborações significativas entre pensadores como Karl Marx e Friedrich Engels, dois proeminentes acadêmicos alemães do século XIX. Eles idealizaram um Materialismo Histórico e uma Dialética própria que, inegavelmente, transformaram profundamente o pensamento científico desde então. Explica-se como isso foi aferido e como esse conhecimento prévio também é necessário para esta construção.

Karl Marx (1818–1883) nasceu em uma família judia e foi educado humanisticamente no interior da antiga Prússia (hoje Alemanha). Ainda jovem, foi estudar Direito e Filosofia nas Universidades de Bonn e Berlim, quando conheceu as ideias desenvolvidas por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770–1831), um dos filósofos mais influentes e complexos da tradição ocidental da época, cujas ideias merecem breve menção, pois muito inquietaram o pensamento de Marx em sua juventude (Boucher, 2015).

Pelo depreendido a partir da mediação de Boucher (2015), a dialética de Hegel residia numa abordagem que examina o progresso histórico da humanidade por meio das lentes sociais e intelectuais, focalizadas na identificação das resoluções de contradições ou dos antagonismos que surgiam em cada época nessas esferas.

Para Hegel (1956), o desenvolvimento da sociedade era um processo em que a realidade se desdobrava em conflitos e, por isso, evoluía. Na medida em que esses conflitos eram superados, gerava-se uma nova realidade que conduzia a sociedade a um estado mais próximo da perfeição, sempre no sentido de uma reconciliação máxima. Ele entendia a sociedade como um sistema em contínua transformação, no qual cada momento possuía conflitos que, uma vez solucionados, levavam sempre ao avanço em direção a estágios posteriores e sempre melhores de desenvolvimento social, ético e moral humanos.

A História, na mesma referência do pensamento de Hegel, foi vista como um processo racionalizável e teleológico, ou seja, que tinha uma explicação lógica e que seguia em busca de uma finalidade intelectual independente das intenções individuais. Essa finalidade seria o autorreconhecimento de uma liberdade individual através de uma elevada condição moral do indivíduo para a convivência harmônica social. A História seria um processo no tempo em que os indivíduos evoluiriam através de uma série de etapas conflituosas entre o plano da individualidade e o da coletividade até um estágio de “progresso na consciência” (Hegel, 1956, p. 19).

Nesse sentido, vejamos que, em Hegel, a organização da sociedade em Estados capitalistas seria como o final ideal da História, pois, uma vez condicionada a liberdade consciente à autodeterminação, não seria necessária a interferência da estrutura de um governo; haveria uma autorregulação das questões nacionais, que é o princípio basilar do capitalismo. O Estado serviria apenas como um garantidor dessa condição ideal, sendo um árbitro neutro, disposto acima da sociedade em nome desse interesse público (Boucher, 2015).

De plano, já é possível pensar que há uma discrepância entre o postulado de Hegel e a realidade vivenciada na contemporaneidade neoliberal, mas sigamos considerando que Hegel teria sido um ponto de partida para Marx no desenvolvimento do seu método. Ainda segundo Boucher (2015), Marx tinha uma forte capacidade de síntese e de integração, mas também um pensamento com tensões irresolvidas, até que se encontrou com Friedrich Engels (1820–1895).

Conforme Menezes (2022), Engels, por sua vez, nasceu também na antiga Prússia, mas em berço de uma família de classe média industrial, e foi trabalhando na fábrica do pai que estudou profundamente as condições de vida da classe operária durante a Revolução Industrial. Envolvido na política revolucionária alemã, conheceu Marx em Paris no ano de 1840. Foi lá também, em 1842, que Marx reencontrou Engels, em condições diferentes do primeiro encontro (Menezes, 2022).

Segundo Boucher (2015), em verdade, o primeiro contato de Marx com um filho de um industrial renomado fora marcado pela crítica a Engels. Já no segundo, Marx encontrava-se admirado com as contribuições de Engels, principalmente sobre seu “Esboço para a crítica da economia política” de 1844. Situação que, “superadas as aparências”, consolidou-se numa grande colaboração político-filosófica-científica, essencialmente e em muito pouco tempo depois. Para esse autor, foi na Inglaterra que ambos estabeleceram com mais vigor a camaradagem e a colaboração militante que se aprofundou até o final de suas vidas.

Juntos e inspirados, Marx e Engels estudaram, criticaram e reconheceram na antropologia materialista do filósofo Ludwig Feuerbach (1804–1872) uma ruptura com a filosofia idealista de Hegel (Boucher, 2015). Feuerbach, com a sua ideia de materialidade, ensinava que, ao invés de se estudar o homem por seus pensamentos conscientes, admite-se que ele deveria ser estudado como um animal natural criador de ideais fantasiosos que o distraem de sua verdadeira essência: a material e efêmera (Engels, 2020).

Elucidando esse animal humano em sua obra *Dialética da Natureza*, Engels afirma que o homem foi a única espécie de ser vivo que, através da evolução planetária, adquiriu “consciência de si mesma” (Engels, 2020, p. 53). Para Engels, o ser humano seria capaz de compor abstrações cada vez mais férteis, inclusive aquelas que o orientam para a solidariedade social, que lhe aprazem porque o induzem à afeição, mas que servem ao intento de iludi-lo de sua natureza própria, a carnal.

Nesse sentido, Marx e Engels perceberam que o que Hegel havia apreendido era um mecanismo de evolução histórica da humanidade, porém não sob a ótica de uma espécie natural, que era o modo com que Feuerbach havia reconhecido. Ao passo que este último também se equivocara ao considerar que essa natureza material era estática, incapaz de gerar os momentos característicos ao longo da história conforme prelecionado por Hegel (Marx; Engels, 1986).

Com base nas indicações de diversos estudiosos mediadores e nos próprios escritos dos pensadores e camaradas prussianos, elaborados após

extensos processos de pesquisas, de análises críticas e de correspondências, ocorreu o aprimoramento, a integração e a superação das teorias de Hegel e de Feuerbach, surgindo não apenas uma nova filosofia, mas também um método de estudo e de análise dos fenômenos sociais, capaz de prever até mesmo as contradições hoje presentes no sistema capitalista.

E, afinal, o que propuseram Marx e Engels e que tanto interessa a esta tese? Um debruçar, um método para a análise dos fenômenos sociais⁷ nas sociedades estatais capitalistas. Nesta tese, onde se busca aplicar essa metodologia desenvolvida por Marx e Engels, propõe-se mesmo esse debruçar, mas, especificamente, sobre o fenômeno do adoecimento docente, a partir dos objetos da pesquisa propostos: o sujeito em crise, a sua valorização e a sua QV. Mas, antes mesmo da pesquisa empírica com esses objetos, o pesquisador que ora escreve esta proposta compreende que seria um pressuposto melhor tratar dessa essência teórica. Este subtópico serve a esse movimento.

Declare-se, neste momento, que essa proposta se trata de uma singela elementaridade dialógica com a filosofia-método de Marx e Engels, até mesmo porque o que, para algumas tradições, já foi aperfeiçoado, para outras, a recuperação dos estudos sobre o método deles ainda está inacabada, e, estando neste campo de disputa, muito corajosamente, a construção deste capítulo deve ser considerada como por “meras linhas basilares”, ousadia que este pesquisador propõe aqui.

Partimos, então, com esta humildade acadêmica, por essa premissa aclarada e disposta por Marx e Engels, de que, onde existirem relações capitalistas permeando a sociedade sob a égide de um Estado, os fenômenos sociais podem ser analisados e compreendidos em consonância metódica científica com a epistemologia do materialismo do ser humano, acrescentando ainda que essa essência se realiza a partir do trabalho humano.

Até que o primeiro cascalho foi processado pela mão humana, para se tornar uma faca, podem ter transcorrido períodos em

⁷ Para Weber (1978), os fenômenos sociais consistem nas ações e interações humanas que se desenrolam no âmbito de uma estrutura social. Para Marx (2023), os fenômenos sociais são os processos de produção humana criando uma estrutura social.

comparação com os quais o tempo histórico que conhecemos parece insignificante. Porém, o passo decisivo fora dado: a mão foi liberada e pôde adquirir habilidades sempre novas, e, ao mesmo tempo, a maior flexibilidade adquirida foi legada e multiplicada de geração em geração. Assim, a mão não é só o órgão do trabalho, ela é também o produto dele. (Engels, 2020, p. 340)

Vejamos que, no elo que foi postulado pelo marxismo⁸, o homem devia ser mesmo visto como um animal natural que se distinguiu dos demais porque procurou satisfazer suas necessidades vitais através da transformação coletiva do ambiente natural, ou seja, através do trabalho, e, assim, a teoria marxista definiu que “o trabalho é a essência do homem” (Marx; Engels, 2010).

De acordo com Engels (2020) e Queiroz (2021), após analisar os trabalhos científicos sobre a evolução humana propostos por Charles Darwin⁹, que indicavam que os seres vivos lutam o tempo todo para sobreviver no meio ambiente, é possível que o termo distintivo da transição primata para o ser humano tenha ocorrido quando ele começou a dominar e modificar a natureza pelo aprimoramento da sua própria mão como ferramenta. Segundo Engels (2020), foi utilizando-a para a produção que ele criou a sua distinção dentre os demais animais e, em função dessa atividade, surgiu a criatividade para o trabalho e, trabalhando, criou a produção e, a partir dela, a sociedade humana.

Foi assim que esse animal teria estreitado os laços entre os membros da mesma identidade, desenvolvendo novos sentidos e aparelhos de interação (audição e fonação para a comunicação oral, por exemplo) em função dessa estruturação. Ele promoveu a ideia de que a cooperação e a consciência da utilidade dessa atividade serviriam ao apoio mútuo dos indivíduos.

Outras abstrações ocorreram na mente humana, e elas estariam diretamente associadas à necessidade dessa interação social, que avançou em

⁸ Boucher (2015) define o Marxismo como um movimento intelectual que influenciou o pensamento do século XX desencadeado pelo pensamento de Karl Marx sobre a mobilização popular em nome de uma vida social alternativa ao sistema do lucro e que foi desenvolvido colaborativamente, especialmente com Friederich Engels, tornando-se uma filosofia de valores, compreensiva e reflexiva, que busca explicar um contexto histórico-social. Esse movimento influenciou as Ciências Sociais e Humanas, a Filosofia, a Literatura, a Economia, a Política e a História.

⁹ Charles Robert Darwin (1809 – 1882) foi um biólogo britânico célebre que estabeleceu a ideia de que todos os seres vivos descendem de um ancestral em comum, evoluídos a partir de seleção natural e sexual, a partir da luta pela sobrevivência que resulta em consequências similares às da seleção artificial.

diferentes épocas e pelos diferentes povos, de acordo não só com suas necessidades elementares de existência, mas transformando-as também em necessidades de sua produção.

Cada vez mais esclarecido sobre sua capacidade de abstração, de interlocução com outros membros e, assim, de dedução e manipulação sobre as leis da natureza, ainda de acordo com Engels (2020), o homem tornou-se progressivamente capaz de realizar trabalhos com metas mais elevadas, até que, ao invés de fazê-lo para suprir as suas próprias necessidades vitais, passou a trabalhar através de planejamento, de modo que fosse realizado multiplicadamente e por outras mãos diferentes das suas, gerando a produção social e, com ela, variações nas condições de trabalho.

Mas, se bem refletirmos, a produção social foi se tornando distante daquele motivo original. Ela produziu, por exemplo, a própria dificuldade de realização vital, como a desigualdade e a miséria de alguns indivíduos dentro de uma mesma sociedade. E mais, hoje em dia, com a globalização e pelas atuais tecnologias, formou-se um excedente inútil ou obsoleto de mãos físicas, secundárias para as relações de produção social, e, nesse sentido, passamos a uma quebra dessa identidade humana e, conseqüentemente, observamos que, onde há bem-estar em um lugar, qualquer que seja, há intencional miséria em outro.

Pelo marxismo, então, a sociedade humana existe em função da transformação da natureza pelo trabalho, ou seja, foi a partir da capacidade de trabalho que o homem desenvolveu a capacidade de abstração, a criatividade e a invenção de ferramentas que modificaram progressivamente as suas possibilidades de existência material e de individualização dentro do contexto social.

Podemos pensar esse movimento como sendo uma busca instintiva por uma condição de vida sempre melhor? Seria o trabalho uma pulsão¹⁰ humana para a dominação do ambiente natural, realizando a sua transformação e,

¹⁰ Para o renomado psicanalista Sigmund Freud (1996) a pulsão são os instintos, chamados de necessidades e desejos. Eles são a chave para compreender outros conceitos como o prazer e o sofrimento. Freud definiu o trabalho como uma pulsão constantemente ressignificada.

assim, destacando o indivíduo no seu grupo, buscando valorização por isso, conseguindo ampliar e exercer também a dominação a partir dessa interação social?

Em suma, o animal apenas usa a natureza exterior e, por sua simples presença, causa modificações nela; o ser humano a põe a serviço de seus fins, por meio das modificações que introduz nela; ele a domina. E essa é a última diferença essencial entre o ser humano e os outros animais, e, novamente, é o trabalho que faz essa diferença. (Engels, 2020, p. 347)

Cada vez mais esclarecido sobre sua capacidade de abstração, de interlocução com outros membros e, assim, de dedução e manipulação sobre as leis da natureza, ainda de acordo com Engels (2020), o homem tornou-se progressivamente capaz de realizar trabalhos com metas mais elevadas, até que, ao invés de fazê-lo para suprir as suas próprias necessidades vitais, passou a trabalhar através de planejamento, de modo que fosse realizado multiplicadamente e por outras mãos diferentes das suas, gerando a produção social e, com ela, variações nas condições de trabalho.

Mas, se bem refletirmos, a produção social foi se tornando distante daquele motivo original. Ela produziu, por exemplo, a própria dificuldade de realização vital, como a desigualdade e a miséria de alguns indivíduos dentro de uma mesma sociedade. E mais, hoje em dia, com a globalização e pelas atuais tecnologias, formou-se um excedente inútil ou obsoleto de mãos físicas, secundárias para as relações de produção social, e, nesse sentido, passamos a uma quebra dessa identidade humana e, conseqüentemente, observamos que, onde há bem-estar em um lugar, qualquer que seja, há intencional miséria em outro.

Pelo marxismo, então, a sociedade humana existe em função da transformação da natureza pelo trabalho, ou seja, foi a partir da capacidade de trabalho que o homem desenvolveu a capacidade de abstração, a criatividade e a invenção de ferramentas que modificaram progressivamente as suas possibilidades de existência material e de individualização dentro do contexto social.

Podemos pensar esse movimento como sendo uma busca instintiva por uma condição de vida sempre melhor? Seria o trabalho uma pulsão humana

para a dominação do ambiente natural, realizando a sua transformação e, assim, destacando o indivíduo no seu grupo, buscando valorização por isso, conseguindo ampliar e exercer também a dominação a partir dessa interação social?

Em suma, o animal apenas usa a natureza exterior e, por sua simples presença, causa modificações nela; o ser humano a põe a serviço de seus fins, por meio das modificações que introduz nela; ele a domina. E essa é a última diferença essencial entre o ser humano e os outros animais, e, novamente, é o trabalho que faz essa diferença. (Engels, 2020, p. 347)

Para Engels, a distinção que enobrece o animal humano ante os demais seria a capacidade de conhecer as leis da natureza e aplicá-las ao seu intento produtivo. O autor ressaltou que, ao mesmo tempo, essa distinção também obnubila o indivíduo humano, porque esse domínio sobre a natureza não é subjugador, pois a natureza também possui seus mecanismos de reação material.

Pelo compreendido com Engels, o ser humano é apenas uma parte pertencente da natureza e que com ela trava uma luta material, em escala cada vez maior, até um ponto em que volta a se sentir como uma unidade dessa totalidade, quando a própria natureza demonstra a sua reação ou quando arruínam as construções sociais abstratas. Engels, leigamente conhecido apenas como coautor do marxismo, indicou que, quanto mais o homem se aproximar da consciência de sua existência material, mais irá inviabilizar as representações e abstrações que construiu para se separar em parte corpo e parte alma/mente. Desse movimento de disputa, Engels deduziu o que chamou de Dialética da Natureza.

Aqui, é preciso entender que o discurso dos criadores desse método atrai e corrobora um diálogo importante com os conceitos da vida psíquica humana descrita na psicanálise de Sigmund Freud, que, por sua vez, não parece possível contornar novamente quando se adota uma visão de mundo marxista, porque podem ser complementares.

Segundo esse renomado psicanalista, a espécie mais inquietante e comprovadamente mais exasperante pelo medo de sofrer materialmente é a

humana. Para esse pai da psicanálise, o sofrimento humano provém de uma associação de fatores: do poder superior da natureza, da fragilidade de nossos corpos e da inadequação aos regulamentos que ajustam as relações dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade (Freud, 1929).

Chauí (1998) é quem também bem alude essa mediação associativa:

A psicanálise descobriu, assim, uma poderosa limitação às pretensões da consciência para dominar e controlar a realidade e o conhecimento. Paradoxalmente, porém, nos revelou a capacidade fantástica da razão e do pensamento para ousar atravessar proibições e repressões e buscar a verdade, mesmo que, para isso, seja necessário desmontar a bela imagem que os seres humanos têm de si mesmos (Chauí, 1998, p. 169).

Objetivando as principais ideias de Freud sobre a vida psíquica humana, essa última autora e mediadora reafirma a importância fundamental da psicanálise na compreensão das ações e das reações humanas diante das relações entre indivíduos e deles com o mundo, com a sociedade. A autora reforça e explica as ideias do famoso psicanalista de que a mente humana tudo organiza em três camadas, sendo duas inconscientes (Id e Superego) e uma consciente (Ego).

Ela reforça que o Id seria a influência instintiva, impulsos orgânicos e desejos inconscientes, o que o autor Freud (1996), também já mencionado neste trabalho, designou por pulsões. Estas são controladas pelo princípio da satisfação ou do prazer imediato, não só o sexual, mas também os da totalidade do corpo em relação a si e a outros indivíduos.

Na mesma direção, Chauí (1998) aduz que o Superego também seria inconsciente, mas tem a função oposta ao Id. Ela lembra que, segundo os postulados do renomado autor, é o Superego que censura o Id a partir da educação, da moral e da cultura social que o indivíduo absorve até a idade da adolescência. O Superego tem função de controle e de transmissão de uma imagem compatível com as virtudes exteriores almejadas, a utópica elevada moralidade.

Na mesma esteira de referências, o Ego seria uma pequena parte da vida psíquica humana consciente que tem a função de equacionar tudo o que se refere ao mundo externo com a vida psíquica inconsciente, ou seja, o Ego

lida com o mundo externo e encontra a forma e os objetos para satisfazer as pulsões e as repressões construídas, fugindo dos perigos exteriores e atenuando as angústias.

Nesse momento de escrita desta tese, uma questão vem imediatamente a esta associação: pode a vida social ocorrer a partir de uma projeção coletiva das psiques de determinados grupos de indivíduos? Seria a vida social uma busca incessante pelo reequilíbrio consciente entre os prazeres e as repressões, numa contínua luta mediada entre os inconscientes? O mundo exterior dos homens seria a projeção coletiva dessa dialética interior para o mundo objetivo?

Esse inconsciente, segundo Freud (1996), ou fica latente ou se manifesta para o consciente através de representações substitutivas, de maneira equilibrada (normal) ou desequilibrada (patológica), sublimada (convertida em algo apreciado pela coletividade) ou perversa (convertida para algo deletério para a coletividade). Esse inconsciente, quando em sublimação, gera uma criação que pode vir ao domínio da consciência e ser reproduzida sociopolítica e historicamente (a práxis) ou passar a existir sem esse domínio, sob o desconhecimento de sua origem (a alienação).

Ou seja, pelo exarado até aqui, o ser humano projetaria para a realidade uma construção que visaria equilibrar as suas angústias internas, mas que estas nunca se esgotariam, num movimento também contínuo, porque a nova realidade o desafia de volta por uma nova forma de sobrevivência, com novos prazeres ou novos sofrimentos, uma dialética psíquico-social natural. Desta feita, o homem altera a natureza (trabalha e produz) com consciência ou sem consciência do que está fazendo.

Dessa luta contínua pela existência, os seres humanos se agrupam e dividem as tarefas, distinguindo-se socialmente de acordo com o que passam a produzir, e trocam entre si esses produtos de trabalho. A partir dessa lógica, dessa base econômica-laboral de divisão, são os que mais produzem que mais possibilidades de troca atraem, ao passo que o inverso gerará menos possibilidades. Nesse sentido, podemos refletir que a total livre concorrência, tão almejada pelos liberais capitalistas ou neoliberais, nada mais culminaria do

que na volta ao estado inicial do ser humano, da sua natureza puramente selvagem, privilegiando os mais abastados de oportunidades.

Voltando ao raciocínio, não seria tão pretensioso aludir que o trabalho produtivo é uma sublimação, pois, do que foi colacionado, o homem nele se realiza quando busca o domínio sobre a natureza e, ao mesmo tempo, um destaque na coletividade a partir dele. Através disso, é possível pensar que a forma como o trabalho é exercido está repleta de sentidos e de significados para o sujeito e, por consequência, é determinante para a sua vida com qualidade.

Ora aproximando-se, ora distanciando-se da sua natureza, pelo prazer ou pelo sofrimento que o trabalho lhe signifique socialmente, parece ser através dele que o homem estabelece a relação de sua materialidade individual com a sua consciência de sociedade.

Nessa perspectiva materialista do homem, foi que Marx (1852) assentou sua concepção e enfatizou que o trabalho humano é que viabiliza a vida em sociedade (totalidade social). Ele ensinou que há uma busca por realização essencial diante da natureza que sempre se dá por meio da ação, do trabalho humano, e que, nesse processo de entendimento sobre a transformação da matéria, é que reside a capacidade de compreender os fenômenos sociais, revelando também um método de análise que possibilita a compreensão do funcionamento do mundo real, interpretando as relações e interações sociais construídas entre os seres humanos a partir dessa concepção.

Assim, entende-se que o trabalho seria uma interação sócio-metabólica entre o ser humano e a natureza, na qual ambos se influenciam reciprocamente, sendo o ser humano o agente principal, agindo de acordo com os princípios estabelecidos pela natureza. Trata-se de uma atividade social na qual o indivíduo interage com a natureza com base em aspectos específicos da condição humana. Em outras palavras, o trabalho, pela individualização, é uma relação exclusiva entre a espécie humana e a natureza; nenhum outro ser tem a capacidade de realizar essa atividade vital nesse sentido (Menezes, 2022).

Em Marx, é mesmo através do trabalho que o ser humano construiu a sociedade e se tornou um ser social. Essa relação é material desde o início e

não é resultado de uma conceptualização do trabalho que se reflete no ser humano como um instrumento para executar esse trabalho, como era concebido por Hegel. Nas palavras do próprio Marx:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (Marx, 2023, p. 255).

Avançando na compreensão organizada por Marx (2023) e Engels, esse materialismo humano se amplia numa distinção entre os indivíduos de acordo com as suas forças e suas capacidades transformadoras (trabalho). Formam-se classes humanas distintas entre si por um critério produtivo, gerando, assim, uma rivalidade motivada pela necessidade de garantia de posses ou de propriedades sobre os recursos naturais e contra o mecanismo direto de sua transformação. Uma dialética, mas, diferentemente de Hegel, que a via pelas abstrações que o ser humano criava, Marx e Engels a desenvolvem como material, ou seja, motivada pela essência vital (sublime ou perversa) da humanidade.

E onde isso interessa à tese? A evidência dessa dialética permite uma forma de análise dos fenômenos sociais a partir do reconhecimento desses nexos de antagonismos. Um mecanismo que usa as “metodologias das ciências naturais na sociologia” (Boucher, 2015, p. 15) e que ficou conhecido por método de Marx e Engels, marxista ou ainda por Materialismo Histórico-Dialético (MHD), como queiram algumas tradições de militantes.

Nesse momento, constata-se novamente que o “MHD” é, ao mesmo tempo, uma filosofia (visão de mundo) e um método científico de análise de fenômenos sociais, como se verá a seguir. Este que é o trabalho anterior de onde tudo parte, foco teórico pressuposto do subtópico da metodologia, mas que permeia esta tese a todo tempo, como se perceberá ao final.

Dessa maneira, podemos entender que, por esse pressuposto, seria do resultado desses confrontos e dessas rivalidades entre essas classes que se determinariam os avanços ou os retrocessos da humanidade vistos na História. Ou seja, a História poderia ser explicada pela existência desse embate, dessa luta de posições sociais contrapostas pelos interesses materiais. A História aqui tratada seria, então, a determinada pelo próprio homem.

Isso significa que, para Marx (2023), a história é marcada por contradições sociais que resultam em crises, e essas crises impulsionam o curso da história dentro de condições específicas. Segundo o autor, foi através dessas contradições, das negações das negações, das sínteses de múltiplas determinações, que a História se desenvolveu. Desde os primórdios da existência do ser social em relação à natureza, é possível observar a constante interação de conflitos que caracterizam a vida dos seres, especialmente dos seres que se humanizaram (Menezes, 2022).

Ainda na mesma linha de ensinamento, na concepção histórica marxiana, a existência das coisas ocorreria independentemente do que o indivíduo pensa ou deseja sobre a realidade. Embora os seres humanos sejam agentes da história, não a fazem apenas por sua vontade exclusiva, mas pelas suas necessidades reais.

Por isso, a História é única e não se repete, necessitando que seja assumido o controle efetivo das situações, em vez de reproduzir concepções vazias acerca da realidade, e, para compreender a complexidade do presente, é crucial considerar a totalidade histórica, o passado que a derivou (Menezes, 2022). Pela filosofia-método, compreende-se, então, o mundo externo e, em consonância com o materialismo, ou seja, motivada pela finalidade produtiva (econômica), é que a humanidade se distingue e se movimenta.

Para Menezes (2022), Marx e Engels ensinam, exemplificadamente, que a humanidade criou e desenvolveu todas as ciências em função da produção (por exemplo, a matemática usada no cálculo das estações do ano foi importante para a produção agrícola na Antiguidade, e assim também se desdobraram todos os demais conhecimentos, sempre a partir das demandas que são de produção) e se dividiu em classes sociais antagônicas: de um lado,

aqueles que passaram a deter os meios de produção e, do lado oposto, os trabalhadores que possuem a sua própria força de trabalho para transformar a natureza. Para os autores acima, todas as razões de existência ou perspectivas sociais dos indivíduos sempre levariam essa divisão em primeira conta.

Assim, a estrutura social, em Marx (2008b), seria uma resultante das instituições materiais ou de infraestrutura (relações de produção, que seriam as propriedades socioeconômicas, e as forças de produção, que adviriam do trabalho, da tecnologia e da ecologia) com as instituições abstratas imateriais ou da superestrutura (política, jurídica e ideológica), sendo que, de acordo com este renomado filósofo, a base infraestrutural é que determina os limites de variações para os níveis superestruturais.

Para o mediador Althusser (1971, p. 162), “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas reais condições de existência”, ou seja, seria a incorporação inconsciente do que o consciente percebe do mundo. Para o autor, seria pela força dessa abstração que os interesses dos que são detentores da natureza criam uma alienação na classe antagonista, composta por aqueles que restaram vender o seu trabalho para garantir a sua realização vital e social. Esta última, considerada como uma classe explorada pelo seu trabalho, foi capaz, em diferentes momentos históricos, de servir aos interesses comerciais da classe dominante em detrimento de si mesma.

Desses elementos acima ensinados e aprendidos, revela-se uma proposta que analisa o indivíduo e suas relações sociais nuclearmente pelas condições de sua materialidade, ou seja, pela sua existência concreta, pelas suas condições de fato para realizar as suas necessidades elementares, seus instintos e seus desejos de prazer. E mais, entende-se que há um mecanismo de dominação exercido pela construção social de uma classe sobre a outra: a alienação da superestrutura.

Novamente, quem notadamente sintetiza bem esse último constructo é a professora e filósofa Marilena Chauí:

A alienação se exprime numa “teoria” do conhecimento espontânea, formando o senso comum da sociedade. Por seu intermédio, são imaginadas explicações e justificativas para a realidade. [...] Esse senso comum social, na verdade, é o

resultado de uma elaboração intelectual sobre a realidade feita pelos pensadores ou intelectuais da sociedade – sacerdotes, filósofos, cientistas, professores, escritores, jornalistas, artistas –, que descrevem e justificam o mundo a partir do ponto de vista da classe a que pertencem e que é a classe dominante de sua sociedade. Essa elaboração intelectual incorporada pelo senso comum social é a ideologia. Por meio dela, o ponto de vista, as opiniões e as ideias de uma das classes sociais – a dominante e a dirigente – tornam-se o ponto de vista e a opinião de todas as classes e de toda a sociedade. (Chauí, 1998, p. 174)

A autora é precisa em sua elucidação de que a produção ideológica pela ilusão social é a alienação, e que esta tem por finalidade distrair todas as classes sociais para que aceitem as condições em que vivem sem pretender entendê-las realmente, sem pretender transformá-las e sem levar em conta que existem contradições profundas entre as ideias que assimilam e as condições reais em que vivem. A ideologia parece operar como o inconsciente opera, fabricando imagens e sintomas, falsas ideias e falsas causalidades.

“Erguendo o véu, tirando a máscara” (Chauí, 1998, p. 176), a autora ensina ainda que existem três tipos de alienação: a intelectual, a social e a econômica. Na alienação intelectual, os indivíduos separam o conhecimento do seu produto material e o consideram como algo transcendente, universal e válido para todos, nesses casos ignorando que suas ideias e projetos estão vinculados aos interesses oriundos da classe dominante.

Na alienação social, os indivíduos não reconhecem sua contribuição para as estruturas institucionais sociopolíticas, aceitando-as passivamente como se fossem naturais, divinas ou racionais, ou, então, insurgindo-se contra elas na crença de que podem, com sua própria vontade e inteligência, superar as limitações da realidade.

Na alienação econômica, os trabalhadores não se identificam com sua própria produção, pois recebem um pagamento por ela, um salário fornecido pelo proprietário dos meios de produção que utilizam, sem perceber que são tratados como mercadorias, meros instrumentos de produção ou de transporte da produção, sendo, assim, desumanizados, coisificados, tratados como insumos de produção, como mercadorias que meramente compõem o produto a ser trocado.

Conforme a crítica da economia política feita por Marx (2023), a base econômica seria uma questão lógica para a estrutura aparentemente superior (política e institucional) de uma sociedade, que, por sua vez, afirma ou busca retardar essa necessidade econômica, mas que, inevitavelmente, é esta última que sempre prevalece.

Pois bem, assentada sob todo o elaborado anteriormente é que esta tese se encontra. Sob essas perspectivas preliminares, examinar os fenômenos sociais do mundo equivale a compreendê-los a partir de uma base produtiva ou econômica, de uma condição que assume um papel de onde todo o restante se deriva. Diversas outras perspectivas, estruturas, pensamentos e análises seriam construídos em torno dos modos de produção, das suas diferentes formas de apropriação.

Sobre as diferentes formas de propriedade, sobre as condições de existência social, constrói-se toda uma superestrutura de impressões, de ilusões, de formas de pensar e de concepções filosóficas particulares. A classe inteira as cria e as forma sobre a base das condições materiais e das relações sociais correspondentes. O indivíduo que as recebe por tradição ou por educação pode imaginar que representam as verdadeiras razões e o ponto de partida de sua atividade (Marx, 1852, p. 139).

Assim sendo, o materialismo que delineou o método analítico marxista, ou MHD, como queiram, aponta para uma abordagem da realidade a ser investigada, desnudando-a de alienações, abstrações ou de concepções anteriores, sem preconceitos sobre essa realidade. Segundo essa linha de pensamento, o ser social existe concretamente, é tangível e precisa satisfazer suas necessidades instintivas no mundo antes de tudo, dependendo da materialidade de todas as coisas e buscando-a ativamente, produzindo-a ou possuindo-a.

É com essa base que a filosofia científica de Marx e Engels se propõe a fornecer uma nova interpretação das ideias distorcidas sobre os fenômenos humanos. Ela faz brotar o real, que é fruto do que foi processado materialmente no tempo prévio, na história. No capítulo XXIV de *O Capital*, Marx (2023) se atenta para demonstrar um caminho para a compreensão dos momentos atuais, retroativamente, apresentando a cronologia sob um prisma explicativo de como as relações de produção foram determinando novas relações sociais.

De acordo com as necessidades econômicas, novas exigências seriam geradas e procurariam obter legitimidade social por meio de dispositivos artificiais historicamente analisados, como o campo jurídico, por exemplo. Isso se daria tentando contornar a própria história, que está repleta de contradições e em perene movimento, encobrindo a realidade de cada presente por “mantos sagrados”. Donizeti (2016) explica a postura humanista do renomado filósofo Jean-Paul Sartre em relação aos princípios marxistas. Segundo ele, embora tenha criticado alguns trabalhos, Sartre teria enfatizado que o marxismo é uma filosofia inigualável e, por conseguinte, também uma proposta de percurso metodológico.

Procuramos nos iluminar por essas considerações prévias, pois, para os que as indiciam, para os que defendem a evolução do pensamento e das práticas liberais (neoliberalistas), o marxismo teria fracassado porque descambou em totalitarismo e em atrocidades, ignorando que a apropriação política da filosofia marxista e seu desvirtuamento diferiu abissalmente da proposta revolucionária original dos seus criadores, especialmente quanto ao método científico para a leitura da realidade. A pesquisa em tela à verdade se prestará. Para além das ilações desfundamentadas, a ciência precisa estar.

Portanto, a abordagem marxista seguida neste trabalho representa mais do que uma ideologia, observação ou visão de mundo; trata-se de uma técnica, de um método analítico dos fenômenos sociais com base na busca pela consciência da realidade que é dada pela apreensão de contradições no tempo. Nessa ótica dos antagonismos materiais, há contribuições para a definição das realidades percebidas, em oposição às ideias, às abstrações ou ao mundo absoluto de conceitos.

Será abordado no percurso adequado dessa leitura com mais profundidade a seguir, mas distinga-se algo muito importante neste momento: o método, em verdade, não pressupõe um determinismo econômico como por muitos possa ser percebido. Ele o captura na atualidade pelo devir histórico dos contrapostos, e isto só é distinguível a partir da imersão direta nos compilados escritos autorais. O que as mediações geraram foram suas correntes diversas de interpretação, e que nos parecem dizer muito, mas também muito sobre as suas militâncias.

Contudo, neste tópico ainda há que se beber mais da fonte teórica filosófica. Nesse sentido, de acordo com o materialismo histórico (Engels, 2020), a realidade concreta surge necessariamente desses confrontos, desses conflitos entre fatores determinantes que competem incessantemente, dessa dialética, em um movimento contínuo do homem que molda a própria História e não diante do que é utopicamente pensado ou criado para ele pensar como verdade. Assim, a filosofia de Marx e Engels nos ensina que devemos seguir capturando a História pela sua dialética material e desnudar, assim, os fenômenos sociais do presente, pois, com momentos em que certas posições predominam e outros em que as oposições prevalecem, a realidade se transforma conforme diferentes perspectivas.

Portanto, a História se forma a partir da negação de uma realidade, dando origem a uma nova realidade contraditória, e assim segue em negações e crises. Trata-se de um diálogo constante, uma dialética natural e de contínua indeterminação. Nesse icônico aclarado por Marx (1852), a história sempre foi moldada pela rivalidade entre antagonismos, pela luta de classes e pelos conflitos de interesses, resultando na acumulação dos momentos históricos ao longo do tempo de acordo com os modos de produção próprios. Os indivíduos seriam impulsionados pela sua posição social em cada período da história. A história, por sua vez, seria uma sucessão de retratos das diferentes épocas que mostram "como homens e mulheres organizam o trabalho, produzem e distribuem os produtos, e se apropriam da natureza" (Paula, 1992, p. 28).

Esse processo, segundo o último autor mencionado, é caracterizado por conquistas e ruínas, avanços e retrocessos, influenciados pelas tensões, sucessos e fracassos de cada classe em sua luta contra seus rivais. Ainda segundo ele, sob essa ótica, o ser humano social é um ser histórico, e a humanidade percorreu um caminho comparável a uma espiral, progredindo conforme determinações de dominação sobre os recursos naturais e sem exatamente se repetir. Seria da relação fundamental entre o homem e a natureza que se estabelecerá esse processo de transformação, ou seja, seria através do trabalho social, anotado como uma categoria que ficou conhecida como "práxis" pelo marxismo.

Ainda nesse pensamento, conforme afirmou Marx (2008b), temos que, se os diferentes períodos históricos foram moldados pela base material, pelas dinâmicas dos modos de produção econômica em cada era e sobre as quais foram construídos os sistemas políticos e as estruturas jurídicas, "Não é a consciência dos homens que determina seu ser; pelo contrário, é seu ser social que determina sua consciência" (Marx, 2008b, p. 29). Marx teorizou uma relação expressa pela História, que revela como a luta pela produção econômica influencia a estrutura social, determina o ser social e a sociedade, exatamente o oposto do que conjecturava Hegel. Ainda de acordo com a teoria criada por Marx, é com o decorrer do tempo que a consciência humana reflete variações dos contextos econômicos experimentados em cada era.

Segundo Boucher (2015), o momento histórico das sociedades seria moldado pela base material em que se funda e, desse modo, cada período histórico se manifesta conforme os sistemas de produção e os conflitos de classes pertinentes a cada época (feudalismo, capitalismo, neoliberalismo etc.). No marxismo, o trabalho social é essencial para a realização do potencial humano, e é ele que transforma a expressão histórica da sociedade (Boucher, 2015). Seria ele o determinante. Essa historicidade parece ser a chave que serve de fundamento para a análise dos fenômenos sociais por meio do materialismo, enfatizando que é a própria condição de existência, em função do trabalho e da produção, que desempenha o papel central na transformação da humanidade em seus recortes temporais consecutivos (Alves, 2010).

Assim, caminhando para a conclusão deste tópico, distinguimos que, enquanto a realidade marxista é fluida, a ideia de dialética que estava posta na filosofia de Hegel (1956) considerava a realidade como uma resultante dos antagonismos de maneira terminativa, na qual a rivalidade se perfaz entre o indivíduo e a sociedade até que ocorra uma reconciliação que conserve a individualidade sob condições de uma autonomia moral e de uma autorrealização. Em verdade, Hegel embasou um ideal de sociedade capitalista, uma liberalidade pensada e que seria garantida por um Estado.

A filosofia marxista rompe com essa construção para uma concepção de um mundo real descritivo, no qual as ideologias seriam apenas reflexos da

mente humana para justificar o mundo material. Era preciso uma nova dialética. Uma dialética em que se considera a real natureza humana.

A partir da compreensão dessa dialética, como mencionado, já é possível retornar aos capítulos anteriores e visualizá-los intrinsecamente nos pressupostos sobre os objetos das categorias do fenômeno. Assim feito, será notada a dialética natural sobre o sujeito do fenômeno, sobre os constructos da QV, da valorização do trabalho e sobre o adoecimento em tela. Eles passam a ser pesquisados empiricamente, mas serão expostos ao método para desnudá-los de suas meras aparências, para aferi-los pela essência filosófica que, até aqui, tentou-se ousadamente sintetizar por breves considerações.

Como o movimento de compreensão do fenômeno deve ser em espiral, cada releitura é um trabalho diferente, porque o leitor estará diferente, em consonância com a fluidez da própria dialética. Se não for o propósito escolhido neste instante, siga-se compreendendo como será realizada a pesquisa nesta tese, cujos resultados pretende-se referendar compreensivamente.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO DAS PESQUISAS

Uma tese de doutorado pressupõe um percurso construtivo lógico e racional que emprega uma série de etapas encadeadas para favorecer o seu desenvolvimento adequado. Os procedimentos metodológicos são um conjunto de processos sistemáticos, críticos e empíricos que devem ser aplicados no estudo dos fenômenos anunciados, buscando alcançar os objetivos das pesquisas (Sampieri; Collado; Lucio, 2013).

O projeto metodológico de pesquisa nesta tese ocorreu em três momentos articulados, para também atender à forma exigida pelo programa *stricto sensu* fomentador.

O primeiro foi descrito como a metodologia para um levantamento bibliográfico que serviu à construção do estado do conhecimento (o estado da arte) sobre o fenômeno; o segundo, como a metodologia de levantamento de dados por pesquisa empírica para compor um banco atual e correlato, aderente ao projeto guarda-chuva no qual a pesquisa se encontra vinculada, com a mesma população-alvo, demonstrando o ferramental estatístico aplicado sobre os dados como forma de extração de seus resultados e o terceiro momento, onde o procedimento foi um levantamento teórico-filosófico para a aplicação do método de análise escolhido que, em aderência ao enfoque da pesquisa e à estatística aplicada, possibilitou a exposição dos dados empíricos à sua luz interpretativa.

Dessa forma, toda a atmosfera de problematizações, debates, reflexões, de avaliação de teses e de proposições que ocorrem no presente trabalho foram coerentemente balizadas pelos pressupostos teóricos apresentados, bem como emergem da confrontação/abstração das informações/categorias colhidas e expostas ao método, após percorridas as etapas desse percurso. Através dessa exposição, novas possibilidades conceituais para o fenômeno poderão ser estabelecidas e novas críticas impulsionadas.

3.1 A METODOLOGIA PARA A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA/ESTADO DA ARTE

Em relação ao levantamento bibliográfico das produções na temática da pesquisa, considerando a usual indicação do programa de pós-graduação em curso, a relevância acadêmica e a abrangência dos acervos, elegemos as seguintes bases ou portfólios de dados: o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹¹, o banco da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)¹²; o Banco de Teses e Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)¹³; o portal Scientific Electronic Library Online (SciELO)¹⁴, a biblioteca da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)¹⁵ e o Portal de Periódicos da CAPES¹⁶.

A consulta nas bases foi realizada em novembro de 2024 e refeita em agosto de 2025, mas não houve recorte temporal para ampliar a busca e em nenhuma das ocasiões. Ela foi realizada considerando descritores ampliados do título da tese que foram destacados nos pressupostos teóricos: “qualidade de vida”, “valorização”, “docente”, “professor”, “ensino superior”, “universitário”, “adoecimento”, “materialismo”, “dialética”, “Marx” e “MHD”. Os operadores booleanos utilizados na busca foram “AND” para a associação e “OR” para busca indiferente, quando os descritores tinham a mesma finalidade, por exemplo, entre “ensino superior” e “universitário” ou entre os descritores que remetem à filosofia-método da pesquisa. Foram empregados de maneira semelhante em todas as bases, algumas delas sem permissão para os booleanos. Especificamente na base de dados CAPES (catálogo de teses e dissertações), foi empregado o caractere coringa (*) nos radicais “professor”, “universi”, “marx” e “adoec”, com a finalidade de expansão dos resultados.

¹¹Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

¹²Disponível em: [http:// https://bdtb.ibict.br/](http://https://bdtb.ibict.br/)

¹³ Disponível em: https://www2.uesb.br/ppg/ppged/?post_type=produção

¹⁴ Disponível em: <https://www.scielo.br/>

¹⁵ Disponível em: <http://anped.org.br/biblioteca>

¹⁶ Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

Dessa pesquisa, nenhuma das bases retornou em resultados quando computados todos os descritores mencionados. Quando extraídos os descritores “MHD” e “dialética”, 74 estudos foram encontrados, e a maioria deles foi descartada após a leitura dos resumos. Os resultados específicos (números absolutos) do respectivo levantamento são apresentados no capítulo do Estado da Arte ou do Conhecimento.

Os motivos que levaram a esse descarte (exclusão) são justificados, primeiramente, porque não tratavam de professores do ensino superior; segundo, porque não tratavam da temática de interesse e porque os descritores estavam apresentados apenas como um dado superficial; e, em terceiro, porque não abordaram aspectos centrais relacionados à discussão, mas outras questões fora do escopo desta pesquisa, mesmo que com pequena aproximação.

3.2 A METODOLOGIA PARA A PESQUISA EMPÍRICA

A pesquisa empírica, também conhecida como pesquisa de campo, refere-se àquela que exige comprovação prática por meio de experimentos ou pela observação de determinado contexto, mediante a coleta de dados em campo (Minayo, 2002). Em relação à teoria, segundo o autor mencionado anteriormente, a pesquisa empírica busca fundamentar e confirmar, no âmbito da experiência, o que foi apresentado conceitualmente; a observação e a experimentação empíricas podem fornecer dados para sistematizar teorias.

Nesta tese, a partir da pesquisa empírica, temos a possibilidade de verificar se há uma dialética sobre a relação de síntese entre qualidade de vida, a valorização e o adoecimento docente no ensino superior. Sob essa perspectiva, os dados empíricos analisados à luz do referencial teórico contribuem para facilitar a aproximação prática com o objeto estudado. Segue o delineamento do procedimento.

3.2.1 CAMPO, POPULAÇÃO E OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O campo de pesquisa foi a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que é a maior universidade pública multicampi da Região Nordeste do Brasil e a maior universidade pública da Bahia, estando presente na maioria dos territórios de identidade baianos (Guedes; Martins; Wanderley, 2017). A UNEB foi fundada em 1983 pela Lei Delegada nº 66/83, substituindo a Superintendência de Ensino Superior da Bahia (SESEB) e integrando diversas faculdades estaduais (Bahia, 1983), com funcionamento autorizado pelo Decreto nº 92.937 (Brasil, 1986).

Originalmente, a SESEB incluía instituições como o Centro de Educação Técnica da Bahia (CETEB) e a Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF), além de oferecer cursos como Ciências Contábeis e Comunicação Social (UNEB, 1993), Bacharelado em Urbanismo, o curso de Bacharelado em Análise de Sistemas (UNEB, 1997) e, em 1998, com a reestruturação da UNEB, o Departamento de Ciências Exatas e da Terra (DCET) foi criado no Campus I, em Salvador, integrando ainda cursos anteriormente oferecidos pelo CETEB, como Engenharia de Produção Civil, Licenciatura em Química e Bacharelado em Desenho Industrial (UNEB, 2024).

Atualmente, a UNEB possui 31 departamentos instalados em 27 campi: um sediado na capital do estado, onde se localiza a administração central da instituição, e os demais distribuídos em importantes municípios baianos (UNEB, 2024). O campus mais distante da capital, Salvador, está localizado em Barreiras, um dos principais centros urbanos da região oeste da Bahia, a cerca de 864 km de Salvador. Isso demonstra que esta universidade desempenha um papel crucial na democratização do acesso ao ensino superior, alcançando localidades fora dos grandes centros urbanos e promovendo o desenvolvimento regional em todo o estado da Bahia. Essa presença em diferentes regiões permite atender às necessidades locais e formar profissionais para atuar em contextos diversos.

No ano de 2024, o quadro docente na UNEB contava com 2.046 profissionais. A população da pesquisa abrangeu os docentes de todos os 27 campi da universidade (Uneb, 2024). Como critérios de inclusão, participariam da pesquisa todas(os) as(os) docentes que estão ativos no quadro da universidade, sendo, contudo, a amostra final do estudo composta por 237 docentes, aqueles que responderam aos questionários.

Assim, a amostra foi censitária, ou seja, todos os docentes foram convidados a participar, objetivando a representatividade em todas as regiões em que a instituição está instalada. O objetivo foi obter uma visão ampla e detalhada sobre a valorização docente, o que implicou também nas suas condições de saúde, considerando as diversas realidades presentes nos diferentes campus.

O cálculo amostral adotou correção para uma população finita, com prevalência de 50% para desfecho desconhecido, intervalo de confiança de 95% e erro amostral de cinco pontos percentuais, gerando amostra mínima de 323 pessoas. Complementarmente, o cálculo foi acrescido do efeito de 1,5 vez para conglomerado em um estágio, acréscimo de 20% para recusas e 20% para perdas e confundimento, determinando amostra corrigida de 679 sujeitos.

Assim, a população-alvo da pesquisa foi formada por docentes do ensino superior da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e a amostra foi delimitada pela adesão do docente à sua participação na pesquisa, computando-se 327 aderentes.

Os instrumentos validados utilizados na pesquisa foram:

1. **Questionário de Valorização Docente (QVD)**, validado por Moreira, Mussi e Cardoso (2022), (vide Anexo 1). De acordo com os autores do questionário, a valorização dos profissionais da educação perpassa quatro categorias diretamente ligadas ao trabalho, que podem interferir de maneira positiva ou negativa nos resultados educacionais, ao considerar que um ambiente de trabalho com condições adequadas para desenvolver as atividades (trabalho e saúde), bem como a formação, a carreira e as questões salariais, são essenciais para a qualidade na educação.

Dessa forma, também em consonância com a Conferência Nacional de Educação (Brasil, CONAE, 2018), a valorização desses profissionais está imbuída na formação, na carreira, na remuneração e nas condições de trabalho/saúde. Diante disso, o questionário tem o objetivo de coletar dados sobre elementos concernentes à valorização docente. Importa mencionar que o questionário em epígrafe, o QVD, foi adaptado para docentes universitários.

2. Questionário WHOQOL-bref, validado pelo WHOQOL Group (1998), (vide Anexo 2). Como já discutido neste trabalho, o WHOQOL-BREF é um instrumento desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para avaliar a QV humana. Consiste em 26 questões, sendo 24 ranqueadas, que abrangem quatro domínios: físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente. As outras 2 são referentes à autoavaliação sobre QV e sobre a saúde. Trataremos novamente dele com fins práticos na apresentação dos resultados estatísticos colhidos a partir do próprio.

3.2.2 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS E OS CUIDADOS ÉTICOS

Foi utilizado o banco de dados do ano de 2024 do projeto guarda-chuva intitulado “Indicadores de saúde, qualidade de vida e formação de docentes, discentes e profissionais da educação: estudo comparativo entre gêneros”. Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNEB), com o parecer nº 5.306.315, vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Para compor o banco, os formulários foram apresentados por meio da plataforma web Google Formulários™, mediante convites enviados a todos os indivíduos da população-alvo pelos endereços de correio eletrônico fornecidos pela instituição. Os convites com link eletrônico para responder aos questionários foram enviados em agosto de 2024 e reiterados semanalmente até o termo final, em novembro de 2024.

Para a coleta de dados, foi solicitada uma autorização da reitoria da Universidade do Estado da Bahia, momento no qual foram apresentados os objetivos do estudo e seus instrumentos, para a concessão do prosseguimento do feito com o apoio para a aplicação junto aos sujeitos da pesquisa.

Ao abrir os links dos formulários, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE — Anexo 5), no qual foi esclarecido que se tratava de uma pesquisa sem quaisquer efeitos avaliativos individuais e/ou institucionais e que as respostas, bem como a identidade dos sujeitos, seriam mantidas em total anonimato.

No que concerne aos cuidados éticos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, seguiram-se as orientações da Resolução 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Saúde (CONEP) (Brasil, 2012). Foi tomada uma postura cuidadosa em relação ao esclarecimento dos sujeitos acerca do estudo.

A participação ocorreu de forma voluntária e foi confirmada após o aceite eletrônico do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE/Apêndice A), mediante marcação confirmatória após apresentadas as informações acerca do estudo e de seus fins.

3.2.3 PROCEDIMENTOS DE COMPUTAÇÃO DOS DADOS

Para a computação das informações obtidas nos questionários, foi importado o banco de dados gerado em software Excel™ pela plataforma eletrônica para compor um outro banco de dados no programa estatístico Statistical Package for Social Science (SPSS™), versão 24.0, onde foram processadas estatísticas descritivas, frequências, distribuições e correlações (Pearson e Spearman)¹⁷. O banco foi parametrizado com escalonamento que permitiu esse formato, de modo a possibilitar maiores análises correlacionais.

¹⁷ Para Costa Júnior *et al.* (2024), os dados coletados por meio dos questionários estruturados que utilizam **escalas do tipo Likert**, consistem em categorias ordenadas destinadas a mensurar atitudes, percepções ou níveis de concordância em relação a determinadas afirmações. Nesse tipo de escala, os respondentes indicam seu grau de concordância ou frequência em relação a um item, no caso em tela variando entre cinco pontos. Esse formato é amplamente empregado nas ciências sociais, na psicologia e na área da saúde devido à sua capacidade de capturar percepções subjetivas de maneira sistemática e comparável. Embora os itens individuais de uma escala Likert sejam classificados, do ponto de vista estritamente estatístico, como **variáveis ordinais**, e haja controversa teórica sobre o seu uso paramétrico, diversos estudos metodológicos indicam que, quando múltiplos itens são combinados ou quando a escala possui número suficiente de categorias, os dados podem ser tratados como **aproximações de variáveis intervalares**, permitindo a aplicação de métodos estatísticos paramétricos (Norman, 2010).

As respostas às questões abertas de participação livre foram preparadas em arquivo de texto (.txt) e computadas pelo software IRAMUTEQ™.

De acordo com Camargo e Justo (2021), esses softwares possibilitam diversos tipos de análise (quantitativa e qualitativa) de dados textuais, desde a lexicografia básica (cálculo de frequência de palavras) até análises multivariadas (classificação hierárquica descendente e análises de similitude). Eles organizam a distribuição do vocabulário de maneira facilmente compreensível e visualmente clara (nuvem de palavras).

Com base no método da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), proposto por Reinert (1990), o software IRAMUTEQ classifica os segmentos de texto (ST) em função dos seus respectivos vocabulários, e o conjunto deles é repartido com base na frequência das formas reduzidas (palavras já lematizadas). Pela verificação dos corpus textuais, nenhum texto excedeu 10 linhas (ST = 10).

O software possibilita que sejam recuperados, no texto original, os segmentos de texto associados a cada classe, momento em que se obtém o contexto das palavras estatisticamente significativas, possibilitando uma análise mais qualitativa dos dados. Nas análises lexicais clássicas, o programa identifica e reformata as unidades de texto, transformando Unidades de Contexto Iniciais (UCI) em Unidades de Contexto Elementares (UCE); identifica a quantidade de palavras, frequência média e número de *hapax* (palavras com frequência um); pesquisa o vocabulário e reduz as palavras com base em suas raízes (lematização); cria um dicionário de formas reduzidas, identificando também formas ativas e suplementares (Camargo; Justo, 2021).

Na computação de especificidades, é possível associar diretamente os textos do banco de dados com variáveis descritoras dos seus produtores; é possível analisar a produção textual em função dessas variáveis de caracterização. Trata-se de uma análise de contrastes, na qual o corpus é dividido em função da escolha do pesquisador. Por exemplo, é possível comparar a produção textual de homens e mulheres ou de determinada idade em relação a determinado tema, o que amplia a possibilidade de análises variadas.

A escolha desses softwares ocorreu devido à especificidade e objetividade em lidar com os dados coletados e no manuseio dos resultados estatísticos. As variáveis primárias coletadas foram organizadas por categorias, sendo, respectivamente:

Sociodemográficas — sexo biológico, idade em anos completos, informações sobre a situação civil e quantidade de filhos do participante.

Características profissionais — formação acadêmica, anos completos de atuação na docência, número de instituições em que atua, tipo de instituição (municipal, estadual, federal ou privada), especificação sobre qual instituição demanda maior carga horária semanal e associação sindical (indagação sobre a filiação a sindicato da categoria e participação em lutas sindicais).

Valorização docente — nível máximo de formação acadêmica, formação inicial com a qual o docente ingressou na carreira, participação em formações continuadas e ano da última atualização, presença de planos de ascensão na carreira, satisfação com a progressão na carreira docente, remuneração por meio da faixa salarial média mensal e adequação do salário às necessidades pessoais e familiares.

Percepção sobre valorização profissional — avaliação da efetividade das políticas públicas relacionadas à valorização docente, percepção do docente sobre o reconhecimento e a valorização de sua profissão no contexto educacional.

Condições de trabalho e saúde — carga horária semanal de trabalho, qualidade da infraestrutura oferecida pela instituição, disponibilidade de suporte pedagógico, percepção sobre o ambiente de trabalho ser saudável ou não, presença de condições de saúde que possam comprometer o exercício da docência.

Qualidade de vida — domínio físico (dor e desconforto, energia e fadiga, sono e repouso, mobilidade, atividades da vida cotidiana, dependência de medicação ou de tratamentos, capacidade de trabalho); domínio psicológico (sentimentos positivos, pensar, aprender, memória e concentração, autoestima, imagem corporal e aparência, sentimentos negativos como

ansiedade, depressão e mau humor e espiritualidade como religião e crenças pessoais); domínio relações sociais (relações pessoais com amigos, familiares e colegas, suporte social como apoio recebido e atividade sexual); domínio meio ambiente (segurança física e proteção, ambiente no lar, recursos financeiros, cuidados de saúde e sociais em termos de disponibilidade e qualidade, oportunidades de adquirir novas informações e habilidades, participação em atividades de lazer, ambiente físico (poluição, ruído, clima, trânsito) e transporte.

Por fim, tivemos também a captura qualitativa da percepção geral de QV.

3.3 A METODOLOGIA DE ANÁLISE PARA OS DADOS DO FENÔMENO

Da leitura a partir do pressuposto teórico, podemos compreender que não há separação prática entre a filosofia e a aplicação do método dispostos nas obras cadenciadamente elaboradas por Karl Marx e Friedrich Engels.

Contudo, buscou-se acomodar, democraticamente, os indicativos do programa de pós-graduação na composição da forma de uma tese de doutorado, e será, então, tratado o método com mais aprofundamento a partir deste instante: uma ousada tentativa de sintetizar a forma de sua aplicação de maneira convincente aos olhos de seus incrédulos, notadamente aos das ciências naturais.

O meu método dialético não é somente diferente do hegeliano, mas é o seu contrário direto. Para Hegel [...] o processo do pensamento, que, com o nome de “a Ideia”, ele transforma num sujeito independente, é o demiurgo do mundo real, e o mundo real é somente a forma externa, fenomênica da “Ideia”. Em mim, pelo contrário, o ideal não é mais do que o mundo material refletido pela mente humana e traduzido em formas de pensamento (Marx, 2023, p. 90).

Com base no todo correspondente já colacionado até aqui neste trabalho, o método dialético marxista tornou-se importante na análise dos fenômenos sociais não apenas por examinar minuciosamente os detalhes reais de cada elemento ou dos objetos que os compõem, mas também por identificar e compreender as conexões mais profundas entre eles. Nessa imersão empírico-compreensiva, ao verificar a contínua tensão de elementos, é que possivelmente ocorra a reconstituição da realidade concreta, aquela que tem uma finalidade holística.

Menezes (2022), com coerência e honestidade intelectual, trouxe grandes contribuições nesse íterim, apontando o caminho para se compreender e reproduzir o método de pesquisa marxista. Ele é um dos que refuta a terminologia Materialismo Histórico e Dialético (MHD), que é muito difundida para se referir ao procedimento de pesquisa analítico criado por Marx e Engels no século XIX, confirmando que, até então, em momento algum, o termo fora cunhado.

O historiador e sociólogo mencionado no parágrafo anterior demonstra que Engels teria dado grafia ao termo Materialismo Histórico, e Marx, à sua dialética, mas que essa fusão terminológica nunca foi comprovada como original até o momento, sendo considerada uma derivação de entusiastas que, por algumas tradições, tentam recapitular a filosofia e o método de Marx e Engels com um toque de subjetivismo.

É nessa mesma seara que Menezes (2022) nos ensina que existe uma tradição tendenciosa nas pesquisas que perpassam pelas ideias de René Descartes, David Hume, Immanuel Kant até a sociologia de Émile Durkheim. Essas tradições caracterizam o sujeito-pesquisador como algo externo ao objeto e, por sua vez, o objeto como algo externo ao sujeito. Segundo essa perspectiva, o sujeito é quem define o que é o objeto. Sob essa abordagem, ainda segundo Menezes (2022), poderíamos afirmar que a centralidade reside no sujeito que conhece, uma vez que é ele quem determina o que é o objeto ou fenômeno estudado.

O mesmo autor explica que, segundo as abordagens de pesquisa delineadas por Marx, a ênfase recai sobre o objeto e não sobre o sujeito. Isso implica que o conhecimento é derivado do objeto, embora o sujeito desempenhe um papel crucial. São as determinações do objeto que conseguem revelar o que ele é ou não é. Cabe ao sujeito apenas a tarefa de desvendar as diversas determinações da realidade, partindo dela mesma, e não daquilo que ele imagina ou pensa que seja.

Por esse olhar, construímos esta tese de uma forma ontológica não convencional, uma vez que, embora estejamos interessados na essência do ser, este passa a ser compreendido como social, contraditório, tendo responsabilidade pela história, baseado em determinações socialmente construídas, estabelecidas e contestadas por ele próprio, sem espaço para qualquer teleologia além do indivíduo, muito menos para uma força suprema absoluta que tudo pudesse ditar. Estamos diante de uma visão radical do conceito constitutivo de que os seres são ontológicos em si.

Aqui, não se trata de ignorar a epistemologia, mas ir, sobretudo, além dela, ou seja, entendemos que há um método (o método marxista) em uma perspectiva ontológica não usual.

Neste ponto da leitura, aceitamos o desconforto daquele acadêmico que agora percebe uma dificuldade que parece esvaziá-lo ao ler este capítulo, mas que insistimos ser valoroso e construtivo o esforço de sua compreensão.

De *prime abord* (desde o princípio), não parto de "conceitos", portanto, tampouco do "conceito de valor", e, por isso, de modo algum tenho de "dividi-lo". Parto da forma social mais simples em que o produto do trabalho se apresenta na sociedade atual, e essa é a "mercadoria". Analiso a mercadoria e, de pronto, na forma como ela aparece (Marx, 2017, p. 265).

Marx (2017) não rejeitou, de maneira alguma, a existência e a relevância de conceitos; porém, em seus debates, ele criticou a noção equivocada de "conceito", em que o acadêmico tendencioso o apresenta como definições simples e gerais, trocas de palavras com significados muito amplos, perspectivas a partir de um ponto de vista do sujeito. Marx emprega as aspas ao usar a palavra "conceito" para destacar sua crítica ao entendimento desse termo como resultado de meras deduções. Ele enfatiza que o conceito se trata de uma manifestação, não uma mera interpretação superficial da realidade com jogo de palavras.

Menezes (2022) nos exemplifica o que Marx quis fazer entender por meio do conceito de "felicidade". Ele esclarece o pensamento indicando que felicidade, numa perspectiva burguesa capitalista para uma população alienada, seria o mesmo que ter poder de consumo vendendo sua força de trabalho, o que, para o assalariado, que é a classe mais numerosa, esse significado estaria inviabilizado, já que mal consegue suprir suas necessidades básicas vitais a partir dessa venda. Estaríamos então, diante de um conceito pré-fabricado, idealizado, onde distintos sentidos e significados estariam postos dentro de uma mesma realidade.

Para Marx, o conceito é uma síntese de muitos significados construídos temporalmente e que, em determinados momentos da história, pode possuir sentidos bastante diferentes ou antagônicos. Este foi um exemplo de como a pesquisa que esteja comprometida com a elucidação da realidade, inicialmente,

precisa despir os conceitos das subjetividades, e isso se faz partindo para a centralidade no objeto. Sem isso, não há que se falar em MHD.

Temos, assim, que, na perspectiva desta tese, os objetos são históricos, e seus conceitos só podem ser depurados por uma dialética material, para assim serem considerados como descontaminados ou desafetados. Conceito é, nesse caso, uma construção histórica sobre o significado de categorias, como: modo de produção, trabalho, classes sociais, revolução, valor etc. O conceito, diferente da definição (aquelas dos dicionários), está em constante movimento e se transformando (Menezes, 2022, p. 43).

Sob essa perspectiva metodológica, o conhecimento dá-se com foco no objeto e não no sujeito. O pesquisador organiza o estudo, mas baseia-se nas características do próprio objeto. Ele identifica os elementos constitutivos, as categorias que existem independentemente do sujeito. O pesquisador, inicialmente, deve descobri-las, considerando várias determinações que vão além da percepção imediata do objeto. A crítica à forma de organizar a pesquisa daí advém. A captura das categorias particulares dos objetos do fenômeno deveria advir da pesquisa empírica, e não do que outros sujeitos a determinem.

Vejamos como o próprio Marx colocava a questão aos seus leitores no posfácio à segunda edição de *O Capital* (Marx, 2023):

É, sem dúvida, necessário distinguir o modo de exposição formalmente do modo de pesquisa. A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Caso se consiga isso, e espelhada idealmente agora a vida da matéria, talvez possa parecer que se esteja tratando de uma construção *a priori* (Marx, 2023, p. 90).

Conforme estudado por Lukács (2003), outro renomado especialista na estética da teoria marxista, o processo inicia-se mesmo pela análise da expressão direta dos fenômenos, de sua singularidade e imediatismo, representando um concreto caótico ou de interpretações por sentidos comuns, baseadas em percepções superficiais, a realidade aparente.

Em seguida, a segunda fase compreende a revelação das complexidades, das interconexões internas, das leis subjacentes e das

particularidades intrínsecas do fenômeno social, envolvendo uma imersão profunda em abstrações que delineiam conceitualmente o fenômeno.

Por fim, ainda de acordo com Lukács, a terceira fase consiste no retorno à total concretude, em que o fenômeno é devidamente compreendido e explicado após ter sido observado, refletido e exposto, alcançando um entendimento que não é universal por idealismo, mas porque é comumente e absolutamente reproduzível. Com base na análise dos enunciados de seus autores, compreendemos que o emprego do método deve ser polifásico.

Podemos formular o primeiro juízo como o da singularidade: o fato isolado de que a fricção gera calor é registrado. O segundo juízo como o da particularidade: uma forma particular de movimento, a forma mecânica, mostrou a propriedade de, sob circunstâncias particulares, transformar-se (mediante fricção), passando para outra forma particular de movimento, o calor. O terceiro juízo é o da universalidade: toda forma de movimento se mostrou capacitada e compelida a se converter em qualquer outra forma de movimento. [...] Em sua universalidade, em que forma e conteúdo são igualmente universais, ela não é passível de ampliação: trata-se de uma lei absoluta da natureza (Engels, 2020, p. 139-140).

Fernandes (1984) traz a mesma lição do método de Marx e Engels:

A pesquisa deve dominar a matéria até o detalhe; analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e descobrir a conexão íntima que existe entre elas. Só depois de concluído esse trabalho é que o movimento real pode ser adequadamente exposto (p. 15).

Marx (2008b), por si, ressaltou que o conhecimento humano deve seguir duas vias antagônicas: iniciar com a realidade imediata, aparentemente singular, evoluir em direção às abstrações mais elevadas e, então, regressar à realidade concreta, agora pensada, tornando-se compreendida de forma mais precisa.

Para Santos et al. (2018), o materialismo histórico-dialético é instrumental para explicar fenômenos sociais que envolvem interações humanas por meio de seus modos de produção e consumo, suas contradições e os movimentos presentes nessas relações. Esse enfoque pode ser empregado ao considerar as vulnerabilidades das pessoas em classes sociais, sendo uma lente para desvendar a ampliação e a perpetuação da acumulação

de capital em detrimento da exploração do trabalho humano e suas implicações.

Conforme o historiador do marxismo e professor de economia, Dr. João Antônio de Paula, "Enquanto a realidade capitalista persistir, com todas as suas formas e consequências, o marxismo permanecerá sendo o instrumento analítico mais essencial para a intervenção" (Paula, 1992, p. 20).

Se o "MHD" serviu para o estudo dos fenômenos sociais que ocorreram em um Estado capitalista aos moldes do século XX, na contemporaneidade, apesar da conformidade de um Estado neoliberal, mantém-se a essência basilar preconizada no marxismo e, portanto, é válido o método de análise para o fenômeno que está sendo pesquisado.

Dessa forma, a busca pela verdade mais profunda demandaria desvendar as camadas superficiais dos fenômenos no mundo, identificando as intenções que os impulsionam por meio de um olhar que revela a alienação inicial. Esse processo investigativo, pelo que humildemente pudemos depreender após os esforços com os pressupostos teóricos, ocorreria primeiro por meio da captura empírica do senso comum, imediato, superficial, como se retirando dele fotografias situacionais que ainda não correspondem à realidade precisa.

Segue-se o segundo movimento, que é o de extrair (abstrair) as categorias do objeto de estudo e, num terceiro movimento, as categorias do fenômeno devem ser colocadas em diálogo ou exposição com as categorias da filosofia-método de Marx e Engels, trazendo, como resultado desse movimento, a realidade pensada do fenômeno, desnudando-o das ideações e fantasias conceituais meramente dedutivas, das subjetividades contagiosas e encontrando, assim, o seu núcleo humano que é universal.

Sendo pragmático neste momento para explicar o movimento particular da tese, temos que, uma vez colhidos os dados empíricos gerais pela instrumentação objetiva, a partir das impressões dos seres humanos que são parte do objeto de estudo, eles passam a ser processados por estatística e submetidos às mediações investigativas, por meio das quais seriam desnudadas as categorias dos objetos, seguindo das mais amplas às menos

amplas, de maneira que também pudessem ser identificadas as suas interconexões e as suas contradições, possibilitando encontrar o que é comum e o que é particular a todas elas.

Figura 2- Exemplo de Movimento de Abstração de uma Categoria (ex: árvore)



Fonte: Menezes (2022, p. 260).

Marx (2007) chamou esse concreto pensado de síntese de múltiplas determinações ou unidade do diverso. Do diálogo com as categorias clássicas da teoria metódica, o resultado elaborado é uma realidade concreta, pensada historicamente, apresentando a dialética material antes escondida na visão do fenômeno inicial.

Para Paulo Netto (2011), a teoria apresentada por Marx não se desvincula da metodologia, do método, ou seja, não criou regras formais para lidar com uma categoria ou objeto; não são simplesmente um conjunto de procedimentos formais, etapas e técnicas para coleta de dados. Interpretando Marx, esse último autor afirma que as categorias são a essência do ser, representam formas de existência, são transitórias ao entendê-las em sua historicidade, assim como depreende-se que todo ser social é material e possui uma existência objetiva que se relaciona pela necessidade de produção.

A análise teórica de Marx serve para que os indivíduos se conscientizem disso. O MHD seria, pois, a seiva para todo trabalhador; ele foi concebido para a consciência de classe acerca da realidade que os condiciona. Esse é o objetivo revolucionário desta tese, que parte das categorias do fenômeno.

Ainda segundo Paulo Netto, quando conseguimos reproduzir a realidade em seu dinamismo e em suas inter-relações conceituais, as categorias surgem, tornando o concreto algo também pensado.

Como mencionado anteriormente, apesar da necessidade de abordar as categorias de forma independente, elas se constituem por um elo (in)visível que confere sentido uma à outra, complementando-se mutuamente; somente assim se tornam concretas e conferem significado total à realidade social. Nesse sentido, a relação das categorias (qualidade de vida do docente do ensino superior) dá-se pela interlocução que poderá resultar em uma totalidade desnudada e histórica do fenômeno estudado.

Evidentemente, não se trata de um método com formato positivista, a que se acostuma a epistemologia racionalista ou empirista, mas há um conjunto de instrumentos de pesquisa que não pode ser confundido como algo pré-estabelecido por contaminá-la. Ao que foi estudado para esta tese, esses instrumentos metódicos não são encontrados ou reduzidos a espécimes do tipo compilações de manuais de pesquisa. Seria algo para compreendermos como uma filosofia-método, uma maneira de exposição do fenômeno.

Por esse motivo, Marx distingue o método de pesquisa do método de exposição. No primeiro, trata-se de levantar, por todos os meios possíveis, as fontes que nos fornecem os dados implicados na categoria que investigamos. De posse dos dados, tratar-se-á de buscar as conexões que se estabelecem entre eles.

Já o modo de fazer essa exposição se encontra em ensinamentos espalhados pelas obras de Marx e Engels, e, por isso mesmo, adotar-se-á a máxima humildade diante das críticas que este pesquisador irá receber sobre esta exposição, na certeza de que elas podem contribuir para uma evolução histórica no aperfeiçoamento dessa dialética especificamente aqui proposta para o programa que acolhe o crítico inquieto que ora tenta, pretensiosamente, apenas desmistificá-la a quem se interessar.

Desse contexto, neste capítulo, já podemos adiantar conceitos relacionados a categorias analíticas clássicas do método de Marx e que utilizaremos para a mediação com as categorias do fenômeno. Essas

categorias do método são os pressupostos teóricos sociais a partir da sua filosofia materialista histórica. São categorias clássicas porque são extraídas da realidade comum da vida humana social capitalista. São elementos constitutivos com significados reais para todos os seres humanos na perspectiva de preocupação ontológica do método em evidência, como já foi elucidado.

São conceitos categoriais da realidade, temporais ou históricos, e que serão, em sua maioria, mediadores aqui nesta proposta, que determina uma problematização fundamental para o seu sentido: o método de Marx nos permite a leitura da realidade sobre a qualidade de vida, a valorização e o adocimento do docente do ensino superior no Brasil contemporâneo pós-pandêmico?

Trataremos daquelas em que o próprio Marx (2023) sublinha os fundamentos materialistas para o seu método de análise da realidade histórica.

Para Marx, só uma coisa importa: descobrir a lei dos fenômenos que ele pesquisa. Importa-lhe não apenas a lei que os rege, enquanto têm forma definida e os liga em relação observada em dado período histórico. O mais importante, de tudo, para ele, é a lei de sua transformação, de seu desenvolvimento, isto é, a transição de uma forma para outra, de uma ordem de relações para outra (Marx, 2023, p. 89).

Se a realidade é sempre processual, contraditória e, portanto, não linear, mas mediada, as categorias constituem o núcleo básico do método materialista histórico-dialético. São elas que se definem sempre no processo histórico e, portanto, nunca são estáticas. Segundo Oliveira (1987), o maior desafio do método histórico-dialético é a dificuldade ou a incapacidade de saturar de historicidade as categorias e os conceitos do fenômeno.

Iniciamos, então, com a categoria nuclear da totalidade. Para esta definição, Cury (1985) aponta que:

Na totalidade, cada realidade e cada esfera dela são uma totalidade de determinações, de contradições atuais ou superadas. Cada esfera da realidade está aberta para todas as relações e dentro de uma ação recíproca com todas as esferas do real. Mas a totalidade sem contradições é vazia e inerte, exatamente porque a riqueza do real, isto é, sua contraditoriedade, é escamoteada, para só se levarem em conta aqueles fatos que se enquadram dentro de princípios

estipulados a priori. A consideração da totalidade sem as contradições leva a colocar a coerência acima da contradição. Nesse caso, o objeto de conhecimento ganha em coesão e coerência, em detrimento, porém, do que há de conflituoso nele. E o privilegiamento da contradição revela a qualidade dialética da totalidade (p. 35).

Para que não se torne enfadonha a repetição referencial, aclaremos que os conceitos das categorias do método, quando existentes a seguir, foram extraídos da obra *O Capital* (Marx, 2023). A totalidade seria o verdadeiro complexo a ser estudado, em que o mais abrangente vai englobando os pormenores a partir da junção das partículas que formam uma estrutura maior; nesta proposta de tese em tela, é o adoecimento do docente do ensino superior.

Esta categoria nos remete a colocar a compreensão do real, elaborada por conexões, nas quais o todo supera as contradições das partes e permanece em constante construção. Nenhuma totalidade é acabada, já que é produto dos antagonismos, alocada sempre em bases instáveis; para tanto, sempre haverá movimento. Buscaremos o movimento de identificação das partes e de suas relações intrínsecas, das contradições que compõem a contemporaneidade do fenômeno.

Assim, a totalidade concreta em Marx expressa uma concepção diferente da positivista e empirista, que vê o real como uma soma de fatores. Na visão materialista, a parte não pode ser entendida isoladamente da totalidade que a forma. A totalidade não é absoluta, mas sim composta por determinações e mediações, imediatas e mediatas, que revelam e constituem o objeto de estudo.

Desvendando os ensinamentos de Marx, Oliveira (1987) ensina que as categorias contradição e mediação definem o processo e a historicidade de cada fenômeno. A contradição não é mera oposição, mas a essência da realidade histórica que, em qualquer processo, une positividade e negatividade de forma diversa. Do ponto de vista do materialismo histórico, a realidade de um fenômeno é a coexistência dos opostos e não uma simples anulação, como sugerem análises empiristas.

Quanto à mediação, esse mesmo autor-mediador entende que ela se constitui pelas relações de múltiplas determinações dos processos sociais

(econômicos, políticos, culturais, educacionais etc.) no tempo e no espaço. O ponto de partida sempre considera as particularidades em relação a dimensões mais universais. Em Marx (2023), a exploração do trabalhador via extração de mais-valia é universal no capitalismo, mas o grau e as formas concretas variam conforme o contexto histórico e a evolução da luta de classes.

Seguimos nessa mesma trajetória original e mediada, agora pela categoria práxis. Para Paulo Netto e Braz (2006), “a práxis envolve o trabalho, que, na verdade, é o seu modelo – mas inclui muito mais que ele: inclui todas as objetivações humanas” (2006, p. 43).

O ser social supera o próprio trabalho, pois, para satisfazer suas necessidades, rompe barreiras, colocando, desta forma, em evidência, a práxis. E, assim sendo, gera objetivações que afirmam e devem ser destacadas em dois pontos distintos: a práxis voltada para o controle e exploração da natureza, onde o homem a altera e age sobre ela para atender suas necessidades, e as relações que o ser social tem sobre si próprio, nas quais sua atuação diz respeito a si; e, no segundo ponto, onde as obras que resultam da práxis objetivam-se em algo coletivo, como, por exemplo, a ética do trabalho.

Os autores mediadores acima, por sua vez, destacam que a categoria práxis permite compreender a complexidade do ser social em desenvolvimento. Para eles, por meio da práxis, vê-se que, além de suas objetivações primárias, como o trabalho, o ser social se expressa e realiza nas produções materiais e intelectuais da ciência, da filosofia e da arte, criando um universo de produtos, obras e valores. A práxis seria um mundo social, onde a humanidade se transforma completamente.

Nessa esteira, a práxis mostra o ser como criativo e autoprodutivo: por meio de sua autoatividade, “ele é o que (se) fez e (se) faz” (Paulo Netto; Braz, 2006, p. 44). Assim, a práxis não se restringe a meros produtos, mas demonstra o processo de produção que também cria objetivações, colocando o fenômeno sujeito à sua própria criação, onde, em certas circunstâncias históricas, o indivíduo pode ser oprimido por ela. Os autores imediatamente acima aludidos arrematam que a práxis é uma categoria abrangente que representa a

totalidade da ação transformadora, buscando superar, incorporar e transformar radicalmente o que existe.

Uma outra categoria aderente à da práxis e clássica no método para o diálogo com o fenômeno é a categoria trabalho. Segundo Marx (2023), “a utilização da força de trabalho é o próprio trabalho” (p. 255), o que quer dizer que se trata de um processo em que o ser humano, “a fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para a sua própria vida, põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade” (p. 255).

O filósofo-cientista alemão, criador do método, ensinou ainda o conceito dessa categoria como o significado da força interventiva humana utilizada para a modificação da natureza no sentido do seu domínio e que, independentemente da forma em que se realiza, transforma o próprio homem em um ser social.

O processo de trabalho, como expusemos em seus momentos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim — a produção de valores de uso —, apropriação do elemento natural para a satisfação de necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, perpétua condição natural da vida humana e, por conseguinte, independentemente de qualquer forma dessa vida, ou melhor, comum a todas as suas formas sociais. Por isso, não tivemos necessidade de apresentar o trabalhador em sua relação com outros trabalhadores e podemos nos limitar ao homem e seu trabalho, de um lado, a Natureza e suas matérias, do outro (Marx, 2023, p. 261).

Importante aqui é entender que, embora a categoria trabalho seja considerada mais simples ou mais concreta do que a da práxis, que a amplia, e, ainda que seja independente de qualquer forma, do ponto de vista da preocupação ontológica universal do ser, como categoria do método, ela possuirá particularidades de um tempo (históricas) e de um ser social (geográficas) no seu processo.

Ainda de acordo com Marx, a categoria trabalho significa muito mais do que uma capacidade essencial da espécie humana, porque ela se desdobra pela necessidade do uso e da criação de seus meios, o que também a distingue como a única capaz de produzir ferramentas, e essas últimas vão evoluindo de

modo que refletem e diferenciam as épocas econômicas, a própria história da espécie.

Dessa forma, aprofundando a elucidação sobre o método, fica possível compreender que, para o diálogo a ser travado com o fenômeno, não importará o que é produzido, e sim como é produzido, quais ferramentas são utilizadas para a produção e por que elas determinam relações com a realidade pesquisada. No caso concreto, não se trata de um trabalho material¹⁸, e sim de um trabalho imaterial¹⁹.

Nesse sentido, apresenta-se outra categoria clássica do método a ser mediadora na análise do fenômeno que desejamos desvendar: a categoria produção.

No processo de trabalho, portanto, a atividade do ser humano, com ajuda dos meios de trabalho, opera uma transformação do objeto do trabalho segundo uma finalidade concebida desde o início. O processo se extingue no produto. Seu produto é um valor de uso, um material natural adaptado às necessidades humanas por meio da modificação de sua forma (Marx, 2023, p. 258).

A produção tem o efeito útil do trabalho sobre a natureza para a sociedade. Seria uma resultante histórica na qual estariam incorporados, além do trabalho direto, os meios de produção e os produtos de processos de trabalho anteriores ao da formulação do tempo presente. Portanto, pela visão conceitual dada por Marx, a produção não seria apenas um resultado como uma quantidade de produtos ou mercadorias; bem mais do que isso, ela seria o sentido do processo do trabalho modificando a história.

O produto, por sua vez, ganha também outro sentido, não somente o de mercadoria inerte resultante dessa última composição. Por ser útil e ter sentido na sociedade, ele tem necessariamente um valor para quem o consome. Marx (2023) chama essa avaliação de “processo de formação de valor” (p. 271), como sendo formulado pela soma do “valor de uso” (p. 263), custo como se para consumo próprio, com o “valor de troca” (p. 263), custo que deva ser

¹⁸ Produz objeto físico ou tangível pela transformação direta da natureza

¹⁹ Produz objetos intangíveis como conhecimento, serviço ou comunicação pela transformação relacional, simbólica ou cognitiva.

destinado à negociação como uma mercadoria posta à venda e que é necessário para reproduzir o produto.

Contudo, o revolucionário ainda aponta que existe um outro valor que participa da fórmula da realidade e que muda o conceito para “processo de valorização” do produto. É quando fica adicionalmente considerado um valor autorrequerido por motivos particulares do capitalista, que é chamado de “mais-valor” (p. 263) pelo próprio Marx e que reflete, a partir da lógica dessas equações, uma apropriação do trabalho proletário em prol do enriquecimento da classe antagônica.

Ante a esse movimento, que é tanto quantitativo quanto qualitativo, descrevemos a quinta categoria clássica a ser empregada na mediação para a realidade: a valorização. Buscar-se-á discutir esse processo dentro do fenômeno a ser pesquisado, muito embora seja importante reiterar a singeleza da abordagem dessas categorias neste momento organizativo da proposta. Mas insta, aqui, que sejam transcritos mais alguns dos posicionamentos originais:

O processo de produção, como unidade dos processos de trabalho e de formação de valor, é processo de produção de mercadorias; como unidade de processos de trabalho e de valorização, é processo de produção capitalista, forma capitalista de produção de mercadorias (Marx, 2023, p. 273).

Temos, então, o raciocínio de que, se pelo capitalismo há valorização, há “mais-valor” ou lucro, e esse lucro é em dinheiro e onde, a partir de uma determinada quantia, volta a transformar os meios de produção, passa a ser considerado como capital. Por sua vez, esse capital pode ser adiantado para iniciar um novo ciclo e, a partir dessa circulação numa relação de mercado, obtém-se ainda mais lucro, que se acumula para o capitalista em detrimento do trabalho humano ou do ser humano em si. Essa é a característica do modo de produção capitalista, segundo a crítica marxiana, onde, em última análise, o lucro do capitalista seria mesmo oriundo da exploração do trabalho humano, traduzido na apropriação do trabalho humano a título gratuito.

De modo singelo, já foram evidenciadas outras categorias clássicas do método de Marx e Engels: o lucro como efeito imediato da produção capitalista; o capital, quando o lucro circula atuando como uma força interventiva nos meios

de produção; a acumulação, que é a apropriação desse capital excedente ou do excedente do processo de produção; e o mercado, como a relação de circulação, de procura e de oferta das forças transformadoras e de seus produtos.

Como o objetivo deste trabalho não se trata da pesquisa sobre o método em si, mas da exposição dele ao fenômeno qualidade de vida, valorização e adoecimento do docente do ensino superior, reafirma-se que a construção aqui, até este momento, realizada é meramente basilar, pois o aprofundamento complementar que interessa à tese será dado pelo diálogo com as categorias auferidas a partir do concreto caótico do fenômeno (da aparência superficial), a partir dos dados de captura através da pesquisa empírica. Antes, discorrámos brevemente sobre quatro outras categorias clássicas do método de Marx (mas que isso não signifique que aqui também passamos rapidamente por outras categorias mais elementares do método — dinheiro, mercadoria, apropriação etc. —, e que muitas vezes não podem faltar na mediação para a realidade concreta).

Retomando, então, dado o raciocínio sequencial do que é consagrada como a teoria do valor de Marx (Marx, 2023), temos que a consequência direta desse processo de produção capitalista é a distinção entre os seres humanos de uma mesma sociedade a partir de suas forças interventivas ou econômicas. Há quem detenha a força produtiva e acumule o capital, seja o proprietário dos meios de produção e dos produtos excedentes, e há quem seja dono de sua própria força de trabalho humano a ser empregada na produção em troca de uma recompensa, de um soldo ou de um salário. Nesse sentido, temos a categoria classe social. Respectivamente, trataremos elementarmente de duas classes: a dos capitalistas e a dos trabalhadores.

Pelo consagrado, a história se realiza a partir da infraestrutura social e, por raciocínio extensivo ao que foi elaborado, aclarado enfaticamente por Marx e Engels, as dicotomias de classes sociais também são temporais a essas bases. E mais, como também já foi comentado nesta tese, essa existência é antagônica, em disputa, em contraposições, criando uma dialética por sua própria materialidade.

Segundo Boucher (2015), “numa incrível ironia da história, a influente teoria da luta de classes de Marx não forneceu uma plena definição de classe social” (p. 55). Mas Marx nos proporcionou inúmeros escritos sobre essa luta de classes e as descreve como personificações dessas forças interventivas dicotomizadas e, assim, também rivais. Marx (2023) sustenta que o processo de proletarização da população trabalhadora é histórico, em consequência da acumulação pelos capitalistas. O docente do ensino superior é uma fração da classe trabalhadora (Marx, 1852).

Prosseguindo nesta linha, Marx (2010) também nos ensina que a propriedade privada é uma ideia garantidora dessa desigualdade, uma invenção capitalista, uma abstração que é garantida pelas superestruturas também criadas para a sociedade. No contemporâneo Estado capitalista, essa desigualdade se manifesta, além da concentração de territórios, também pela concentração de riqueza através da especulação financeira por parte das elites, pela precarização do trabalho e pela restrição de direitos para a classe trabalhadora (Harvey, 2012). É aqui que vamos nos aproximar novamente de outra importante categoria clássica do método de Marx que poderemos utilizar: a alienação do trabalho. Explica-se.

De acordo com Boucher (2015), Marx teria aclarado o enigma da história: se o trabalho produz riquezas, o que faz o trabalhador não se beneficiar dessa riqueza e nem desenvolver as suas capacidades? Por que ocorre essa contradição? Segundo o autor, Marx explica que a divisão do trabalho e a apropriação dele determinam uma mutilação da práxis, criando essa contradição na essência do trabalhador, de modo que, quanto mais labuta, mais pobre se torna.

O trabalhador, ao invés de reconhecer-se no produto do seu trabalho, o vê como algo que lhe é alheio e ainda o ameaça, porque passa a servir às necessidades do capital que o esgota física e mentalmente, mas também porque o oprime, o angustia, o predispõe a uma totalidade que pode ser o seu adoecimento.

Eis que se retorna a um possível diálogo entre Sigmund Freud, Karl Marx e Friedrich Engels sobre o fenômeno da QV do docente do ensino superior,

sem que o conceito de alienação tenha o mesmo significado abstrato, mas que, hipoteticamente, possam se encontrar complementarmente pelo mesmo sentido na essência vital. Podemos ter uma dialética própria e possível, cunhada por “dialética do adoecimento”.

Nesse raciocínio, vislumbra-se que, para o marxismo, quanto mais o trabalhador produz, mais se consome física e mentalmente e mais submisso fica ao capital. Ele passa a não se reconhecer nos objetos por si produzidos e os toma como algo que o ultrapassa em valor, e, por isso, também o desumaniza. A alienação faz do trabalhador uma contradição em si mesmo e o torna um escravo do capital.

A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência externa, mas que existe independentemente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica (Marx, 1964, p. 160).

[...] A alienação do trabalhador no objeto exprime-se, assim, nas leis da economia política: quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem de consumir; quanto mais valores cria, tanto mais sem valor e mais indigno se torna; quanto mais refinado o seu produto, tanto mais deformado o trabalhador; quanto mais civilizado o produto, tanto mais bárbaro o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, tanto mais impotente se torna o trabalhador; quanto mais brilhante e pleno de inteligência o trabalho, tanto mais o trabalhador diminui em inteligência e se torna servo da natureza (Marx, 1964, p. 161).

A penúltima categoria do método que se faz mister discorrer pragmaticamente aqui nesta tese é a do fetiche. Nas palavras do próprio Marx (2023):

“É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. [...] Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias.” (p. 147-148)

Parece que o que Marx (2023) quis ensinar é que o fetiche seria uma forma obnubilada de perceber a mercadoria, como se produzida além do

trabalho humano, trazendo inerente um valor social “mágico”, como se fosse algo místico ou com poder agregado, algo que lhe distancia de sua real composição e que o valoriza.

Por fim, acabamos retornando ao ponto de uma das mais importantes categorias do método escolhido para ser utilizado nesta tese, uma categoria que é última e primeira: a contradição. Trocadilhos à parte, queremos retomá-la para, neste momento, enfatizar que esta categoria se difere das demais porque ela não aceita mediações. Explica-se também.

Marx (2023) nos ensina que a sociedade é formada por indivíduos atomizados a partir de sua própria condição de existência e que se rivalizam para resolvê-la, num movimento de negação da negação que produz a história. Os opostos não admitem mediação porque existem pelo antagonismo identificável da sua contradição. Resolvê-la não significaria mediá-la, e sim superá-la. A superação da dialética de Hegel por Marx consistiu no fato de este último apresentar a mediação para alcançar a existência da contradição e, assim, determinar a diferença dos extremos pela sua essência, e não pelo seu pensamento ou ideia.

Extremos reais não podem ser mediados um pelo outro, precisamente porque são extremos reais. Mas eles não precisam, também, de qualquer mediação, pois são seres opostos. Não têm nada em comum entre si, não demandam um ao outro, não se completam. Um não tem em seu seio a nostalgia, a necessidade, a antecipação do outro (Marx, 2010, p. 105).

Então, a categoria contradição seria uma determinante da essência do ser social, da sua existência, que está posta por antagonismos. Em Marx (2023), por exemplo, a classe social distingue o homem pela negação. A classe dominante capitalista existe porque quer manter e aumentar o controle sobre os meios de produção, e a classe trabalhadora (proletariado) precisa negar esse controle para se realizar e superar essa existência sob distinção de classes.

Daí extraímos que o homem é social pelo trabalho e é político pela superação do seu antagônico. A neutralidade seria uma falsa mediação. Seria

uma construção que só existe numa abstração de ideal. Assim também seria a existência científica se partirmos do mesmo princípio.

Nesta proposta de tese, propomos o método marxista para o estudo detalhado, com base nas fontes empíricas (evidências empíricas), verificando se, nas relações de produção entre capital e o trabalho do docente do ensino superior, faz-se a distribuição, a apropriação e a fruição da riqueza socialmente produzida neste recorte. Verifica-se se esse processo produz desigualdade na posse da cultura, da educação, dos bens materiais, das tensões do psiquismo humano, todos estranhamentos do adoecimento que possam estar sendo acomodados em esquemas de categorias de difícil percepção, sendo comum pela prática. Ao utilizarmos o método marxista, buscamos não naturalizar o fenômeno em tela, porque, sendo histórico, antes lhe cabem os nexos de sua organicidade.

Tudo o que foi referido anteriormente é o cerne do que já está posto desde o início deste texto: de que a produção da evidência científica para a realidade que está sendo posta pelos métodos meramente empíricos cartesianos a fazem a partir da posição de existência do sujeito e, por isso, existe uma relação próxima e atrativa com o objeto de estudo. Ele acabará por reproduzir, inconscientemente, também o seu determinante econômico em sua vontade de evidências, exatamente dentro de uma construção humana que se mistifica pela busca da validade universal, mas que, na maioria das vezes, já parte de uma visão de mundo particular que contamina/afeta o estudo. Uma contradição.

Para superar essa inquietude é que Marx (2023) advertiu que a pesquisa deve partir do objeto e não do sujeito. Se a filosofia nos leva a um método, o método deve resgatar a filosofia. É preciso desafetar a pesquisa, descontaminando o sujeito, expondo-o ao conhecimento diverso, mas, antes, seria preciso a captura da realidade da maneira caótica, e não o oposto. Registra-se aqui novamente um ato revolucionário contra a forma que me contém para o percurso e que, a meu ver, é contraditória quando estão em questão o método materialista histórico e a dialética teorizados por Marx e Engels.

Numa pesquisa crítico-dialética, a realidade humana, necessariamente, é pensada como um movimento contínuo. Dentro da pesquisa, o pesquisador está inserido nesse contexto que é de interesses, de anseios, de particularidades e de expectativas.

Mesmo diante das singelas buscas anotadas nos pressupostos teóricos, precisamos reiterar o que é ponto pacífico e consagrado: de que não existe fórmula preestabelecida pelos autores do MHD de como aplicar o método de exposição do fenômeno para alcançar uma leitura da realidade de maneira mais fidedigna. O método foi construído no decorrer da trajetória de vida de Marx e Engels, não sendo esse conceito o resultado de uma determinada formulação específica publicada em algum livro ou mesmo em conferências autógrafas. Não existe uma compilação em forma de manual do MHD, uma espécie de passo a passo metodológico.

A partir de Engels (2020), contudo, é possível extrair algumas premissas basilares para uma possível caracterização do alcance do método. Na obra, o autor ensina que, para a correta aplicação do método, é preciso estabelecer a gênese e a caducidade do fenômeno e evidenciar, assim, a dialética que nele subjaz para compor um percurso histórico da humanidade.

Além disso, o coautor reafirma o já aduzido anteriormente: de que é preciso estabelecer a relação entre o objeto do fenômeno e suas categorias e entre as categorias do método, evidenciando as essências a partir da materialidade delas (o sentido delas para a produção, para as forças produtivas e as formas de apropriação).

Outra importante demonstração do alcance do método, a partir de Engels, ocorre ao se significar os conceitos, evidenciando as contradições e encontrando as relações das unidades (categorias) com a totalidade (resultado integral articulado do fenômeno e seu sentido para a sociedade), onde os nexos e as condicionantes podem ser descobertos a partir dos fatos demonstrados pelas experiências ou pelas pesquisas. Apontam-se, assim, os desafios e as possibilidades que envolvem a temática.

Engels (2020) também se remete ao fato de que, para o uso adequado do método, é preciso apresentar as variações das condições de trabalho em

função da produção social e os conflitos de classes a partir de fatores determinantes que competem incessantemente pela negação de uma realidade.

Se a realidade é dinâmica e carregada de conflitos, tentar vê-la como estática é um erro que, segundo Gamboa (2010), a pesquisa crítico-dialética não concebe, pois sua postura crítica alcança conflitos que estão em vários níveis de interpretação e não de profundidade baseada na mera medição de um ou mais atributos do fenômeno estudado. Há de se avaliar as suas contradições.

O critério para a verdade no método de Marx e Engels deve se estabelecer no relativismo, uma vez que as verdades científicas não são definitivas, sendo graus do conhecimento limitados pelo momento histórico (Triviños, 1987).

Portanto, o que se segue será uma pesquisa de múltiplas relações entre a parte teorizada, pesquisada, estudada e a realidade social encontrada (totalidade). Dessa forma, esta tese e sua pesquisa subjacente têm o seu alcance definido como correlacional, ou seja, sem estabelecer uma relação de causa e efeito entre as variáveis e sim um sentido e a força da relação entre elas. A pesquisa coadunou assim a estatística com os conceitos, as categorias e as variáveis dentro do panorama filosófico já apresentado. Os próprios autores assim o pressupõem como um método de superação.

O que parece claro é que, para os autores do método, o ponto de partida é a realidade caótica e não a história pensada, ou seja, novamente, primeiro capturam-se as impressões imediatas do fenômeno, depois captura-se o conhecimento historicamente construído e, em seguida, tudo é exposto, de maneira mediada com categorias próprias ou clássicas do método. Isso quer dizer que sempre existe um estudo prévio, um pressuposto teórico a ser exposto a uma crítica por exemplo, pois nada vem do zero; todo trabalho pressupõe outro prévio.

O revolucionário aqui é essa tomada de consciência, porque, considerando o que se infere, muitos estudos já partem contaminados. Eles já pressupõem um conflito de interesses. A construção ou a escolha dos

instrumentos de pesquisa já partiriam de um ponto de vista pensado e, assim sendo já direcionados pelas subjetividades do pesquisador. Novamente, não concordamos que o estado da arte de estudos propostos para a realidade social sob a égide do método de Marx e Engels deva ser elaborado antes da pesquisa empírica quando ela for proposta.

Quando fosse o caso dessa propositura, esta seria também uma captura de impressões a partir do “sujeito assujeitado”, no caso em tela, do docente pesquisado. Um estado da arte *per si* já poderia, inclusive, servir à abstração sem a necessidade de uma nova propositura sequencial. Assim o fazendo, partir-se-á de um pressuposto teórico para uma abstração inicial e, depois, para uma extração e uma exposição do fenômeno às categorias do método.

Inferimos que, ao fazê-lo, estaríamos reproduzindo a dialética idealista, o equívoco de Hegel, superado pela dialética de Marx. Seria mesmo uma contradição, mas nenhuma surpresa, já que o aprisionamento em formas pode também ser uma determinação capitalista da realidade em que cientificamente também vivemos. Para este pesquisador, autor desta tese, seria correto utilizar um instrumento de captura a partir do pressuposto teórico, da filosofia, da visão de mundo que se queira adotar, e não daquilo que já esteja pensado ou adotado como instrumento, sob pena de agravar a contaminação ou de exigir uma segunda abstração que contemple secundariamente o que pode emergir caoticamente.

Não seria, na nossa humilde interpretação, a correta aplicação do método proposto por Marx e Engels. Enfatize-se que o apontamos em relação aos instrumentos de pesquisa, por tudo o que foi elaborado anteriormente e pelo que teremos na apresentação do confronto com os resultados. Pelo que está posto, uma realidade já existe quando o sujeito se aproxima do objeto de pesquisa, especialmente em nível de doutorado. Faço minhas as palavras de Menezes, que muito denuncia sobre o empobrecimento da epistemologia contemporânea:

Não é possível esquartejar o suposto método de Marx para que ele se enquadre na perspectiva epistêmica que se consolidou na universidade na sociedade capitalista. Ao menos, não se faz isso sem profundas lesões e fraturas irreparáveis do pensamento revolucionário de Marx (Menezes, 2022, p. 90).

Então, que se tenha sinceridade intelectual. Se este subscritor é fruto de uma determinação prévia, ser revolucionário aqui é advogar para que as bases que constroem a ciência atual mudem de determinação. Essa mudança só pode acontecer quando houver uma epistemologia que não seja idealista positivista, que não só implante a problematização como caminho, mas também seja tomada pela consciência material da existência do mundo e acene para a mediação a partir dessa essência da vida.

Da mesma forma, a educação, como ciência, não deveria partir das premissas do capital para aqueles que sejam da classe antagônica; isso seria contribuir com o mecanismo de alienação, da desigualdade e da injustiça social e de todas as contradições que vemos na contemporaneidade, já que essa classe é maioria da população. Declarado o desconforto, seguir-se-á pela forma prescrita, mas diga-se que foi utilizado um banco de dados que, paralelamente, caracteriza-se como uma construção histórica que se apresentou a este pesquisador caoticamente, de modo que o particular pudesse emergir o mais livremente possível, para depois ocorrer o enriquecimento da mediação, trazendo à tona uma realidade concreta.

3.3.1 ENFOQUE DADO NA PESQUISA EMPÍRICA

Quando falamos do enfoque em pesquisas que são pautadas no método de Marx ou, como queiram algumas correntes interpretativas, no Materialismo Histórico-Dialético (MHD), não podemos defini-lo como quantitativo ou qualitativo, nem mesmo nos valer do artifício associativo. Marques (1997) salienta que esses enfoques, na lógica do MHD, não estão em oposição; na verdade, são sempre complementares. Em um dado supostamente quantitativo, há uma face qualitativa e vice-versa.

Segundo o autor, tal entendimento faz parte de uma visão de que o quantitativo e o qualitativo se interpõem como duas faces da realidade, de maneira que não é possível concebê-las uma sem a outra, nem uma separada da outra. Tanto os aspectos quantitativos quanto os aspectos qualitativos compõem a realidade concreta.

Franco, Carmo e Medeiros (2013, p. 94) ensinam que:

A dialética como método de conhecimento pretende uma visão de totalidade. O particular e o universal são instâncias, numa linguagem lógica, subalternas que não se contradizem, mas são distintas numa formulação de proposição ou argumento. A visão de mundo na dialética pode partir do particular para se vislumbrar o universal ou partir do universal para se ter entendido com clareza o particular.

Gamboa (2010, p. 107-108) alega que as pesquisas crítico-dialéticas têm a “pretensão de desvendar mais do que o conflito das interpretações; ela busca o conflito dos interesses”. Nesse sentido, o enfoque dado a uma pesquisa que se vale desse método não admite o rótulo convencional de quantitativa e/ou qualitativa. Para o autor, essas pesquisas devem estar além; elas devem evidenciar um “interesse transformador” nos fenômenos estudados, preservando a sua dimensão histórica para desvendar as suas possibilidades de mudanças.

E aqui entendemos novamente uma celeuma declarada a ser resolvida: um conceito que, teoricamente, já nasceu polêmico pelo método de análise de Marx, o determinante “qualidade” para a vida do docente do ensino superior, que está exposto no título da presente tese. Pelo método, poderíamos pensar a sua negação quanto ao significado ou a sua afirmação quanto constructo, escopo que se enquadra como análise possível pela presente tese, como também se vislumbra.

Assim, por meio deste enfoque, foi almejado que os resultados alcançados servissem de apoio para a tomada de decisões e para a solução de problemas reais. Resultados que, assim equacionados, podem contribuir para a formulação de intervenções como produtos úteis da tese à sociedade.

4 ESTADO DA ARTE: O ESTADO DO CONHECIMENTO ATUAL SOBRE A QUALIDADE DE VIDA E A VALORIZAÇÃO DO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR, EVIDENCIANDO O ADOECIMENTO PELO MÉTODO DIALÉTICO DE MARX E ENGELS

Para Romanowski e Ens (2006), pesquisas do tipo “estado da arte” são aportes sobre o campo teórico de uma área de conhecimento focalizada e que se prestam a identificar lacunas, restrições, experiências, contribuições, problemas e soluções já apontadas nessa circunscrição. Um mapeamento teórico sobre o que se pretende pesquisar. Este capítulo, contendo no título “ESTADO DA ARTE”, trata-se do estudo de levantamento bibliográfico conforme o procedimento/percurso concebido no capítulo anterior acerca do fenômeno apresentado à baila da pesquisa que se pretende analisar. Os resultados e as discussões deste mapeamento em torno do tema da pesquisa passam a ser apresentados.

Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

A consulta foi realizada considerando o procedimento já elencado no percurso metodológico e não retornou resultados sobre a especificidade da temática desta tese na perspectiva da dialética marxiana aplicada, e não somente na dos princípios elementares do MHD.

Com o fim de obter trabalhos que se aproximam do tema, os descritores na pesquisa foram reduzidos aos das categorias e sujeitos do fenômeno, de modo que, dos trabalhos encontrados, após a leitura dos seus resumos, muitos foram descartados de acordo com os critérios de triagem já elencados. Assim, dos 72 trabalhos encontrados na primeira busca, adicionando-se 2 encontrados na segunda busca, foram selecionados 23 trabalhos a partir da leitura dos títulos e dos resumos que continham relações com as categorias pressupostas da tese: qualidade de vida, docente no ensino superior, trabalho, materialismo e adoecimento. Foram excluídos estudos em instituições privadas.

Dos 23 selecionados, 8 não tinham autorização para o acesso público e 1 possuía caminho de acesso eletrônico indisponível, restando 14 trabalhos para análise de seus resultados.

Quadro 2- Resultados da Pesquisa por Teses e Dissertações - CAPES

Título	Autor	Nível	Ano	Local
A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA: UM ESTUDO DE CASO COM OS DOCENTES EFETIVOS NO ENSINO SUPERIOR DO CENTRO SOCIOECONÔMICO DA UFSC	MAURICIO HOESCHL MENDONÇA	DISSERTAÇÃO	2013	UFSC
QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO DOCENTE: O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO SUPERIOR	CRISTIANE COELHO TELES	DISSERTAÇÃO	2022	UNIAN-SP
QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO (QVT): UM ESTUDO QUALITATIVO SOBRE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR DOCENTES DE CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE INSTITUIÇÕES	NIRALIDES OLIVEIRA DE MORAIS FERREIRA	DISSERTAÇÃO	2017	FEI
CONSUMO DE MEDICAMENTOS POR DOCENTES DE UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE ENSINO SUPERIOR NO CEARÁ, BRASIL	ELIAS MATIAS LAURENTINO	DISSERTAÇÃO	2019	UFC
AMBIENTE ERGONÔMICO EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR E SEU REFLEXO NA ATIVIDADE DOCENTE E NA QUALIDADE DE VIDA NA ORGANIZAÇÃO	ROSANE DO CARMO MACHADO	TESE	2009	UFSC
TRABALHO E CIÊNCIA: UM OLHAR PARA A SAÚDE E A QUALIDADE DE VIDA DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS	QUELI GHILARDI CANCIAN	DISSERTAÇÃO	2020	UNIOESTE
QUALIDADE DE VIDA NO PROCESSO DE TRABALHO DO DOCENTE DE ENFERMAGEM	VIVIANE GOMES	DISSERTAÇÃO	2012	UFPEL
QUALIDADE DE VIDA E ADOECIMENTO DO DOCENTE QUE ATUA NA LINHA DE FRENTE CONTRA A PANDEMIA DA COVID-19 NO HOSPITAL GERAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA	CAMILA MELO BORBA	DISSERTAÇÃO	2023	UESB
QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO DE PROFESSORES DE INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO EM DUAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS	ALESSANDRO VINICIUS DE PAULA	TESE	2015	UFLA
INDICADORES RELACIONADOS À QUALIDADE DE VIDA E COMPORTAMENTOS DE RISCO DE PROFESSORES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-PR	ALBERTINO DE OLIVEIRA FILHO	DISSERTAÇÃO	2009	UEL - UEM - UEL

QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO DOCENTE: UM OLHAR SOBRE OS PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS	KARLA BARBOSA KLEIN	DISSERTAÇÃO	2013	UFT
QUALIDADE DE VIDA E ADOECIMENTO DOCENTE: A PÓS-GRADUAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19	WELTON CARDOSO JUNIOR	DISSERTAÇÃO	2022	UESB
REALIZAÇÃO E ESTRANHAMENTO NO TRABALHO DOCENTE UNIVERSITÁRIO: UMA ANÁLISE ONTOLÓGICA	SAMUEL NOBRE LOPES	DISSERTAÇÃO	2021	UEC
ASSÉDIO MORAL NO SERVIÇO PÚBLICO: A DUALIDADE ENTRE A VISIBILIDADE E O ENFRENTAMENTO AO ASSÉDIO MORAL NO ÂMBITO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO ENTRE 2021 E 2022	GLAYDSON CAMPELO DE ALMEIDA RODRIGUES	DISSERTAÇÃO	2025	UFM

Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

Banco da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD

Após a consulta, foram encontrados 5 resultados, sendo que 2 trabalhos foram excluídos após a leitura pelos mesmos motivos já expostos anteriormente, restando apenas 3 selecionados.

Quadro 3- Resultados da Pesquisa por Teses e Dissertações – BDTD

Título	Autor(a)	Ano	Nível
TRABALHO DOCENTE, RACIONALIDADE TÉCNICA E ADOECIMENTO: UM OLHAR À LUZ DA TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE	JUSSIMÁRIA ALMEIDA DOS SANTOS	2023	TESE UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
DESDOBRAMENTOS DA CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL NO TRABALHO DOCENTE: A INTENSIFICAÇÃO E O ADOECIMENTO	ALDA APARECIDA VIEIRA MOURA	2018	TESE UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DA SOBRECARGA NO TRABALHO POR PROFESSORES DO MAGISTÉRIO SUPERIOR: O TEMA DA SAÚDE VIA ATIVIDADE LINGUAGEIRA	DANIELI GHEDIN SARTORI	2017	DISSERTAÇÃO UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

Banco de Teses e Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

A pesquisa não retornou resultados com a equação exata prescrita, contudo, considerando todos os trabalhos sobre QV de docentes do ensino superior encontramos 03 dissertações que citam o método marxista e que não foram percebidas nas pesquisas anteriores.

Quadro 4- Resultados da Pesquisa por Teses e Dissertações – PPGED/UESB

Ano	Autor(a)	Título	Nível
2023	GISELE FERREIRA DE AMORIM	A DOCÊNCIA LONGE DE CASA: TRABALHO E QUALIDADE DE VIDA DAS PROFESSORAS E PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR	DISSERTAÇÃO UESB
2021	DEISE MAÍRA SILVEIRA	A VALORIZAÇÃO DOCENTE A PARTIR DO PROCESSO DE VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO DE PESQUISA	DISSERTAÇÃO UESB
2025	VANILDA BATISTA RIBEIRO	VALORIZAÇÃO DO TRABALHO E AS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE DE DOCENTES DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB	DISSERTAÇÃO UESB

Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

Portal de Periódicos da CAPES, Portal Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), Biblioteca da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)

Após a consulta foram encontrados 16 resultados, porém a leitura dos resumos demonstrou que nenhum dos trabalhos se relacionava plenamente com a abordagem proposta.

Avançando no estudo quanti/qualitativo dos dados empíricos sobre as teses e as dissertações encontradas, as constatações seguintes foram possíveis.

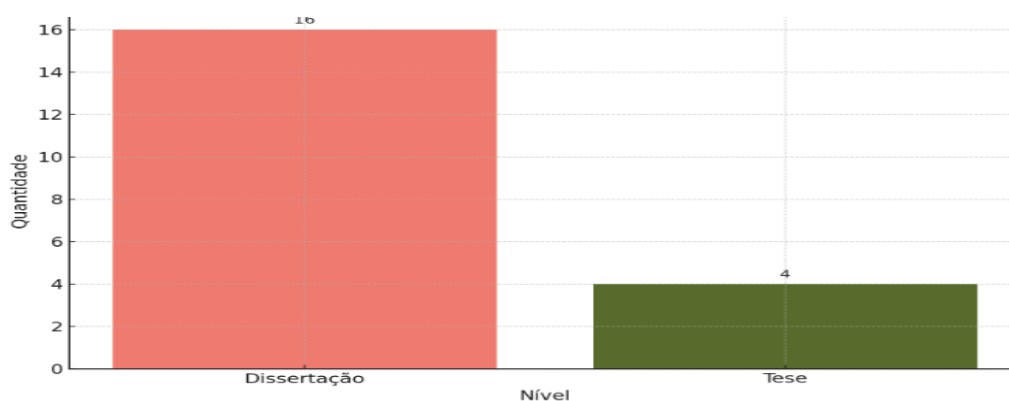
A Distribuição de Teses e Dissertações por Tipo e Tendência

A maioria dos trabalhos apresentados é composta por dissertações (16), com uma menor proporção de teses (4). Observa-se uma intensificação da produção científica acerca do tema, com ápice a partir de 2020, ano seguinte ao da declaração do estado de pandemia da Covid-19 pela OMS em 2019 (Gráficos 1 e 2).

Cardoso Júnior (2022) ensina que a pandemia provocou transformações profundas no mundo do trabalho docente, especialmente no ensino superior e na pós-graduação. Segundo o autor, a súbita transição para o ensino remoto, a intensificação da carga de trabalho, a precarização das condições laborais e o distanciamento social impulsionaram o adoecimento físico, psíquico e emocional dos docentes, gerando impulsos de pesquisa que evidenciam que o tema da QV docente, até então já relevante, ganhou centralidade durante e após a pandemia. Segundo o autor, isso pode ter provocado um aumento visível na produção científica voltada para o adoecimento docente sob a determinação da sobrecarga laboral e da insegurança institucional, bem como para a reflexão sobre a alienação, a uberização e a desumanização do trabalho intelectual.

A vivência direta dos pesquisadores com o problema, sobretudo docentes-pesquisadores afetados, a urgência institucional de compreender os efeitos do ERE (Ensino Remoto Emergencial) e reorganizar políticas públicas, somadas ao maior apoio de agências de fomento a pesquisas com foco na pandemia e no trabalho docente, podem ter sido, de acordo com Cardoso Júnior (2022), os determinantes dessa maior produção científica.

A pandemia parece ter funcionado como um fenômeno catalisador, evidenciando a necessidade de pesquisas que abordem as condições de trabalho e a saúde dos docentes, tanto no Brasil quanto no mundo.

Gráfico 1- Quantidade de trabalhos por nível de pós-graduação

Fonte: dados da Pesquisa (2025)

Gráfico 2- Tendências de trabalhos ao longo dos anos

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

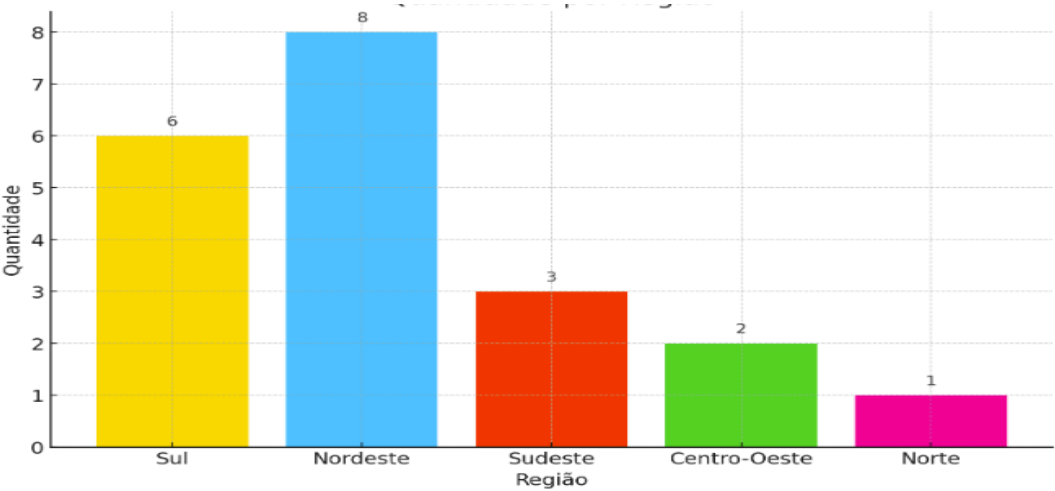
A Distribuição de Trabalhos pelos Estados de Origem

As instituições de origem dos trabalhos são variadas, com algumas universidades sendo mais representadas do que outras. Aqui abaixo está um gráfico de barras horizontal que mostra a frequência de trabalhos por estado brasileiro, utilizando os dados das instituições presentes em cada estado.

Observa-se a prevalência de produção científica sobre o tema a partir dos estados do Sul e Sudeste do país com características temporais, pois que, nos últimos 3 anos aumentou a produção científica no Nordeste sobre o tema (Gráficos 3 e 4).

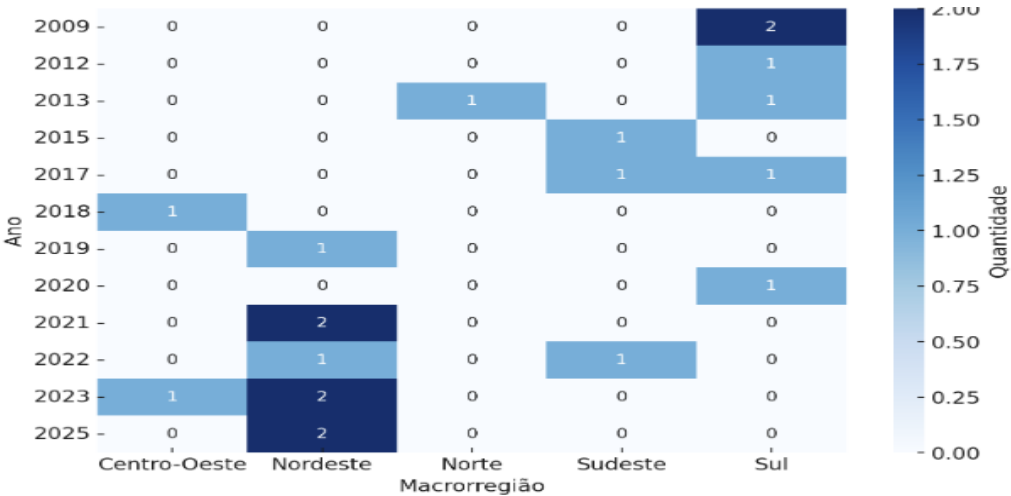
A maior produção científica sobre a QV e o adoecimento docente no ensino superior incialmente em estados e regiões como Sudeste e Sul do Brasil pode ser resultado de uma combinação de fatores, incluindo a concentração de instituições de ensino superior, recursos financeiros, tradição acadêmica, infraestrutura de pesquisa e políticas públicas de fomento. Essas desigualdades regionais podem refletir as disparidades socioeconômicas e educacionais do país, que continuam impactando diretamente a capacidade de produção e disseminação do conhecimento.

Gráfico 3- Quantidade de trabalhos produzidos por região brasileira até 2025



Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Gráfico 4 – Distribuição de Trabalhos por Ano e Macrorregião



Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A Distribuição dos trabalhos por Sexo dos Autores

Baseando-se na identificação do sexo a partir da leitura dos trabalhos, a maioria dos autores aparentam ser do sexo feminino. A predominância de autoras mulheres nos estudos sobre QV e adoecimento docente no ensino superior pode ser explicada também por uma combinação de fatores, incluindo a maior representatividade feminina na docência, a socialização de gênero que as levam a se interessar por temas relacionados ao cuidado e à saúde, e as desigualdades de sexo que as motivam a investigar as condições de trabalho (Gráfico 5).

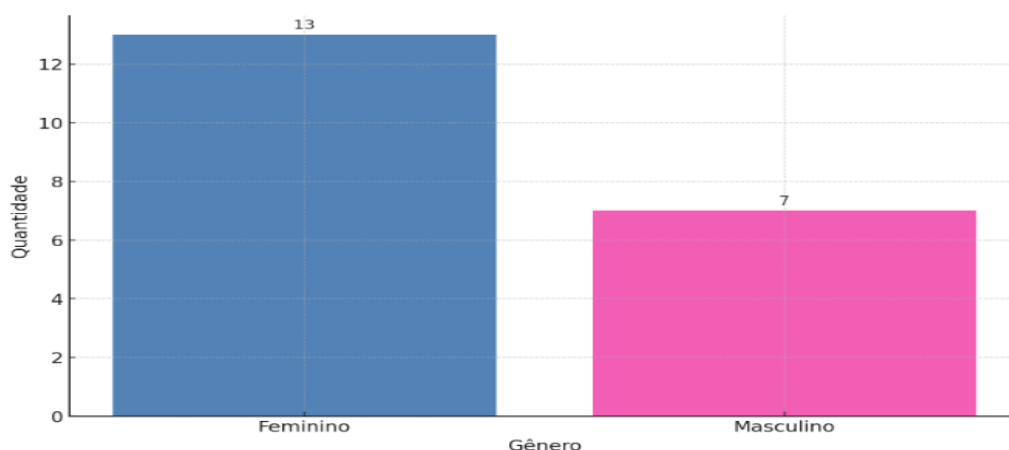
Amorim (2023), em seu estudo com docentes do ensino superior público no interior da Bahia, numa amostra de 16 docentes considerados itinerantes, encontrou que a maioria significativa de 68,8% de professores era do sexo feminino, em comparação com 31,3% do sexo masculino, reforçando a importância de compreender como tais diferenças podem influenciar o trabalho. A autora ensina que a itinerância docente (ato de lecionar em localidade distinta da residência) apresenta impactos diferenciados de acordo com o gênero, afetando as mulheres de forma mais intensa e, em sendo maioria, podem refletir essa afetação no desempenho da instituição.

Das percepções encontradas pela autora no seu estudo em destaque está o fato de que o afastamento dos filhos e da família gera sofrimento emocional contínuo para as docentes mulheres. Segundo a autora, isso é especialmente relevante porque, culturalmente, recai sobre as mulheres a maior carga dos cuidados familiares. Assim, a separação do lar por dias seguidos tende a ser mais desgastante emocionalmente para elas.

O contexto histórico e cultural que reflete a realidade das mulheres no ambiente acadêmico por sua atuação como agentes de transformação e denúncia das desigualdades, assédios e desafios enfrentados pelas docentes nos parece uma explicação para a prevalência de autoras do gênero feminino. Como revelado na dissertação de Amorim (2023), a experiência pessoal enquanto docente itinerante a motivou a estudar o tema.

Nesse sentido, segundo dados da CAPES/CNPq (Brasil, 2019), as mulheres são predominantes em áreas que estudam a QV (saúde, educação e assistência social) e em programas de pós-graduação (PPGD's) nestas áreas. Nesse sentido, podem estar usando as suas vivências como ponto de partida para formular problemas de pesquisa que não eram visibilizados pela ciência tradicional, geralmente dominada por perspectivas masculinas.

Gráfico 5- Quantidade de trabalhos por Sexo



Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

As Discussões Centrais dos Trabalhos

Os estudos acadêmicos de mestrado e doutorado encontrados na pesquisa bibliográfica, a partir dos bancos de dados selecionados, e que embasam a composição deste capítulo destacam os desafios impostos a esses profissionais no contexto educacional contemporâneo. Vejamos uma compilação desses trabalhos, em que, inclusive, foram encontradas convergências no sentido da perspectiva levantada nesta tese.

Mendonça (2013) revelou que 40% dos docentes efetivos identificaram o excesso de trabalho como um problema significativo, 30% indicaram insatisfação com o plano de carreira e 35% relataram falta de tempo para o lazer, os amigos e a família, devido às exigências acadêmicas. Aspectos de satisfação foram encontrados pela autora, destacando a liberdade de expressão, a autonomia, o conforto no ambiente e o relacionamento interpessoal (50%). Ela encontrou a associação da insatisfação com o excesso

de trabalho e com o plano de carreira ao surgimento de sintomas físicos e psicológicos de estresse, ansiedade, insônia e tensão muscular nos docentes.

Essa mesma autora e pesquisadora refletiu que as políticas institucionais precisariam focar na carreira e nos salários, reduzir o excesso de trabalho, bem como implementar ações voltadas ao bem-estar docente, minimizando os impactos estressores e promovendo maior satisfação e saúde entre os docentes. Santos (2023), nessa mesma seara, explorou as implicações da racionalidade técnica nas sociedades capitalistas administradas, evidenciando como a divisão, a expropriação e a alienação do trabalho docente contribuem para tensões psicológicas e físicas e, ainda, propõe estratégias de resistência, como intervenções no ambiente de trabalho e promoção da educação emancipadora, mitigando esses impactos negativos evidenciados.

Nesse mesmo percurso, Moura (2018) analisou, sob uma ótica marxista, como a crise estrutural do capital e as políticas educacionais neoliberais contribuem para a precarização do ensino superior público. A autora destacou que 64,1% dos professores pesquisados relataram problemas de saúde, e 75% apontaram o excesso de trabalho como fator de adoecimento. Além disso, metade dos entrevistados da pesquisa dela afirmou que esse excesso compromete muito suas atividades pessoais e familiares. Sartori (2017) propôs também, nesse sentido de promoção da saúde e do desenvolvimento docente, que o trabalho deva ser ressignificado por meio de práticas reflexivas e de espaços de diálogo, uma vez que as consequências do produtivismo acadêmico e das demandas impostas por crises são fatores centrais para o adoecimento docente.

Laurentino (2019) analisou, por sua vez, o consumo de medicamentos entre professores universitários, encontrando uma prevalência de 71%, especialmente entre aqueles com sintomas de burnout. Oliveira Filho (2009) apontou que fatores como sedentarismo, consumo excessivo de álcool e sobrepeso são prevalentes entre docentes do ensino superior, afetando negativamente sua QV. A maioria dos trabalhos selecionados acima é consistente ao apontar que tanto as relações interpessoais quanto as condições de trabalho desempenham um papel significativo na percepção de QV dos docentes. Gomes (2012) destacou que relações saudáveis e suporte

emocional são essenciais para promover um ambiente de trabalho mais satisfatório.

Da mesma forma, Paula (2015) reforçou que, enquanto as relações interpessoais com alunos são vistas como fonte de prazer, as interações com colegas muitas vezes são as que geram tensões. Conflitos no ambiente acadêmico e condições físicas inadequadas foram sempre associados ao estresse e ao desgaste profissional. Cancian (2020) destacou que a carga de multitarefas e as relações interpessoais laborais tensas têm impactos significativos nos docentes, sendo o estresse e a ansiedade as maiores consequências. Nesse contexto, a síndrome do esgotamento físico e mental decorrente do trabalho (síndrome de burnout) emergiu como uma preocupação, especialmente impulsionada durante a pandemia de COVID-19. O mesmo, sobre esse contexto, também apontara Cardoso Júnior (2022) e Teles (2021).

Cardoso Júnior (2022) explorou a QV e o adoecimento dos docentes da pós-graduação no contexto da pandemia da COVID-19, com enfoque nos desafios e impactos desse cenário na saúde física e mental dos professores. Mencionando a visão marxista, o autor analisou as percepções dos docentes antes e durante a pandemia, identificando um agravamento nas condições de trabalho e na vulnerabilidade para doenças ocupacionais. A maioria dos docentes relatou uma piora na QV durante a pandemia, especialmente em relação à saúde mental. Teles (2021), por sua vez, revelou que 71% dos professores relataram aumento de estresse devido ao ensino virtual, e 28,7% praticaram automedicação durante o isolamento social da pandemia. Nesse momento histórico de pandemia, os problemas de saúde mental também foram identificados por Borba (2023), que observou que 60% dos docentes que atuaram na linha de frente contra a COVID-19 relataram sobrecarga de trabalho e medo de contaminação como principais fatores de adoecimento. Além disso, a autora identificou que o isolamento social agravou as condições psicológicas, como estresse e ansiedade.

Lopes (2021) examinou uma dupla face no trabalho docente universitário: realização (satisfação com a docência) e estranhamento (sofrimento, estresse e adoecimento), com base em Marx, Lukács e Marcuse. Sua pesquisa de campo, qualitativa, envolveu 23 professores de instituições

públicas e privadas. Os resultados confirmam a coexistência de realização e estranhamento, intensificados durante a pandemia da COVID-19. O estudo concluiu que é necessário ressignificar a práxis docente e valorizar a profissão, reconhecendo seu papel essencial na formação humana e no desenvolvimento social. Moreira (2021) foi quem, nesse sentido, construiu e validou o Questionário sobre a Valorização Docente – QVD, a partir das categorias definidas pela CONAE (formação, carreira, remuneração, condições de trabalho e saúde). A validação ocorreu em três etapas: conteúdo, clareza de linguagem e fidedignidade, com resultados positivos (médias entre 0,86 e 1,00). A pesquisa dela aponta que a valorização docente ainda é negligenciada nas políticas públicas, mantendo os professores em situação de desvalorização e vulnerabilidade ao adoecimento.

A dissertação de Ribeiro (2025) também investigou a valorização do trabalho docente universitário e suas implicações na saúde de professores da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A pesquisa construiu um banco de dados para o projeto guarda-chuva já mencionado e evidenciou precarização das condições de trabalho, insatisfação salarial, dificuldade de progressão na carreira e impactos negativos na saúde física e mental, com alta prevalência de doenças crônicas e transtornos mentais. O estudo dela conclui que a desvalorização salarial e simbólica agrava o adoecimento docente e reforça a urgência de políticas públicas que assegurem melhores condições laborais, valorização financeira e promoção do bem-estar docente.

Rodrigues (2025) recentemente analisou como o neoliberalismo e as reformas administrativas dos anos 1990 afetaram as relações de trabalho no serviço público, com foco no assédio moral na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). A pesquisa dele mostra que, apesar de campanhas pontuais de conscientização, o problema ainda é tratado de forma individualizada, sem políticas institucionais estruturais. Além disso, o autor concluiu que o assédio moral impacta fortemente a saúde mental dos servidores, revelando ausência de acolhimento efetivo e fragilidade na promoção da QV. Amorin (2023), como já mencionado, examinou a QV de professores que lecionam fora de seus municípios de residência, identificando

que o deslocamento prolongado, a precariedade do transporte e o afastamento da família impactam negativamente sua saúde física e emocional.

Os estudos apresentaram diversas propostas para mitigar os problemas enfrentados pelos professores universitários. Moura (2018) e Santos (2023) sugerem a reestruturação do trabalho docente e a valorização das práticas coletivas, promovendo maior autonomia e senso crítico, enquanto Machado (2009) propôs melhorias ergonômicas nas instituições de ensino, visando reduzir o estresse ocupacional e melhorar a QV. Além desses mencionados, Mendonça (2013) e Costa (2017) recomendaram que as instituições repensem o plano de carreira e adotem ações que promovam o bem-estar, como espaços de diálogo, suporte psicológico e políticas que reduzam a sobrecarga de trabalho. Teles (2021) também destacou a necessidade de suporte tecnológico e psicológico para lidar com as exigências do ensino-aprendizagem virtual.

Todos os trabalhos convergiram na identificação de desafios objetivos e subjetivos estruturantes que são enfrentados pelos docentes universitários, evidenciando a necessidade de mudanças profundas nas políticas institucionais e na organização do trabalho. Estratégias como reestruturação do ambiente e da carreira acadêmica, promoção de práticas coletivas de formação continuada e de valorização da saúde (mental e física) são apontadas como caminhos para melhorar a QV dos professores e, consequentemente, a qualidade do ensino superior. Nessa seara, segue a proposta desta tese, porém com a devida aplicação do método marxista para a análise do fenômeno, em busca da realidade concreta mediada pela releitura dos dados da pesquisa de Ribeiro (2025). Vejamos, então, os resultados e as discussões deles nessa incursão que foi proposta por esta tese.

5 DISCUSSÕES DA PESQUISA EMPÍRICA COM EXPOSIÇÃO AO MÉTODO

Na pesquisa empírica, a estatística é uma ferramenta importante para a análise e compreensão dos fenômenos, porque ela permite a organização dos dados coletados de forma sistemática (Crespo, 2002). Sua aplicação na área da Educação, dentre outras áreas científicas, tornou-se fundamental na realização de pesquisas, prestando-se à formulação de políticas públicas, alcançando, de maneira mais coerente, as dinâmicas da sociedade. Ela proporciona visões quantitativas e/ou qualitativas dos fenômenos, permitindo identificar padrões e tendências que ajudam a prever comportamentos futuros e a identificar fatores de risco, orientando a aplicação de todos os recursos de forma mais adequada.

Em seu trabalho, o próprio Crespo (2002) destaca que a estatística oferece esse poder analítico que contribui para uma compreensão mais profunda das determinações dos fenômenos sociais. Portanto, a estatística desempenha um papel crucial na compreensão da realidade, pois, além de fornecer uma base sólida de dados, também permite a análise crítica dos problemas sociais quando exposta adequadamente pelo método científico, facilitando, assim, a construção e a implementação de soluções justificadamente pertinentes.

Nesse sentido, antes de adentrar no universo dos dados coletados e seu confronto necessário, é importante lembrar que, periodicamente, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) realiza uma coleta importante de dados para o contexto desta tese: o Censo da Educação Superior. Pela estatística do INEP (Brasil, 2022), as instituições de educação superior brasileiras, por organização acadêmica e categoria administrativa, totalizavam 2.595 unidades, sendo 115 universidades públicas e 90 particulares; dez centros universitários públicos e 371 privados; 146 faculdades públicas e 1.822 particulares; e 41 IF/Cefet públicos.

Ainda no mesmo levantamento, em relação às IES públicas, 42,6% são estaduais (133 IES), 38,5% federais (120) e 18,9% municipais (59). Em sua maioria, as universidades são públicas (56,1%) e, entre as IES privadas,

predominam as faculdades (79,8%). Quase 3/5 das IES federais são universidades e 34,2% são institutos federais de educação, ciência e tecnologia (IFs) ou centros federais de educação tecnológica (Cefets).

Para Crespo (2002), o uso de cálculos descritivos permite transformar os dados coletados em informações que são o ponto de partida para análises mais complexas. Partimos dessa vertente de análise descritiva empírica, sabendo que esta possui um caráter essencialmente exploratório, ou seja, organiza, analisa e identifica padrões, apresentando os dados obtidos com a utilização de gráficos, tabelas e quadros. Uma vez prolatadas análises estatísticas básicas, seguirão algumas correlações mais avançadas para demonstrar o emprego do método com as exposições categoriais marxistas anunciadas.

É dessa forma que propomos interpretar os padrões encontrados na pesquisa em tela, à luz do materialismo histórico e da dialética natural de autoria colaborativa entre Friedrich Engels e Karl Marx. Como já exposto, esse método enfatiza que há uma relação fluida e hierárquica entre as categorias de condições materiais, produtivas ou econômicas (a infraestrutura) e as das estruturas sociais, políticas, jurídicas e ideológicas (a superestrutura).

A tese, tão evidenciada e a todo tempo nas discussões deste trabalho, é a de que os docentes em problematização têm sido assediados e constrangidos por diversos mecanismos comissivos ou omissivos, direta ou indiretamente. Esses mecanismos, supostamente, conduzem os sujeitos, por contradição, à sucumbência das determinações da “mão invisível” até o ponto de seu adoecimento, refutando a hipótese de que este último seja amplamente atribuído ao próprio desígnio pessoal do docente. Importante afirmar que esta estratégia aqui utilizada não teve e não poderia ter a intenção de esgotar todas as reflexões imbricadas, deixando margem para publicações oriundas dessa investigação.

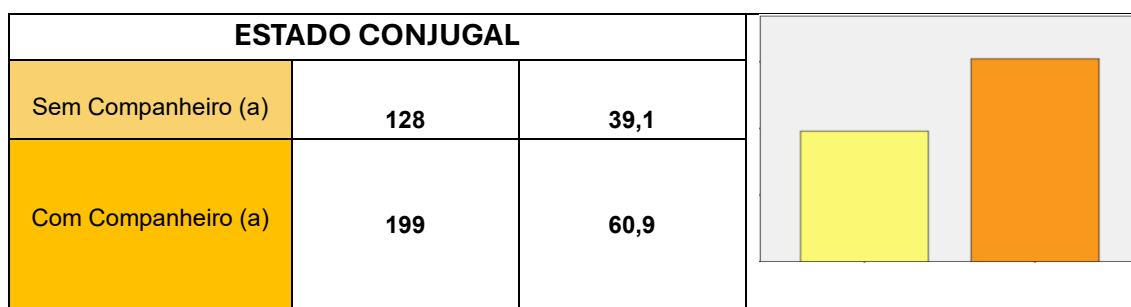
Considerando a perspectiva de um Estado capitalista, este tópico serve, em prática, para alicerçar a tese a partir do capturado não só epistemologicamente, mas também empiricamente, por meio da pesquisa apresentada. Como foi ensinado pelos filósofos coprotagonistas, a realidade

muitas vezes não é desvendada por pesquisas inéditas, mas por adequadas reinterpretações. Este é outro ponto forte deste capítulo, uma espécie de emulação do que fez Engels (2020) na sua obra *Dialética da Natureza*. Engels propôs releituras à luz de sua ciência social para os trabalhos científicos clássicos de sua época, que estavam postos apenas pela perspectiva do cartesianismo. Assim, o enfoque e o alcance da pesquisa empírica nesta tese seguiram atentos ao que foi primariamente entendido sobre a aplicação do método crítico-dialético.

A leitura aqui seguirá voltada para o encontro das três categorias anunciadas no título e no corpo desta tese, que são atravessadas pelo fenômeno de intensificação estrutural do trabalho do docente do ensino superior público no Estado brasileiro, com as categorias clássicas elementares do MHD. Elas serão expostas em diálogo, mas, antes, busquemos as suas relações internas e inter-relações a partir das descrições, correlações e exposições. Inicia-se partindo dos dados sociais dos sujeitos pesquisados.

Tabela 1 – Dados Sociais dos Docentes (n=327)

VARIÁVEL	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL	GRÁFICOS
SEXO			
Feminino	210	64,2	
Masculino	117	35,8	
FAIXA ETÁRIA			
Abaixo de 40 anos	51	15,6	
40 a 49 anos	90	27,5	
50 a 59 anos	143	43,8	
60 anos e acima	43	13,1	
QUANTIDADE DE FILHOS			
Nenhum Filho	100	30,6	
Um Filho	84	25,7	
Dois Filhos	98	30,0	
Três ou mais Filhos	45	13,7	



Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

Pela análise de frequências das respostas da amostra, nota-se que a maioria significativa de docentes é do sexo feminino (64,2%). De acordo com Campos e Almeida (2019), os dados revelam que a profissão docente no Brasil é majoritariamente feminina em todos os níveis de ensino, com exceção do ensino superior.

Segundo os autores, em 2019, a porcentagem de professoras por nível de ensino era de 96% na educação infantil, 88% no ensino fundamental, 67% no ensino médio e 46% no ensino superior. Apesar do aumento na proporção de mulheres docentes no ensino superior desde 1999, quando era de 41%, a igualdade de sexo (e gênero) pode ainda não ter sido atingida, visto que, em 2019, as mulheres constituíam apenas 46% desse grupo (Campos; Almeida, 2019).

Contudo, ainda segundo os autores acima citados, a região Nordeste apresenta uma realidade particular. Em 2019, por exemplo, a Bahia destacou-se como o estado com o maior percentual de professoras universitárias, contando com 51,8% de mulheres no corpo docente. Esse percentual é superior à média nacional, indicando um avanço significativo na participação feminina no ensino superior baiano e refletindo um esforço contínuo para equilibrar essa representação nas universidades baianas.

Em consonância com o elencado, Almeida et al. (2022a), ao pesquisarem docentes de um município baiano em todos os níveis no momento pandêmico, verificaram que 62,5% eram do sexo feminino. Almeida et al. (2022) pesquisaram docentes de uma instituição privada de outro município baiano e identificaram um percentual de 73,03% de mulheres na docência no ensino superior. Em contrapartida, Cardoso Júnior et al. (2018), ao pesquisarem

docentes do ensino jurídico no mesmo município, verificaram uma predominância do sexo masculino no curso de Direito em uma instituição privada nesse mesmo município do sudoeste da Bahia.

Destaca-se, de maneira importante, nesse momento, a partir da crítica dialética, que o dado sociodemográfico sobre o sexo do docente, quando capturado isoladamente, é um dado de mera aparência. Explica-se isso a partir das evidências que Ferreira, Ferreira e Teixeira (2022) encontraram em seu estudo sobre prevalência racial e gênero de docentes do ensino superior brasileiro.

Esses três últimos autores propuseram uma análise interseccional para esses dados e concluíram que os espaços de produção de conhecimento tendem a privilegiar perspectivas androcêntricas e eurocêntricas, evidenciando, de fato, as diferenças raciais e de sexo no ensino superior. Eles constataram que o magistério é predominantemente ocupado por homens brancos e, estatisticamente, que há fatores que limitam as chances de homens e mulheres negras, além de mulheres brancas, em comparação à categoria de referência (homens brancos). Notavelmente, embora para os mesmos autores haja assimetrias de sexo, as mulheres brancas estão melhor representadas no ensino superior em comparação a homens negros e mulheres negras, sendo estas últimas as menos representadas.

Critica-se, de pronto, novamente o "fazer científico", porque o dado sobre cor de pele dos docentes não foi coletado pelo instrumento utilizado, cientificamente validado, e nem mesmo o de gênero; mas, se a isto serve uma "mea culpa", sequer o plano de desenvolvimento institucional vigente da própria instituição pesquisada – PDI (Uneb, 2023) contém essa informação.

Observa-se, dessa maneira, que o sexo e a raça continuam a atuar como marcadores sociais de diferença que, ao se interseccionarem, criam assimetrias distintas e revelam espaços racializados e sexualizados, caracterizados pela dicotomia entre feminino/masculino e/ou entre brancos/negros. Isso pode revelar que as esferas institucionais espelham a aparência da sociedade em geral, displicentemente perpetuando as desigualdades raciais e de gênero.

Por outro lado, a Lei nº 12.990/2014 (Brasil, 2014) tornou-se um instrumento normativo importante para garantir a representatividade negra nas instituições públicas de ensino superior. No que se refere à docência, esse dispositivo legal tem mostrado pertinente, já que, segundo o IBGE (2018), a UNEB possui uma maioria de docentes negros.

Avançando pela estatística, a partir da tabela acima, passamos a tratar da faixa etária dos docentes encontrada pela pesquisa. Verifica-se que a maioria dos docentes está entre a quarta e a quinta década de vida (72%), sendo que 43,8% dos entrevistados estão entre 50 e 59 anos de idade. Um perfil da amostra semelhante ao que o PDI da universidade (Uneb, 2023) também apresenta.

A diversidade e os desafios no ensino superior brasileiro são refletidos na faixa etária dos docentes universitários. Conforme o Censo da Educação Superior do Brasil de 2022 (Brasil, 2022), predomina de 40 a 60 anos entre os professores, indicando uma força de trabalho experiente. Pelo censo, há uma presença reduzida de docentes mais jovens, abaixo dos 30 anos, possivelmente devido a desafios na carreira acadêmica, como a necessidade de títulos avançados e a escassez de concursos públicos em determinadas áreas.

Além disso, o censo também aponta um aumento de professores com mais de 60 anos, muitos dos quais continuam contribuindo ativamente com a sua vasta experiência. Esse cenário está ligado também às alterações na legislação da aposentadoria, que prolongaram a permanência no mercado de trabalho a partir de estímulos remuneratórios.

Esse perfil etário chama a atenção para a necessidade de políticas públicas que incentivem tanto a entrada de talentos jovens na academia quanto o apoio a esses docentes mais experientes, assegurando a continuidade da excelência no ensino superior brasileiro.

De maneira interessante e comparativa, trazemos à baila o que Almeida, Costa e Cardoso (2022) verificaram entre os docentes de uma instituição privada do sudoeste da Bahia. Eles encontraram uma média de idade de 34,44 anos, com idade mínima de 24 e máxima de 46 anos. O que nos chama a

atenção nesse comparativo é que parece que a força de trabalho de docentes mais jovens pode ser a preferida para ser predominante pelas instituições privadas.

Em relação à quantidade de filhos por docente, reportada e disposta na mesma tabela acima, considerando uma média, temos um valor aproximado pouco maior do que o de 1 filho por docente, sendo, contudo, possível perceber que cerca de um terço dos docentes da amostra não tem filhos.

A relação entre a docência no ensino superior e a quantidade de filhos dos docentes é um tema que pode ser analisado sob diferentes perspectivas, como a influência da carga de trabalho, das jornadas acadêmicas e da conciliação entre vida profissional e pessoal. Docentes mais jovens ou em início de carreira podem ter optado por adiar ou reduzir o número de filhos para priorizar a conclusão de doutorados, pós-doutorados e a consolidação na profissão. Já docentes em estágios mais avançados da carreira tendem a ter maior estabilidade e podem equilibrar melhor essas dimensões intersectas.

Outra perspectiva relaciona, por exemplo, a quantidade de filhos à carga de trabalho no ensino superior, que inclui aulas, pesquisa, extensão e atividades administrativas, e, assim, esse pode ser um fator com potencial de influenciar as decisões. Cabe aqui um breve comparativo neste momento. Segundo o estudo de Almeida et al. (2022a), 41,7% dos docentes de um município da Bahia não possuíam filhos e 64,6% possuíam companheiro(a)s.

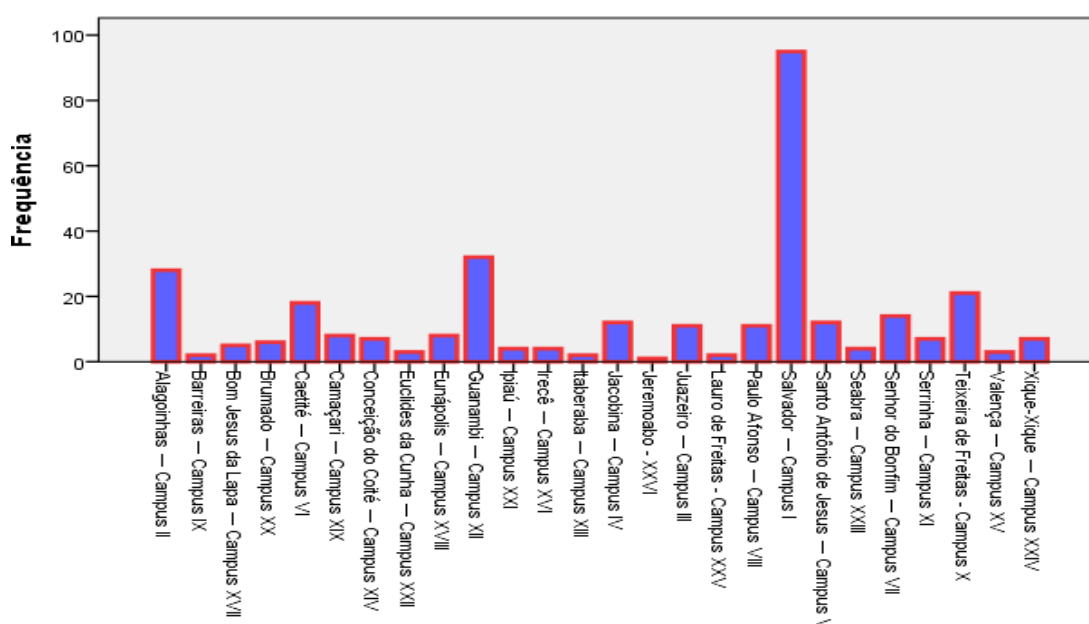
No mesmo sentido do anteriormente comentado, poderemos correlacionar a conjugalidade dos docentes. De maneira simples, podemos afirmar que a maioria dos docentes vive com companheiro(a).

Santos (2015) analisa a relação entre trabalho e família a partir de dois tipos de discursos: o da complementaridade e o da subalternização dos papéis. No discurso da complementaridade, tanto a profissão quanto a família são valorizadas pelo docente, sendo consideradas igualmente relevantes, sem uma hierarquia entre elas. A importância de cada esfera se alterna conforme o contexto, em uma relação de equilíbrio.

Já no discurso da subalternização, observa-se uma priorização exclusiva de uma dessas dimensões. Quando o trabalho é colocado em primeiro plano, a vida pessoal e familiar tende a ser negligenciada, pois o trabalho é percebido como fonte de prazer e missão de vida. Em contrapartida, quando a prioridade é dada à família, o trabalho se torna secundário, sendo menos valorizado em função da centralidade atribuída à vida familiar (Santos, 2015). Contudo, afirmam Frone, Yardley e Markel (1997), situações e demandas familiares interferem no trabalho e assim o desempenho tende a diminuir quando é o caso. Enfim, uma questão complexa e variável, mas que preocupa quando se pensa a questão no contexto do chamado “capitalismo dos afetos”²⁰.

Avançando na análise intrínseca das categorias partimos então para os dados de características profissionais. Importante frisar nesse momento que o Estado da Bahia possui quatro distintas universidades estaduais, sendo que a UNEB possui maior estrutura e maior presença territorial com 27 campi e 31 departamentos.

Gráfico 6- Distribuição da Frequência de Entrevistados por Campus da UNEB



Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

²⁰ Para Illouz (2011), os afetos compõem uma das dimensões motivacionais da ação. Eles são como uma “energia interna” impulsionadora do agir, e que, na prática, se entrelaçam com significados e padrões culturais, relações sociais e instituições. É por essa razão que os afetos, segundo Illouz, podem iluminar aspectos pouco explorados da modernidade e da organização do capitalismo.

O gráfico acima demonstra a distribuição da frequência dos entrevistados na pesquisa em relação aos municípios baianos onde a UNEB está presente. Entretanto o presente estudo não avança em especificidades correlacionais deste aspecto territorial para não adensar a leitura e assim dissipar a sua intenção primordial. Determinação já proposta para a continuidade de estudos de pós-doutoramento.

Prosseguindo nessas luzes temos a tabela 2 abaixo que apresenta a caracterização profissional dos 327 docentes entrevistados (n=327), oferecendo um panorama detalhado sobre sua formação, atuação, vínculos de trabalho e condições de exercício da docência no ensino superior. A análise dos dados traz aspectos relevantes sobre o perfil desses profissionais. Vejamos.

Tabela 2- Caracterização Profissional dos Entrevistados (N=327)

Categorias	Frequência	Percentual
Área de Formação		
Humanas	130	39,8
Saúde	54	16,5
Linguagens	42	12,8
Exatas	20	6,1
Biológicas	27	8,3
Natureza	11	3,4
Sociais	43	13,1
Nível de Formação		
Especialização	6	1,8
Mestrado	98	30
Doutorado	173	52,9
Pós-Doutorado	50	15,3
Atuação na Docência Universitária		
1 a 10 anos	48	14,7
11 a 20 anos	126	38,5
21 a 30 anos	124	37,9
31 a 40 anos	29	8,9
Vínculos de Trabalho com IES		
Dedicação Exclusiva	302	92,4
2 IES	21	6,4
3 IES	1	0,3
Mais do que 3 IES	3	0,9
Graduação que atua		
Licenciatura	161	49,2
Bacharelado	123	37,6
Ambos	43	13,2
Trabalha na Pós-Graduação		
Não	174	53,2
Lato Sensu	57	17,4
Stricto Sensu	90	27,5
Ambas	6	1,9

Tempo de Docência na Uneb			
0 a 10 anos	77	23,5	
11 a 20 anos		143	43,7
21 a 30 anos	90	27,5	
31 a 40 anos	17	5,3	
Reside no mesmo Município do Vínculo			
Não	140	42,8	
Sim		187	57,2
Colaboração em outro Campus			
Não		253	77,4
Sim	74	22,6	
Distância para Colaboração			
0 a 20 KM		189	57,8
21 a 100 KM	47	14,4	
101 a 200 KM	46	14,1	
201 a 300 KM	19	5,8	
Acima de 300KM	26	7,9	
Associação ao Sindicato			
Não	126	38,5	
Sim		201	61,5
Ativo na Luta Sindical			
Não	68	20,8	
Sim		259	79,2
Conhece Políticas de Valorização Docente			
Não	38	11,6	
Sim		289	88,4
Coerência da Disciplina com a Formação			
Não	6	1,8	
Sim		321	98,2
Tempo da última formação continuada			
0 a 5 anos		199	60,9
6 a 10 anos	66	20,2	
11 a 15 anos	34	10,4	
Acima de 15 anos	28	8,5	
Instituição da Formação Continuada			
Combinações	19	5,8	
Pública presencial		264	80,7
Pública a distância	11	3,4	
Privada presencial	29	8,9	
Privada a distância	4	1,2	

Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

Esta caracterização profissional dos entrevistados revela um grupo altamente qualificado, com predominância de doutores e pós-doutores e com uma experiência importante no ensino superior, o que indica tratar-se de um grupo com conhecimento consolidado na instituição. Ainda pelos dados da tabela acima, fica constatado que a maioria dos docentes atua em cursos de licenciatura, tem formação na área das Ciências Humanas, com dedicação

exclusiva a uma única instituição e residindo no mesmo município onde trabalha. Isso reflete a importância dada à formação de professores na UNEB.

Comparando com estudos no setor privado e, em contrapartida, temos, por exemplo, Almeida, Costa e Cardoso (2022), que pesquisaram docentes universitários da área da saúde de uma instituição privada no sudoeste da Bahia e verificaram que 53,3% dos docentes possuem especialização, 43,3% mestrado e apenas 3,3% possuem doutorado. Segundo esses autores, 96,7% dos pesquisados possuem formação na área de atuação e cerca de 80% não possuem nenhuma especialização na área da Educação. Isso representa uma significativa diferença de capacitação docente contratada pela instituição privada e que, possivelmente, possa estar atrelada à opção por menores custos no processo educativo.

Sobre a experiência docente, Ferreira (2014) ensina que a carreira desses sujeitos pode ser analisada por fases, de acordo com o tempo e características comumente vivenciadas (iniciação, estabilização, variação, examinação, serenidade e finalização). Pela pesquisa desta tese, quase metade dos docentes encontra-se na fase de finalização (20–25 anos de carreira), e a segunda maior concentração ocorreu na fase de variação (8–15 anos de carreira).

Segundo a última autora mencionada, o fim da carreira docente é marcado por desinvestimento, saturação e desencanto para alguns, enquanto outros experimentam uma renovação de interesse. Ainda conforme a autora, o período da variação indica experiências diversas, com alternância entre aspectos positivos e negativos, em que há uma busca por crescimento profissional e valorização, mas também surgem rotina, cansaço e saturação.

No período de finalização, as(os) docentes podem tanto reduzir o engajamento, comprometendo o ensino e a motivação, quanto renovar o interesse, investindo em práticas e projetos que beneficiem a instituição e seu próprio bem-estar. Já na fase de variação, a alternância entre experiências positivas e negativas, conforme descrito por Ferreira (2014), pode gerar uma sobrecarga emocional, devido à busca por crescimento profissional e à luta

contra a rotina e o cansaço. Essa instabilidade pode impactar a saúde física e mental.

Assim, torna-se evidente a importância de estratégias institucionais voltadas ao aprofundamento dos estudos, à promoção da saúde docente e ao suporte profissional, principalmente porque os dados revelam prevalência dos docentes nos momentos críticos das fases da carreira. Nesse sentido, também se observa, a partir da tabela acima, que há entre os docentes uma prevalência de formação na área de Ciências Humanas, um alto nível de engajamento sindical e de conhecimento sobre políticas de valorização docente, demonstrando elementos para uma busca ativa por melhorias nas condições de trabalho. Para Masetto (2020), a docência no ensino superior bem-sucedida depende da superação do isolacionismo das salas de aula e das disciplinas, adquiridas a partir de uma clara percepção sobre a valorização de todos os componentes do projeto pedagógico dos cursos.

Desafios identificados, como o deslocamento para outros campi e a sobrecarga de trabalho para aqueles que atuam em mais de uma instituição, precisam ser considerados quanto à promoção da QV e do bem-estar desses profissionais, aspectos já discutidos anteriormente. Por outro lado, os estímulos à formação continuada e a coerência entre formação e atuação são pontos fortes que contribuem para a excelência do trabalho docente na UNEB.

Se nos cursos de licenciatura formam-se profissionais para o magistério na Educação Básica, de acordo com a legislação nacional vigente, para o ensino superior esse mister ficaria a cargo dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, ou seja, em programas de mestrado e doutorado (Brasil, 1996). Entretanto, o que se observa no Brasil, assim como em outros países, é que os mestrados e os doutorados acadêmicos, de maneira geral, não têm como foco a formação docente; eles trabalham melhor a formação de pesquisadores (Pimenta; Anastasiou, 2002).

Nesse momento, importa destacar o trabalho de Forte e Ângelo (2022), que, ao analisarem os cursos de pós-graduação de duas universidades públicas, demonstram a posição assumida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), sob a coordenação de

2017 a 2020: “A Capes e a avaliação dos PPGDs: a formação para a pesquisa em primeiro lugar e a formação inicial de professores em lugar nenhum” (Forte; Ângelo, 2022, p. 10).

Sigamos observando e discutindo mais resultados da categoria valorização docente. Vejamos a tabela abaixo.

Tabela 3- Apoio Institucional para a Formação Continuada (n=327)

Ocorrência	Não	Insuficiente	Parcialmente	Sim	Omissão
Apoio da IES para Licença de Formação Continuada					
Frequência	68	12	46	185	16
Percentual	20,80%	3,70%	14,10%	56,60%	4,80%
Conseguiu a Licença					
Frequência	86	2	25	184	30
Percentual	26,30%	0,60%	7,60%	56,30%	9,20%
A licença adquirida feriu o direito à aposentadoria na contagem dos anos					
Frequência	199	17	7	20	84
Percentual	60,90%	5,20%	2,10%	6,10%	25,70%
O salário foi reduzido por conta da licença					
Frequência	202	8	14	20	83
Percentual	61,80%	2,40%	4,30%	6,10%	25,40%
Tem tempo suficiente para os estudos					
Frequência	57	27	85	125	33
Percentual	17,40%	8,30%	26,00%	38,20%	10,10%
A Universidade oferece cursos para aperfeiçoar a formação					
Frequência	55	49	95	110	18
Percentual	16,80%	15,00%	29,10%	33,60%	5,50%

Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

No sentido do indicado, a tabela acima apresenta os dados sobre o apoio institucional oferecido aos docentes quanto à preocupação com sua formação continuada, destacando aspectos como licenças para estudo, impactos financeiros, disponibilidade de tempo e de recursos para capacitação. A análise dos resultados revela tanto avanços quanto desafios na política de formação continuada da instituição.

A maioria dos docentes (56,6%) afirmou que a instituição oferece apoio para licenças de formação continuada, o que demonstra um compromisso com a qualificação profissional. No entanto, 20,8% dos entrevistados relataram não receber apoio, e 3,7% consideram o apoio insuficiente. Isso indica que uma parcela significativa dos docentes enfrenta dificuldades para acessar esse

benefício. Outros 14,1% consideram o apoio parcial, sugerindo que há espaço para melhorias na política de licenças.

Prosseguindo a observação, temos que a maioria dos docentes (56,3%) conseguiu a licença para formação continuada, o que reflete uma política institucional que, em geral, facilita esse processo. No entanto, 26,3% dos entrevistados não conseguiram a licença, e 7,6% relataram que o acesso foi parcial. Esses dados apontam para barreiras burocráticas ou falta de recursos que impedem alguns docentes de usufruir desse direito ou, ainda, que é preciso apurar como foram assumidas e por quem foram assumidas as cargas horárias dos licenciados.

A maioria dos docentes (60,9%) afirmou que a licença não feriu o direito à aposentadoria na contagem dos anos de trabalho. No entanto, 6,1% relataram que houve prejuízo, o que pode desincentivar a busca por formação continuada. A maioria (61,8%) não teve o salário reduzido durante a licença, mas 6,1% relataram redução salarial, o que pode impactar negativamente a decisão de solicitar licenças.

Cavalcante e Schwertner (2021) investigaram docentes de uma instituição privada em um município do Ceará e buscaram respostas para os entraves da formação continuada desses docentes. Os pesquisados apontaram que os principais desafios para a formação continuada são: ausência de cursos *stricto sensu* em suas áreas de interesse na sua cidade de residência; alto valor monetário para cursar as pós-graduações e outros cursos, o que impossibilita conciliar a formação com a sala de aula e com as atividades familiares; ausência de incentivo financeiro e ausência de estabilidade. Ainda segundo os autores, os pesquisados apontaram como possíveis oportunidades para a formação continuada a busca por formações em outros espaços além dos cursos *stricto sensu*, como cursos de curta duração, participação em eventos, formações de professores e encontros pedagógicos.

Sobre o tempo disponível para estudos, apenas 38,2% dos docentes consideram que têm tempo suficiente para dedicar aos estudos, enquanto 26% afirmam que o tempo é parcialmente suficiente e 17,4% consideram insuficiente. Isso sugere que a sobrecarga de trabalho pode limitar a

capacidade de investir na formação continuada. A falta de tempo ocioso é um desafio significativo, especialmente para docentes que acumulam múltiplas funções ou têm carga horária extensa. A maior proporção dos docentes (33,6%) afirmou que a universidade oferece cursos para aperfeiçoamento, o que indica uma preocupação com a capacitação contínua. No entanto, 16,8% relataram que não há cursos disponíveis, e 15% consideram a oferta insuficiente. Isso aponta para a necessidade de enfoque nessa parcela, no sentido de diagnosticar, ampliando e diversificando as oportunidades de formação continuada.

Lima (2015) ensina que docentes em início de carreira ou recém-contratados pelas Instituições de Ensino Superior (IES) quase não encontram amparo institucional, contando basicamente com o apoio dos colegas de trabalho ou por meio auto comprometido. Esses docentes gostariam de receber uma formação continuada de curto prazo, como seminários e eventos.

Avançando na análise dos resultados da pesquisa, outra tabela abaixo apresenta dados aferidos sobre as motivações dos docentes para buscar a formação continuada, classificadas em níveis de importância.

Tabela 4- Motivações para a Formação Continuada (N=327)

	Sem Importância	Pouca Importância	Média Importância	Alta Importância	Omissão
Melhorias Salariais					
Frequência	14	17	58	232	6
Percentual	4,30%	5,20%	17,70%	71,0%	1,80%
Aperfeiçoamento na atuação da prática pedagógica					
Frequência	3	20	55	240	9
Percentual	0,90%	6,10%	16,80%	73,40%	2,80%
Novas metodologias de ensino					
Frequência	12	29	75	203	8
Percentual	3,70%	8,90%	22,90%	62,10%	2,40%
Atender as necessidades específicas do alunado					
Frequência	4	36	80	200	7
Percentual	1,20%	11,00%	24,50%	61,20%	2,10%
Exigências da instituição					
Frequência	74	82	108	54	9
Percentual	22,60%	25,10%	33,00%	16,50%	2,80%
Maiores oportunidades de atuação na educação					
Frequência	23	45	74	177	8
Percentual	7,00%	13,90%	22,60%	54,10%	2,40%
Assumir cargos específicos na instituição					
Frequência	119	95	69	38	6
Percentual	36,40%	29,10%	21,10%	11,60%	1,80%
Apreço pelos estudos					
Frequência	2	9	47	264	5
Percentual	0,60%	2,80%	14,40%	80,70%	1,50%

Atender as novas demandas sociais e políticas para o ensino					
Frequência	15	29	77	199	7
Percentual	4,60%	8,90%	23,50%	60,90%	2,10%
Crescimento teórico-científico na área de atuação					
Frequência	2	9	41	270	5
Percentual	0,60%	2,80%	12,50%	82,60%	1,50%
Valorização/reconhecimento profissional					
Frequência	10	25	58	228	6
Percentual	3,10%	7,60%	17,70%	69,80%	1,80%
Atualizar sobre conteúdos e perspectivas teóricas na área de atuação					
Frequência	3	13	51	255	5
Percentual	0,90%	4,00%	15,60%	78,00%	1,50%

Fonte: Dados da Pesquisa 2025

A maioria dos docentes (82,6%) considera o crescimento teórico-científico na área de atuação como uma motivação de alta importância, refletindo o compromisso com a atualização e a excelência acadêmica. O apreço pelo conhecimento também se destaca, com 80,7% dos entrevistados atribuindo alta importância a essa motivação.

Barbosa e Ursi (2019) realizaram uma pesquisa com o objetivo de identificar as motivações de professores (também chamados de “cursistas”) para participarem de um curso a distância sobre ensino de Biologia e verificaram como principais motivações aquelas relacionadas à ampliação de conhecimentos e do repertório de metodologias a serem utilizadas em sala de aula. Os pesquisados apontaram que a formação pessoal de seus alunos é a motivação predominante, e eles consideraram a modalidade a distância como mais motivadora que a presencial, justificando a flexibilidade de tempo proporcionada (Barbosa; Ursi, 2009). As autoras chamam a atenção para a necessidade de um olhar atento em relação aos cursos de formação continuada, visando que estes estejam mais próximos às expectativas dos professores.

Para 78% dos docentes pesquisados, atualizar-se sobre conteúdos e perspectivas teóricas é fundamental, o que reforça a busca por uma prática docente alinhada às tendências e inovações em suas áreas. A melhoria da prática pedagógica é uma motivação de alta importância para 73,4% dos docentes, indicando uma preocupação com a qualidade do ensino. Contudo, a busca por melhorias salariais também é relevante, com 71% dos entrevistados atribuindo alta importância a essa motivação. Para 69,8% dos docentes, o

reconhecimento profissional é uma motivação significativa, o que demonstra também a importância de políticas que valorizem a carreira docente.

Segundo Campos e Almeida (2019), o desenvolvimento profissional docente está profundamente associado à formação continuada, caracterizando-se como um processo dinâmico de reflexão crítica, problematização e busca por respostas aos desafios cotidianos enfrentados pelos professores em suas trajetórias pessoais e profissionais.

Para as autoras acima, nessa perspectiva, quando o educador assume sua prática como um constante devir formativo, ele se engaja em revisitar suas experiências, avaliar seus fundamentos teórico-metodológicos e reestruturar suas ações pedagógicas, permitindo não apenas a ressignificação de suas estratégias, mas também a contínua construção de sua identidade profissional.

Por outro lado, apenas 16,5% dos docentes pesquisados consideram as exigências institucionais como uma motivação de alta importância, enquanto 33% as classificam como de média importância e 25,1% como de pouca importância. Isso indica que a formação continuada pode ser vista mais como uma escolha pessoal do que como uma obrigação imposta pela instituição. Da mesma maneira, assumir cargos específicos na instituição tem baixa relevância para a maioria dos docentes pesquisados, com apenas 11,6% atribuindo alta importância e 36,4% considerando-a sem importância. Isso sugere que a busca por cargos específicos na UNEB não é um fator determinante para a formação continuada.

Na linha das relações prometidas, é possível expor mais o fenômeno capturado, de modo a ser aprofundadamente abstraído pelas categorias do método: a superestrutura, a alienação e a exploração do trabalhador. Vejamos que, conforme foi disposto nos pressupostos teóricos, é possível entender que a superestrutura (ideologia, cultura, educação) é moldada pela base material, mas que, uma vez erigida, ela pode influenciar também as próprias condições materiais.

Na linha das relações prometidas é possível expor mais o fenômeno capturado de modo a ser aprofundadamente abstraído pelas categorias do método: a superestrutura, a alienação e a exploração do trabalhador. Vejamos

que, conforme foi disposto nos pressupostos teóricos, é possível entender que a superestrutura (ideologia, cultura, educação) é moldada pela base material, mas que uma vez erigida, ela pode influenciar também as próprias condições materiais.

Buscando estender essa composição quanti-quali indissociável ao método, desempenharmos correlações estatísticas para as questões dispostas nos dois instrumentos utilizados e os resultados encontrados foram dispostos em tabela que pode ser encontrada para consulta no ANEXO 4 do presente trabalho, disposta em ordem decrescente de valores fortes (Correlações de Pearson²¹ e de Spearman fortes).

Nesta persecução, na pesquisa em tela por exemplo, a correlação de Pearson forte encontrada (0,693) entre a subcategoria “RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO (Novas metodologias de ensino)” e a “RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO (Atender novas demandas sociais e políticas)” demonstra que a busca por formação continuada está ligada também à necessidade de atender demandas sociais e políticas dos docentes.

Nesse aspecto, Figueira (2024) é quem estabelece um dialogo com a categoria fetiche do método Marxista. Ele ensina que essas novas ferramentas (as IA's generativas e as Plataformas de Aprendizado Virtual, por exemplo) estão intimamente embarcadas de atrativos mágicos e “uberizações²²”, que são em verdade bizarras tentativas de substituir o árduo trabalho docente pelas conduções que atendem as demandas das *big techs*²³.

Para o autor acima, por mais complexas e ágeis que sejam essas ferramentas, mesmo que o processo de ensino e de aprendizagem possa ser estruturado em etapas objetivas, ele nunca aí se encerraria, pois ele demanda

²¹ A Correlação de Pearson é o resultado de uma fórmula que mensura a linearidade ou o comportamento de sentido semelhante (positivo) ou divergente (negativo) entre variáveis (Leles; Moro; Dias, 2018).

²² Refere-se a uma plataforma global digital empresarial que propõe a pactuação entre motoristas e usuários com necessidades de serviço de transporte. Na prática trata-se de uma contratação precarizada caracterizada por uma terceirização informal sem garantias trabalhistas e sem jornada definida de trabalho. A empresa UBER conecta os sujeitos da relação e retém percentual sobre o serviço prestado.

²³ A expressão Big Techs é uma tradução para a língua inglesa de Grandes Companhias de Tecnologia. São exemplos de Big Techs o ChatGPT®, a Mega®, a Amazon®, a Google®, a Microsoft® etc.

necessariamente um diálogo com a categoria práxis do educador, esta que concretamente mobiliza a subjetividade, a sensibilidade, a responsabilidade e o bom senso crítico de acordo com cada realidade (Marx; Engels, 2010).

E o que tenta impor sobre a Educação essas novas metodologias como atualizações substitutivas ao trabalho docente? O que estimula o consumo desses novos produtos e quem cria esse novo mercado? Quais as consequências diretas e indiretas dessas novas metodologias para o docente trabalhador e para a sociedade?

Essa exposição reforça atualmente que está aumentada a necessidade da participação ética, tanto para aprender, quanto para ensinar. Se o pensamento lógico-formal cabe às máquinas que são binárias e com a programação fechada, logo, a teoria matemática não alcançaria a totalidade dos fenômenos da comunicação no campo educacional (Figueira, 2024). Trata-se de fetichismo, um produto que a sociedade não pode validar como sublimação, como um modo educacional pleno, pois que, é burla ao aberto metabolismo crítico social que é promovido pelo campo da Educação.

Vejamos mais relações entre as subcategorias e suas exposições as do método. A pesquisa revelou também uma correlação forte (0,690) entre “RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO (Crescimento teórico-científico)” e “RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO (Atualizar sobre conteúdos e perspectivas teóricas)”. Pode-se demonstrar a partir dela que a atualização teórica está associada ao crescimento profissional. Desta forma interpretamos que a formação continuada na busca por atualização teórica reflete-se pela internalização de uma ideologia que valoriza a produtividade e a meritocracia, adaptações às demandas do sistema capitalista, reforçando que há um contexto de superestrutural pelo produtivismo. Continuamos na seara das subcategorias da Valorização Docente, observando e discutindo em sequência outros dados capturados dispostos na tabela abaixo.

Tabela 5 – Vínculo de Trabalho e Plano de Carreira

Categoria	Opções	Frequência	Percentual
	Concursado Efetivo	300	91,7%
Tipo de Vínculo	REDA (Regime Especial de Direito Adm.)	26	8,0%
	Omissão	1	0,3%

Categoria	Opções	Frequência	Percentual
Carga Horária	20h	6	1,8%
	40h	93	28,4%
	40h Dedicção Exclusiva	217	66,4%
	60h	11	3,4%
Possibilidade de Ascensão	Não	20	6,1%
	Sim	307	93,9%
Plano de Ascensão na Carreira	Não	20	6,1%
	Sim	307	93,9%
Progressão na Carreira Critérios			
Apenas para a Qualificação Profissional		216	66,1%
Qualificação Profissional + Avaliações		34	10,4%
Apenas para Avaliações		18	5,5%
Qualificação Profissional + Premiações/Bonificações		12	3,7%
Qualificação Profissional, Avaliações + Premiações		8	2,4%
Apenas pelo Plano de Carreira		5	1,5%
Qualificação Profissional + Produtividade		4	1,2%
Qualificação Profissional + Plano de Carreira		4	1,2%
Outros (Dedicção exclusiva, Publicações, Boa vontade do Governador etc.)		8	2,4%
Respostas neutras/indefinidas ou omissão (Não se aplica, Nenhum)		18	5,5%

Fonte: Dados da Pesquisa 2024

Nota: A categoria “Respostas neutras/indefinidas ou omissão” reúne participantes que não responderam à questão ou indicaram alternativas não classificáveis.

Como apontado, temos acima, a partir da tabela acima, dados da pesquisa sobre o vínculo de trabalho, carga horária, possibilidade de ascensão na carreira e critérios desejados para progressão na carreira dos docentes, servidores públicos, com base nas respostas coletadas. A grande maioria dos respondentes (91,7%) possui vínculo efetivo, o que indica estabilidade no emprego e conformidade com o regime estatutário.

A predominância de vínculos efetivos reflete uma força de trabalho estável, o que pode ser positivo para a continuidade das atividades institucionais. No entanto, por menor que seja, a presença de REDA (Regime Especial de Direito Administrativo) pode indicar a existência de contratações temporárias ou flexíveis, o que pode ser um ponto de atenção em termos de garantias trabalhistas.

A maioria dos respondentes (66,4%) trabalha em regime de dedicação exclusiva, o que sugere um comprometimento integral com a instituição. Uma parcela menor, porém, significativa, cumpre carga horária padrão, mas sem a exigência de dedicação exclusiva (28,4%). Docentes com 20 e 60 horas são

minorias (1,8% e 3,4%, respectivamente), possivelmente representando casos específicos ou regimes diferenciados. A predominância de dedicação exclusiva pode ser um indicativo de uma cultura organizacional que valoriza o comprometimento total, mas também pode refletir e esconder uma carga de trabalho elevada e, conseqüentemente, uma pior QV.

Em contrapartida, Gemelli e Closs (2023, p. 357), ao realizarem uma pesquisa sobre a precarização do trabalho docente de ensino superior de instituições privadas das regiões sul e sudeste do Brasil, verificaram que apenas 18,3% dos docentes pesquisados possuíam vínculo de trabalho de tempo integral e confirmaram a essência de que “[...] o tipo de vínculo/contrato de trabalho afeta significativamente a percepção do grau de precarização do trabalho docente no ensino superior privado”. Segundo as autoras, “inferiu-se que docentes com vínculo de trabalho como horistas percebem seu trabalho como mais precarizado em relação a docentes com vínculo de trabalho em tempo integral” (p.357).

A esmagadora maioria dos docentes (93,9%) afirma que há possibilidade de ascensão na carreira. O alto percentual de respostas positivas sugere que a instituição oferece oportunidades de crescimento profissional, o que pode ser um fator motivacional para os servidores. No entanto, é importante investigar os motivos pelos quais 6,1% não veem essa possibilidade, pois podem indicar barreiras ou insatisfações específicas.

A maioria dos docentes (66,1%) pesquisados aponta a qualificação profissional como o principal critério para progressão na carreira, mas há uma variedade de critérios adicionais apontados, como premiações, produtividade e plano de carreira, mas com percentuais menores (entre 1,2% e 3,7%).

Para Lyotard (2011), o prêmio/bonificação esconde intenções administrativas que fazem os indivíduos aderirem ao que o sistema precisa para que opere satisfatoriamente. O próprio professor se culpa, torna-se dócil, é uma camuflagem da intenção de disciplinar e controlar. A ênfase na qualificação profissional como critério principal reflete uma valorização da formação e do desenvolvimento técnico.

Portanto, a diversidade de critérios mencionados pode indicar uma falta de padronização ou clareza sobre os requisitos para progressão. A inclusão de critérios como premiações e produtividade pode gerar competitividade excessiva ou subjetividade.

De maneira geral, aparentemente, as respostas nos fazem supor um cenário predominantemente positivo, com uma força de trabalho estável e oportunidades de crescimento. No entanto, há pontos de atenção, como a carga horária elevada que merece ser revisada²⁴ para garantir um ambiente de trabalho mais justo, equilibrado e motivador. Vejamos outros dados.

Tabela 6- Realização profissional

Percepção	Frequência	Percentual
Sentimento de Realização Profissional		
Não	8	2,4%
Pouco	40	12,2%
Médio	135	41,3%
Alto	144	44,0%
Desejo de Desistir da Profissão		
Não	199	60,9%
Pouco	65	19,9%
Médio	38	11,6%
Alto	25	7,6%
Desistiria da Profissão Se Oportuno		
Não	204	62,4%
Pouco	59	18,0%
Médio	39	11,9%
Alto	25	7,6%
Recomendaria a Profissão		
Não	21	6,4%
Pouco	49	15,0%
Médio	109	33,3%
Alto	148	45,3%
Sente-se Responsabilizado pelo Sucesso ou Fracasso dos Alunos		
Não	53	16,2%
Pouco	89	27,2%
Médio	134	41,0%
Alto	51	15,6%

²⁴ Após sete anos de disputa, o Supremo Tribunal Federal (STF) por meio de recurso extraordinário declarou trânsito em julgado do ARE nº 1573851. A disputa judicial movida pelo movimento docente foi contra lei estadual promulgada proposta pelo Governo da Bahia que aumentava a carga horária mínima em sala de aula para docentes do magistério superior estadual em regime de dedicação exclusiva de 8 para 12 horas. Restou consolidada a vitória da docência superior baiana ao invalidar tal aumento (ADUSB,2026)

Considera a sua Carreira Atrativa		
Não	39	11,9%
Pouco	109	33,3%
Médio	113	34,6%
Alto	66	20,2%
Sente culpabilidade pelos resultados da Educação		
Não	163	49,8%
Pouco	106	32,4%
Médio	48	14,7%
Alto	10	3,1%
Considera a Profissão Valorizada		
Não	154	47,1%
Pouco	123	37,6%
Médio	44	13,5%
Alto	6	1,8%
Cansaço Emocional com o Trabalho		
Não	38	11,6%
Pouco	98	30,0%
Médio	85	26,0%
Alto	106	32,4%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A tabela acima trata da percepção sobre a realização profissional dos docentes pesquisados. Nesse sentido, a maioria dos respondentes (85,3%) sente um nível médio ou alto de realização profissional, o que é um indicador positivo.

A maioria (60,9%) não deseja desistir da profissão, mas 19,9% sentem pouco desejo e 7,6% têm um desejo alto de desistir, o que pode refletir frustração ou desgaste dessa parcela menor, mas importante da amostra. Temos também que 45,3% dos docentes recomendariam a profissão com um nível alto, enquanto 6,4% não a recomendariam. Isso sugere que, a profissão ainda é percebida como recomendável pela maioria, embora apenas uma parcela o faça com alto grau de convicção.

Dados interessantes e controversos também são revelados. Vejamos que 41,0% dos docentes sentem um nível médio de responsabilidade pela educação, enquanto 15,6% sentem um nível alto. Isso pode indicar uma carga emocional significativa relacionada ao desempenho dos alunos. Os dados revelam que 34,6% dos entrevistados consideram a carreira medianamente atrativa, mas 33,3% a consideram pouco atrativa, o que pode ser um ponto de atenção para a retenção de profissionais. Quase metade deles (49,8%) não sente culpabilidade, mas 32,4% sentem pouca culpabilidade, o que pode refletir a percepção de que os resultados educacionais dependem de múltiplos fatores.

Outro dado intrigante, também apresentado como controverso, é que a maioria (47,1%) não considera a profissão valorizada, o que pode ser um fator de desmotivação. Além disso, 32,4% dos docentes sentem um cansaço emocional alto, indicando um risco de *burnout* para uma parcela significativa dos profissionais.

Rowe e Bastos (2008) trazem importantes reflexões sobre plano de carreira, vínculos de trabalho e motivação na docência universitária, dando foco em conceitos como comprometimento e entrincheiramento. Para os autores, comprometimento implica identificação e afetividade que conduzem ao desejo de permanecer na carreira; o entrincheiramento consiste na persistência na mesma linha de ação profissional por falta de opções de carreira, perda de investimentos já realizados ou percepção de uma consequência emocional muito alta em caso de mudança.

A pesquisa dos autores da citação acima evidencia que, no ensino superior, o plano de carreira e os vínculos de trabalho estão profundamente entrelaçados com fatores motivacionais. Para esses pesquisadores, a ausência de políticas claras e promissoras de ascensão, somada à exigência por titulações elevadas, contribui para um cenário em que muitos docentes se sentem “entrincheirados”, mantendo-se na carreira não por escolha, mas por falta de alternativas viáveis.

Ainda neste contexto, Elias e Navarro (2019, p. 61) refletem sobre a atuação do docente no ensino superior e pontuam “[...] que, no exercício da docência no ensino superior privado, consolida-se a ideia de que quem está empregado deve suportar as adversidades a qualquer custo”. Nesse ínterim, valendo-se também da estatística correlacional, agora de Spearman²⁵, encontramos esta correlação forte positiva entre DESEJO DE DESISTIR DA PROFISSÃO e DESISTIRIA SE TIVESSE OPORTUNIDADE ($p = 0,72$). Mesmo que seja uma menor parcela percentual da amostra, a correlação demonstra um forte indicativo da presença de esgotamento no trabalho ou da síndrome de

²⁵ A correlação de Spearman mede se duas variáveis aumentam ou diminuem juntas, considerando apenas a ordem dos valores. Utilizada nas ciencias sociais ela avalia o grau de relação monotônica entre variáveis a partir de seus postos (ranks) em vez dos valores brutos (Field, 2018)

burnout (Cancian, 2020). Um exemplo do que é uma realidade aparente e do que é a realidade concreta alcançada por abstração das categorias valorização e suas relações com a categoria adoecimento, exatamente como o método de interpretação propõe.

Nota-se que as mesmas autoras seguem chamando a atenção, em seu trabalho, para a forma perversa com que as instituições de ensino superior privadas podem induzir a intensificação das atividades e submeter os trabalhadores a uma condição de servidão alienada. Sigamos capturando a categoria valorização.

Tabela 07 – Renda Familiar e Relações Salariais

Categoria	Opções	Frequência	Percentual
Posição na Renda da Família	Complementar	68	20,8%
	Principal	153	46,8%
	Única	106	32,4%
Média Salarial Líquida Mensal (Salários-Mínimos)	Um	1	0,3%
	Dois	4	1,2%
	Três	14	4,3%
	Quatro	42	12,8%
	Cinco	56	17,1%
	Acima de Cinco	210	64,3%
Atraso Salarial	Parcialmente	8	2,4%
	Não	319	97,6%
	Não	19	5,8%
Formação e Titulação Acadêmica para Aumento Salarial	Insuficiente	10	3,1%
	Parcialmente	29	8,9%
	Sim	269	82,2%
	Não	42	12,8%
Tempo de Serviço como Fator de Aumento Salarial	Insuficiente	22	6,7%
	Parcialmente	51	15,6%
	Sim	212	64,9%
	Não	21	6,4%
Salário por Níveis de Formação	Insuficiente	7	2,1%
	Parcialmente	10	3,1%
	Sim	289	88,4%
	Não	191	58,4%
Bonificação por Desempenho	Insuficiente	34	10,4%
	Parcialmente	44	13,5%
	Sim	58	17,7%
	Não	152	46,5%
Satisfação com o Salário	Insuficiente	46	14,1%
	Parcialmente	104	31,8%
	Sim	25	7,6%
	Não	100	30,6%
Salário Atende Necessidades Essenciais	Insuficiente	57	17,4%
	Parcialmente	121	37,0%
	Sim	49	15,0%

Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

Em relação à renda e às relações salariais (tabela acima) obtidas pelo trabalho na UNEB, esta é a principal (46,8%) ou única (32,4%) fonte de renda da família para a maioria dos respondentes (79,2%), o que indica uma grande

responsabilidade financeira. Apenas para uma parcela menor (20,8%) o salário obtido na UNEB contribui de forma complementar para a renda familiar.

A maioria dos respondentes recebe mais de cinco salários-mínimos; contudo, uma minoria (18,6%) recebe menos de cinco salários-mínimos, o que pode ser um ponto de atenção para políticas de valorização salarial. Quase todos os respondentes não enfrentam atrasos salariais, o que é um indicador positivo para o planejamento financeiro.

Uma expressiva maioria (82,2%) acredita que a formação e a titulação acadêmica são fatores importantes para aumento salarial e reconhece (64,9%) o tempo de serviço como um fator relevante para aumento salarial. A maioria (58,4%) não recebe bonificação por desempenho; contudo, outra parcela menor recebe bonificações. Esse sistema de premiação por produtividade pode ser um dado falsamente percebido como positivo, como indica o alegado abaixo:

Essa política de gestão do trabalho docente pode também modificar o modo como o professor vê os seus pares, sabotando as relações interpessoais e incentivando a competição interna do grupo, onde um começa a controlar o outro, tanto no sentido da produtividade quanto no sentido do absenteísmo. Se alguém falha ou falta, a produtividade cai e a coletividade perde o prêmio. Tudo o que possa representar queda na produtividade é passível de pressão coletiva. Nesse sentido, as relações se tornam minadas e valores como companheirismo, confiança, solidariedade e ética profissional se veem ameaçados pela sedução do prêmio. Muitas vezes, por medo da pressão ou por necessidade financeira, o professor pode acabar renunciando até mesmo a direitos como licenças para tratamento de saúde (Evangelista; Valentim, 2013, p. 1010).

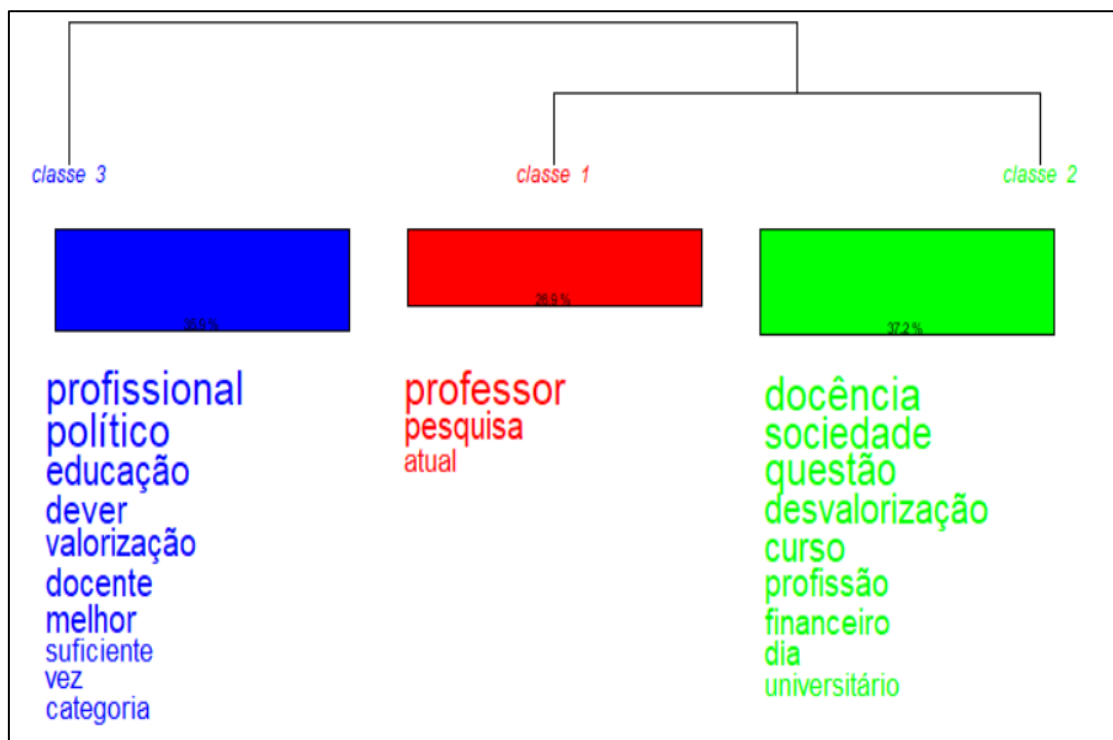
Fato é que, a maior proporção (46,5%) dos respondentes não está declaradamente satisfeita com o salário, sendo que 85% considera que o salário atende apenas parcialmente ou não atende às necessidades essenciais. Esses dados sugerem a necessidade de revisão das políticas salariais e de incentivos para melhorar a satisfação e o bem-estar dos trabalhadores.

Nesse contexto, Lima, Vieira e Leal (2024) chamam a atenção para a questão de que a valorização do docente vai além da remuneração justa, envolvendo aspectos como reconhecimento social, oportunidades de crescimento profissional e melhores condições de trabalho. Para Evangelista e Valentim (2013), os professores têm sido apontados por muitos como responsáveis pelo sucesso ou pelo fracasso da Educação Superior no Brasil, sem que, de fato, se entenda que a sobrevivência mais básica desses docentes parece estar cada dia mais ameaçada por salários pífios, para muitos, única fonte de renda e, portanto, insuficientes para garantir os meios necessários à manutenção de condições mínimas de vida.

Aqui se encontram indícios de que esse mecanismo de culpabilização injusta, associado ao receio quanto à subsistência material familiar, constitui elementos dialéticos para o adoecimento docente que embasam esta tese. Sigamos, reservando a possibilidade desse fechamento a partir de maiores determinantes intrínsecos das categorias e subcategorias do fenômeno e do método. Quando entrevistados abertamente sobre a percepção de sua valorização e remuneração, os discursos foram confluentes. Embora apenas 105 (32,1%) e 176 (53,8%) dos 327 participantes da pesquisa tenham se disposto a escrever sobre os temas, respectivamente, a análise qualitativa dos discursos capturados na pesquisa, com o uso do software IRAMUTEQ (versão 0.8), mostrou-se compatível com os dados quantitativos.

Essa análise obteve classes de UCE (Unidades de Contexto Elementares) que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si e vocabulário diferente das UCE das outras classes. O software fornece uma forma de apresentação dos resultados por meio de uma análise fatorial de correspondência, feita a partir da CHD (Classificação Hierárquica Descendente ou análise pós-fatorial), que representa, em um plano cartesiano, as diferentes palavras e variáveis associadas a cada uma das classes. Assim, em relação à valorização e, especificamente nela, à sua subcategoria da remuneração docente, os dendrogramas abaixo demonstram as classes da CHD primárias e derivadas, como passamos a observar.

Figura 3 – Dendrograma sobre narrativa genérica de valorização docente



Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

Este primeiro dendrograma apresentado é uma representação visual de um agrupamento hierárquico de discursos abertos sobre a valorização docente, em que as palavras ou termos são agrupados contextualmente com base em sua similaridade. Analisando as classes e os termos associados a cada uma delas, temos que: a Classe 3 é apresentada pelo software como fundante e relaciona a valorização docente à importância da educação como um todo. A palavra "político" indica a discussão relacionada a ações governamentais (políticas públicas) de valorização do docente para melhoria da educação.

A Classe 1 é derivada da anterior e está mais focada na figura do professor pesquisador. Nela, está exposto um enfoque da valorização da atividade acadêmica e do papel do professor como pesquisador da contemporaneidade, ou seja, o discurso de um momento histórico de valorização do docente pela importância da pesquisa para a sociedade atual.

Já a Classe 2, também derivada da Classe 3, mas em mesmo nível de representação da Classe 1, aborda questões relacionadas à contradição encontrada na realidade. Os termos "desvalorização" e "financeiro" sugerem uma discussão sobre a falta de reconhecimento e sobre os desafios financeiros enfrentados pelos docentes. A materialidade se apresentou nesse discurso e foi relacionada à formação e ao desempenho da profissão docente como um fator condicionante.

Assim, temos, inicialmente, que o dendrograma acima reflete uma estrutura hierárquica em que as classes são agrupadas com base na similaridade dos termos e contextos. A Classe 3 parece apresentar a valorização por um papel político (superestrutural), a Classe 1 foca na importância da valorização do professor e da pesquisa para a sociedade, e a Classe 2 aborda questões que surgem como infraestruturais, determinantes e contraditórias, sendo a desvalorização ligada aos desafios financeiros para a docência no contexto universitário.

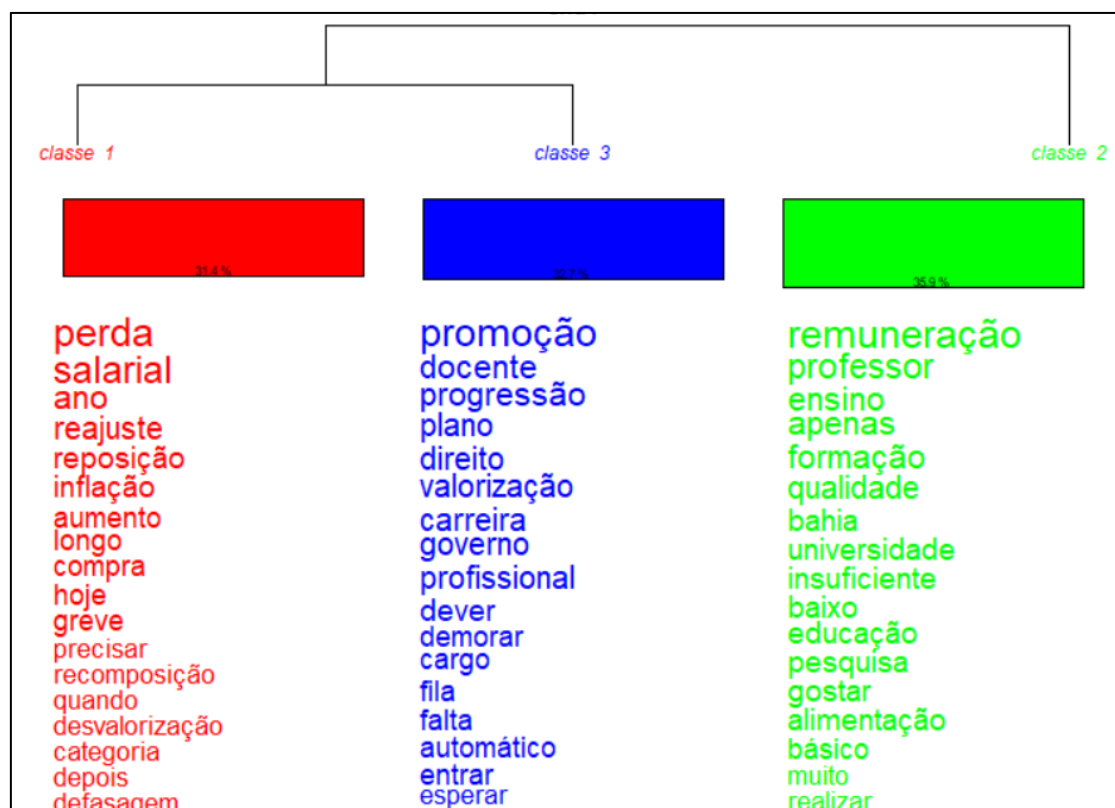
Essa análise sugere que há uma preocupação com a valorização dos professores no aspecto político, com elementos de que o aspecto financeiro está em mesmo nível infraestrutural que a ênfase dada à importância da docência para a pesquisa. Nesse sentido, o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior levantou, no ano de 2018, dados que revelaram que cerca de 60% dos professores do ensino superior percebem-se desvalorizados e pouco reconhecidos pela sociedade (ANDES-SN, 2018).

Ferreira (2021) discute e reforça a questão remuneratória como um dos elementos que configuram a possibilidade de avanço na perspectiva necessária da valorização docente:

[...] condições adequadas de trabalho, melhoria da remuneração, a formação docente, autonomia profissional, disponibilização de tempo adequado para planejamento pedagógico e estudos, disponibilização de materiais didáticos, condições de cuidados de si com foco na saúde física e mental e física, garantia de momentos de interação com os pares para promoção de aprendizagem coletiva e troca de saberes; redução do número de alunos por sala, implementação de planos de carreira, entre outros (Ferreira, 2021, p. 71).

A figura abaixo, por sua vez, corresponde ao dendrograma sobre o discurso de valorização docente a partir da remuneração.

Figura 4 – Valorização Docente pela Remuneração



Fonte: IRAMUTEC/Dados da Pesquisa (2024)

Neste caso, a Classe 2 é a camada originária fundante do discurso e contextualiza a remuneração em relação à qualidade do desempenho no ensino superior. A Classe 3 está derivada e representa a associação feita entre a remuneração e a carreira. Seus termos podem especificar o reconhecimento da necessidade de valorização relacionada ao desenvolvimento da carreira desses profissionais.

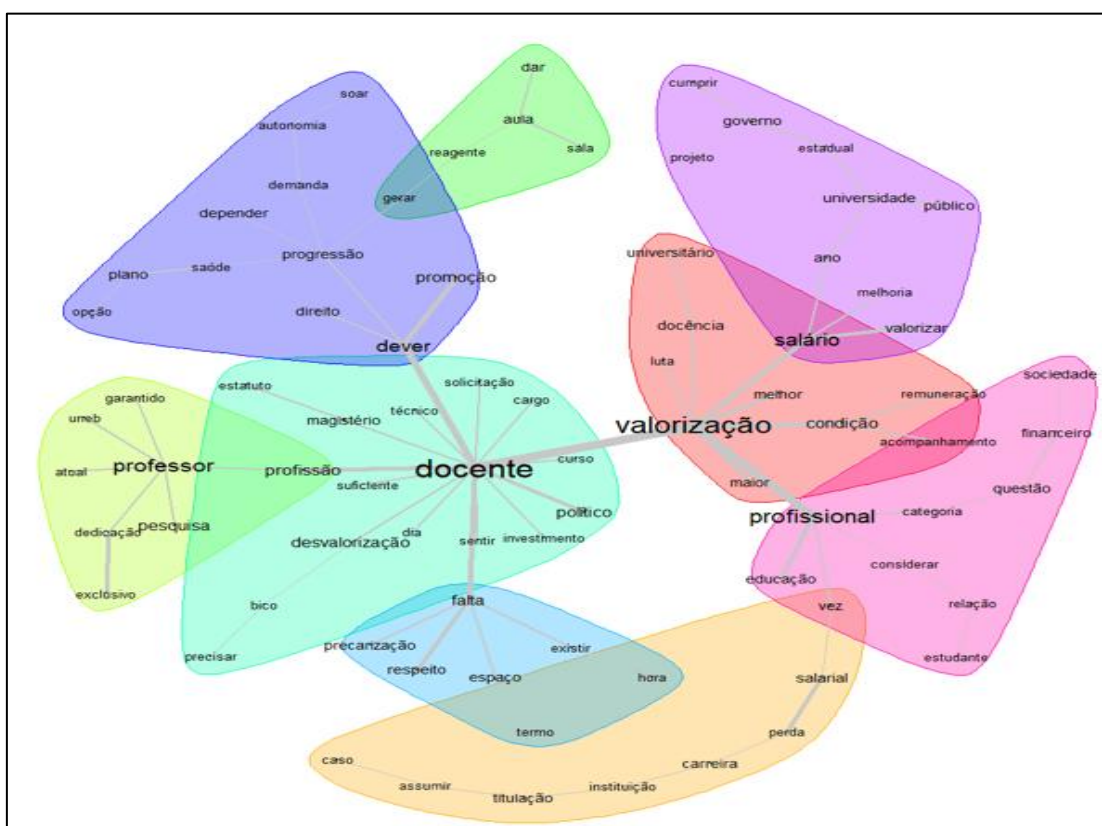
Quanto à Classe 1, também derivada da Classe 2, contextualiza a remuneração e a luta por justiça salarial. Essa classe revela que existe um desgaste contínuo do profissional entrevistado no sentido de corrigir as depleções inflacionárias sobre sua remuneração; ela também evidencia a dialética material posta na realidade quando estão nela aderidos os movimentos de greve da fração de classe em tela.

preocupações com a compensação financeira e com a manutenção do poder de compra dos professores. Sugere questões relacionadas ao desenvolvimento profissional, ao reconhecimento e ao avanço na carreira acadêmica, e reflete preocupações com as condições de trabalho e o bem-estar, destacando a importância da atividade acadêmica e da produção de conhecimento.

Termos como "insuficiente", "desrespeitoso", "grave" e "prejudicial" sugerem críticas ou desafios enfrentados no ambiente acadêmico e profissional. "Demorar", "conseguir" e "esperar" podem indicar frustrações com processos burocráticos ou lentidão em avanços. "Governo", "política" e "público" apontam para a influência de políticas públicas e governamentais na educação e na carreira docente. "Violência" e "forma" podem indicar questões mais amplas de segurança física e psicológica no ambiente de trabalho.

Desta feita, vejamos as análises do mesmo discurso, considerado agora por relações de similitude textual, a seguir.

Figura 7- Relações de Similitude Textuais sobre Valorização Docente



Fonte: Dados da pesquisa 2024

Essa ilustração de similitude acima está representando uma rede de conceitos interligados, focados na valorização das condições educacionais e profissionais, com um forte componente político e social. A imagem busca destacar as conexões entre esses temas para enfatizar a importância de investimentos e de políticas públicas adequadas.

As palavras "educação", "docência", "valorização" e "profissional" estão relacionadas à valorização dos profissionais da educação, sugerindo um movimento dialético pela valorização profissional, de "luta" ou de "esforço" por melhores salários e por políticas públicas que melhorem as condições de trabalho.

A seguir, a mesma análise com lupa na remuneração.

Figura 8 - Relações de Similitude sobre Remuneração Docente



Fonte: Dados da Pesquisa de 2024

A figura de similitude acima reflete os agrupamentos por proximidade temática e sugerem a relação entre eles, destacando que a interconexão das questões enfrentadas pelos docentes quanto a remuneração, e neste caso, trazendo evidentemente a perda salarial como elemento nuclear na percepção da temática de valorização docente. Esta percepção está em consonância com a filosofia marxista que pressupõe a dinâmica da exploração da classe e a apropriação de seu real valor (mais-valia). No quadro abaixo dispõem-se algumas das principais citações que foram enfáticas neste sentido.

Quadro 5- Citações dos Entrevistados Sobre Valorização e Remuneração

1.	"A UNEB não respeita o professor concursado."(P255) ²⁶
2.	"Estamos em greve para reajuste salarial que não temos há 09 anos." (P180)
3.	"No final, professor é gasto, não é investimento."(P229)
4.	"Me sinto oprimida por não estar conseguindo pagar as minhas contas." (P136)
5.	"Meu salário não condiz com meu nível de formação" (P174)

Fonte: Dados da Pesquisa 2024

Tabela 08 - Percepção de Valorização

Categoria e Subcategorias	Frequência	Percentual
Valorização		
Não	101	30,9
Insuficiente	81	24,8
Parcialmente	121	37
Sim	24	7,3
Políticas Suficientes para Valorização		
Não	143	43,7
Insuficiente	85	26
Parcialmente	92	28,1
Sim	7	2,2
Cumprimento de Políticas de Valorização		
Não	100	30,6
Insuficiente	97	29,7
Parcialmente	113	34,6
Sim	17	5,1
Sente Valorizado		
Não	137	41,9
Insuficiente	63	19,3
Parcialmente	106	32,4
Sim	21	6,4

Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

²⁶ O item P que antecede o número 255 referem-se respectivamente a posição do pesquisado por ordem de presença na pesquisa sem, contudo, o identificar nominalmente,

Retomando a disposição de dados por tabelas, a acima disposta revela que a percepção de valorização dos docentes entrevistados é baixa, com a maioria dos respondentes sentindo-se não valorizada (41,9%) ou parcialmente valorizada (32,4%). Pela pesquisa, há uma falha significativa nas políticas de valorização, com 43,7% afirmando que não há políticas suficientes e apenas 2,1% considerando-as suficientes.

O cumprimento das políticas também é questionável, com 30,6% afirmando que não há cumprimento e 34,6% considerando-o parcial. Apenas uma pequena parcela (6,4%) sente-se plenamente valorizada, indicando uma necessidade urgente de melhorias nas políticas e práticas de valorização. Esses dados sugerem que há um descompasso entre as expectativas e a realidade no que diz respeito à valorização, tanto em termos de políticas quanto de sua implementação. Isso pode impactar negativamente a motivação e o engajamento dos indivíduos, sendo necessário revisar e fortalecer as ações de valorização. As contradições devem revelar a essência do fenômeno.

De acordo com Casagrande (2020), o Plano Nacional de Educação (PNE), em suas metas 12, 13 e 14, apresenta diretrizes fundamentais para o avanço do ensino superior no país, com ênfase na expansão do acesso, na elevação da qualidade e na qualificação do corpo docente. No entanto, o documento demonstra uma omissão significativa ao não incluir, de forma explícita, estratégias concretas para a valorização dos professores da educação superior durante a vigência do decênio (2014–2024). Em vez disso, limita-se a estabelecer objetivos quantitativos, tais como: aumentar a taxa bruta de matrícula no ensino superior; melhorar os indicadores de qualidade da educação superior; ampliar o percentual de mestres e doutores no corpo docente em efetivo exercício; elevar progressivamente as matrículas em programas de pós-graduação (PPGD) *stricto sensu*.

Embora essas metas sejam relevantes para o desenvolvimento estrutural do sistema, a ausência de um eixo específico voltado à valorização profissional dos docentes universitários, seja em termos de condições de trabalho, remuneração digna ou reconhecimento social, revela uma lacuna

preocupante, especialmente em um contexto de crescentes desafios e desvalorização da carreira acadêmica.

Ainda segundo Casagrande (2020), a elevação do percentual de mestres e doutores no corpo docente configura-se como um fator potencial de qualificação profissional, constituindo-se como um dos eixos fundamentais para a efetiva valorização da carreira docente. Contudo, ao analisar a Meta 17 do Plano Nacional de Educação (PNE), que estabelece tal exigência prioritariamente para professores da educação básica, depreende-se uma premissa problemática: a de que a valorização dos docentes do ensino superior já estaria consolidada, não demandando, portanto, metas específicas para este segmento.

Essa suposição está particularmente contraditória no atual contexto de valorização da categoria, marcado por discursos que criminalizam a profissão docente universitária, acusando-a de suposto "privilégio" em relação à carga horária e à remuneração, sem considerar a complexidade inerente ao seu trabalho.

Nas capturas realizadas para a exposição do método, foram encontradas também essas relações de materialidade entre a do salário (remuneração pelo trabalho-força produtiva) e a da satisfação com a produção. Houve uma correlação de Pearson forte (0,535) entre as variáveis "SALÁRIO (Está satisfeito com o salário)" e "SATISFAÇÃO COM A CARREIRA (Recomendaria a profissão)", indicando que as forças produtivas influenciam a percepção subjetiva sobre a carreira docente. Essas condições materiais (salário-remuneração) determinam a satisfação e a disposição dos docentes em recomendar a profissão, mostrando como a base econômica influencia a superestrutura ideológica do campo educacional (percepções e valores dos docentes).

Segundo Forattini e Lucena (2015):

Os parâmetros que a sociedade capitalista estabeleceu para os formadores de ciências e educadores são os mesmos para os processos produtivos, ou seja, metas quantitativas, produtivismo atrelado à ascensão na carreira, avaliação de resultados como método de reconhecimento e remuneração

além de estrutura precária e massificada de políticas e práticas de ensino (Forattini; Lucena, 2015, p.33).

Bosi (2007) também discutiu a precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior brasileiras entre 1980 e 2005, relacionando-a ao processo de mercantilização da educação superior e identificando aspectos como o crescimento do contingente docente em condições contratuais precárias e a intensificação de critérios produtivistas nas IES públicas. Avançando na análise, temos os dados da tabela abaixo que se referem à Infraestrutura Institucional e permitem identificar a percepção dos respondentes sobre a qualidade e disponibilidade de diversos aspectos da infraestrutura em suas unidades.

Tabela 9- Infraestrutura Institucional

Categoria	Frequência	Percentual	Categoria	Frequência	Percentual
Saneamento Básico			Quadra Esportiva		
Insuficiente	11	3,4	Não	122	37,3
Parcialmente	28	8,6	Insuficiente	20	6,1
Sim	288	88	Parcialmente	25	7,6
Biblioteca			Sim	160	49
Insuficiente	17	5,2	Quadra Esportiva Coberta		
Parcialmente	16	4,9	Não	181	55,4
Sim	294	89,9	Insuficiente	11	3,4
Laboratório de Informática			Parcialmente	13	4,0
Não	8	2,4	Sim	122	37,2
Insuficiente	28	8,6	Local de Descanso de Alunos		
Parcialmente	35	10,7	Não	143	43,7
Sim	256	78,3	Insuficiente	56	17,5
Refeitório			Parcialmente	71	21,7
Não	164	50,2	Sim	57	17,4
Insuficiente	24	7,3	Goteiras na Sala de Aula		
Parcialmente	33	10,1	Não	233	71,3
Sim	106	32,4	Insuficiente	16	4,9
Água Potável			Parcialmente	34	10,4
Não	2	0,6	Sim	44	13,4
Insuficiente	10	3,1	Interferência de Barulhos		
Parcialmente	17	5,2	Não	142	43,4
Sim	298	91,1	Insuficiente	38	11,6
Climatização em Sala de Aula			Parcialmente	91	27,8
Não	3	0,9	Sim	56	17,2
Insuficiente	14	4,3	Carteiras Adequadas para Alunos		
Parcialmente	21	6,4	Não	23	7,0
Sim	289	88,4	Insuficiente	37	11,3
Energia Elétrica			Parcialmente	85	26,0
Não	2	0,6	Sim	182	55,7
Insuficiente	1	0,3	Cadeiras e Mesas adequadas para Professores		
Parcialmente	4	1,2	Não	27	8,3
Sim	320	97,9	Insuficiente	44	13,5
Sala de Professores			Parcialmente	108	33
Não	16	4,9	Sim	148	45,2
Insuficiente	27	8,3	Boa Iluminação		
Parcialmente	27	8,3	Não	11	3,4
Sim	257	78,6	Insuficiente	22	6,7
Sala de Diretores			Parcialmente	80	24,5
Não	1	0,3	Sim	214	65,4
Insuficiente	1	0,3	Boas Condições de Estrutura		
Parcialmente	2	0,6	Não	28	8,6
Sim	323	98,8	Insuficiente	31	9,5
			Parcialmente	147	45,0
			Sim	121	36,9

Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

Sobre energia elétrica (97,9%), sala de diretores (98,8%), água potável (91,1%) e climatização em sala de aula (88,4%), há respostas de grande satisfação. As bibliotecas (89,9%), os laboratórios de informática (78,3%), as salas de professores (78,6%) e a iluminação (65,4%) também são avaliados positivamente pelos docentes.

Contudo, as infraestruturas como refeitórios (50,2%) e quadras esportivas cobertas (55,4%) são itens com importante percentual de insatisfação. O local de descanso de alunos tem avaliações negativas em 43,7% e há relato da presença de goteiras na sala de aula em 28,7% das respostas, respectivamente. Interferências de barulho durante o trabalho são relatadas por apenas 17,2% dos entrevistados.

Essa análise sugere que, embora a infraestrutura básica esteja presente na maioria das instituições, há uma necessidade urgente de melhorias em aspectos que impactam diretamente o conforto e o bem-estar de alunos e professores. Segundo Almeida et al. (2022b), ao analisarem as condições de trabalho e saúde de docentes a partir de publicações entre 2010 e 2020, verificaram que os resultados de seu estudo revelam condições de trabalho docente marcadas por intensa precarização: (1) sobrecarga quantitativa (jornadas extensas intra e extrainstitucionais); (2) demandas qualitativas conflitantes (cobrança simultânea por produtividade acadêmica, avaliações de aprendizagem e efetividade pedagógica); e (3) hibridização de funções (acúmulo de tarefas administrativas não relacionadas à docência).

Para os autores anteriormente mencionados, essa configuração gera: (a) espoliação temporal (redução do tempo para preparação pedagógica, descanso e vida pessoal); (b) fragilização institucional (falta de apoio dos órgãos competentes); e (c) ambiente laboral adverso (competitividade interpares e condições materiais inadequadas). O conjunto desses fatores configura um ciclo vicioso de intensificação laboral que compromete tanto a qualidade do ensino quanto a saúde ocupacional docente.

Pelo materialismo histórico, essas relações são fundamentais para entender a dinâmica social. No caso do estudo em tela, podemos perceber que há imbricações entre os elementos da infraestrutura da IES (UNEB). Com os dados capturados cientificamente pela pesquisa empírica, identificamos uma correlação estatística de Pearson forte e positiva (0,595)²⁷ entre as variáveis “INFRAESTRUTURA (Possui energia elétrica)” e “INFRAESTRUTURA (Possui biblioteca)”.

Isso demonstra que a disponibilidade de recursos básicos (como energia, por exemplo) está diretamente associada à disponibilidade de melhores recursos educacionais (como bibliotecas, por exemplo). Capturamos, assim, que, quanto melhor a infraestrutura da instituição, melhores são as condições de ensino (trabalho). Pela análise materialista, a infraestrutura da instituição (força produtiva) influencia diretamente o ensino (produção) dos docentes, mais uma vez refletindo, na prática, como a base material condiciona a qualidade do desempenho docente. Relações entre forças produtivas e relações de produção podem, então, ser confirmadas estatisticamente.

Protetti (2019) analisou as transformações nas condições de trabalho dos professores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) ao longo de quase três décadas. Essas pesquisas, alinhadas à perspectiva crítico-dialética, entenderam que as materiais condições de trabalho docente são determinadas pelas lógicas do capitalismo e resultam na deterioração da QV docente, em prejuízo no desempenho e em uma raridade de resistência organizada.

Sobre a distribuição de frequências e percentuais relacionados à disponibilidade e qualidade de recursos e serviços pedagógicos na instituição, a tabela abaixo elenca os dados capturados.

²⁷ No capítulo os números inteiros não percentuais dispostos entre parênteses correspondem a valores encontrados para Correlações Estatísticas de Pearson, que significam a proporcionalidade direta (número positivo) e a proporcionalidade inversa (número negativo) entre as categorias.

Tabela 10– Equipamentos e Suporte Pedagógico

Categorias	Frequência	Percentual	Categorias	Frequência	Percentual
Livros Didáticos			Acompanhamento Psicológico		
Não	80	24,5	Não	129	39,4
Insuficiente	30	9,2	Insuficiente	58	17,7
Parcialmente	61	18,7	Parcialmente	79	24,2
Sim	156	47,7	Sim	61	18,7
Acesso à Internet			Psicopedagogo		
Não	1	0,3	Não	205	62,7
Insuficiente	57	17,4	Insuficiente	51	15,6
Parcialmente	74	22,6	Parcialmente	38	11,6
Sim	195	59,7	Sim	33	10,1
Materiais necessários para Aulas			Assistente Social		
Não	8	2,4	Não	216	66,1
Insuficiente	31	9,5	Insuficiente	46	14,1
Parcialmente	122	37,3	Parcialmente	33	10,1
Sim	166	50,8	Sim	32	9,7
Quadro Branco			Apoio Pedagógico no Planejamento		
Não	3	0,9	Não	176	53,8
Insuficiente	6	1,8	Insuficiente	53	16,2
Parcialmente	17	5,2	Parcialmente	54	16,5
Sim	301	92,1	Sim	44	13,5
Computador para Alunos					
Não	10	3,1			
Insuficiente	54	16,5			
Parcialmente	94	28,7			
Sim	169	51,7			

Fonte: Dados da pesquisa 2024

Apesar de quase metade dos respondentes (47,7%) responderem que os livros didáticos estão disponíveis, uma parcela significativa (24,5%) não tem acesso a esse recurso, o que pode impactar negativamente o processo de ensino-aprendizagem. A maioria dos respondentes tem acesso à internet (59,6%), mas uma parcela considerável (17,4%) enfrenta dificuldades, o que pode prejudicar atividades que dependem de recursos on-line, como pesquisas e aulas digitais.

Mais da metade dos respondentes (50,8%) tem acesso aos materiais necessários para as aulas; porém, uma parcela significativa (37,3%) enfrenta limitações, o que pode comprometer a qualidade das aulas. O quadro branco, recurso básico, está bem atendido na instituição, mas, apesar de mais da metade dos respondentes ter acesso a computadores, uma parcela significativa (28,7%) enfrenta limitações, o que pode dificultar atividades que dependem dessa tecnologia.

Sobre o acompanhamento psicológico, os docentes afirmam que é um recurso pouco disponível, com quase 40% dos respondentes relatando a ausência desse serviço. Isso pode impactar negativamente o bem-estar emocional dos alunos e professores. A falta de psicopedagogos é ainda mais crítica, com 62,7% dos respondentes relatando a ausência desse profissional. Isso pode prejudicar o suporte pedagógico e o desenvolvimento dos alunos.

Para os docentes pesquisados, a assistência social é um recurso escasso, com 66,1% dos respondentes relatando a ausência desse serviço. Isso pode impactar o suporte social e emocional da comunidade escolar. Da mesma maneira, o apoio pedagógico no planejamento apresenta mais da metade dos respondentes (53,8%) relatando a ausência desse suporte. Isso tudo pode comprometer a qualidade do planejamento e da execução das atividades educacionais.

Seguindo a análise dos dados, a tabela abaixo apresenta a distribuição de frequências e percentuais relacionados ao apoio e às condições de trabalho dos docentes.

Tabela 11 – Apoio à Docência

	Frequência	Percentual
Realiza Atividade Remunerada Fora da Docência		
Não	249	76,1
Insuficiente	5	1,5
Parcialmente	10	3,1
Sim	63	19,3
Alunos com Necessidades Especiais		
Não	92	28,1
Insuficiente	10	3,1
Parcialmente	33	10,1
Sim	192	58,7
Apoio para os Alunos NE		
Não	196	59,9
Insuficiente	34	10,4
Parcialmente	55	16,8
Sim	42	12,9
Horário para Atendimento e Orientação		
Não	16	4,9
Insuficiente	46	14,1
Parcialmente	79	24,2
Sim	186	56,8
Horários de Trabalhos Acadêmicos e Complementares		
Não	12	3,7
Insuficiente	27	8,3
Parcialmente	90	27,5
Sim	198	60,5
Tempo em casa utilizado para Docência		
Não	2	0,6
Insuficiente	2	0,6
Parcialmente	18	5,5
Sim	305	93,3

Momentos de lazer		
Não	24	7,3
Insuficiente	11	3,4
Parcialmente	64	19,6
Sim	228	69,7
Ajuda para Afazeres Domésticos		
Não	114	34,9
Insuficiente	34	10,4
Parcialmente	59	18,0
Sim	120	36,7

Fonte: Dados da Pesquisa 2024

A maioria dos docentes (76,1%) não realiza atividades remuneradas fora da docência, o que sugere que a maior parte deles se dedica exclusivamente à profissão. No entanto, quase 20% dos docentes precisam complementar a renda com outras atividades, o que pode indicar insuficiência salarial ou necessidade de maior remuneração. Dentre os docentes pesquisados, 58,7% lidam com alunos com necessidades especiais, o que exige preparação e suporte adequados para garantir a inclusão e o aprendizado desses alunos, e essa maioria (59,9%) não recebe apoio adequado para lidar com esses estudantes, comprometendo a qualidade do ensino e a inclusão.

A maioria dos docentes (56,8%) tem horário adequado para atendimento e orientação, e 60,5% deles têm horários adequados para atividades acadêmicas, mas uma parcela significativa (27,5%) enfrenta limitações, o que pode dificultar o suporte aos alunos. Quase todos os docentes (93,3%) utilizam tempo em casa para atividades relacionadas à docência, o que pode indicar uma carga de trabalho excessiva e a necessidade de melhor organização do tempo, e uma parcela significativa (19,6%) enfrenta limitações para o lazer, o que pode impactar o bem-estar e a QV.

Outro dado importante da tabela é que a maioria dos docentes (34,9%) não tem ajuda para afazeres domésticos, o que pode aumentar a carga de trabalho fora do ambiente escolar e impactar o equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

A partir da tabela abaixo disposta, avança-se nos dados sobre a interpessoalidade, relacionados ao ambiente de trabalho e às relações pessoais na instituição.

Tabela 12- Relacionamento interpessoal no trabalho

Categorias	Frequência	Percentual
Boa Relação com os Colegas		
Não	5	1,5
Insuficiente	7	2,1
Parcialmente	43	13,1
Sim	272	83,3
Boa Relação com Alunos		
Parcialmente	12	3,7
Sim	315	96,3
Boa relação com a Coordenação		
Não	8	2,4
Insuficiente	3	0,9
Parcialmente	31	9,5
Sim	285	87,2
Agressão por Alunos		
Não	237	72,5
Insuficiente	22	6,7
Parcialmente	22	6,7
Sim	46	14,1
Agressão por Colegas		
Não	225	68,8
Insuficiente	16	4,9
Parcialmente	21	6,4
Sim	65	19,9
Assédio Moral		
Não	182	55,7
Insuficiente	19	5,8
Parcialmente	36	11
Sim	90	27,5
Segurança no Ambiente de Trabalho		
Não	39	11,9
Insuficiente	17	5,2
Parcialmente	99	30,3
Sim	172	52,6
Gestão Democrática na IES		
Não	18	5,5
Insuficiente	19	5,8
Parcialmente	80	24,5
Sim	210	64,2

Fonte: Dados da Pesquisa 2025

A partir dela, depreende-se que a maioria dos docentes (83,2%) tem uma boa relação com os colegas, o que indica um ambiente de trabalho colaborativo e saudável. No entanto, uma pequena parcela (3,6%) enfrenta dificuldades, o que pode impactar o clima organizacional. A relação entre docentes e alunos é referida como extremamente positiva, com 96,3% dos docentes relatando uma boa relação. Isso sugere um ambiente de aprendizado saudável e respeitoso. O mesmo ocorre com a relação com a coordenação, na qual a maioria dos docentes (87,3%) tem uma boa relação.

Se, por um lado, a maioria dos docentes (72,5%) não sofre agressões por parte dos alunos nem dos colegas (68,8%), por outro, uma parcela significativa enfrenta esse problema com alunos (14,1%) e com colegas (19,9%), o que pode impactar negativamente o ambiente de trabalho e a saúde mental dos docentes. Apesar de a maioria dos docentes (55,7%) afirmar não

sofrer assédio moral, uma parcela significativa (27,5%) enfrenta esse problema, o que pode reforçar o impacto negativo na saúde mental e no bem-estar dos docentes. E, muito embora a maioria dos docentes (52,6%) se sinta segura no ambiente de trabalho, 30,3% enfrentam limitações, o que amplia o desconforto e a preocupação.

De acordo com Cardoso, Cardoso Júnior e Nunes (2024), em sua pesquisa com docentes da pós-graduação em uma universidade pública da Bahia, a partir de uma análise de tendências sobre estresse e insatisfação com as condições de trabalho, observou-se que o estresse docente anterior à pandemia apresentou maior frequência nas variáveis relacionadas à percepção, destacando-se as condições de limpeza e iluminação, o relacionamento com os colegas e as oportunidades de expressar opiniões nesse período.

De modo semelhante, a insatisfação com as condições de trabalho também revelou maior prevalência no contexto pré-pandêmico, concentrando-se nas mesmas variáveis mencionadas, relacionamento interpessoal e possibilidade de expressão, com a inclusão da motivação e do ânimo para ministrar aulas, o que diferencia esta categoria da anterior apenas por essa última variável. Esses achados indicam que o cenário anterior à pandemia concentrou maior carga de estressores e insatisfações entre os docentes, revelando aspectos estruturais e relacionais críticos do ambiente de trabalho.

Passando para as relações de luta de classes sociais, temos que esse embate é sempre central e que, quando partimos para uma interpretação do fenômeno pelo materialismo histórico, compreendemos que esses conflitos entre os grupos sociais estão, de fato, no campo de interesses opostos (docentes e neocapitalistas). Eles ocorrem a partir das relações entre as condições de trabalho e as de distribuição dos recursos do Estado (capital de reinvestimento). Se as relações de trabalho se tornam conflituosas, por meio da falta de condições adequadas e pela vigência de cobranças crescentes de produção, defendemos que o adoecimento físico e mental é uma realidade propositada.

Evidencia-se que há exploração do trabalho docente e que há alienação dos trabalhadores ao aceitá-la, na maioria das vezes, pacificamente. Se, sob a égide de um governo (Estado) que supõe um partido enviesado a atender aos anseios dos trabalhadores e, mesmo assim, o fenômeno fica determinado pelos anseios do capital, conforme Coutinho (1988), temos a inevitável constatação que valida o pensamento filosófico e político gramsciano²⁸.

A seguir, a partir da tabela abaixo, partimos para a discussão dos dados sobre condições de saúde e adoecimento dos docentes, bem como dessas relações com a sua prática profissional.

Tabela 13- Adoecimento Docente

Adoecimento	Frequência	Percentual	Adoecimento	Frequência	Percentual
Dores Musculares			Transtornos Mentais		
Não	79	24,2	Não	186	56,9
Insuficiente	14	4,3	Insuficiente	12	3,7
Parcialmente	54	16,5	Parcialmente	27	8,3
Sim	180	55,0	Sim	102	31,1
Dores Articulares			Doenças Crônicas Não Transmissíveis		
Não	116	35,5	Não	206	63,0
Insuficiente	15	4,6	Insuficiente	10	3,1
Parcialmente	51	15,6	Parcialmente	11	3,4
Sim	145	44,3	Sim	100	30,5
Problemas de Locomoção			Saúde interfere na Docência		
Não	267	81,7	Não	224	68,5
Insuficiente	16	4,9	Insuficiente	18	5,5
Parcialmente	19	5,8	Parcialmente	41	12,5
Sim	25	7,6	Sim	44	13,5
Problemas Vocais			Licença por Saúde		
Não	231	70,6	Não	255	78
Insuficiente	19	5,8	Insuficiente	8	2,4
Parcialmente	45	13,8	Parcialmente	3	0,9
Sim	32	9,8	Sim	61	18,7
Problemas na Coluna			Evitou licença por medo em relação a Aposentadoria		
Não	124	37,9	Não	247	75,5
Insuficiente	17	5,2	Insuficiente	12	3,7
Parcialmente	61	18,7	Parcialmente	9	2,8
Sim	125	38,2	Sim	59	18,0

Fonte: Dados da Pesquisa 2025

A pesquisa aferiu que mais da metade dos docentes (55%) sofre de dores musculares; quase 40% dos docentes enfrentam problemas na coluna; e 44,3% dos docentes enfrentam dores articulares, o que pode estar relacionado

²⁸ Relativo a Antônio Gramsci, político, filósofo e cientista político italiano (1891-1937), marxista que desenvolveu uma teoria sobre hegemonia cultural do Estado Capitalista (Aulete, 2021)

a longas jornadas laborais, má postura ou falta de ergonomia no ambiente de trabalho e que podem impactar a mobilidade e a QV, uma vez que não foi determinada correlação de Pearson positiva com a variável idade estatisticamente significativa.

Contudo, a grande maioria dos docentes (81,7%) não enfrenta problemas de locomoção; apenas uma pequena parcela (7,6%) sofre com esse tipo de problema, limitando suas atividades profissionais. Em relação à vocalização, a maioria dos docentes (70,6%) também não enfrenta problemas vocais; apenas 9,8% sofrem com esse tipo de problema, impactando diretamente sua capacidade de ensino.

Quase um terço dos docentes (30,6%) enfrenta doenças crônicas que podem impactar a saúde a longo prazo e a capacidade de trabalho, muito embora a maioria dos docentes (68,5%) não perceba que a saúde interfere na docência. Uma parcela menor de docentes (13,5%) enfrenta problemas de saúde que impactam sua prática profissional, o que não deixa de ser significativo.

Dos Santos et al. (2020), ao investigarem docentes do ensino superior em uma instituição privada, concluíram que a prática docente demanda intensa dedicação física, mental e emocional, sendo que a percepção que o próprio docente tem sobre sua saúde impacta diretamente o desempenho de suas atividades profissionais.

Chama a atenção que uma parcela importante dos docentes (31,2%) sofre de transtornos mentais, o que pode estar relacionado ao estresse, à sobrecarga de trabalho, à falta de suporte psicológico, entre outros fatores que serão correlacionados no transcorrer desta análise.

Almeida, Costa e Cardoso (2022) pesquisaram docentes do ensino superior da área da saúde e verificaram que, em relação à ansiedade e à depressão, estes apresentaram graus mínimos. Porém, o grau mínimo de depressão foi superior ao de ansiedade: 83,3% com grau mínimo de depressão, 63,3% com grau mínimo de ansiedade e nenhum com grau moderado ou grave de depressão; em relação ao grau moderado e grave de ansiedade, apenas um pesquisado apresentou.

A maioria dos docentes (78%) nunca tirou licença por saúde, mas uma parcela significativa (18,7%) já precisou se afastar por motivos de saúde, sendo que uma parcela significativa dos docentes (18%) evita tirar licença por medo de prejudicar a aposentadoria, o que pode levar ao agravamento de problemas de saúde.

A tabela subsequente apresenta dados relacionados a determinantes de saúde dos docentes, em diferentes aspectos. A partir dela, extraímos que a grande maioria dos docentes (82,9%) se declara coberta por um plano de saúde e que apenas 5,8% dos docentes não realizam exames com frequência.

Dos docentes que participaram, 53,8% afirmam que a Instituição de Ensino Superior (IES) não oferece atendimento psicológico e 70,3% afirmam que não há políticas públicas de saúde docente, sendo que 44,6% declararam que não percebem a assistência médica assegurada pelo ente federado. Dos docentes entrevistados, apenas 50,8% afirmam, com segurança, que têm uma alimentação saudável, e apenas 56,3% praticam atividade física regularmente.

Tabela 14 – Dados de Saúde

Subcategoria	Frequência	Percentual	Subcategoria	Frequência	Percentual
Plano de Saúde			Assistência Médica Assegurada pelo Ente Federado		
Não	43	13,1	Não	146	44,6
Insuficiente	4	1,2	Insuficiente	30	9,2
Parcialmente	9	2,8	Parcialmente	36	11
Sim	271	82,9	Sim	115	35,2
Exames com Frequência			Alimentação Saudável²⁹		
Não	19	5,8	Não	7	2,1
Insuficiente	20	6,1	Insuficiente	21	6,4
Parcialmente	70	21,4	Parcialmente	133	40,7
Sim	218	66,7	Sim	166	50,8
A IES oferece Atendimento Psicológico			Pratica Atividade Física		
Não	176	53,8	Não	47	14,4
Insuficiente	58	17,7	Insuficiente	21	6,4
Parcialmente	48	14,7	Parcialmente	75	22,9
Sim	45	13,8	Sim	184	56,3
Políticas Públicas de Saúde Docente					
Não	230	70,3			
Insuficiente	56	17,1			
Parcialmente	29	8,9			
Sim	12	3,7			

Fonte: Dados da Pesquisa 2024

²⁹ Para a OMS uma alimentação saudável é caracterizada pelo consumo adequado de frutas e verduras; redução de sal; redução de açúcar; redução de gorduras saturadas e trans; equilíbrio calórico e variedade nutricional.

Pela exposição dos dados estatísticos ao método, temos capturas da pesquisa sobre trabalho e saúde dos docentes, encontrando a correlação forte de Pearson (0,626) entre as variáveis “RELAÇÕES NO TRABALHO (Já sofreu assédio moral)” e “SAÚDE (Possui dores musculares)”. Isso nos revela o campo de conflitos de interesses, no qual os fatores extenuantes impostos no ambiente de trabalho estão associados ao desenvolvimento de problemas de saúde física dos docentes. Um movimento de ação que gera reação e que constrói uma realidade: o adoecimento docente.

Outro achado, nesse sentido, é uma outra correlação forte de Pearson (0,609), encontrada entre as variáveis “SAÚDE (Tem problemas na coluna)” e “SAÚDE (Possui dores musculares)”, e que comprova que a omissão sobre a precarização das condições de trabalho (da ergonomia, por exemplo) reflete-se na saúde física dos docentes e pode motivá-los, em reação, para a luta sindical — um movimento que passa a ser incessante, naturalmente dialético, como concebe o marxismo.

Pela análise materialista, a falta de pertinência ou a ausência de políticas públicas adequadas, em conjunto com as omissões e ações que desvalorizam o trabalho dos docentes, refletem, de fato, uma luta de classes. Os trabalhadores da Educação Superior pouco têm suas demandas atendidas pelo Estado porque, no capitalismo, a destinação dos melhores recursos atende prioritariamente aos interesses (lucros) das classes dominantes produtivas. Muito pelo contrário, o movimento estatal, muitas vezes, é de retirada de direitos.

Respondendo livremente sobre a categoria condições de trabalho associada à categoria condições de saúde, os docentes ajudam na compreensão das diferentes dimensões do problema apontado, bem como dos desafios enfrentados nessa seara, destacando a necessidade de abordagens multifacetadas para se obterem melhorias.

O dendrograma desse discurso, disposto abaixo, também foi construído pelo software IRAMUTEQ e revelou a classe fundante (Classe 1), em que os impactos mentais representam significativos desafios de saúde relacionados às

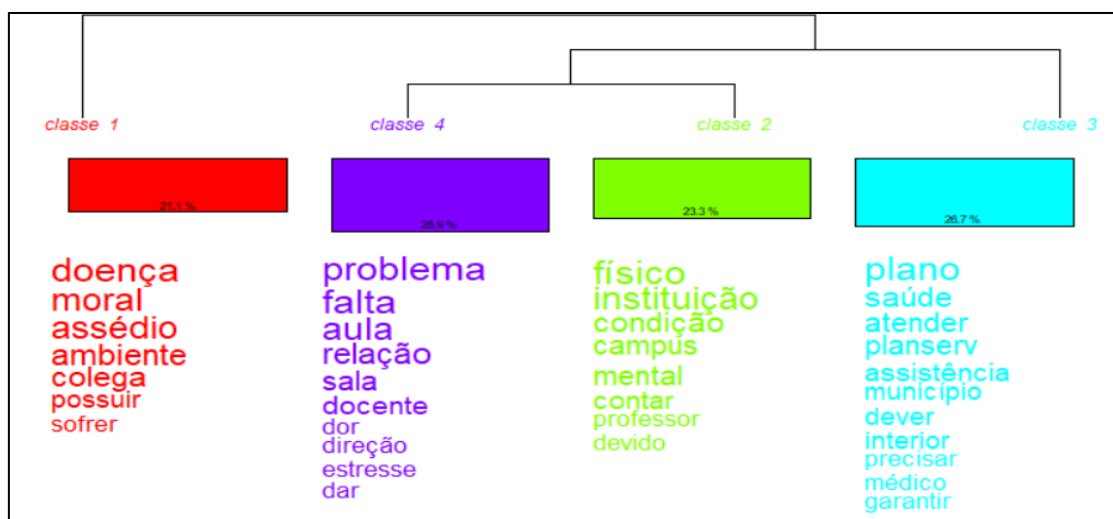
condições de trabalho dos pesquisados, possivelmente devido aos assédios sofridos no trabalho ou às condições de trabalho estressantes.

A Classe 3 (impactos na saúde física) deriva diretamente da primeira classe e representa o discurso dos docentes que, secundariamente, passam a sofrer com problemas de saúde física, como dores crônicas ou outras condições médicas, e que necessitam de planos de saúde e de assistência médica mais adequados.

A Classe 2, nomeada como condições ambientais, deriva da Classe 1 de maneira dicotomizada com a Classe 4 e está no mesmo patamar da Classe 3, representando o discurso dos docentes que lidam com problemas no ambiente de ensino, falta de apoio, más relações com colegas ou administração e desafios em manter a disciplina e a qualidade do ensino.

A Classe 4, nomeada aqui como suporte institucional, da mesma maneira derivada que a Classe 2, pode representar o discurso dos docentes que enfrentam desafios relacionados à falta de recursos, à infraestrutura inadequada e à necessidade de garantias de melhores condições de trabalho.

Este dendrograma revela as conexões dos discursos que atrelam as condições de trabalho e de remuneração diretamente ao adoecimento docente, sendo o adoecimento mental associado com maior grau de significância. Ao que tudo indica, esse modelo está em consonância com o modelo fisiopatológico teórico apresentado na Figura 1, em que o estresse inicia e reforça todo o mecanismo de adoecimento crônico.

Figura 9 - Dendrograma sobre Condições de Trabalho e Saúde

Fonte: Dados da Pesquisa 2024

Ao construirmos a nuvem de palavras a partir do mesmo corpo textual das respostas usadas no método anterior, aparecem em destaque uma série de desafios enfrentados por docentes, destacando também as questões de saúde mental e física, a desvalorização profissional, o assédio, a sobrecarga de trabalho e a necessidade de melhorias na infraestrutura e na gestão institucional. A análise sugere a importância de políticas e práticas que melhorem as condições de trabalho, ofereçam suporte adequado à saúde docente e promovam um ambiente de trabalho mais salubre.

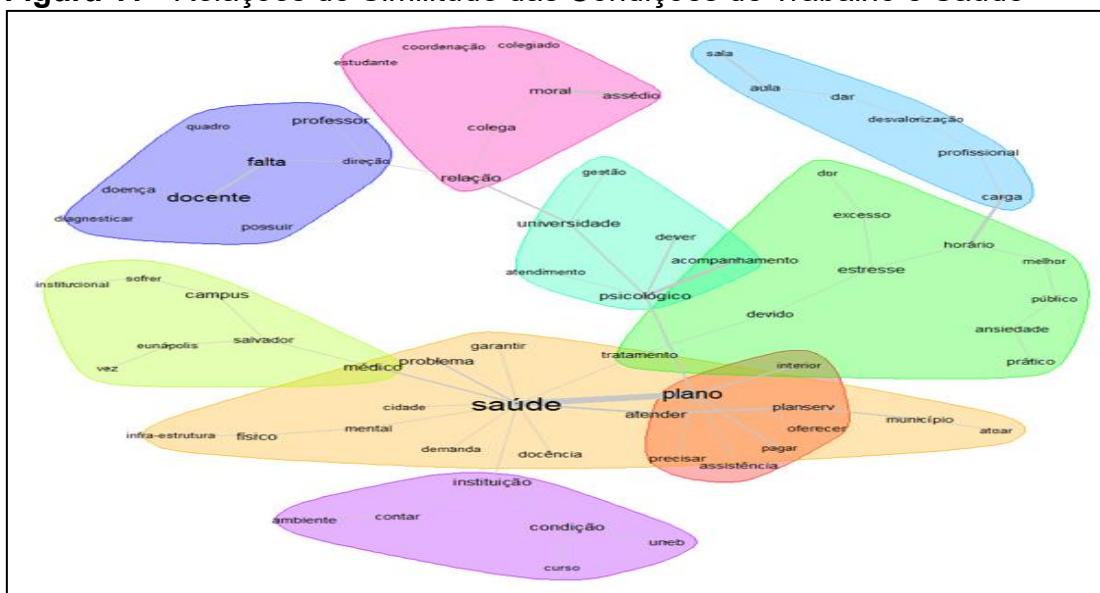
Figura 10- Nuvem de palavras sobre Condições de Trabalho e Saúde

Fonte: Dados da Pesquisa 2024

Promovendo então a análise de similitude do mesmo discurso usado na nuvem acima, a figura abaixo revela um cenário preocupante em relação às condições de trabalho e à saúde dos docentes da UNEB, principalmente daqueles que trabalham na sede em Salvador.

As palavras e frases apresentadas sugerem um ambiente acadêmico marcado por desafios interpessoais, como assédio moral e dificuldades na gestão de relações que contribuem para um clima de trabalho hostil e estressante.

Figura 11 - Relações de Similitude das Condições de Trabalho e Saúde



Fonte: Dados da Pesquisa 2024

Além disso, a necessidade de atendimento psicológico e médico, bem como a menção a problemas de saúde como ansiedade, indicam que as condições de trabalho estão tendo um impacto significativo na saúde mental e física dos docentes. A infraestrutura física inadequada e a pressão para cumprir prazos exacerbam esses problemas, criando um ciclo vicioso de estresse e insatisfação.

Em conclusão, a figura destaca a urgência de intervenções para melhorar as condições de trabalho e oferecer suporte adequado aos docentes. Pelo disposto, isto incluiria a implementação de políticas pertinentes de gestão de relações interpessoais, a melhoria da infraestrutura física e a melhoria no plano de acesso a serviços de saúde mental e física.

De acordo com Costa e Souza Neto (2020), as exigências inerentes à prática docente no ensino superior, como a constante atualização de conhecimentos, a incorporação de inovações tecnológicas e a produção científica em prazos reduzidos, associadas às atividades administrativas e de gestão impostas pelas Instituições de Ensino Superior (IES), demandam dos professores um elevado nível de dedicação.

Nesse cenário, segundo os autores, é comum o acúmulo de múltiplos vínculos empregatícios e jornadas extensas de trabalho, além de interações interpessoais complexas com discentes e gestores, o que contribui para a intensificação das exigências individuais e favorece o desenvolvimento do estresse ocupacional. Também para Costa e Souza Neto (2020), tal condição pode comprometer significativamente a saúde física e mental do docente, manifestando-se por sintomas como sudorese, cefaleia, fadiga, alterações no apetite, apatia, irritabilidade, distúrbios do sono, entre outros. Ademais, de acordo com os autores, a dificuldade em conciliar vida profissional e pessoal, marcada pela escassez de tempo para o convívio familiar e social, representa um agravante importante no aumento dos níveis de estresse vivenciados por esses profissionais.

No estudo realizado por Campos, Vêras e Araújo (2020) com docentes de uma universidade pública do interior da Bahia estimou-se uma prevalência de Transtornos Mentais Comuns (TMC) de 29,9% entre os participantes, evidenciando um dado alarmante que foi o de mais de um quarto da amostra apresentou indícios de sofrimento psíquico, o que pode repercutir negativamente tanto na saúde do docente quanto na dinâmica institucional.

Segundo essas mesmas autoras, os impactos potenciais incluem prejuízos na qualidade do ensino, nas relações interpessoais e um aumento nos afastamentos laborais, resultando em mais ônus para a instituição. A análise estatística do trabalho delas identificou uma associação positiva e significativa entre a presença de TMC e sentimentos de desgaste na relação com os discentes, bem como insatisfação em trabalhar na instituição (Campos; Vêras; Araújo, 2020). Diante disso, as autoras destacam a importância de intervenções institucionais voltadas à melhoria das condições e da organização

do trabalho, com vistas a favorecer a saúde mental dos docentes e a qualidade das relações estabelecidas no ambiente universitário.

Avançando para o instrumento Whoqol-Bref da OMS, a respeito da investigação sobre a QV do docente em questão, a tabela abaixo apresenta a frequência e o percentual dos dados coletados.

Tabela 15- Dados a partir das Respostas do WHOQOL-BREF

WHOQOL-BREF	Frequência	Percentual
Avaliação da Qualidade de Vida		
Muito Ruim	8	2,4
Ruim	33	10,1
Nem Ruim Nem Boa	67	20,5
Boa	196	59,9
Muito Boa	23	7
Satisfação com a Saúde		
Muito Insatisfeito	11	3,4
Insatisfeito	74	22,6
Nem Satisfeito Nem Insatisfeito	72	22
Satisfeito	154	47,1
Muito Satisfeito	16	4,9
Impedimentos por Dores Físicas		
Nada	97	29,7
Muito pouco	90	27,5
Mais ou menos	105	32,1
Bastante	29	8,9
Extremamente	6	1,8
Necessidades de Tratamentos Médicos		
Nada	77	23,5
Muito pouco	99	30,3
Mais ou menos	73	22,3
Bastante	62	19
Extremamente	16	4,9
O quanto aproveita a vida		
Nada	6	1,8
Muito pouco	53	16,2
Mais ou menos	145	44,3
Bastante	108	33,0
Extremamente	15	4,6
Sentido para a Vida		
Nada	6	1,8
Muito pouco	15	4,6
Mais ou Menos	39	11,9
Bastante	115	35,2
Extremamente	152	46,5

Concentração		
Nada	4	1,2
Muito pouco	41	12,5
Mais ou menos	108	33,0
Bastante	142	43,4
Extremamente	32	9,8
Segurança (Incolumidade) na Vida Diária		
Nada	7	2,1
Muito pouco	43	13,1
Mais ou menos	136	41,6
Bastante	112	34,3
Extremamente	29	8,9
Salubridade Ambiental		
Nada	4	1,2
Muito pouco	35	10,7
Mais ou menos	158	48,3
Bastante	113	34,6
Extremamente	17	5,2
Energia Cotidiana		
Nada	5	1,5
Muito pouco	32	9,8
Médio	164	50,2
Muito	93	28,4
Completamente	33	10,1
Aceitação da Aparência Física		
Nada	1	0,3
Muito pouco	13	4
Médio	86	26,3
Muito	125	38,2
Completamente	102	31,2
Dinheiro Suficiente para Satisfação Essencial		
Nada	12	3,7
Muito pouco	64	19,6
Médio	188	57,5
Muito	57	17,4
Completamente	6	1,8
Disponibilidade de informações necessárias para a rotina		
Nada	1	0,3
Muito pouco	23	7,0
Médio	111	33,9
Muito	154	47,1
Completamente	38	11,6
Oportunidades para Lazer		
Nada	6	1,8
Muito pouco	66	20,2
Médio	155	47,4
Muito	88	26,9
Completamente	12	3,7

Locomoção		
Muito Ruim	12	3,7
Ruim	22	6,7
Nem Ruim Nem Boa	37	11,3
Boa	132	40,4
Muito Boa	124	37,9
Satisfação com o sono		
Muito Insatisfeito	26	8
Insatisfeito	90	27,5
Nem Satisfeito Nem Insatisfeito	57	17,4
Satisfeito	112	34,3
Muito Satisfeito	42	12,8
Satisfação com o desempenho		
Muito Insatisfeito	7	2,1
Insatisfeito	46	14,1
Nem Satisfeito Nem Insatisfeito	63	19,3
Satisfeito	169	51,7
Muito Satisfeito	42	12,8
Satisfação com a capacidade de Trabalho		
Muito Insatisfeito	9	2,8
Insatisfeito	31	9,5
Nem Satisfeito Nem Insatisfeito	74	22,6
Satisfeito	157	48
Muito Satisfeito	56	17,1
Autossatisfação		
Muito Insatisfeito	12	3,7
Insatisfeito	30	9,2
Nem Satisfeito Nem Insatisfeito	50	15,3
Satisfeito	166	50,8
Muito Satisfeito	69	21,1
Satisfação com as relações pessoais		
Muito Insatisfeito	10	3,1
Insatisfeito	26	8
Nem Satisfeito Nem Insatisfeito	59	18
Satisfeito	173	52,9
Muito Satisfeito	59	18
Satisfação com a vida sexual		
Muito Insatisfeito	19	5,8
Insatisfeito	47	14,4
Nem Satisfeito Nem Insatisfeito	82	25,1
Satisfeito	143	43,7
Muito Satisfeito	36	11
Satisfação com apoio dos Amigos		
Muito Insatisfeito	6	1,8
Insatisfeito	28	8,6
Nem Satisfeito Nem Insatisfeito	72	22
Satisfeito	160	48,9
Muito Satisfeito	61	18,7
Satisfação com a Moradia		
Muito Insatisfeito	7	2,1

Insatisfeito	26	8
Nem Satisfeito Nem Insatisfeito	55	16,8
Satisfeito	157	48
Muito Satisfeito	82	25,1
Satisfação com o acesso a Serviços de Saúde		
Muito Insatisfeito	40	12,2
Insatisfeito	86	26,3
Nem Satisfeito Nem Insatisfeito	83	25,4
Satisfeito	104	31,8
Muito Satisfeito	14	4,3
Satisfação com Meio de Transporte		
Muito Insatisfeito	29	8,9
Insatisfeito	47	14,4
Nem Satisfeito Nem Insatisfeito	55	16,8
Satisfeito	141	43,1
Muito Satisfeito	55	16,8
Experimentou Sentimentos Negativos		
Nunca	39	11,9
Algumas Vezes	207	63,3
Frequentemente	50	15,3
Muito Frequentemente	23	7
Sempre	8	2,4

Fonte: Dados da Pesquisa 2024

Do ponto de vista da produção de resultados em conformidade com as instruções da OMS (1996), mencionando-se a necessidade de verificar respostas inválidas e de excluir respondentes com mais de 20% de questões não respondidas (na pesquisa em tela não tivemos excludentes) e que algumas questões têm em si um sentido negativo (Q3,Q4 e Q26) e precisam ser invertidas (novo valor da resposta = 6 – valor antigo), numa amostra de 327 entrevistados (n=327).

Relacionando as médias em **uma escala de 1 a 5, onde 1 representaria a pior QV possível e representaria a melhor QV possível**, e assim, encontramos na pesquisa por ordem crescente de valores: Satisfação com Acesso a Serviços de Saúde (2,90), Satisfação com Recursos Financeiros (2,94), Oportunidades de Lazer (3,10), Satisfação com o Sono (3,17), Aproveitamento da Vida (3,22), Satisfação com a Própria Saúde (3,28), Salubridade nos Ambientes Físicos (3,32), Percepção de Segurança na Vida - Incolumidade (3,35), Energia para Atividades Diárias (3,36), Satisfação com a Vida Sexual (3,40), Satisfação com o Meio de Transporte (3,45), Nível de

Concentração (3,48), Dependência de Tratamentos ou Medicamentos (3,49), Auto Avaliação da Qualidade de Vida (3,59), Satisfação com Capacidade de Desempenho Cotidiano (3,59), Disponibilidade de Informações (3,63), Satisfação com a Capacidade Laboral (3,67), Satisfação com Apoio de Amigos (3,74), Dor e Desconforto (3,74), Satisfação com Relações Significativas (3,75), Frequência de Sentimentos Negativos (3,75), Satisfação Própria (3,76), Satisfação com Condições de Moradia (3,86), Aceitação da Aparência Física (3,96), Mobilidade (4,02) e Sentido para a Vida (4,20)

Então, a partir de conversões indicadas foi possível produzir o gráfico abaixo considerando as médias apuradas para cada questão de toda a amostra.

Gráfico 7 – Médias Apuradas das Respostas às Questões do WHOQOL-Bref



Fonte: Dados da Pesquisa 2024

Borges, Alves e Guimarães (2021) investigaram a qualidade do sono e sua relação com a QV e estado emocional, em professores universitários de uma instituição privada em Minas Gerais e verificaram que a maioria dos

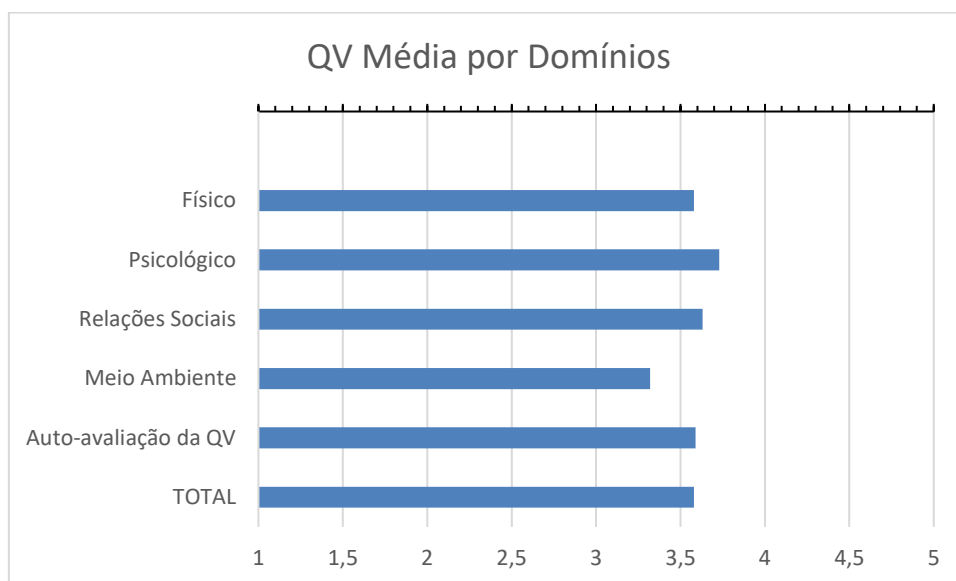
professores avaliados apresentou uma qualidade de sono insatisfatória. Segundo os autores, aqueles com sono de má qualidade também demonstraram níveis significativos de ansiedade e uma pior QV, indicando uma relação entre a qualidade do sono, o bem-estar emocional (ansiedade) e a QV.

Cancian *et al.* (2023), em sua pesquisa que investigou a QV percebida pelos professores universitários sobre quatro dimensões: saúde mental; saúde física; relações sociais e relações ambientais, afirmam que os achados do estudo indicam que, embora os docentes percebam sua QV como satisfatória, os dados referentes à saúde mental revelam a vulnerabilidade dessa população, uma vez que 40% dos participantes relataram possuir algum tipo de transtorno mental, seja de forma isolada ou associada, além da presença de sinais indicativos de esgotamento físico e mental decorrentes do exercício da docência.

Voltando à métrica da OMS (1996), podemos calcular os escores dos quatro domínios (Físico, Psicológico, Relações Sociais e Meio-Ambiente), e a média deles para a aferição da QV Total. Elencados abaixo são eles:

- 1. Domínio físico** (Q3, Q4, Q10, Q15, Q16, Q17, Q18): dor, energia, sono, mobilidade, atividades diárias, dependência de tratamento e capacidade de trabalho.
- 2. Domínio psicológico** (Q5, Q6, Q7, Q11, Q19, Q26): sentimentos positivos, espiritualidade, pensamento e concentração, autoestima, imagem corporal e sentimentos negativos (invertida).
- 3. Relações sociais** (Q20, Q21, Q22): relações pessoais, apoio social e vida sexual.
- 4. Meio ambiente** (Q8, Q9, Q12, Q13, Q14, Q23, Q24, Q25): segurança, ambiente físico, recursos financeiros, informação, ambiente doméstico, acesso à saúde e transporte.

A partir dos dados organizados foi possível produzir o gráfico que representa essa estatística e os escores médios por escala em cada domínio;

Gráfico 8– Qualidade de Vida por Domínios WHOQOL-Bref obtido por Médias

Fonte: Dados da Pesquisa 2024

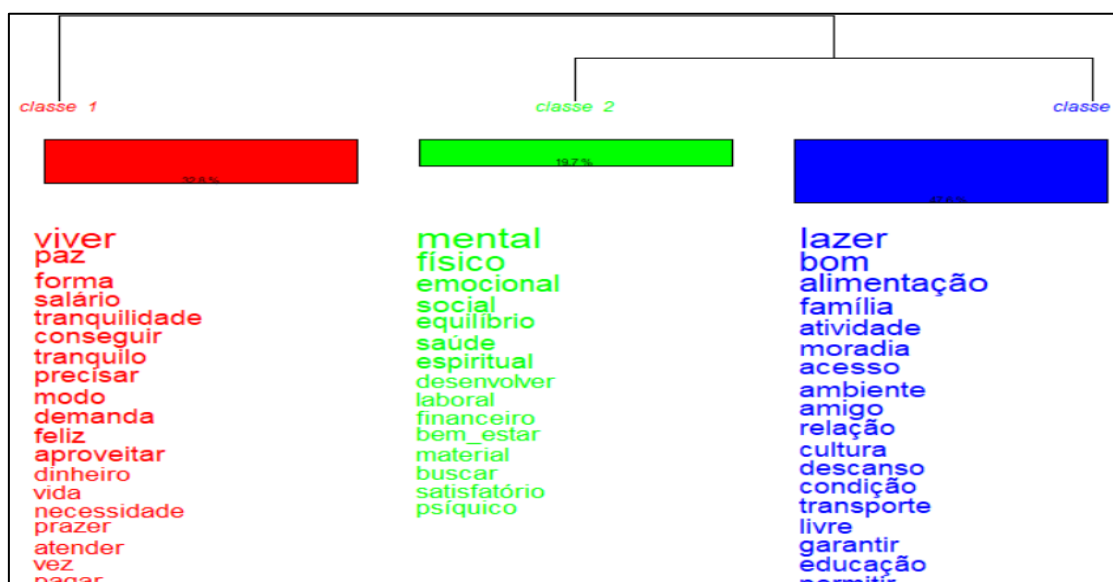
Analisando o gráfico acima evidencia-se que dentre os domínios estabelecidos no instrumento de pesquisa, o que se refere ao Domínio do Ambiente é o que obteve a menor média (3,32), ao passo que o Psicológico é o que registra a maior média (3,73). O Domínio Físico apresentou uma média de 3,58 pontos e o Domínio de Relações Sociais uma média de 3,6. A média total médio por domínios foi de 3,58 revelando uma QV média intermediária com tendência para positiva.

Na mesma comparação de estudos já feita anteriormente, Cardoso Júnior (2022), em sua dissertação de Mestrado com dados coletados com docentes da pós-graduação em uma instituição pública baiana, durante a pandemia da Covid19, encontrou que o Domínio do Ambiente foi o que obteve o menor escore também, ao passo que o de Relações Sociais foi o que registrou o maior escore. Essa semelhança e diferença de resultados sobre domínios reforça a importância nuclear que tem do modo de produção docente para cada momento histórico e que, portanto, que devem ser abarcados pelas discussões e pelos métodos de análise das pesquisas, demonstrando também a afetação que teve o distanciamento social provocado pela pandemia na QV docente.

Pedroso *et al.* (2010) também ensinam que não há um ponto de corte universalmente estabelecido para definir o que é considerado um escore "baixo" no WHOQOL-bref, pois isso pode variar dependendo do contexto da pesquisa, da escala ou mensuração utilizada, da população estudada e dos objetivos do estudo. A melhor aplicação interpretativa ocorreria a partir de uma métrica comparativa de grupos e populações semelhantes ou utilizar pontos de cortes baseados em estudos anteriores considerando cada contexto, mas, mesmo assim, é possível ainda tentar o estabelecer por algumas análises estatísticas. No nosso caso usamos o mesmo parâmetro da escala para estabelecer relações em escala por médias, sendo os valores de 1 a 2 para QV média ruim, 2 a 3 para QV média abaixo do ideal, 3 a 4 para QV média intermediária ou moderada, tendendo para negativa ou positiva e de 4 a 5 uma QV média tendendo para boa ou muito boa, onde 5 seria a média igual ao valor máximo significando a melhor QV possível.

Buscando melhor compreender a população estudada em relação a categoria QV, como forma de capturar o conceito a partir de uma métrica objetiva de realidade, uma questão aberta foi apresentada aos participantes para que respondessem quanto a seu conceito sobre essa categoria.

Figura 12 – Dendrograma Qualidade de Vida Entendida pelos Docentes



Fonte: Dados da Pesquisa 2024

O dendrograma CHD obtido a partir da análise do software organiza o conceito de QV em três dimensões principais: A Classe Fundante 1, que dá

foco aos aspectos materiais e financeiros da categoria, destacando a importância da estabilidade econômica para uma vida tranquila e satisfatória, a Classe derivada 2 que dá ênfase na saúde e no bem-estar integral dos docentes, incluindo saúde mental, física, emocional, social e espiritual, além do equilíbrio laboral e financeiro e a Classe 3 que da primeira também se deriva e se parecia com a segunda numa abordagem dos aspectos sociais e ambientais, ressaltando a importância das relações sociais, acesso a condições básicas de vida e atividades de lazer e cultura.

Essas três classes juntas fornecem uma visão abrangente da QV, integrando aspectos materiais, de saúde e bem-estar, e sociais/ambientais. E aqui chamamos a atenção para o que estamos tratando ao longo da tese que é o fato de que os domínios da QV preconizados pela OMS, em verdade, podem ser hierarquizados a partir da captura do fator econômico como nuclear, ao menos é o que demonstram os dados relacionados a esta população. Seria esta, uma coerente universal? Este achado assusta a classe dominante e o capital? Sigamos nessa pista apresentando uma nuvem de palavras correspondente.

Figura 13- Nuvem de palavras sobre a qualidade de vida entendida



Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

Quando observamos uma nuvem de palavras como a disposta acima, à primeira vista nos é enaltecido é a proposta de multidimensionalidade com pesos diferenciados e subjetivos para cada dimensão da nossa existência.

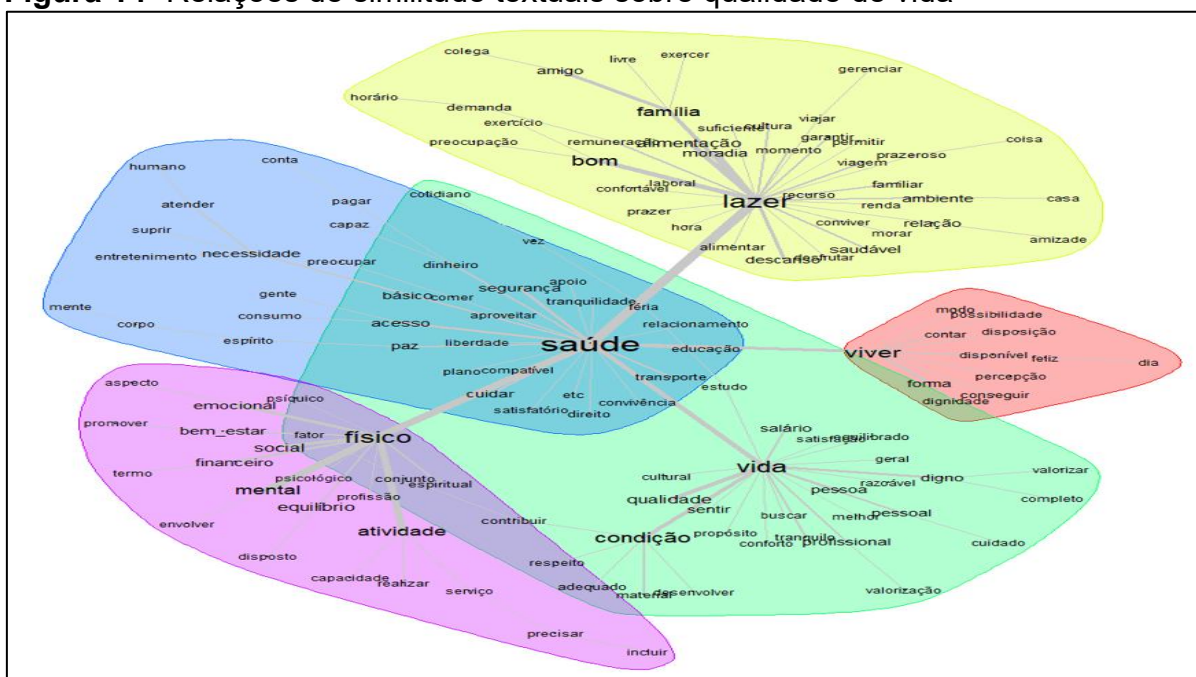
Como se a existência fosse pressuposta em si, o que não nos parece ser simplesmente assim.

A existência social saudável por exemplo, antes pressupõe o preenchimento de condições que são num mundo organizado pelo ego-capital eminentemente materiais. Vejamos que é preciso afastar em plano nuclear o sofrimento da dor da fome, do medo das ameaças, do receio do isolamento social pela falta de condições para sentir-se pertencente e destacado.

Na periferia da nuvem, em palavras diferentes (conceitos diversos), está a temática de fato central e concreta, que são as condições ou os recursos disponíveis para viver. A centralidade da nuvem nos revelaria a captura aparente do fenômeno. Lembremos o que o pressuposto metódico nos ensinou no edificar desta tese. Ele pressupõe que a realidade não é distinta entre o quantitativo e o qualitativo. Ele revela a essência e desnuda a aparência.

A nuvem desnudada de sua aparência revelaria que as palavras que nos remete a estabilidade financeira garantem concretamente o atendimento das demais essencialidades, necessidades e confortos da vida. Sigamos pela mesma seara confirmando o anteriormente dito apresentando a análise de similitude abaixo produzida pelo software.

Figura 14- Relações de similitude textuais sobre qualidade de vida



Fonte: Dados da Pesquisa de 2024

A figura de similitude acima representa as conexões entre palavras e conceitos associados à percepção de QV. A estrutura mostra diferentes agrupamentos (clusters) de palavras que compartilham significados próximos ou estão frequentemente relacionadas entre si. A análise do gráfico revela um núcleo central destacado pela palavra Saúde, sugerindo que é a ideia mais influente na percepção desta população.

Contudo observe-se que ela se relaciona com acesso, segurança, cuidar, tranquilidade, relacionamento e plano compatível, o que sugere que a saúde está ligada a condicionantes que a resultariam. Observe-se que este cluster central (em azul na figura) possui componente de maior pureza que denota com clareza uma raiz que contém termos como pagar, necessidade, consumo, conta e suprir, remetendo-nos ao mesmo raciocínio feito na nuvem anterior. O entrevistado parece abstrair a ideia de saúde a partir de elementos que são em verdade essências econômicas.

Silva *et al.* (2020), com o objetivo identificar a percepção de docentes de instituições ensino públicas sobre inveja, bem-estar subjetivo e saúde mental, observaram que a dedicação exigida para a efetividade do trabalho docente demanda um elevado esforço físico, intelectual e emocional, como revelado nas falas dos professores participantes da pesquisa. Segundo os autores, para os docentes pesquisados por eles, o ambiente social, incluindo família, amigos e colegas de trabalho, exerce influência significativa sobre a percepção individual de QV e, para alguns, alcançar um papel de destaque social, renunciar a certos eventos ou experiências em prol da carreira, e buscar comportamentos socialmente aceitos são fatores associados a essa concepção. Para os autores as expressões utilizadas pelos docentes evidenciam um ideal de experiência positiva vinculada à QV, ao mencionar elementos como conforto, trabalho, família e tranquilidade, que envolvem tanto aspectos emocionais quanto de saúde (Silva *et al.*, 2020).

Isto pode novamente indicar que aspectos materiais e financeiros são os nucleares para uma boa QV. Da mesma forma, note-se que o conceito de vida está amplamente relacionado a qualidade, condição, dignidade e valorização. Os demais clusters relacionam aspectos como mental, físico, equilíbrio, bem-estar, social e psicológico.

A interconectividade entre os clusters reforça a ideia de que nenhum desses fatores age isoladamente: a QV ou o bem-estar parece resultar de um equilíbrio entre condições físicas, emocionais, sociais e ambientais regido pelas condições materiais individuais. Talvez este seja um conceito pacificador entre o que busca a OMS e o que entende Edgar Morin pois que a prescrição de um estilo de vida é obviamente dependente das condições materiais individuais. “If Time is Money, Money is Life-Style” (autoral). É desse retro ciclo que parece se alimentar o capitalismo, que parece alienar o trabalhador. O mais valor pode ser o que determina o estilo de vida das pessoas.

Da mesma maneira, observando a QV e saúde desses trabalhadores a partir dos dados da pesquisa, encontramos outra correlação de Pearson forte (0,542) entre “WHOQOL Qualidade de vida (Avaliação da qualidade de vida)” e “WHOQOL (Satisfação com a saúde)” significando que a QV está associada à satisfação com a saúde, como também foi encontrada uma correlação forte negativa (-0,545) entre “WHOQOL (Satisfação com a saúde)” e “WHOQOL Como você tem se sentido (Dor física impede atividades)” demonstrando obviamente que os problemas de saúde reduzem a QV do docente.

Em todo esse interacionamento ocorre a convalidação da tese sobre validação da Dialética do Adoecimento no caso da docência do ensino superior. Se temos que a QV e a saúde dos docentes são influenciadas pelas condições materiais de trabalho, demonstramos como a base material (salário do docente e infraestrutura de trabalho) determina toda a superestrutura da Educação Superior.

Cardoso Júnior, Nunes e Cardoso (2022) exploram teoricamente como o método do materialismo histórico-dialético pode dialogar com pesquisas sobre QV. Eles defendem que analisar a QV dos professores requer compreender os condicionantes econômicos e sociais (como a divisão de classes e a alienação no trabalho) que permeiam a vida docente, assegurando assim uma interpretação crítica dos fenômenos de bem-estar e mal-estar na profissão.

Em outras palavras, a QV dos docentes universitários para os autores deva ser interpretada não apenas como questão individual, mas como reflexo das contradições estruturais do trabalho educativo, por exemplo, quando metas institucionais e pressões por produtividade reduzem o tempo de lazer, de qualificação e até de cuidado com a saúde do professor. Essa abordagem se alinha aos estudos de precarização e saúde já mencionados, pois indica que melhorar a QV docente passa, necessariamente, por transformações nas condições de trabalho e pela valorização da carreira, temas centrais na agenda de pesquisas crítico-dialéticas em educação superior.

Esse docente, quando alienado sobre as relações determinantes da sua realidade e da sua importância laboral para a sociedade, passa a acreditar que a sua QV é multidimensional e determinada fortemente por um componente subjetivo. Pelo diálogo com o materialismo histórico esta seria uma forma de alienação e ocorre porque os trabalhadores são separados da composição produtiva do seu trabalho e entrincheiram-se, distraídos sobre condições ou custos-benefícios que verdadeiramente determinam a sua vida.

Ora, como promover a construção de uma sociedade progressista e sustentável quando os docentes têm as próprias necessidades essenciais da vida obtidas a partir de um trabalho que é insalubre? A contradição do sistema educacional capitalista é a dialética do adoecimento.

Seguindo por esta exposição, vimos que o dendrograma CHD da figura 12 desta tese foi obtido pela análise do conceito de QV a partir da realidade e que este também corrobora empírico-dedutivamente todo o conjunto teórico acima. No referido ilustrado, a classe basilar é a econômica (classe 1), destacando a importância da estabilidade financeira para uma vida social tranquila e satisfatória. Dela derivou a classe 2 que parece mais enfática na saúde e no bem-estar integral, incluindo a saúde mental, social e espiritual, fornecendo um falseamento da visão nuclear sobre a categoria QV.

Nessa análise aparente, a boa QV nos parece ocorrer pela integração linear dos aspectos subjetivos aos sociais e aos ambientais por uma determinante que fica relativizada como bem-estar do sujeito, quando essa

determinante da totalidade é de fato objetiva, advém da relação laboral, é material salarial.

E aqui chamamos a atenção para o que já tratamos nesta da tese que é o fato de que os domínios da QV preconizados pela OMS, em verdade, podem ser hierarquizados a partir dessa determinante universal porque é da essência da espécie humana, portanto intercultural. Essa determinante que seria o “estilo de vida” na idealização de Nahas (1995) e a partir da visão de Edgar Morin, ao menos nos dados relacionados e analisados pelo método proposto nesta tese, é por resultado, uma ideia de relação de custo-benefício laboral.

Essa constatação mereceria uma atenção inclusive nas questões de saúde coletiva. Por exemplo, poderíamos problematizar, proporcionalmente, sobre qual a classe de indivíduos que mais óbitos apresentou durante a pandemia da COVID 19 a partir desta dialética. Quem dos docentes tinha o melhor custo-benefício laboral para se manter incólume física e mentalmente durante o necessário distanciamento social?

Como já foi possível discutir teórica e empiricamente, a insatisfação com o salário e com as condições de trabalho parecem mesmo refletir apenas um descontentamento e uma desmotivação. Contudo, reforçando o que foi pensado acima, se analisarmos a correlação de Pearson positiva e forte (0,609) entre a variável da categoria “SAÚDE (Possui dores musculares) e da “SAÚDE (Tem problemas na coluna)” é novamente possível comprovar que as condições precárias de ergonomia no trabalho, levam de fato os profissionais ao adoecimento físico, posto que interferem na sua capacidade vital. Uma correlação forte (0,520) entre “SAÚDE (Tem problema de saúde que interfere na atuação docente) e “WHOQOL Como você tem se sentido (Necessidade de tratamento médico)” também demonstra a essência como possível pois temos o desempenho docente depende da saúde docente que depende da relação custo-benefício laboral.

Vejamos que isto foi estimulado pela Lei nº 8.352 de 02 de setembro de 2002 que dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público das Universidades do Estado da Bahia e dá outras providências (Bahia, 2002). Sem determinar os parâmetros utilizados para o conceito “produtividade”, a própria lei deixa

margem para que a remuneração adquira contornos por critérios próprios administrativos orçamentários do Estado-Empregador.

Uma realidade que se desnuda repleta de contradições, pois o próprio conceito de produtividade ao nosso ver precisaria de uma captura a partir de cada realidade, para cada campus da instituição, por exemplo. No sentido de demonstrar alguns exemplos, confrontando dados, na tabela de realização profissional (tabela 6) disposta no capítulo de resultados, observamos que os docentes pesquisados, em sua maioria, respondem que não desistiriam da profissão, mas ao mesmo tempo, consideram a carreira pouco ou medianamente atrativa.

Outro exemplo de contradição ocorre quando os pesquisados respondem as perguntas objetivas negando, em sua maioria, a existência de assédio moral no trabalho ou de más relações com os colegas (Tabela 12), mas que, pela análise qualitativa do discurso (figura 9) sobre condições de trabalho e saúde, revelam que estes elementos são elencados como categoria fundante em associação com o adoecimento. Ou seja, é a partir dela que as demais se derivam. E mais, no estudo do discurso a partir da técnica de similitude (figura 8) estes mesmos elementos estão elencados em destaque periférico, paralelamente ao destaque da desvalorização, assumindo um formato de uma espécie de determinante etiológico.

A exposição dos resultados estatísticos da pesquisa ao método não se limitaria a esta análise acima apenas, porque muito mais é possível estabelecer, mais contradições a partir de outros dados. O que importou aqui foi demonstrar uma forma que diferencia o método de análise do “materialismo histórico-dialético” de outras análises tipificadas como quanti-qualitativas. Um erro, assim entendido, quando estudamos muitos artigos, dissertações e teses que o elenca, mas que não o perfaz em verdade.

A leitura aqui proposta também está além do que habitualmente propõem as ciências naturais, ela aproxima a ciência social dos fenômenos onde é possível essa relação, sem a qual, a realidade concreta ficaria prejudicada e o “véu” das aparências causais não cairia, a etiologia do adoecimento não estaria realmente desvendada.

Esta dialética ultrapassa os limites das reações químicas celulares para se entremear em relações existenciais psíquicas-sociais naturais da espécie humana. Os homens e as mulheres naturalmente se individualizam por sua capacidade de produzir, numa necessária existência social. Esta existência está posta nesta tese encrustada pelas contradições internas que passam a serem projetadas externamente (a partir do processo de abstração, da ideologia, pela sublimação ou pela alienação).

Aqui, humildemente, pela reflexão produzida, deduzimos que o uso de técnicas de análise qualitativas (IRAMUTEC), em conjunto e confronto como uso das análises quantitativas (SPSS), por suas análises quantitativas dos dados objetivos, captura contradições do fenômeno para que o pesquisador analista a possa desnudar das suas aparências.

Por exemplo, como uma fração de classe trabalhadora tão intelectualizada pode se sucumbir a processos que o alienam em relação a sua QVT, e assim sobre o seu adoecimento, que estatisticamente está associado ao aumento do estresse laboral? Isto reforça a importância do método analítico marxista que pressupõe que a realidade não pode ser dissociada em quantidades e qualidades, ela é uma concretude que deve ser pensada. Novamente emergem as demandas essenciais infraestruturais do ser humano prevalecendo sobre uma superestrutura de ilusões para um trabalhador de tamanha performance produtiva imaterial estar sendo alienado.

Caminhando para a finalização, temos que o adoecimento dos docentes, a partir desta análise, pode ser de fato entendido como o reflexo da exploração e das condições precárias de trabalho, onde o sistema regente prioriza a produtividade em detrimento do bem-estar dos trabalhadores docentes. O desempenho educacional fica impregnado por essa lógica que ao invés de criar condições de motivação e criatividade, em verdade as expropria desses tão importantes atores sociais. Eles que ficam sem outra escolha senão a de se “entrincheirar”. O adoecimento docente está, portanto, edificado nesta dialética histórica e material onde, a partir da exposição dos dados ao método científico marxista, propusemos o cunhar originalmente como **A Dialética do Adoecimento**.

Ainda a partir dos dados tabulados de correlações de Pearson dispostos no ANEXO 4 deste documento, facilitando a consulta diferenciada, podemos inferir por categorias as premissas seguintes, inicialmente considerando as respostas do primeiro instrumento utilizado (valorização docente adaptado).

Há uma correlação positiva forte (0.771), indicando que quanto maior a idade do docente, maior o tempo de atuação na docência universitária. Também há uma correlação positiva significativa (0.667), sugerindo que docentes mais velhos tendem a ter mais anos de atuação na UNEB. A correlação é ainda mais forte (0.792), mostrando que o tempo de docência está diretamente relacionado ao tempo de atuação na UNEB.

Se por um lado temos que o fator idade possa representar maior experiência profissional essencial para a condução do bom andamento pedagógico, por outro é preciso atentar para o fato de que o envelhecimento desta população aumenta as demandas por saúde, reduzindo-lhe a motivação laboral, por consequência impactando na QV e na demanda por mais recursos financeiros nessa satisfação. Poderíamos aqui avançar em discussões da seara das diferenças entre campi e territórios, relacionando condições regionais, infraestrutura institucional e políticas locais e ainda na seara previdenciária, mas que restaria muito ampla esta tese se fizéssemos a discussão extensiva em cada correlação específica, deixando o mister para a atividade produtiva em nível pós-doutoral e em parceria com outros renomados pesquisadores pelas suas intersecções.

Olhando de volta para a valorização docente em relação ao apoio da instituição para a formação continuada vimos que está correlacionado positivamente (0.593) com as condições em que a formação foi realizada. O aperfeiçoamento na prática pedagógica está correlacionado com novas metodologias de ensino (0.693) e com o atendimento às necessidades dos alunos (0.530). As novas metodologias de ensino também estão correlacionadas com o atendimento às necessidades dos alunos (0.629). O apreço pelos estudos está correlacionado positivamente com o crescimento teórico-científico (0.607) e com a atualização de conteúdos (0.550). A busca para atender as novas demandas sociais e políticas está correlacionado com o

crescimento teórico-científico (0.550) e com a valorização profissional (0.549). A atualização de conteúdos está correlacionada com o crescimento teórico-científico (0.690) e com a valorização profissional (0.549).

O ciclo é este, as correlações sinalizam estatisticamente de que há uma necessidade de valorização do docente para atender as finalidades da educação superior com qualidade. Nesse sentido, a satisfação com a carreira está correlacionada com a recomendação da profissão (0.535), indicando que docentes satisfeitos tendem a recomendar a carreira e que há uma correlação positiva forte (0.609) entre a satisfação com o salário e a adequação do salário às necessidades existenciais (alimentação, moradia, transporte etc.).

Quanto às infraestruturas do ambiente de trabalho, as correlações encontradas aparecem obviamente e positivamente relacionadas à infraestrutura geral de cada unidade, especialmente, indicando que instituições com acesso à internet tendem a fornecer materiais necessários para as aulas (0.533), sugerindo que instituições com psicólogos tendem a ter psicopedagogos (0.530) e que a presença de assistente social está correlacionada com o apoio pedagógico (0.523).

Quanto às jornadas de trabalho, a pesquisa indica que docentes com horários adequados para atendimento também têm horários complementares para trabalhos acadêmicos (0.541). Isso pode demonstrar que o desempenho docente é tempo útil disponível-dependente, mas que estes docentes também sofrem mais agressões e tendem a relatar mais assédio moral (0.626). Seria esta uma camada de aparências que expõe o docente as críticas infundadas?

Nas questões de saúde há uma correlação forte (0.662), indicando que docentes com dores musculares também tendem a ter dores articulares, que problemas na coluna estão correlacionados com dores musculares (0.609) e articulares (0.549) e que estes problemas de dores musculares (0.508) e problemas na coluna (0.520) interferem na docência. Nesse sentido é que a capacidade de locomoção está correlacionada com a satisfação com a saúde (0.507). Outra correlação de saúde importante é que a oferta de serviços psicológicos pela instituição está correlacionada com a prevenção de

problemas de saúde (0,593) revelando a importância dos cuidados com o estado de saúde mental desses profissionais.

A despeito da estatística específica em relação aos correlacionados dados (Valor da Correlação de Pearson), obtidos a partir do questionário Whoqol-bref da OMS, encontramos, por ordem de maior força associativa, que a dor física está fortemente associada à necessidade de tratamento médico (0,605), que quanto maior a dor física, menor a satisfação com a saúde (-0,545), que quanto maior a necessidade de tratamento médico, menor a satisfação com a saúde (-0,550), que as pessoas que aproveitam mais a vida tendem a avaliar sua QV como mais alta (0,568). Encontramos ainda que as oportunidades de lazer estão fortemente associadas ao aproveitamento da vida (0,591) e que a satisfação com a saúde está fortemente relacionada à avaliação global da QV (0,522).

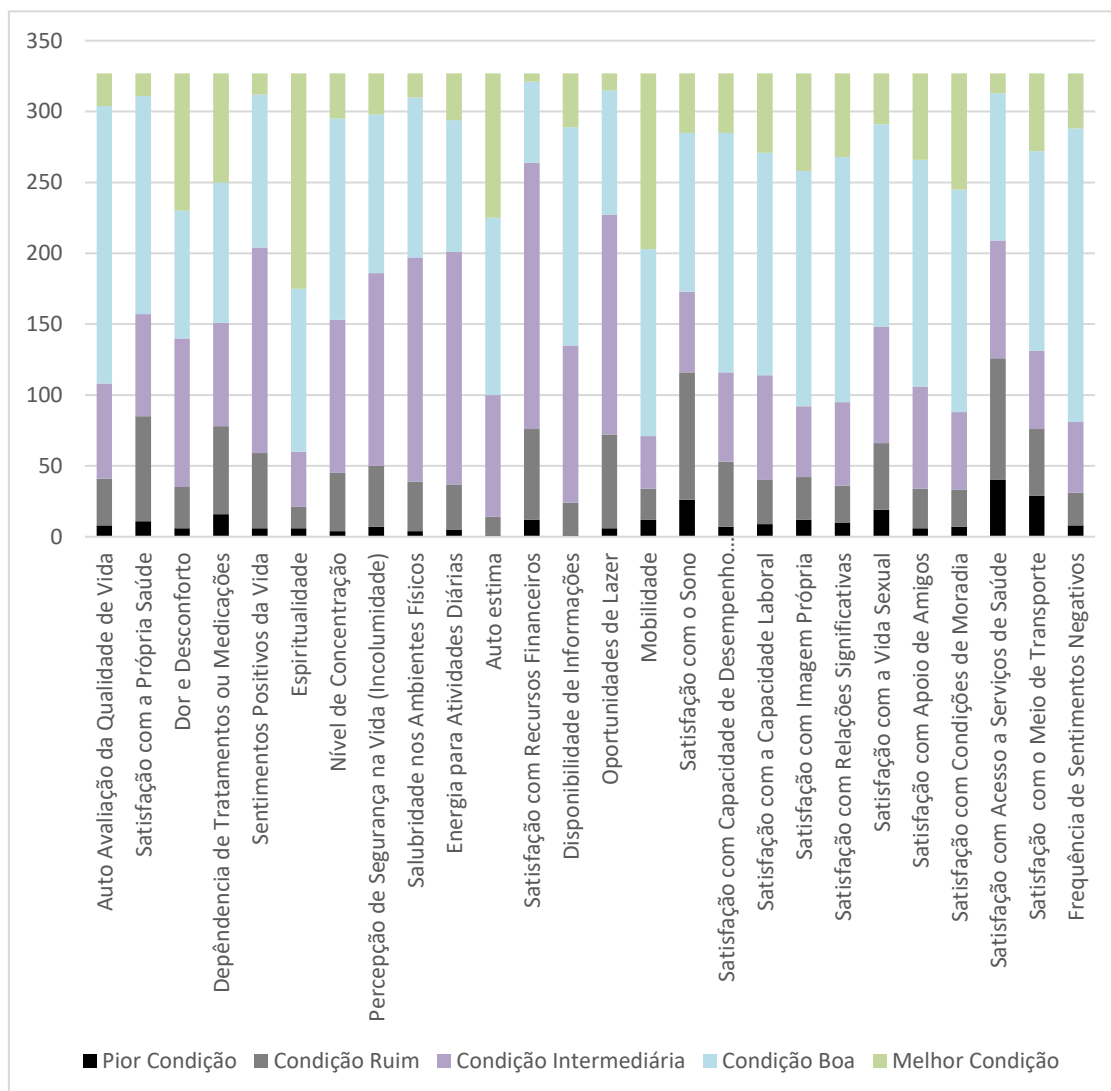
Os docentes entrevistados associam que quanto maior a energia para atividades diárias (0,514) e que as oportunidades de lazer (0,524) estão associadas a maior a avaliação da QV. Que quanto maior a dor física, menor a energia para atividades diárias (-0,544), que a capacidade de locomoção está associada à satisfação com a saúde (0,507) e, vejamos bem isto, que quanto mais recursos financeiros, mais oportunidades de lazer eles têm (0,523).

Nota-se aqui o espiral dialético da natureza humana fundado na materialidade. A partir destas correlações encontradas foi possível entender que as questões centrais da QV desta população docente em relação a QV, estariam de fato muito próximas da seara da Saúde, que determina a satisfação da QV, mas universalmente fundante pela seara de Recursos Financeiros, onde melhorar as condições econômicas pode aumentar as oportunidades de saúde e de lazer, e por fim, na seara Social-Laboral significaria aproveitar mais a vida e ter energia para atividades diárias, estando o desempenho docente fortemente associado à uma boa QV.

Retomando agora a questões estatísticas, temos que, o analisar de dados de uma população específica sobre sua QV, calculando a média e o desvio padrão dos escores, pode ajudar a estabelecer pontos de corte relevantes. Para cada uma das 26 questões (Q1 a Q26), a pontuação de cada

participante foi classificada com base nos valores já atrelados pelo escalonamento performado neste trabalho.

Gráfico 9 – Qualidade de Vida em Proporção da Amostra para cada questão

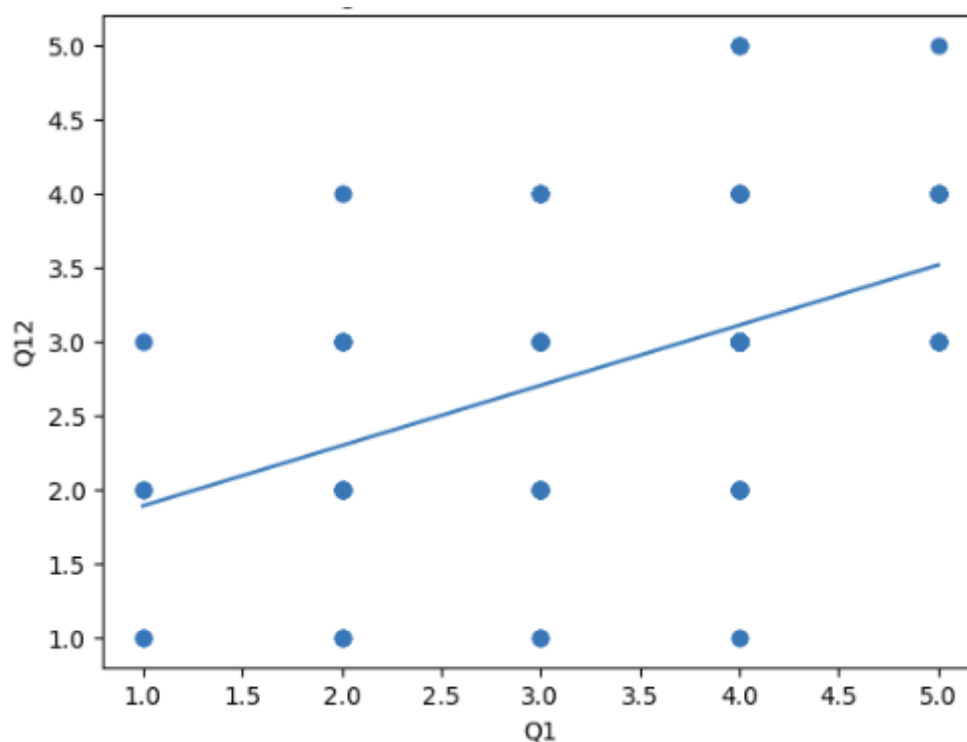


Fonte: Dados da Pesquisa 2024

A abordagem pelo gráfico acima é útil porque a partir dele foi possível identificar os padrões de resposta entre os participantes, comparar o desempenho relativo em cada item e avaliar o grau de percepção (em preto representando a pior percepção, em cinza representando uma percepção ruim, em roxo representando uma percepção intermediária, em azul uma boa percepção e em verde a melhor percepção) e se conseguimos estabelecer alguma correlação linear entre o padrão de respostas dos quesitos.

Nesse sentido de relações de questões associadas a Satisfação QV global (Q1) o gráfico abaixo demonstra esta influência a partir da Q12 (Questão 12 do Whoqol-Bref- Recursos financeiros) onde por regressão linear estatística se demonstra uma tendência média de relação diretamente proporcional.

Gráfico 10- Correlação Linear entre Suficiência Financeira (Q12) e QV Total



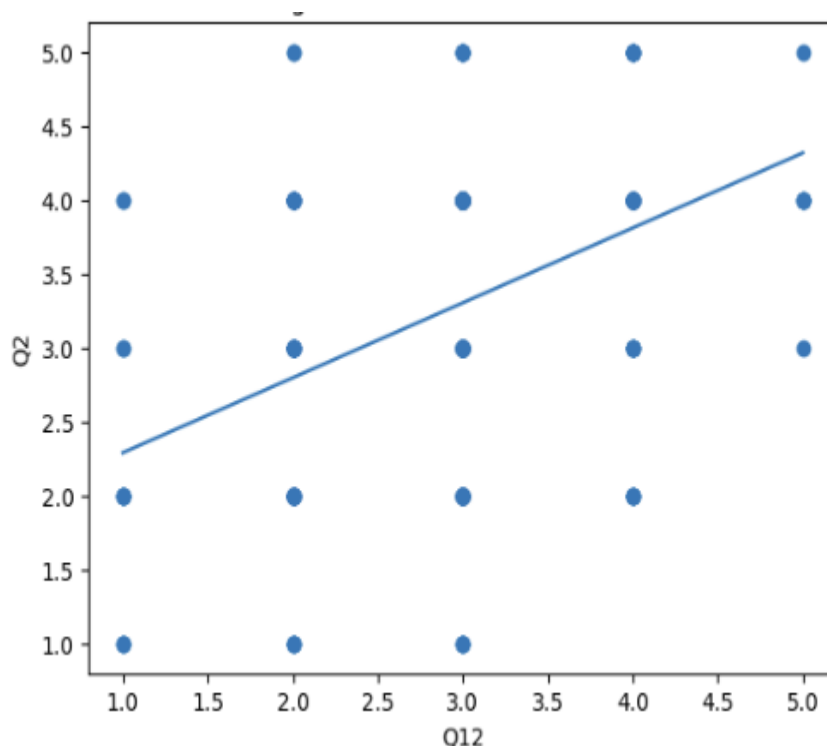
Fonte: Dados da Pesquisa 2024

A análise de regressão linear indicou relação positiva entre Q1 e Q12, sugerindo que aumentos na variável Q1 estão associados a aumentos na variável Q12, corroborando uma correlação moderada observada (0,45). A linha mostra a **tendência média da relação entre as variáveis**.

Ressalvado o debate teórico sobre esse emprego estatístico em relação a escalas de percepção, isso evidenciaria que quanto maior a percepção de suficiência financeira, maior a QV percebida. A percepção de suficiência financeira (Q12) é um dos principais fatores associados ao bem-estar geral nesta amostra. Essa variável inclusive atua como marcador transversal que pode afetar outros itens capturados a partir do WHOQOL-BREF.

Da mesma maneira que anteriormente o fizemos, encontramos uma correlação linear comparando a questão de satisfação com Saúde (Q2) e a de Recursos Financeiros (Q12). Vejamos o gráfico obtido e sua interpretação

Gráfico 11 – Correlação Linear entre Saúde (Q2) e Recursos Financeiros (Q12)



Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

A regressão linear simples indicou tendência positiva entre as variáveis Q12 e Q2, sugerindo que níveis mais elevados em Q12 (Recursos Financeiros) estão associados a níveis mais elevados em Q2 (Satisfação com a Saúde).

Nestas buscas correlacionais, poderíamos avançar buscando discrepâncias em relação a outras variáveis, mas isto ampliaria demasiadamente a contextualização da presente tese, servindo os dados a novos pesquisadores e por outros métodos. O avanço analítico sobre as questões de gênero atendem a proforma do projeto guarda-chuva e pode ser ampliado por outros condicionantes sociais.

Contudo, neste trabalho, o foco foi compreender essas relações a partir do método proposto, pensando a totalidade e capturando conceitos a partir da realidade. A busca até aqui corrobora o custo-benefício do trabalho como uma categoria nuclear dentre todas as demais propostas que ficam sob a égide da

multidimensionalidade e da subjetividade para a QV dos docentes. Esse núcleo pode e deve ser mais evidenciado para ser universalmente incontestado e reproduzível. Embora reconhecendo a necessidade de desenvolvimento de um mais minucioso modelo estatístico, a proposta retoma à centralidade e prossegue na exposição seguinte.

6 A TOTALIDADE HISTÓRICA E A REALIDADE PENSADA (CONCRETA) DO FENÔMENO

Sobre as premissas basilares que caracterizam o alcance do método perseguido, Engels (2020) nos ensinou que é preciso que a partir dele se estabeleça a origem e a caducidade do fenômeno, a sua historicidade. Defendemos nesta tese a Dialética do Adoecimento (DA), *in casu* dos Docentes, debatida aqui no âmbito do ensino superior público brasileiro, como sendo mesmo uma composição evidenciada por um percurso histórico.

Manifestando a partir das variações das condições de trabalho em função da produção social e dos conflitos de classes, a DAD está relacionada com fatores que competem incessantemente pela negação de realidades e por opostos interesses.

Para melhor aclarar essa totalidade restou demonstrado que o adoecimento docente é fruto de um fenômeno histórico complexo, da precarização do trabalho impulsionada por políticas neoliberais que imprimiram mudanças estruturais no sistema educacional brasileiro conforme se constata também nos dados apontados pelo referencial do capítulo do Estado do Conhecimento.

Relembremos que foi a partir da década de 1960, durante o regime militar, que o ensino superior brasileiro iniciou sua expansão, controlada e com priorização para as instituições privadas. A Reforma Universitária de 1968 (Lei nº 5.540/68) introduziu lógicas empresariais na gestão acadêmica, como a departamentalização e a ênfase em produtividade.

Essa legislação de 1968 eliminou a cátedra, estabeleceu o regime de tempo integral com dedicação exclusiva para docentes, reforçou a estrutura departamental, segmentou o curso de graduação em ciclo básico e ciclo profissional, introduziu o sistema de créditos por disciplinas e adotou a periodicidade semestral. As instituições privadas passaram a ser reconhecidas como apoiadas pelo poder público, e as verbas orçamentárias vinculadas foram permanentemente removidas (Lira, 2012).

A concepção de planejamento que guiou a elaboração dessa lei do período militar foi restrita a critérios financeiros. Assim, o impacto dessa abordagem foi bastante negativo, considerando a importância elevada do tema. Segundo Mendes (2000), a principal consequência da abordagem jurídica adotada naquela época foi a falsa sensação de controle fácil sobre os acontecimentos.

Avançando na história, nos anos 1990, já no tenro período de redemocratização, a precarização se aprofundou mediante a consolidação das políticas neoliberais. O Plano Diretor da Reforma do Estado de 1995, sob o governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso, incentivou a terceirização e a contratação de professores via regimes temporários (como o regime de *horista*), reduzindo direitos trabalhistas (Brasil, 1995).

Dos anos 2002 a 2010, primeiros governos do atual presidente Luís Inácio Lula da Silva, a expansão do ensino superior foi novamente impulsionada. Deste feita por programas como o Programa Universidade para Todos (PROUNI) e o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil), que ampliaram o acesso, mas também aprofundaram a precariedade do trabalho docente. Isto porque as instituições privadas, em pouco mais de uma década já seriam responsáveis por mais de 75% das matrículas (Brasil, Inep, 2020) e adotaram modelos de gestão baseados em metas de captação de alunos e redução de custos.

Os professores foram submetidos a contratos intermitentes, salários defasados e cobranças por produtividade acadêmica em meio à falta de infraestrutura. Esse processo, refletiu-se na deterioração das condições de trabalho, na flexibilização dos contratos, na sobrecarga de atividades e no aumento de adoecimentos físicos e mentais desses professores.

Carvalho (2013), na época, foi categórica ao prelecionar que na educação superior brasileira, o crescimento das IES lucrativas e a legitimação de estratégias de mercado na direção da financeirização, oligopolização e internacionalização foram os elementos clássicos do movimento neoliberal sob um setor estratégico nacional.

Na rede pública, iniciativas de congelamento de investimentos (como a Emenda Constitucional 95/2016) agravaram as condições de trabalho, com sobrecarga de aulas, falta de concursos públicos, de condições de trabalho e ainda aumentando a pressão por publicações acadêmicas (Mariano, 2017)

Como movimento contraposto, em reação a estas investidas, houve a reorganização dos movimentos sindicais pós-ditadura militar permitindo a criação de entidades como o ANDES-SN (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior). Fundado em 1981, junto a outros que se seguiram, os sindicatos deflagraram greves que reivindicavam melhores salários, estabilidade e melhores condições de trabalho, pressionando os governos a recompor perdas salariais causadas pela inflação (Oliveira, 2004).

Num contexto disputa, de progressivo avanço neoliberal, as greves tornaram-se mais frequentes e abrangentes. Em 2012, no primeiro governo da presidente Dilma Rouseff, docentes de universidades federais entraram em greve por mais de três meses contra a precarização e por reajustes salariais. Em 2015, nova greve nacional contestou os cortes orçamentários e a Medida Provisória (MP) 746/2016 que fragilizava a educação pública (ADUFRJ, 2023). A resistência sindical conseguiu vitórias pontuais, inclusive a derrubada dessa MP e a garantia de concursos públicos em algumas universidades.

Em meio a esta luta de interesses contrapostos, de sucessivas fotografias materiais, muitas pesquisas já apontavam que a precarização estava diretamente ligada ao adoecimento docente. Estudos de Penachi e Teixeira (2020) com professores universitários brasileiros demonstraram alta prevalência de sintomas de Burnout, de ansiedade e de depressão. Relatos de suicídio de professores e de assédio moral, tornaram a relação cada vez mais emblemática. (Penachi; Teixeira, 2020)

A sobrecarga de trabalho, somando aulas, orientações, pesquisas e burocracias diversas foi sendo cada vez mais agravada pela pressão por produtividade em publicações e captação de recursos. A falta de estrutura física (salas superlotadas, falta de laboratórios) e a terceirização de serviços essenciais (limpeza, segurança) aumentaram mais ainda o estresse docente.

Além disso, a instabilidade contratual gerou insegurança existencial, o medo do subemprego (Diehl; Marin, 2016).

Nessa questão sempre alertam muitos pesquisadores:

[...] o processo de mercantilização da Educação Superior no Brasil está historicamente vinculado à expansão desse nível de ensino, a partir das reformas do Estado brasileiro no campo educacional, mostrando sua posição subalterna em relação às demandas impostas pelo capital; e que o papel dos grupos empresariais do setor educacional e as políticas educacionais de financiamento e concessão de bolsas de estudo, com o objetivo de ampliar o acesso a esse nível de ensino, são dois importantes fatores que atestam a mercantilização da Educação Superior atualmente. (Oliveira; Santos, 2023, p.1)

Nas instituições privadas, sindicatos como o SINPRO-SP também enfrentaram batalhas judiciais para garantir direitos básicos, como pagamento de horas extras e reconhecimento de vínculo empregatício. A judicialização das relações trabalhistas, contudo, muitas vezes esbarrava na resistência das mantenedoras (SINPRO-SP, 2019).

Contudo, o capital se reinventa incessantemente e o avanço do ensino à distância (EAD), substituindo professores por tutores mal remunerados bem como a financeirização da educação (com grupos estrangeiros comprando faculdades) se tornaram as novas vertentes impostas pelos interesses neoliberais. No governo federal prévio ao atual, de Jair Bolsonaro (2019-2022), a regressão foi ainda mais escancarada, tempos de uma perversa “reforma” da Previdência, de cortes³⁰ volumosos para a educação e de reforço às parcerias público-privado pelo programa Future-se³¹, proposto para as universidades e institutos federais (Vansconcelos; Lima, 2020).

Período que foi marcado pela pandemia da Covid-19 (2019), outro marco potencializador dessas investidas, quando os professores se viram ameaçados pelo risco do esvaziamento educacional ante o isolamento social, sendo obrigados a se imiscuir nesse universo de tele ensino e de uberização (Fontes,

³⁰ O então ministro da Educação, Abraham Weintraub, anunciou, em 2 de maio de 2019, um corte de 30% dos recursos para universidades e institutos federais. O valor contingenciado atingiu principalmente as áreas de custeio e investimento da instituição.

³¹ O projeto propunha a entrada da iniciativa privada nas universidades federais e a redução da participação do governo no financiamento das universidades e institutos federais.

2017) educacional. Os docentes “resilientes” foram além dos seus limites pela não estagnação do ensino superior brasileiro durante a pandemia. O resultado foi mais adoecimento, especialmente sobre as docentes do gênero feminino, que se viram abarrotadas de stress com a soma das responsabilidades pelos afazeres domésticos, simultaneamente tendo que lidar com novas ferramentas de trabalho intuitivamente (Brasil, 2020) e com cobranças permanentes por maior produtividade (Cardoso Júnior, 2022).

Passado o Estado de Emergência da Pandemia, somente recentemente, em setembro de 2024, os docentes das universidades estaduais da Bahia, incluindo a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), iniciaram uma greve por tempo indeterminado a partir do dia 27 de setembro. A decisão foi tomada em assembleias realizadas pelas associações docentes, como a ADUNEB, e em resposta à proposta de reajuste salarial apresentada pelo governo estadual, considerada insuficiente pela categoria (G1 BA, 2024).

A pauta de reivindicações dos docentes incluía um plano de recomposição salarial, com a proposta de reajuste em três parcelas de 5,5% nos meses de janeiro de 2025, janeiro de 2026 e dezembro de 2026, totalizando 17,42% em dois anos, respeitando a data-base em janeiro. Essa proposta foi elaborada com base nas previsões de inflação e visava um ganho real de 4,1% ao ano (ADUNEB, 2024)

As negociações prosseguiram ao longo de setembro e outubro de 2024, com o governo apresentando propostas de reajuste que foram consideradas insuficientes pelos docentes. A greve foi mantida até que os docentes da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) aceitaram a proposta do Governo Estadual da Bahia e encerraram a paralisação. O irrevogável acordo firmado previu um reajuste salarial total de 13,83%, distribuído em quatro parcelas ao longo de dois anos, sem possibilidade de rediscussão judicial da mesma matéria nesse período. Nesse ponto, observa-se que a atuação da superestrutura (poder judiciário) de fato promoveu neste caso o engessando da luta da classe trabalhadora.

Além do reajuste, o governo baiano comprometeu-se a modificar, a partir de 2025, as regras de progressão na carreira docente, eliminando a

dependência de vagas disponíveis na categoria pleiteada, o que anteriormente resultava em uma espera média de um ano para promoções. Isto ainda se espera que possa ocorrer.

De qualquer forma, este (mal) acordo foi resultado de intensas negociações entre o Fórum das Associações Docentes (Fórum das ADs) e o governo baiano, refletindo a necessidade de mobilização dos professores das universidades estaduais da Bahia em busca de melhores condições salariais e de carreira.

O Estado, exercendo o papel de garantidor dos interesses do capital, tem cada vez mais direcionado a estrutura universitária própria para atender aos interesses do mercado, numa lógica de precarização pela privatização (Signori, 2023). Reiteradamente, neste processo de deterioração, uma das frentes intencionais é a descaracterização do trabalho docente universitário, obrigando o profissional a incorporar o produtivismo para sobreviver no meio e isto se torna uma das principais causas de sofrimento na academia (Antunes, 2019).

Os princípios neoliberais se manifestam visando sempre a expansão de políticas que favoreçam os interesses do capital, transformando a educação de uma parte estratégica do campo social e político em um mercado altamente lucrativo. Exames, índices classificatórios ranqueados, avaliações em larga escala, mudanças de bases curriculares e de formas de certificação facilitam iniciativas público-privadas e criam relações mercadológicas, mudanças profundas são constantemente propostas na gestão e na organização das universidades, instituem-se cada vez mais os modelos gerencialistas.

Nessa lógica, o foco do docente é colocado no desempenho individual como meio de obtenção de melhores salários e de condições de trabalho, de modo que se tornam facilmente alienáveis e exploráveis. A valorização dos docentes foi ressignificada como prêmios que naturalizam a precariedade do trabalho a fim de os distrair da lógica neoliberal (Estormovski; Esquinsani, 2023). A cátedra se esvazia cada vez mais de sentido com o docente cada vez mais se coisificando.

Diante de tantas pesquisas e embates efervescentes, em 18 de setembro de 2023, no terceiro mandato do presidente Lula, foi promulgada a Lei nº 14.681 que instituiu a Política de Bem-Estar, Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho e Valorização dos Profissionais da Educação. Essa legislação buscou promover a saúde integral, prevenir doenças no ambiente educacional e estimular práticas que assegurem o bem-estar no trabalho de forma sustentável e humanizada (Brasil, 2023)

As principais diretrizes dessa promulgada lei mencionam as relações interpessoais com foco na mediação e harmonia entre profissionais, superiores e subordinados. Ela visa um ambiente de trabalho colaborativo, o engajamento e a participação ativa dos trabalhadores no planejamento institucional e nas ações que busquem a melhoria contínua das condições de trabalho. Ela propõe inclusive a implementação de medidas de proteção à saúde física e mental dos profissionais da educação, com orientação sobre protocolos a serem adotados em casos de riscos e agravos à saúde, reduzindo as faltas ao trabalho, fomentando a formação continuada e o equilíbrio entre vida profissional e pessoal do docente. Contudo, nada foi mencionado sobre aspectos orçamentários, remuneração e as recomposições salariais. A lei ora discutida apenas estabelece que União, estados, Distrito Federal e municípios dentro do prazo de um ano, a partir da publicação da lei, devem elaborar planos específicos que atendam às diretrizes e objetivos mencionados. Em outubro de 2025, outra lei, a 15.202/25 entrou em vigor criou a Carteira Nacional de Docente do Brasil (CNDDB), documento válido em todo o país para identificar professores de todos os níveis, valorizar a categoria e facilitando o acesso a direitos e de alguns benefícios culturais e em lazer para esses profissionais.

A ingresso por meio de concurso público, uma jornada de trabalho adequada, um adequado tempo para planejamento e estudos, uma estrutura de trabalho e de salário condizentes com sua formação, seria o minimamente razoável para melhorar a situação e, conforme ensina Castro Neta (2020), a falta de alguma dessas condições prejudica a saúde dessa classe.

Mesmo com uma oportunidade fascinante de refletir e aprofundar a realidade, os docentes experimentam a frustração de seus desejos (pulsões) no cotidiano acadêmico (Ferreira; Menezes, 2021). Eles se desgastam, se

angustiam, sofrem estresse além do limite e adoecem devido à realidade da situação de trabalho conflituosa (interna e externa) com o que é idealizado. Não parece restar dúvidas de que o docente precisa ser priorizado com políticas de assistência psicológica e de combate ao assédio.

Nessa dialética de contrapostos, o adoecimento docente fica evidente. É fundamental para os docentes que fortaleçam a articulação entre sindicatos, estudantes e movimentos sociais. Os dados revelam a urgência por transformações profundas que garantam dignidade aos professores e a qualidade do ensino público universitário aos estudantes.

Os docentes (universitários ou não) são as pessoas basilares de uma sociedade fraterna, livre, democrática e progressista. *"Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre."* (Freire, 2014, p.25)

Paulo Freire, em suas obras "Educação e Mudança" (Freire, 1979) e "Pedagogia do Oprimido" (Freire, 1968), defendeu que a educação convencional frequentemente atua para domesticar em vez de emancipar. Ele propôs uma educação que liberta, emergindo da conscientização crítica da grande maioria e que são oprimidos, em vez de ser imposta pelas elites econômicas dominantes. Isso implica que a iniciativa para uma educação emancipatória deve partir das classes oprimidas, e não das dominantes.

Gramsci (2011) discutiu com as mesmas bases pressupostas sobre uma hegemonia cultural, na qual a classe dominante estabelece sua visão de mundo como padrão, por meio da educação. Isso sustenta a ideia de central trazida a esta tese de que o sistema educacional é mesmo um campo de batalha, onde as classes oprimidas devem lutar para transformá-lo e assim transformar a sua realidade.

Assim, trouxemos nesta tese as relações (diálogo) das unidades (categorias do fenômeno e do método) com a totalidade (resultado integral articulado do fenômeno) evidenciada pelo adoecimento do docente universitário e seu sentido altamente deletério para a sociedade. Os nexos e as condicionantes que foram demonstrados pelas pesquisas dispostas no corpo

deste trabalho, revelam que o método marxista tem uma grande relevância científica para a análise do tema.

Ele aponta os desafios reais como fruto de um processo histórico, de uma dialética entre as determinantes infraestruturais e as superestruturais que envolvem a Dialética do Adoecimento. Ele desnuda a aparência de que os docentes em tela estão acomodados a uma prática de má qualidade para apresentar uma realidade concreta repleta de reais intencionalidades; a de que os docentes do ensino superior público estão, em verdade, bastante adoecidos.

A materialidade que determina a QV deles é a que também determina o desempenho desses importantes agentes sociais, mas que são opostas ao vil interesse do capitalista. A educação de qualidade que uma nação depende da valorização de seu docente. Depende do favorecimento para uma QV adequada para os seus professores.

Se as qualidades das categorias não podem ser dissociadas das suas quantidades nos fenômenos que relacionam a humanidade, sugerir que o termo “qualidade de vida” seja reconsiderado, mudando-o pela captura da sua existência pensada para um termo que a universalize, nesse caso, sugeriríamos a retomada do termo “condições de vida” para significar o almejado, entendimento dado originalmente por Buss (2000).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese concluímos que a posição de neutralidade na disputa de interesses sob a educação seria uma mediação inviável, pois, como visto a partir de nossos pressupostos, ela se daria como um diálogo de opostos e opostos não são mediáveis, sob pena de não existirem em verdade. A essência oposta deles é determinada pela sua perene condição existencial.

Apesar das críticas aos instrumentos de coleta que foram de certo modo tecidas como proposição primeira da necessidade de aperfeiçoá-los a partir da ótica materialista-histórica e dialética superando suas propostas conceituais fragmentadas da realidade, foi percebido que os dados correlacionados estatisticamente neste trabalho podem revelar diversos aspectos da vida profissional e pessoal dos docentes e suas interconexões.

A idade prevalente dos docentes está fortemente relacionada com um amplo tempo de experiência profissional; a motivação para formação continuada é bastante ligada ao crescimento profissional e à valorização; a satisfação com a carreira depende da adequação salarial e das condições de trabalho; a infraestrutura e os recursos pedagógicos são fundamentais para o bem-estar dos docentes e em última análise, o adoecimento mental e físico docente estão imbricados com a qualidade de vida profissional.

Nesse sentido, estas correlações podem ser usadas para propor melhorias nas políticas institucionais públicas voltadas para os docentes universitários. Que essas políticas sejam aperfeiçoadas em transparência, agilidade, articulação e efetividade para que haja um plano de progressão de carreira com equiparação social, onde se realize a valorização profissional a partir de melhorias nas condições de trabalho e de uma política salarial condizente, automaticamente e corretamente reajustáveis.

Que elas sejam também aperfeiçoadas em acessibilidade a estratégias de suporte preventivo (psicológico, pedagógico e social) e de planejamento restaurador da saúde mental e física com boa qualidade, que atenda as demandas inclusive nas localidades mais remotas e com menores recursos na área. Essas mesmas políticas devem reduzir a burocracia para melhoramentos de infraestrutura, da segurança legal e moral dos atores educacionais para a

boa prática institucional em suas questões democráticas interrelacionais. Que elas promovam recursos para o custeio de pesquisas e de projetos de extensão tão cruciais impactando no desenvolvimento sustentável da sociedade.

Uma proposta objetiva que emerge dessa tese, a ser desenvolvida melhor e a posterior, para amenizar a situação, seria a da criação de Centros de Qualidade de Vida Docente (CQVD). Uma edificação voltada ao atendimento das demandas de bem-estar docente. Espaços multidisciplinares de monitoração, de interação, de troca de experiências, de aperfeiçoamento formativo, de prática de atividade física, de atendimento psicossocial e de suporte nas relações significativas e laborais.

Contudo, esse é um desejo, uma pulsão de prazer ideal. Ele não se materializará sem a devida mediação, de modo que para reverter realmente este quadro será necessário muita luta, pois a raiz do problema, como demonstra esta tese, é estrutural. Essa estrutura está sempre imbricada nos determinantes e nos mecanismos econômicos propulsionados por interesses de uma classe abastada. E mais, uma estrutura onde o próprio Estado Nacional reluta em corrigir a partir de uma efetiva valorização dos profissionais, que são efetivamente os construtores do projeto de sociedade justa. Restou sinteticamente comprovado que o Adoecimento Laboral do Sujeito Docente passa por uma dialética material, por relações diretas e indiretas entre as categorias do fenômeno e as do método marxista.

Esta tese propõe que é necessário compreender que não há outro caminho senão pela mobilização coletiva (redes de apoio mútuo, luta sindical e de movimentos sociais e até mesmo de greves legais) que amenizam os impactos do produtivismo e forçam o diálogo com os representantes do Estado (os governos) para que haja o efetivo cumprimento das legislações e do interesse maior da sociedade.

Que essas políticas públicas se materializem, desçam do mundo da abstração e das aparências para o da realidade desejada. Sem medidas concretas, o que haverá será a perda de talentos (adoecimento, evasão e apagão docente) com uma deterioração da qualidade do ensino público superior brasileiro. Talvez, inclusive, seja necessário se repensar os fazeres

pedagógicos, com proposições curriculares que estejam atualizadas com a globalização que não seja exclusivamente a da perspectiva do capital, mas que sejam integrativas e que contribuam para o combate da insalubridade instaurada indiscriminadamente. Neste caso, especialmente para os atores educacionais.

Destaca-se ainda, mais crucial do que todo o anteriormente despido, que é preciso compreender que todo o discutido deva ser parte de uma política de mudança cultural. E somente será a partir da tomada dessa consciência plena sobre o papel do docente, na luta contra a impostura alienante do capital é que essa realidade poderá se transmutar.

O docente precisa ter, como todos precisam ter, um bom estilo de vida (uma alimentação saudável, praticar atividades físicas, ter um sono adequado, manter o equilíbrio emocional com a redução do estresse, disponibilidade para lazer, para as relações sociais e culturais a partir de uma jornada de trabalho justa), uma renda digna para ter serviços básicos de vida humana (moradia, transporte e mobilidade), a liberdade de cátedra e de pensamento. O docente precisa de respeito por sua individualidade e de um meio ambiente sustentável. Isto posto, sentira-se alinhado com os valores da docência.

Em palavras sintéticas, a partir desta tese reconceituamos o constructo QV a partir da investigação empírica-conceitual com docentes como sendo a integração das condições materiais com as relações significativas (família, colegas, alunos e amigos) com vistas a realização pessoal (propósito de vida) e o bom desempenho da função social (trabalho). Conceito que foi aferido a partir da realidade pesquisada em contraposição aqueles que foram idealizados e acostados de subjetividades aparentes.

Para isto, o sujeito docente deve antes conhecer que, historicamente, as classes econômicas dominantes tendem a manter sistemas educacionais de forma que possam reproduzir continuamente as desigualdades sociais. Deve perceber que a educação tem sido usada como uma ferramenta para perpetuar a ideologia dominante, ensinando valores e normas que beneficiam o *status quo*. Portanto, esperar que essas classes criem uma educação emancipatória seria contraditório. Seria manter viva a dialética do próprio adoecimento.

Se reformas educacionais são promovidas por governos ou por elites, geralmente elas ocorreram dentro de limites que não ameaçam suas estruturas de poder, como por exemplo, quando políticas de inclusão não abordam as causas profundas da desigualdade social ou quando as políticas de expansão de acesso ao ensino superior ocorrem sem reformulações do modelo de avaliação, de conteúdo curricular ou sem o devido debate democrático.

A Dialética do Adoecimento (DA) destes docentes em tela, parece-nos uma tese viável, o fim que intenciona o capital. Os docentes do ensino superior quando exauridos pela idade e pelo trabalho, pelos desgastes físicos e emocionais, tendem a se excluir do processo decisório, a se separar de seu produto que é a própria forma de sociedade humanizada.

Veja-se que, apesar da amostra alcançar um mínimo estatístico necessário ($n=327$), ainda assim, esses fatores da precarização muitas vezes prevalecem sobre os docentes, criando um desinteresse por participar dessa pesquisa que lhes seriam de grande relevância auto compreensiva. Isto per si, em revela outra contradição interessante. Muitos docentes que também são pesquisadores até percebem a essencialidade de sua participação, mas preferem alienar-se aos resultados, a participação pela transformação.

A docência, especialmente a universitária, é, por excelência, uma profissão exegética que contraria qualquer intento desumanizador. Nesse sentido também, algumas limitações importantes neste estudo foram observadas como pelo recorte empírico concentrado em uma instituição específica (UNEB), o que limita generalizações, explorações incipientes comparativas entre variáveis que possam ser aprofundadas posteriormente com emprego de robusta estatística e a ausência de questões específicas voltadas para as questões de racialização e de inclusão, neste último caso em especial aos docentes com deficiência (PCD).

Considerar essas limitações se fará importante para compreender mais profundamente cada nuance entre as desigualdades estruturais e os desafios específicos enfrentados por esses grupos, especialmente no que se refere à acessibilidade e apoio institucional. Pesquisas futuras ou aprofundamento das

discussões por recortes específicos poderão incluir essas questões e complementar as evidências.

Sendo uma profissão humanista, em que se pese qualquer recurso tecnológico desenvolvido ou a desenvolver para o campo educacional, educar será sempre um ato social que pode ser mediado, mas não pode ser desprender absolutamente desta característica, sob pena de não existir.

A depender dessa dialética, ou ela será justa e fraterna, ou ela será vocacionada apenas para manter a lucratividade especulativa neoliberal e produzir as suas mazelas decorrentes. A realidade não pode se perder nas abstrações criadas para ignorar uma premissa óbvia: Não há Educação de qualidade sem condições dignas para o Educador.

Insiste-se, pois, que a ideia de resiliência é uma abstração, um romantismo alienante propagado pelo capitalismo para a (des)arquitetura sistêmica que transforma tudo ao seu deleite. A DA, nesta tese, pode ser demonstrada a partir do método de análise proposto, desnudada porque há em verdade um interesse determinante na transformação dos espaços de ensino superior público em ambientes de baixas condições existenciais. Uma dialética que desvenda a raiz, a real etiologia do fenômeno do adoecimento docente na atualidade.

A resistência, esta sim, começa pelo reconhecimento da realidade. O método marxista nos ensina que a aparência dos fenômenos esconde sua essência, e que é preciso ultrapassar a superfície para atingir as determinações profundas. O adoecimento não é apenas um problema médico ou psicológico, mas uma questão política. Ele revela as fissuras de um sistema que, ao buscar o lucro máximo, consome tudo o que é vivo, principalmente os sujeitos em crise.

REFERÊNCIAS

ADUFRJ - Sindicato dos Docentes da UFRJ. **Negociações terminaram em greves em 2012 e 2015**. 2023. Disponível

em: <https://www.adufrj.org.br/index.php/pt-br/noticias/arquivo/21-destaques/4817-negociacoes-terminaram-em-greves-em-2012-e-2015>.

Acesso em: 20 mar. 2025.

ADUNEB. **Notícias Interno**. ADUNEB, s.d. Disponível

em: https://aduneb.com.br/pagina/noticias_interno/4008. Acesso em: 21 mar. 2025.

ADUSB. ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UESB. **STF confirma decisão definitiva sobre Dedicção Exclusiva nas universidades estaduais da Bahia**. *Adusb – Notícias*, Vitória da Conquista, 10 mar. 2026. Disponível em:

<https://adusb.org.br/web/page?slug=news&id=13087>. Acesso em: 11 mar. 2026

ALMEIDA, Claudio Bispo de; CARDOSO, Berta Leni Costa; SILVA, Maria de Lourdes; RODRIGUES, Deyvis Nascimento; NUNES, Claudio Pinto.

Qualidade de vida e fatores sociodemográficos de docentes do município de Guanambi, Bahia, Brasil em meio à pandemia da Covid-19. *In*: CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Claudio Nunes; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Indicadores de saúde e qualidade de vida: contextos escolares e universitários**. São Carlos, Pedro & João Editores, 2022a. P. 17-32.

ALMEIDA, Claudio Bispo de; SILVA, Maria de Lourdes; SILVA JÚNIOR, Germínio José da; CARDOSO, Berta Leni Costa. Condições de trabalho e saúde de docentes: uma revisão integrativa. *In*: CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Cláudio Pinto; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Qualidade de vida e saúde de profissionais da educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022b. P. 159-192.

ALMEIDA, Cláudio Bispo; CASOTTI, César Augusto; SENA, Edite Lago. **Reflexões sobre a complexidade de um estilo de vida**. *Av. Enfermagem.*, v. 36, n. 2, 2018.

ALMEIDA, Raíra Alâna Silva; COSTA, Keyla lane Donato Brito; CARDOSO, Berta Leni Costa. Qualidade de vida, ansiedade e depressão em docentes em tempos de pandemia. *In*: CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Claudio Nunes; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Indicadores de saúde e qualidade de vida: contextos escolares e universitários**. São Carlos, Pedro & João Editores, 2022. P.93-118.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado**. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

ALVES, A. M. O método materialista histórico-dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 9, 2010.

ALTHUSSER, Louis. **For Marx**. Londres: New Left Books.1971

AMORIM, Gisele Ferreira de. **A docência longe de casa: trabalho e qualidade de vida das professoras e professores do ensino superior**. 2023. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória da Conquista, 2023.

ANTUNES, Juliana Coelho. **O Sofrimento Mental Contemporâneo Na Universidade: A Perspectiva Docente**. 2019.

ANDES-SN. **Relatório Nacional sobre as Condições de Trabalho nas Universidades Federais**. Brasília: ANDES-SN, 2018.

AULETE, iDicionário, s.d. <<http://www.aulete.com.br/>>, 14 Janeiro 2021.

BAHIA. Lei nº 8.352, de 2 de setembro de 2002. **Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público das Universidades do Estado da Bahia e dá outras providências**. *Diário Oficial do Estado da Bahia*, Salvador, 3 set. 2002. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=98708>. Acesso em: 18 abr. 2025.

BAHIA. Lei Delegada nº 66, de 22 de junho de 1983. **Institui a Universidade do Estado da Bahia e dá outras providências**. *Diário Oficial do Estado da Bahia*, Salvador, 23 jun. 1983.

BARBOSA, Pércia Paiva; URSI, Suzana. Motivação para formação continuada em Educação a Distância: um estudo exploratório com professores de Biologia. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias** Vol. 18, Nº 1, 148-172, 2019. Disponível em: http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen18/REEC_18_1_8_ex1312.pdf Acesso em: 20 abr. 2025.

BORGES NETO, Jair Barbosa. Os neurotransmissores. *In*: FIKS, José Paulo.; MELLO, Marcelo Feijó. **Transtorno do estresse pós-traumático: violência, medo e trauma no Brasil**. São Paulo: Atheneu, 2011. p. 49-64.

BORBA, Camila Melo. **Qualidade de vida e adoecimento do docente que atua na linha de frente contra a pandemia da COVID-19 no Hospital Geral de Vitória da Conquista**. 2023. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista, 2023.

BOSI, Antônio de Pádua. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação & Sociedade**, v.28, n.101, p.793-818, out./dez. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302007000400012>.

BORGES, Maurilo Aparecido; ALVES, Débora Almeida Galdino; GUIMARÃES, Laiz Helena de Castro Toledo. Qualidade do sono e sua relação com qualidade de vida e estado emocional em professores universitários. **Revista Neurociências**, v. 29, p. 1-16, 2021.

BOUCHER, Geoff. **Marxismo**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho-Petropolis, RJ: Vozes, 2015

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). **Indicadores de formação e pesquisa no Brasil: distribuição por gênero e áreas de conhecimento**. Brasília, DF: CAPES/CNPq, 2019

BRASIL, Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação. **Parecer 11/2020 Orientações Educacionais para a realização de aulas e atividades Pedagógicas presenciais e não presenciais no contexto da Pandemia**. Brasília: [s.n.]. julho 2020.

BRASIL. Comissão Nacional de Ética em Saúde (CONEP). **Resolução no. 466 de 12 de dezembro de 2012**. Publicado no D.O.U no.12 quinta feira, 13 de junho de 2013- Seção 1- Página 5.

BRASIL. Decreto nº 92.937, de 7 de julho de 1986. **Autoriza o funcionamento da Universidade do Estado da Bahia — UNEB**. *Diário Oficial da União*, Brasília, 8 jul. 1986.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 01 de dez. de 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014**. Reserva aos negros 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ano 151, n. 109, p. 1, 10 jun. 2014.

BRASIL. Presidência da República. **Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado**. Brasília: Presidência da República, 1995.

BRASIL. **Censo da Educação Superior 2022**. Brasília: INEP, 2022.

BRASIL. **LEI Nº 14.681, DE 18 DE SETEMBRO DE 2023**. Institui a Política de Bem-Estar, Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho e Valorização dos Profissionais da Educação. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 24 maio 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14681.htm. Acesso em: 21 mar. 2025

BRASIL. **LEI Nº 15.202, DE 11 DE SETEMBRO DE 2025**. Institui a CARTEIRA NACIONAL DE DOCENTE NO BRASIL (CNDB) Diário Oficial da União, DF, 12 de Setembro de 2025. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2025/lei-15202-11-setembro-2025-797961-publicacaooriginal-176430-pl.html>. Acesso em: 21 de Outubro de 2025.

BRASIL. **Fórum Nacional de Educação**. *Documento referência: Conferência Nacional de Educação – CONAE 2018*. Brasília: MEC/FNE, 2018. Disponível em: https://conae.mec.gov.br/images/documentos/documento_referencia_conae_2018.pdf. Acesso em: 20 set. 2025

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em: 18 mar. 2026.

BUSS, Paulo Marchiori. Promoção da saúde e qualidade de vida. 1. ed. Rio de Janeiro: **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, 2000.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software IRaMuTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires)**. Florianópolis: Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição - UFSC, 2021. Disponível em: http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IRaMuTeQ%20em%20portugues_22.11.2021.pdf Acesso em: 11/03/2025

CAMPOS, Vanessa T. Bueno; ALMEIDA, Maria Isabel de. Contribuições de ações de formação contínua para a (trans)formação de professores universitários. **Revista Linhas Florianópolis**, v. 20,n. 43,p. 21-50,maio/ago.2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723820432019021/pdf> Acesso em: 26 mar. 2025.

CAMPOS, Taís Cordeiro; VÉRAS, Renata Meira; ARAÚJO, Tânia Maria de. Transtornos mentais comuns em docentes do ensino superior: evidências de aspectos sociodemográficos e do trabalho. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 25, p. 745-768, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/SVyyKwCpTcmR4CDskV3hSPN/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 12 maio 2025

CANCIAN, Queli Ghilardi. **Trabalho e ciência**: Um olhar para a saúde e qualidade de vida dos professores universitários. 2020. 286f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2020.

CANCIAN, Queli Ghilardi; BENASSI, Cassiane Beatrís Pasuck, DEUS, Andréia Florêncio Eduardo de; TAVARES, keila Okuda; MALACARNE, Vilmar.

QUALIDADE DE VIDA NO DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO NA PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 13, n. 39, p. 371–386, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.7749676. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/1025>. Acesso em: 14 maio. 2025

CARDOSO, Berta Leni Costa; CARDOSO JÚNIOR, Welton; NUNES, Claudio Pinto. Condições de trabalho docente na pós-graduação no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil. **PARADIGMA**, Maracay, v. XLV, n. 2, e2024016, Jul./Dez., 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2024.e2024016.id1315> Acesso em: 12 maio 2025.

CARDOSO, Berta Leni Costa; CARDOSO JÚNIOR, Welton; NUNES, Claudio Pinto. Percepção sobre saúde, ambiente e condições de trabalho de docentes universitários. *In*: CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Claudio Pinto (Orgs.). **Trabalho Docente, Políticas e Gestão Educacional**. Curitiba: Editora CRV, 2016. P.15-27.

CARDOSO JUNIOR, Welton. **Qualidade de vida e adoecimento docente: A pós-graduação no contexto da pandemia da COVID-19**. 2022. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória da Conquista, 2022.

CARDOSO JÚNIOR, Welton; NUNES, Cláudio Pinto; SILVA JÚNIOR, Germínio José da; CARDOSO, Berta Leni Costa. O Materialismo Histórico-Dialético e a qualidade de vida docente. *In*: CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Cláudio Pinto; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Qualidade de vida e saúde de profissionais da educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. P. 61-80. a

CARDOSO JÚNIOR., Welton; CARDOSO, Berta Leni Costa; SANTOS, Alcir Rocha; NUNES, Cláudio Pinto. Jornadas de trabalho, estilo de vida e desempenho docente no ensino jurídico atual. **Acta Scientiarum. Education**, v. 40(3), e.40411, 2018. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/acta>. Acesso em: 24 out. 2020

CARVALHO, Cristina Helena Almeida de. A mercantilização da educação superior brasileira e as estratégias de mercado das instituições lucrativas. **Revista Brasileira de educação**, v. 18, p. 761-776, 2013.

CASAGRANDE, Ana Lara. Docência no ensino superior: problematizações a partir do plano nacional de educação. **REVELLI - Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, Vol. 12. 2020. Dossiê: Políticas para educação superior e Plano Nacional de Educação.

CASTRO NETA, Abília Ana de. **A precarização do trabalho e os impactos para o processo de adoecimento da classe trabalhadora docente. 2020. 200 f.** 2020. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação)– Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista–Ba.

CAVALCANTE, Lígia Vieira da Silva; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Formação continuada de professores no ensino superior privado: tensionamentos e possibilidades contemporâneas. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 11, e032904, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/32904/28157> Acesso em: 18 abr. 2025.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. Editora Ática. São Paulo, 1998.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

COSTA JÚNIOR, João Florêncio da; CABRAL, Eric Lucas dos Santos; SOUZA, Rosana Curvelo de; BEZERRA, Diogo de Menezes Cortês; SILVA, Polyana Tenório de Freitas. **Um estudo sobre o uso da escala de Likert na coleta de dados qualitativos e sua correlação com as ferramentas estatísticas**. Contribuciones a Las Ciencias Sociales, São José dos Pinhais, v.17, n.1, p. 360-376, 2024

COSTA, Milce; SOUZA NETO, Menandes Alves De. Eventos estressores e as implicações do estresse ocupacional na saúde do docente do ensino superior. **Revista Eletrônica da Faculdade Evangélica de Ceres**, v. 9, n. 1, 2020.

COSTA, Niraildes Oliveira de Moraes Ferreira. **Qualidade de vida no trabalho (QVT): um estudo qualitativo sobre experiências vivenciadas por docentes de cursos de graduação em Administração de Instituições de Ensino Superior (IES) privadas de São Paulo**. 2017. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro Universitário FEI, São Paulo, 2017.

COSTA, Ana Lúcia. Gênero, saúde e qualidade de vida: uma análise do sono em mulheres trabalhadoras. **Revista Saúde e Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 58-70, 2012.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. Porto Alegre: LP&M Editores, 1988.

CRESPO, Antônio Arnot. **Estatística fácil**. São Paulo: Saraiva. 2002.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e Contradição elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo: Cortez Editora, 1985

DAY, Hy.; JANKEY, Sheron. Lessons from literature: toward a holistic model of quality of life. In: RENWICK, Rebecca; BROWN, Ivan; NAGLER, Mark (Orgs). **Quality of life in health promotion and rehabilitation: conceptual approaches, issues, and applications**. Thousand Oaks: Sage, 1996.

DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena. **Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura**. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, dez. 2016.

D'OLIVEIRA, Camila Arantes Ferreira Brecht; ALMEIDA, **Caroline Muller**; SOUZA, **Norma Valéria Dantas de Oliveira** ; PIRES, **Ariane da Silva** ; MADRIAGA, **Luiz Carlos Veiga**. Prazer e sofrimento no trabalho: perspectivas de docentes de enfermagem. **Revista Baiana de Enfermagem**, [S. l.], v. 31, n. 3, 2017. DOI: 10.18471/rbe.v31i3.20297. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/20297>. Acesso em: 2 dez. 2022.

DONIZETI, Luciano. Sartre e o marxismo: Humanismo radical e materialismo dialético. **Dois pontos**: Curitiba, São Carlos, volume 13, número 1, 2016. p. 129-149.

DOS SANTOS, Michelle Cardoso Machado; ORTIZ, Adriana Yanina; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo; URPIA, Arthur Gualberto Bacelar da Cruz; MACUCH, Regiane da Silva. Gestão do trabalho docente e percepção das condições de saúde de docentes de ensino superior. **Perspectivas em Gestão e Conhecimento**: João Pessoa, volume. 10, n. 2, 2020.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **O ensino superior no Brasil: Público e privado**. Estudos Avançados, 19(54), 2005 , 257-267.

ELIAS, Marisa Aparecida; NAVARRO, Vera Lúcia. Profissão docente no ensino superior privado: o difícil equilíbrio de quem vive na corda bamba. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2019, vol. 22, n. 1, p. 49-63 – DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v22i1p49-63. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/154083/158395> Acesso em: 8 maio 2025.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da Natureza**; tradução Nélcio Schneider-1 ed- São Paulo: Boitempo, 2020.

ESTORMOVSKI, R. C.; ESQUINSANI, R. S. S. (Des)Valorização docente na educação básica brasileira: naturalização da precarização promovida pelas premiações de professores. **Educar em Revista**, v. 39, p. e87138, 2023.

EVANGELISTA, Simone Torres; VALETIM, Igor Vinicius Lima. Remuneração Variável de Professores: controle, culpa e subjetivação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 999-1018, jul./set. 2013.

FERNANDES, Florestan (org). **K. Marx, F. Engels**. História. 2ª. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1984.

FERREIRA, Marco Aurélio Marques; FERREIRA, Edimara Maria; TEIXEIRA, Karla. Prevalência racial e de gênero no perfil de docentes do ensino superior **Revista Katálisis** 25(2):303-315 Agosto 2022 DOI:[10.1590/1982-0259.2022.e84603](https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e84603)

FERREIRA, L. G. **Professores da zona rural em início de carreira: narrativas de si e desenvolvimento profissional**. 2014. 273 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

FERREIRA, Paula Andréa Prata; MENEZES, Ione Vasques. Conflitos do professor universitário: o que sabemos sobre isso? **Psicologia em Estudo**, v. 26, 2021.

FIGUEIRA, Monique. O ensino e a aprendizagem não cabem em algoritmos: relato docente sobre o fetiche da inteligência artificial. **Dossiê do analógico à inteligência artificial: 30 anos de comunicação e educação**, ano xxix, número 1. jan/jun, 2024

FIELD, Andy. **Descobrimo a estatística usando o SPSS**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2018.

FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. Marx e o Marxismo. **Revista do NIEP-Marx**. Niterói, v. 5(8), p.45-67, 2017.

FORATTINI, Cristina Damm.; LUCENA, Carlos Alberto. Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 1, n. 2, p. 32-47, 2015. Disponível em: <http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/19/369>. Acesso em: 8 jun. 2018

FORTE, Joannes Paulus Silva; ANGELO, Jordi Othon. Formação docente à deriva: a preparação para o magistério superior em programas de pós-graduação em direito no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 48, e 237253, p. 1-25, 2022. <https://www.scielo.br/j/ep/a/sqWqm7tpft34nNPZTkDRRwK/>.

FRANCO, Kaio José Silva Maluf; CARMO, Aline Cristine Ferreira Braga; MEDEIROS, Josiane Lopes. Pesquisa Qualitativa em Educação: Breves Considerações a Cerca da Metodologia do Materialismo Histórico-dialético. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais** – UEG/UnU Iporá, v.2, n. 2, p.91-103 – jul/dez, 2013

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 49. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREUD, Sigmund. **Civilization and its Discontents**. Penguin Freud Library, 1929.

FREUD, Sigmund. **Para além do princípio de prazer**. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

Frone, Michael; Yardley, John; Markel, Karen. Developing and Testing an Integrative Model of the Work–**Family Interface**, **Journal of Vocational Behavior**, Volume 50, Issue 2, 1997, 145-167, ISSN 0001-8791, <https://doi.org/10.1006/jvbe.1996.1577>.
(<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0001879196915778>)

G1 BAHIA. **Em campanha salarial, professores das universidades estaduais da Bahia voltam a paralisar atividades nesta quarta-feira**. G1, 11 set. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/09/11/em-campanha-salarial-professores-das-universidades-estaduais-da-bahia-voltam-a-paralisar-atividades-nesta-quarta-feira.ghtml>. Acesso em: 21 mar. 2025.

GAMBOA, Silvio A. S. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In.: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GEMELLI, Cátia Eli; CLOSS, Lisiane. Precarização do Trabalho Docente de Ensino Superior em IES Privadas Brasileiras. **BBR, Braz. Bus. Rev.** 20 (3) • May-Jun 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bbr/a/nHnLcBRRc6Q9pvzYtWj9fQH/?lang=pt#> Acesso em 8 maio 2025.

GUIMARÃES, G. **A construção da profissão docente: História e perspectivas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILL, Thomas; FEINSTEIN, Alvan. A critical appraisal of the quality of quality-of-life measurements. **JAMA**, v. 272, p. 619-626, Agosto 1994. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jama/article-abstract/378367>. Acesso em: 02 jul. 2021.

GOMES, Viviane. **Qualidade de vida no processo de trabalho do docente de enfermagem**. 2012. 90 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel: notas sobre o estado e a política**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. (Cadernos do cárcere, v.3)

GUEDES, Marilde Queiroz; DA SILVA MARTINS, Nilza; DE FARIA WANDERLEY, Marta Maria Silva. O protagonismo da Universidade do Estado da Bahia/UNEB/Brasil na interiorização do ensino superior. **Revista Fafire, Recife**, v. 10, n. 2, p. 35-45, 2017.

GUIMARÃES, Valter Soares. A socialização profissional e profissionalização docente: um estudo baseado no professor recém ingresso na profissão. *In: Formar para o mercado ou para a autonomia? O papel da universidade*. Campinas: Papirus, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2012

HARVEY, David. *Para entender O capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.
HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **The Philosophy of History**. Nova York: Dover, 1956.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

HUSSERL, Edmund. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2016

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018

LANDEIRO, Graziela Macedo Bastos ; PEDROZOLL, Celine Cristina Raimundo; GOMES, Maria José Gomes; OLIVEIRA, Elizabete Regina de Araújo. Revisão Sistemática dos estudos sobre qualidade de vida indexados na base de dados Scielo. **Revis Temas Livres Ciênc**. Saúde coletiva, out 2011.

LAURENTINO, Elias Matias. **Consumo de medicamentos por docentes de uma instituição federal de ensino superior no Ceará, Brasil**. 2019. 204 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

KONDER, Leandro. **O que é Dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KONDER, Leandro. **O que é Marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LELES, Cláudio Rodrigues; MORO, Rafael Gustavo Dal; DIAS, Danilo Rocha. Princípios de Bioestatística. Cap.12. *In: ESTRELA, Carlos (org.). Metodologia científica: ciência, ensino, pesquisa*. 3ed. São Paulo: Artes Médicas, 2018. p.159-196

LYOTARD, Jean François. **A Condição Pós-Moderna**. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LIMA, Francisco de Assis Soares; VIEIRA, Edinilson Santos; LEAL, Débora Araújo. QUALIFICAÇÃO E VALORIZAÇÃO DOCENTE: UM CAMINHO IMPERATIVO PARA A EXCELÊNCIA EDUCATIVA NO SÉCULO XXI. **Revista Ibero-Americana de Humanidades**, Ciências e Educação. São Paulo, v.10. n.05.maio. 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13776/6788> Acesso em: 8 maio 2025.

LIMA, Emília Freitas de. Análise de necessidades formativas de docentes ingressantes numa universidade pública. **Revista Brasileira de Estudos pedagógicos. (online)**, Brasília, v. 96, n. 243, p. 343-358, 2015.

LIRA, Alexandre Tavares do Nascimento. **As bases da Reforma Universitária da ditadura militar no Brasil**. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 15., 2012, Rio de Janeiro. **Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO**. Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2012. P. 1-9. ISBN 978-85-65957-00-7.

LOPES, Samuel Nobre. **Realização e estranhamento no trabalho docente universitário: uma análise ontológica**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021

LOSCOCO, Karyn; ROCHELLE, Anne. **Influences on the Quality of Work and Nonwork life: Two Decades in Review**. Journal of Vocation Behavior, 1991. p. 182-225.

LUCKESI, Cipriano; BARRETO Elói; COSMA, José. **Fazer Universidade: Uma proposta metodológica**. 17ª. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. 3ª ed. São Paulo. Ed. WMF Martins Fontes, 2003.

MACHADO, Rosane do Carmo. **O ambiente ergonômico em instituição de ensino superior e seu reflexo na atividade docente e na qualidade de vida na organização**. 2009. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MASETTO, Marcos Tarciso. Exercer a docência no Ensino Superior Brasileiro na contemporaneidade com sucesso (competência e eficácia) apresenta como um grande desafio para o professor universitário. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 20, n. 65, p. 842–861, abr./jun. 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.7213/1981-416X.20.065.DS15>. Acesso em: 5 maio 2025.

MARIANO, Cynara Monteiro. **Emenda constitucional 95/2016 e o teto dos gastos públicos: Brasil de volta ao estado de exceção econômico e ao capitalismo do desastre**. Revista de Investigações Constitucionais, Curitiba, vol. 4, n. 1, p. 259-281, jan./abr. 2017. DOI:10.5380/rinc.v4i1.50289.

MARQUES, Waldemar. O quantitativo e o Qualitativo na Pesquisa Educacional. **Revista Avaliação**. V. 2, nº 3(5), 1997

MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2.ed. - São Paulo : Expressão Popular, 2008b.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1964.

Marx, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel -1843**; tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 2.ed. - São Paulo : Boitempo, 2010

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política** Tradução Mário Duayer e Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011

MARX, Karl. **O Capital**. Tradução de Rubens Enderle. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2023.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo. Ed. Boitempo, 1852.

MARX, Karl. **Glosas marginais ao manual de economia política de Adolph Wagner**. Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, v. 23, n. 2, 2017a, pp. 252-279.

MARX, Karl; Engels, Friedrich. **Obras Seleccionadas em um Volume**. 7ª ed. Moscou: Progress, 1986

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do Professor Universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MELLO, Guiomar Namó. **A pesquisa educacional no Brasil**. *Cadernos de Pesquisa*, n. 46. pp. 67–72, 1983

MENDES, Durmeval Trigueiro. **O planejamento educacional no Brasil**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

MENDONÇA, Maurício Hoeschl. **A qualidade de vida no trabalho na Universidade Federal de Santa Catarina: um estudo de caso com os docentes efetivos de ensino superior do Centro Socioeconômico da UFSC**. 2013. Dissertação (Mestrado em Administração Universitária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **O método em Marx: um estudo sobre o presente como síntese de múltiplas determinações**. São José do Rio Preto, SP: Práxis Editorial, 2022.

MINAYO, Maria Cecília Souza. Ciências e Cientificidade. *In: Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-15

MOREIRA, Deise Maira Silveira; MUSSI, Ricardo Franklin Freitas.; CARDOSO, Besta Leni Costa. Questionário sobre valorização docente (Q-VD): elaboração e validação de um instrumento. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v.15, n.34, p.e17489, 2022. DOI: 10.20952/revtee.v15i34.17489. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/17489>. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v15i34.17489>

MOREIRA, Deise Maíra Silveira. **A valorização docente a partir do processo de validação de um instrumento de pesquisa**. 2021. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2021

MOURA, Alda Aparecida Vieira. **Desdobramentos da crise estrutural do capital no trabalho docente: a intensificação e o adoecimento**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

NAHAS, Marcus V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo**. 7ª. ed. Florianópolis, Ed. do Autor, 2017.

NEVES, Vanusa Nascimento Sabino; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos. **Trabalho docente no Brasil durante a pandemia da Covid-19**. Educação Unisinos 25(2021) ISSN 2177-6210 Unisinos - doi: 10.4013/edu.2021.251.26

NORMAN, G. Likert scales, levels of measurement and the “laws” of statistics. **Advances in Health Sciences Education**, v. 15, n. 5, p. 625–632, 2010.

NUNES, Cláudio Pinto; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Trabalho, carreira, desenvolvimento docente e mudança na prática educativa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.43, n.1, p.65-80, jan./mar. 2017.

NUNES, Everardo Duarte. A crise do trabalho e a saúde: uma análise a partir das mudanças no mundo do trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 1017-1028, 2003.

OLIVEIRA FILHO, Albertino de. **Indicadores relacionados à qualidade de vida e fatores de risco de professores da Universidade Estadual de Maringá-PR**. 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

OLIVEIRA, D. A. **A Reestruturação do Trabalho Docente: Precarização e Flexibilização**. Educação & Sociedade, v. 25, n. 89, 2004.

PENACHI, Eliza; TEIXEIRA, Edival Sebastião. **Ocorrência da síndrome de burnout em um grupo de professores universitários**. Educação, Santa Maria, v. 45, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/31778>. Acesso em: 21 de mar. 2025 DOI: [10.5902/1984644431778](https://doi.org/10.5902/1984644431778).

OLIVEIRA, Renato; DOS SANTOS, Pedro Pereira. O processo de mercantilização da Educação superior no Brasil e a negação da formação humana: uma análise crítica a partir de István Mészáros. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 9, p. e023046-e023046, 2023.

OLIVEIRA, Francisco. **O elo perdido; classe e identidade de classe**. São Paulo: Brasiliense, 1987

OMS ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Constituição da Organização Mundial da Saúde**. Nova Iorque: Organização Mundial da Saúde, 1948.

OMS ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE **The Development of the World Health Organization WHOQOL-B: quality of life assessment**. Psychological Medicine 28:551-558, **Geneve**, v. 28, p. 551-558, 1998

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **WHOQOL-BREF: introduction, administration, scoring and generic version of the assessment**. Geneva: World Health Organization, 1996

OMS ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE **Director-general is opening remarks at the media briefing on COVID-19 – 11 March 2020**. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 18 mar. 2026.

PAULA, Alessandro Vinicius de. **Qualidade de vida no trabalho de professores de instituições federais de ensino superior: um estudo em duas universidades brasileiras**. 2015. 315 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2015.

PAULA, João A. D. A Produção do Conhecimento em Marx. **Revista Temporalis Caderno Abess**, São Paulo, v. 5, n. Cortez, p. 17-42, 1992.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao Estudo do Método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PAULO NETTO, José; BRAZ, Marcelo. **Trabalho, sociedade e valor**. In: _____. **Economia política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2006

PEDROSO, Bruno; PILATTI, Luiz Alberto; GUTIERREZ, Gustavo Luis; PICININ, Claudia Tania . Cálculo dos escores e estatística descritiva do

WHOQOL-bref através do Microsoft Excel. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 31-36, jan./jun. 2010.

PENACHI, Eliza. **Estresse e síndrome de burnout em professores do ensino superior: contexto de adoecimento e estratégias de enfrentamento**. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Pato Branco, PR, 2018.

PENIN, Sonia Terezinha de Souza. **Profissão docente**. Salto para o futuro. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012181.pdf>> aceso em 11 nov. 2024

PERONI, Vera Maria Vidal; CAETANO, Maria Raquel. O público e o privado na educação Projetos em disputa? **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 17, p. 337-352, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>

PNUD. PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Relatório do Desenvolvimento Humano 1990**. Nova York: PNUD, 1990.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PINHEIRO, Rosângela; SPOSITO, Marília P. de Souza. A casa das mulheres: significados sociais da moradia popular. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 3, n. 2, p. 73-90, 2001.

PINHEIRO, Maximiliano Martins; **Positivismo e Marxismo: Ampliando o Debate Político**. São Paulo: Paco Editorial, 2024

PONTES, Fernanda Rodrigues; ROSTAS, Maria Helena Sauaia Guimarães; ROSTAS, Guilherme Ribeiro. Precarização do trabalho do docente adoecimento: COVID-19 e as transformações no mundo do trabalho, um recorte. **Revista Thema**, v. 18, p. 278-30, 2020.

PRIESS, F. G. **Qualidade de vida e estilo de vida: uma reflexão no âmbito dos professores universitários**. Pleiade, 8(8), 7-32, 2010.

PROTETTI, Fernando Henrique. **Transformações nas condições de trabalho dos professores de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas**. 2019. 335 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1091564>.

QUEIROZ, Francisco Assis de. A Biografia Científica: Charles Darwin e a formação de uma teoria. **Revista de História da Ciência** nº 12, dezembro 2021

REGO, Teresa Cristina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 2, 2014.

REINERT, M. (1990). ALCESTE, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de G. de Nerval. **Bulletin de Méthodologie Sociologique**, (28), 24-54.

RENEWICK, Rebecca; BROWN, Ivan. The center for health promotion's conceptual approach to quality of life. *In*: RENEWICK, Rebecca; BROWN, Ivan; NAGLER, Mark. **Quality of life in health promotion and rehabilitation: conceptual approaches issues and applications**. Sages: Thousand Oaks, 1996. p. 75-86.

RIBEIRO, Vanilda Batista. **Valorização do trabalho e as implicações na saúde de docentes da Universidade do Estado da Bahia – UNEB**. 2025. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2025

RODRIGUES, Glaydson Campelo de Almeida. **Assédio moral no serviço público: a dualidade entre a visibilidade e o enfrentamento ao assédio moral no âmbito da Universidade Federal do Maranhão entre 2021 e 2022**. 2025. 111 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025

RODRIGUES, Marcus Vinicius. **Qualidade de Vida no Trabalho: evolução e análise no nível gerencial**. Vozes. Rio de Janeiro, 1999.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte" em Educação**. Curitiba: Diálogo Educacional, v. 6, 2006.

ROWE, Diva Ester Okazaki; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. **Comprometimento ou entrincheiramento na carreira? Um estudo entre docentes do ensino superior**. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAD (ENANPAD), 32., 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

RUZA, Fábio Machado; SILVA, Eduardo Pinto. A transformações produtivas na pós-graduação: o prazer no trabalho docente está suspenso? **Revista Subjetividade**. Fortaleza, 16(1); p.91-103, abril, 2016.

SALES, Ronaldo. Laclau e Foucault: desconstrução e genealogia. *In*: MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto (Orgs). **Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau**. Porto Alegre, 2008, p. 145 – 163

SAMPIERI, Roberto; COLLADO, Carlos; LUCIO, Maria. **Metodologia da Pesquisa**. 5ª. ed. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Geórgia Maria Ricardo Félix; SILVA, Maria Elaine da Silva; BELMONTE, Bernardo do Rego. COVID-19: ensino remoto emergencial e

saúde mental de docentes universitários. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil** Olinda, fev. 2021.

SANTOS, Jussimária Almeida dos. ***Trabalho docente, racionalidade técnica e adoecimento: um olhar à luz da Teoria Crítica da Sociedade***. 2023. 194 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

SANTOS, Sheila Daniela Medeira. A precarização do trabalho docente no Ensino Superior: dos impasses às possibilidades de mudanças. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 46, n. UFPR, p. 229-244, out/dez 2012.

SANTOS, Tatiane Araújo; SANTOS, Anderson Silva; MASCARENHAS, Nildo Batista; MELO, Cristina Maria Meira. O materialismo dialético e a análise de dados. **Texto Contexto de Enfermagem**, Salvador, 2018.

SANTOS, Gina Gaio. 2015. Narratives about Work and Family Life among Portuguese Academics. **Gender, Work and Organization**, 22(1):1-15. <https://doi.org/10.1111/gwao.12061>

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, kamila. A educação em tempos de Covid-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-24, 2020. DOI <https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.15.16289.094>. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16289>. Acesso em: 2 abr. 2021.

SARDÁ JUNIOR, Jamir; LEGAL, Eduardo; JABLONSKI JUNIOR, Sérgio. **Estresse**: conceitos, métodos, medidas e possibilidades de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SARTORI, Danieli Ghedin. ***Construção de sentidos da sobrecarga no trabalho de professores do magistério superior: o tema da saúde via atividade linguageira***. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2017.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 29-41, mar 2007.

SELYE, Hans. A Syndrome produced by Diverse Nocuous Agents. **Nature**, n. 138, 1936.

SELYE, Hans. Confusion and controversy in the stress field. **J Human Stress**, v. 2, p. 37-44, 1975.

SILVA, Mary Dayane Souza; ROAZZI, Antonio; SOUSA, Francisca Rozângela Lopes de; SILVA, Geymeesson Brito da; FRADE, Cinthia Moura. Percepção Docente sobre Inveja, Bem-Estar Subjetivo e Saúde Mental: Um estudo exploratório em instituições de Ensino Superior Públicas. **Revista Brasileira de Administração Científica, [S. l.]**, v. 11, n. 2, p. 66–80, 2020. DOI:

10.6008/CBPC2179-684X.2020.002.0005. Disponível em:
<https://www.sustenere.inf.br/index.php/rbadm/article/view/CBPC2179-684X.2020.002.0005>. Acesso em: 14 maio. 2025.

SINPRO-SP. **Trabalho Docente na Educação Superior Privada: Relatório de Pesquisa**. São Paulo: SINPRO-SP, 2019.

SIGNORI, Zenira Maria Malacarne et al. **Constituição identitária do professor universitário em início de carreira em face da atual conjuntura de reformas do Estado brasileiro**. Programa de Pós-graduação em Educação, UFSC. 2023.

SILVA JÚNIOR, João Reis; FERREIRA, Luciana Rodrigues.; KATO, Fabíola Bouth Grello. Trabalho do professor pesquisador diante da expansão da pós-graduação no Brasil pós-LDB. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 53, 2013.

SCHWARTZMAN, Simon. **A universidade em questão: Ensino, pesquisa e desenvolvimento institucional**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1991

SQUISSARDI, Valdemar. **O ensino superior privado no Brasil: Expansão e mercantilização**. São Paulo: Cortez, 2000

SMITH, A. **Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações**. São Paulo: Nova Cultural, 1983

TANI, Go. Esporte, educação e qualidade de vida. *In*: MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: UNIMEP, 2002. p. 103-116.

TELES, Cristiane Coelho. **Qualidade de vida no trabalho docente: o uso de tecnologias digitais no Ensino Superior**. 2022. 86 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Saúde) – Universidade Anhanguera de São Paulo, São Paulo, 2021.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNEB. **Relatório de Atividades 1993**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 1993.

UNEB. **Relatório de Atividades 1996-1997**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 1997.

UNEB. **Universidade do Estado da Bahia: histórico institucional**. Salvador, 2024.

UNEB. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2023–2027**. Salvador: UNEB, 2023

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **A UNEB**. Disponível em: <<https://portal.uneb.br/a-uneb/>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

VASCONCELOS, Iana; LIMA, Rita de Lourdes de. "É um malabarismo com vários pratos ao mesmo tempo!": o trabalho docente em universidades públicas. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 138, p. 242–262, maio/ago. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.211>. Acesso em: 25 abr. 2025.

VIGOTSKY, Lev Semionovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1978

WHOQOL. Study protocol for the World Health Organization project to develop a Quality-of-Life assessment instrument (WHOQOL). **Quality of life research.**, v. 2, p. 153-159, 1993.

WHOQOL. The development of the World Health Organization quality of life assessment instrument (the WHOQOL-Group). *In*: ORLEY, John; KUYKEN, Willian. **Quality of life assessment: international perspectives**. Springer: Heidelberg, 1994. p. 41-60.

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO SOBRE A VALORIZAÇÃO DOCENTE (Q-VD) – ADAPTADO AOS DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

A valorização dos profissionais da educação perpassa por quatro categorias diretamente ligadas ao trabalho que podem interferir de maneira positiva ou negativa nos resultados educacionais, ao considerar que um ambiente de trabalho com condições adequadas para desenvolver as atividades bem como a formação, a carreira e as questões salariais são essenciais para a qualidade na educação. Dessa forma, em consonância com a Conferência Nacional de Educação (Brasil, CONAE, 2018), a valorização desses profissionais está imbuída na formação, carreira, remuneração e condições de trabalho e saúde. Diante disso, esse questionário tem o objetivo de coletar dados sobre elementos concernentes à valorização docente.

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

1. Qual o sexo biológico do(a) Sr(a)? (☐) Feminino (☐) Masculino (☐)
Outro

2. Qual a sua idade (em anos completos)? _____

3. Qual o seu estado Civil? _____

4. Quantos filhos o(a) Sr.(a) tem? _____

CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS

2.1 Qual(ais) a(s) sua(s) área(s) de formação?

(☐) Linguagens (☐) Ciências da natureza

(☐) Matemática (☐) Ciências humana

2.2 Há quantos anos o(a) Sr.(a) atua na docência universitária? _____

2.3 O(a) Sr.(a) atua em quantas instituição(ões) de ensino superior?

2.4 Em qual(ais) modalidade(es) da graduação você trabalha?

☐ Licenciatura ☐ Bacharelado

2.5 Você trabalha na pós-graduação?

☐ Sim, Strictu Sensu

☐ Sim, Latu Sensu

☐ Não

2.6 Qual a esfera da instituição em que o(a) Sr.(a) atua (principal vínculo)?

☐ Municipal

☐ Estadual

☐ Federal

☐ Privado

2.7 Há quantos anos atua na instituição?

2.8 Em qual campus você é lotado?

☐ Salvador — Campus I

☐ Alagoinhas — Campus II

☐ Juazeiro — Campus III

☐ Jacobina — Campus IV

☐ Santo Antônio de Jesus — Campus V

☐ Caetité — Campus VI

☐ Senhor do Bonfim — Campus VII

- () Paulo Afonso — Campus VIII
- () Teixeira de Freitas - Campus X
- () Barreiras — Campus IX
- () Serrinha — Campus XI
- () Guanambi — Campus XII
- () Itaberaba — Campus XIII
- () Conceição do Coité — Campus XIV
- () Valença — Campus XV
- () Irecê — Campus XVI
- () Bom Jesus da Lapa — Campus XVII
- () Eunápolis — Campus XVIII
- () Camaçari — Campus XIX
- () Brumado — Campus XX
- () Ipiaú — Campus XXI
- () Euclides da Cunha — Campus XXII
- () Seabra — Campus XXIII
- () Xique-Xique — Campus XXIV
- () Lauro de Freitas - Campus XXV
- () Jeremoabo - Campus XXVI
- () Canudos - Campus XXVII

2.9 Você reside no mesmo município em que está localizado o departamento que trabalha (em que está lotado)?

☐ Sim

☐ Não

2.10 Você colabora/atua em outro campus?

3 ☐ Sim

4 ☐ Não

2.11 Em qual colegiado você está alocado(a)?

2.12 Coloque a distância (em km) entre o seu campus e onde você colabora/atua.

3.1 O(a) Sr.(a) é associado(a) ao sindicato? ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

3.2 O(a) Sr.(a) é ativo na luta sindical por melhorias na profissão?

☐ Sim ☐ Parcialmente ☐ Não

3.3 O(a) Sr.(a) conhece as políticas de valorização docente?

☐ Sim ☐ Parcialmente ☐ Não

CATEGORIAS DA VALORIZAÇÃO

4 FORMAÇÃO

4.1 Qual o seu grau de formação?

- ☐ Especialização
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado
- ☐ Doutorado
- ☐ Pós-Doutorado

4.2 A disciplina que o(a) Sr.(a) leciona é coerente com sua formação?

- ☐ Sim ☐ Não

4.3 Há quanto tempo o(a) Sr(a) realizou a última formação continuada (especialização, mestrado, doutorado, dentre outras)

4.4 Qual(ais) tipo(s) de instituição(ões) o(a) Sr.(a) recorreu para realizar a (as) formação (ões) continuada (especialização, mestrado, doutorado...)?

- ☐ Pública presencial ☐ Pública a distância ☐ Privada presencial
- ☐ Privada a distância ☐ Outra: _____

4.5 No quadro abaixo o(a) Sr.(a) irá marcar “S” para sim, “P” para parcialmente, “I” para insuficiente ou “N” para não nas questões referentes às CONDIÇÕES QUE REALIZOU A SUA FORMAÇÃO CONTINUADA.

CONDIÇÕES PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA	S	P	I	N
1. Teve/tem o apoio da instituição				
2. Conseguiu licença (se a resposta consistir em não pule para a 5)				
3. A licença adquirida feriu o direito à aposentadoria na contagem dos anos				
4. O salário foi reduzido por conta da licença				
5. Tem tempo suficiente para os estudos				

6. A secretaria oferece cursos para aperfeiçoar a formação				
--	--	--	--	--

4.6 Enumere no quadro abaixo o grau de **RELEVÂNCIA SOBRE A SUA MOTIVAÇÃO PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA** de acordo com a importância das questões que são abordadas, no qual, 0 equivale a sem importância, 1 pouco, 2 médio e 3 alto.

MOTIVOS PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA	0	1	2	3
1. Melhorias salariais				
2. Aperfeiçoamento na atuação da prática pedagógica				
3. Novas metodologias de ensino				
4. Atender as necessidades específicas do alunado				
5. Exigências da instituição				
6. Maiores oportunidade de atuação na educação				
7. Assumir cargos específicos na instituição				
8. Apreço pelos estudos				
9. Atender as novas demandas sociais e políticas para o ensino				
10. Crescimento teórico-científico na área de atuação				
11. Valorização/reconhecimento profissional				
12. Atualizar sobre conteúdos e perspectivas teóricas na área de atuação				
Outros:				

5 CARREIRA

5.1 Qual o seu tipo de vínculo de trabalho:

() Efetivo/concursado () Contrato temporário () Presta serviço sem contrato por horas/aulas ministradas () Outro: _____

5.2 A UNEB possui plano(s) que possibilitam a ascensão na carreira:

() Sim () Não

5.3 Qual(is) opção(ões) abaixo é(são) a(as) principal(is) maneira(s) de ascensão na sua carreira?

- () Avaliações () Premiações/bonificações pelo desempenho profissional () Qualificação profissional (especialização, mestrado, ...)
- () Outra/Qual? _____

5.4 O(a) Sr.(a) está satisfeito(a) com as medidas que possibilitam o avanço na carreira?

- () Sim () parcialmente () Não

5.5 Classifique a SATISFAÇÃO DO(A) SR.(A) EM RELAÇÃO À SUA CARREIRA

enumerando os itens do quadro abaixo conforme a sua percepção, em que 0 é totalmente negativo, 1 pouco, 2 médio e 3 alto.

SATISFAÇÃO COM A CARREIRA	0	1	2	3
1. O(a) Sr.(a) se sente realizado(a) profissionalmente				
2. Tem desejos constantes de desistir da profissão				
3. Desistiria da profissão quando oportuno				
4. Recomendaria sua profissão aos alunos, amigos e familiares				
5. Sente-se responsabilizado(a) pelo sucesso ou fracasso dos alunos				
6. Considera sua carreira atrativa				
7. Sente-se culpabilizado(a) pelos resultados na educação				
8. Considera a profissão valorizada				
9. O(a) Sr.(a) se sente cansado(a) emocionalmente com o trabalho				

Tem alguma consideração que você gostaria de realizar sobre a carreira?

6 REMUNERAÇÃO

6.1 Qual a sua média salarial líquida em salários-mínimos?

- () um salário-mínimo () Três salários-mínimos () Cinco salários-mínimos
 () Dois salários-mínimos () Quatro salários-mínimos () Mais de cinco salários-mínimos

6.2 Qual a posição da sua renda na família? () Única () Principal () Complementar

6.3 Em relação ao **SALÁRIO** do(a) Sr.(a) responda o quadro abaixo com “S” para sim, “P” para parcialmente, “I” para insuficiente ou “N” para não de acordo com o que é pontuado em cada questão.

QUESTÕES SALARIAIS	S	P	I	N
1. Ocorre atraso no pagamento do salário				
2. A formação e titulação acadêmica são consideradas para o aumento salarial				
3. O tempo de serviço é um fator considerado no aumento salarial				
4. Professores com níveis de formação diferentes recebem salários diferentes				
5. O desempenho profissional é um critério para bonificações				
6. Está satisfeito com o seu salário				
7. Seu salário atende suas necessidades existenciais (alimentação, moradia, transporte, lazer, entretenimento, dentre outras)				
8. Considera o salário um atrativo na profissão				

Tem alguma consideração que você gostaria de realizar sobre a remuneração?

7 CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE

7.1 Qual a sua carga horária de trabalho semanal? _____

7.2 Sobre a **INFRAESTRUTURA** da instituição em que o(a) Sr.(a) atua responda as questões do quadro abaixo com “S” para sim, “P” para parcialmente, “I” para insuficiente ou “N” para não de acordo com o que é pontuado.

INFRAESTRUTURA DA ESCOLA	S	P	I	N
1. Possui saneamento básico				
2. Possui biblioteca				
3. Possui laboratório de informática				
4. Possui refeitório				
5. Possui água potável				
6. Possui ventilador ou ar-condicionado na sala de aula				
7. Possui energia elétrica				
8. Possui sala para professores				
9. Possui sala para a direção				
10. Possui quadra esportiva				
11. Possui quadra esportiva coberta				
12. Possui local de descanso para os alunos				
13. Quando chove tem goteiras nas salas				
14. Tem barulhos que interferem no bom andamento das aulas				
15. Possui carteiras adequadas para os alunos				
16. Possui cadeiras e mesas adequadas/boas condições para os professores				
17. Possui boa iluminação				
18. Considera a instituição que atua em boas condições na estrutura				

7.3 Em relação aos **EQUIPAMENTOS E O SUPORTE PEDAGÓGICO** da instituição em que o(a) Sr.(a) atua assinale “S” para sim, “P” para parcialmente, “I” para insuficiente ou “N” para não nas questões tratadas no quadro abaixo.

EQUIPAMENTOS E SUPORTE PEDAGÓGICO	S	P	I	N
1. Possui livro didático				
2. Possui acesso à internet				
3. Possui materiais necessários para realização das aulas				
4. Possui quadro branco				
5. Os alunos têm acesso a computadores				
6. A instituição conta com acompanhamento de psicólogo				
7. A instituição tem psicopedagogo desenvolvendo trabalho				
8. A instituição conta com assistente social				
9. A instituição possui apoio pedagógico nos planejamentos em sua área de atuação				

7.4 Para analisar a **JORNADA DE TRABALHO** do(a) Sr.(a) assinale a opção “S” para sim, “P” para parcialmente, “I” para insuficiente ou “N” para não de acordo com o que apresenta cada questão do quadro abaixo.

JORNADA DE TRABALHO	S	P	I	N
1. Realiza outra atividade remunerada fora da docência				
2. Possui alunos com necessidades especiais				
3. Conta com apoio em sala para alunos com necessidades especiais				
4. Os horários de Atendimento e orientação à estudantes				
5. Os horários de AC são garantidos semanalmente				
6. Utiliza o tempo em casa para realizar tarefas da docência				
7. O tempo dedicado ao trabalho interfere na vida pessoal (momentos com a família, amigos, de lazer, hobby)				
8. Tem alguém que ajuda nos afazeres domésticos				

7.5 Ainda sobre a **JORNADA DE TRABALHO** responda as questões do quadro abaixo com a quantidade/número que corresponde a cada quesito na rotina de trabalho do(a) Sr.(a).

JORNADA DE TRABALHO	Nº
1. Leciona em quantas turmas	
2. Leciona em quantos segmentos de ensino (ano letivo)	
3. Possui em média quantos alunos por turma	
4. Trabalha em quantos turnos	
5. Ministra quantas aulas semanalmente	
6. Ministra quantas disciplinas	

7.6 Para tratar das **RELAÇÕES NO TRABALHO** do(a) Sr.(a) assinale no quadro abaixo com o “S” para sim, “P” para parcialmente, “I” para insuficiente ou “N” para não em cada questão abordada.

RELAÇÕES NO TRABALHO	S	P	I	N
1. Possui boa relação com os colegas de trabalho				
2. Possui boa relação com os alunos				
3. Possui boa relação com os pais de alunos				
4. Possui boa relação com a coordenação/direção				
5. Já sofreu agressão física e/ou verbal no ambiente de trabalho por alunos				
6. Já sofreu agressão física e/ou verbal no ambiente de trabalho por colegas de trabalho				
7. Já sofreu assédio moral				
8. Sente-se seguro no ambiente de trabalho				
9. A instituição possui uma gestão democrática				

7.7 Para pontuar sobre a **SAÚDE** do(a) Sr.(a) assinale no quadro abaixo o “S” para sim, “P” para parcialmente, “I” para insuficiente ou “N” para não em relação aos questionamentos abordados.

ADOCIMENTO DOCENTE	S	P	I	N
1. Possui dores musculares				
2. Possui dores nas articulações				
3. Tem problemas de locomoção				
4. Tem problemas vocais				
5. Tem problemas na coluna				
6. Já foi diagnosticado(a) com transtornos mentais (estresse, depressão, burnout, dentre outros)				
7. Possui alguma Doença Crônica Não Transmissível (DCNT), ou seja, doenças cardiovasculares, respiratórias, metabólicas, diabetes, hipertensão, câncer.				
8. Tem problema de saúde que interfere na atuação docente				
9. Já solicitou licença/afastamento do trabalho por problemas de saúde				
10. Já deixou de pedir licença/afastamento por medo de interferir na aposentadoria				

7.8 O quadro abaixo pontua alguns assuntos que podem contribuir na **PREVENÇÃO DO ADOECIMENTO**, portanto, assinale com “S” para sim, “P” para parcialmente, “I” para insuficiente ou “N” para não de acordo a realidade do(a) Sr.(a) com o que fala cada questão.

PREVENÇÕES PARA O ADOECIMENTO	S	P	I	N
1. Tem plano de saúde				
2. Realiza exames com frequência para acompanhar o estado de saúde				
3. A instituição em que atua oferece serviços psicológicos				
4. O Estado e/ou município em que atua possui políticas públicas específicas para cuidar da saúde dos docentes				
5. Possui assistência médica assegurada pelo ente federado em que atua				

6. Tem uma alimentação saudável				
7. Prática alguma atividade física (caminhada, corrida, natação, hidroginástica, futebol, dança, musculação, dentre outras)				

Tem alguma consideração que você gostaria de realizar sobre as condições de trabalho e saúde ou algum problema de saúde que gostaria de mencionar?

8 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A VALORIZAÇÃO

8.1 Com o objetivo de conhecer a **PERCEPÇÃO DO(A) SR.(A) SOBRE A VALORIZAÇÃO DOCENTE** o quadro abaixo pontua algumas questões, dessa forma, assinale de acordo com a sua compreensão “S” para sim, “P” para parcialmente, “I” para insuficiente ou “N” para não.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A VALORIZAÇÃO	S	P	I	N
1. O(a) Sr.(a) acredita que ocorre uma valorização				
2. As políticas existentes são suficientes para que ocorra a valorização				
3. As políticas Públicas voltadas para a valorização são cumpridas no ente federado em que você atua				
4. O(a) Sr.(a) se sente valorizado(a) enquanto profissional da educação				

Tem alguma consideração que gostaria de realizar sobre a valorização?

O questionário termina por aqui.

Agradecemos sua colaboração!

ANEXO 2- WHOQUOL- Bref

Instruções

Este questionário é sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida. **Por favor, responda a todas as questões.** Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada. Esta, muitas vezes, poderá ser sua primeira escolha.

Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Nós estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referência as **duas últimas semanas**. Por exemplo, pensando nas últimas duas semanas, uma questão poderia ser:

	nada	muito pouco	médio	muito	completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

Você deve circular o número que melhor corresponde ao quanto você recebe dos outros o apoio de que necessita nestas últimas duas semanas. Portanto, você deve circular o número 4 se você recebeu "muito" apoio como abaixo.

	nada	muito pouco	médio	muito	completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

Você deve circular o número 1 se você não recebeu "nada" de apoio.

		muito ruim	ruim	nem ruim nem boa	boa	muito boa
1	Como você avaliaria sua qualidade de vida?	1	2	3	4	5

		muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
2	Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?	1	2	3	4	5

As questões seguintes são sobre **o quanto** você tem sentido algumas coisas nas últimas duas semanas.

		nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
3	Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?	1	2	3	4	5
4	O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?	1	2	3	4	5
5	O quanto você aproveita a vida?	1	2	3	4	5
6	Em que medida você acha que a sua vida tem sentido?	1	2	3	4	5
7	O quanto você consegue se concentrar?	1	2	3	4	5
8	Quão seguro(a) você se sente em sua vida diária?	1	2	3	4	5
9	Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre **quão completamente** você tem sentido ou é capaz de fazer certas coisas nestas últimas duas semanas.

		nada	muito pouco	médio	muito	completamente
10	Você tem energia suficiente para seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
11	Você é capaz de aceitar sua aparência física?	1	2	3	4	5
12	Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?	1	2	3	4	5
13	Quão disponíveis para você estão as informações que precisa no seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
14	Em que medida você tem oportunidades de atividade de lazer?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre **quão bem ou satisfeito** você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas.

		muito ruim	ruim	nem ruim nem bom	bom	muito bom
15	Quão bem você é capaz de se locomover?	1	2	3	4	5

		muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
16	Quão satisfeito(a) você está com o seu sono?	1	2	3	4	5
17	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
18	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade para o trabalho?	1	2	3	4	5
19	Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?	1	2	3	4	5
20	Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?	1	2	3	4	5
21	Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?	1	2	3	4	5
22	Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?	1	2	3	4	5
23	Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?	1	2	3	4	5
24	Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?	1	2	3	4	5
25	Quão satisfeito(a) você está com o seu meio de transporte?	1	2	3	4	5

As questões seguintes referem-se a **com que frequência** você sentiu ou experimentou certas coisas nas últimas duas semanas.

		nunca	algumas vezes	freqüentemente	muito freqüentemente	sempre
26	Com que frequência você tem sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?	1	2	3	4	5

Alguém lhe ajudou a preencher este questionário?.....

Quanto tempo você levou para preencher este questionário?.....

Você tem algum comentário sobre o questionário?

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

ANEXO 3- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Indicadores de saúde, qualidade de vida e formação de docentes, discentes e profissionais da educação: estudo comparativo entre gêneros

Pesquisador: Berta Leni Costa Cardoso

Área Temática:

Versão: 8

CAAE: 43789015.4.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade do Estado da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.306.315

Apresentação do Projeto:

A emenda tem o objetivo de:

Justificativa da Emenda:

"Venho informar que o projeto guarda-chuva aqui submetido consta como pesquisadores responsáveis, além de mim, profa. Dra. Berta Leni Costa Cardoso, o professor doutor Cláudio Pinto Nunes, devidamente cadastrado na Plataforma Brasil e neste projeto. Solicito a inclusão do nome deste professor no parecer como pesquisador responsável também. Segue novos objetivos, instrumentos e autorização de instituição coparticipante para apreciação com o objetivo de ampliar as pesquisas do projeto guarda-chuva "Indicadores de saúde, qualidade de vida e formação de docentes, discentes e profissionais da educação: estudo comparativo entre gêneros". A autorização coparticipante que segue em anexo trata-se de uma pesquisa com o objetivo de analisar: Qualidade de vida e adoecimento do docente do ensino superior no contexto da pandemia da covid-19. A percepção dos servidores técnico-administrativos em relação à formação e os impactos na qualidade de vida. Demais objetivos para ampliação da pesquisa: Analisar a qualidade de vida de professores como trabalhadores dos programas de pós-graduação em Educação no contexto da Bahia. Analisar a qualidade de vida e adoecimento do docente que também atua em hospital na linha de frente contra a pandemia da Covid-19. Compreender os fatores emocionais e as condições de trabalho que contribui para o adoecimento psíquico de

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1330 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

ANEXO 4- TABELAS DE CORRELAÇÕES

Correlações de Pearson encontradas na Pesquisa (SPSS 24.0)

Correlação	Variável 1	Variável 2
0,792	TEMPO DE DOCÊNCIA	TEMPO UNEB
0,771	IDADE	TEMPO DE DOCÊNCIA
0,722	INFRAESTRUTURA [Possui quadra esportiva]	INFRAESTRUTURA [Possui carteiras adequadas para os alunos]
0,693	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Novas metodologias de ensino]	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Atender novas demandas sociais e políticas]
0,690	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Crescimento teórico-científico]	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Atualizar sobre conteúdos e perspectivas teóricas]
0,667	IDADE	TEMPO UNEB
0,662	SAÚDE [Possui dores musculares]	SAÚDE [Possui dores nas articulações]
0,662	SAÚDE [Possui dores musculares]	SAÚDE [Tem problemas na coluna]
0,653	PERCEPÇÃO VALORIZAÇÃO DOCENTE [Acredita que ocorre uma valorização]	PERCEPÇÃO VALORIZAÇÃO DOCENTE [Se sente valorizado(a) enquanto profissional]
0,634	PERCEPÇÃO VALORIZAÇÃO DOCENTE [Acredita que ocorre uma valorização]	PERCEPÇÃO VALORIZAÇÃO DOCENTE [Políticas existentes são suficientes]
0,629	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Novas metodologias de ensino]	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Atender novas demandas sociais e políticas]
0,626	RELAÇÕES NO TRABALHO [Já sofreu assédio moral]	SAÚDE [Possui dores musculares]
0,609	SALÁRIO [Está satisfeito com o salário]	INFRAESTRUTURA [Possui biblioteca]
0,609	SAÚDE [Possui dores musculares]	SAÚDE [Tem problemas na coluna]
0,608	WHOQOL Como você tem se sentido [Dor física impede atividades]	WHOQOL Como você tem se sentido [Necessidade de tratamento médico]
0,607	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Apreço pelos estudos]	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Atualizar sobre conteúdos e perspectivas teóricas]
0,605	WHOQOL Como você tem se sentido [Dor física impede atividades]	WHOQOL Como você tem se sentido [Necessidade de tratamento médico]
0,600	PERCEPÇÃO VALORIZAÇÃO DOCENTE [Políticas públicas voltadas para valorização]	WHOQOL Qualidade de vida [Avaliação da qualidade de vida]
0,595	INFRAESTRUTURA [Possui biblioteca]	INFRAESTRUTURA [Possui energia elétrica]
0,593	CONDIÇÕES DE FORMAÇÃO CONTINUADA [Apoio da instituição]	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Aperfeiçoamento na prática pedagógica]
0,593	PREVENÇÃO DO ADOECIMENTO [Instituição oferece serviços psicológicos]	PERCEPÇÃO VALORIZAÇÃO DOCENTE [Acredita que ocorre uma valorização]
0,591	EQUIPAMENTOS E SUPORTE [Psicopedagogo desenvolvendo trabalho]	EQUIPAMENTOS E SUPORTE [Assistente social]
0,591	WHOQOL Como você tem se sentido [Aproveita a vida]	WHOQOL Quão completamente [Energia suficiente para o dia a dia]
0,590	PERCEPÇÃO VALORIZAÇÃO DOCENTE [Políticas públicas voltadas para valorização]	WHOQOL Qualidade de vida [Avaliação da qualidade de vida]
0,568	WHOQOL Qualidade de vida [Avaliação da qualidade de vida]	WHOQOL Como você tem se sentido [Aproveita a vida]
0,549	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Valorização/reconhecimento profissional]	SATISFAÇÃO COM A CARREIRA [Recomendaria a profissão]
0,549	SAÚDE [Possui dores nas articulações]	SAÚDE [Tem problemas na coluna]
0,548	EQUIPAMENTOS E SUPORTE [Alunos têm acesso a computadores]	EQUIPAMENTOS E SUPORTE [Acompanhamento de psicólogo]
0,547	WHOQOL Como você tem se sentido [Dor física impede atividades]	WHOQOL Como você tem se sentido [Necessidade de tratamento médico]

Correlação	Variável 1	Variável 2
0,542	WHOQOL Qualidade de vida [Avaliação da qualidade de vida]	WHOQOL Satisfação com a saúde
0,541	PERCEPÇÃO VALORIZAÇÃO DOCENTE [Políticas existentes são suficientes]	PERCEPÇÃO VALORIZAÇÃO DOCENTE [Políticas públicas voltadas para valorização]
0,541	JORNADA DE TRABALHO [Horários de atendimento e orientação a estudantes]	RELAÇÕES NO TRABALHO [Já sofreu assédio moral]
0,540	SAÚDE [Tem problemas na coluna]	SAÚDE [Tem problema de saúde que interfere na atuação docente]
0,535	SATISFAÇÃO COM A CARREIRA [Recomendaria a profissão]	SALÁRIO [Está satisfeito com o salário]
0,533	EQUIPAMENTOS E SUPORTE [Possui acesso à internet]	EQUIPAMENTOS E SUPORTE [Alunos têm acesso a computadores]
0,530	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Aperfeiçoamento na prática pedagógica]	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Atender necessidades do alunado]
0,530	EQUIPAMENTOS E SUPORTE [Acompanhamento de psicólogo]	EQUIPAMENTOS E SUPORTE [Psicopedagogo desenvolvendo trabalho]
0,524	WHOQOL Quão completamente [Oportunidades de atividade de lazer]	WHOQOL Quão bem ou satisfeito [Capacidade de se locomover]
0,523	WHOQOL Quão completamente [Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?]	WHOQOL Quão completamente [Oportunidades de atividade de lazer]
0,520	SAÚDE [Tem problema de saúde que interfere na atuação docente]	WHOQOL Como você tem se sentido [Necessidade de tratamento médico]
0,514	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Atender novas demandas sociais e políticas]	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Crescimento teórico-científico]
0,514	WHOQOL Quão completamente [Energia suficiente para o dia a dia]	WHOQOL Quão completamente [Oportunidades de atividade de lazer]
0,507	INFRAESTRUTURA [Possui boa iluminação]	EQUIPAMENTOS E SUPORTE [Possui acesso à internet]
0,501	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Aperfeiçoamento na prática pedagógica]	RELEVÂNCIA MOTIVAÇÃO [Apreço pelos estudos]
-0,545	WHOQOL Satisfação com a saúde	WHOQOL Como você tem se sentido [Dor física impede atividades]
-0,550	WHOQOL Satisfação com a saúde	WHOQOL Como você tem se sentido [Necessidade de tratamento médico]
-0,544	WHOQOL Como você tem se sentido [Dor física impede atividades]	WHOQOL Quão completamente [Energia suficiente para o dia a dia]

Fonte: Dados da Pesquisa 2024

Principais Correlações Policóricas. Aproximação de Spearman -associações fortes ($p > 0.65$)

Correlação	Variável 1	Variável 2
0.91	Vínculo empregatício	Temporário 2/3 carga
0.83	Licença FC feriu aposentadoria	Reduziu salário
0.80	Satisfação desempenho	capacidade de trabalho
0.78	Tempo docente	Tempo UNEB
0.78	Idade	Tempo docente
0.77	Temporário 2/3 carga	temporário iguais direitos
0.72	Infra quadra esportiva	quadra coberta
0.72	Desejo desistir profissão	desistiria se pudesse
0.70	Satisfação capacidade trabalho	satisfação própria
0.69	Satisfação própria	relações pessoais
0.67	Boa relação colegas	boa relação coordenação

Fonte: Dados da Pesquisa 2024

ANEXO 5- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele contém explicações sobre o estudo que você está sendo convidado a participar. Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo (clicando no aceite disponibilizado ao final deste documento) e poderá baixar uma cópia do mesmo. Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo), por meio dos contatos que constam no final deste termo.

O (a) Sr (a) está sendo convidado(a) a participar do estudo intitulado “Valorização do Trabalho e as Implicações na Saúde de Docentes da Universidade do Estado da Bahia - UNEB”, integrante do projeto guarda-chuva “Indicadores de saúde e qualidade de vida de discentes, docentes e técnicos: estudo comparativo entre gêneros”, com o objetivo de é analisar a qualidade de vida, o estilo de vida a saúde de docentes dos diversos níveis de ensino (básico, fundamental e superior) nas esferas municipal, estadual, federal e particulares do município de Guanambi, Bahia.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sob o parecer nº 4.410.612. Sua participação é voluntária, não remunerada e não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

Este estudo consiste em responder um questionário online, por meio de um link enviado previamente, e caso este procedimento gere algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo. Como benefícios, a presente pesquisa poderá contribuir para ampliar o conhecimento científico e instrumentalizar o planejamento de intervenções para a promoção da qualidade de vida, estilo de vida e melhora na aptidão física da população estudada, constituindo-se em ferramenta para o desenvolvimento de ações, na prevenção de riscos e promoção da saúde. Ressalta-se que a sua participação é voluntária, e caso queira se retirar em qualquer etapa da pesquisa não haverá nenhum dano ou prejuízo, e para isso basta entrar em contato com o pesquisador responsável.

Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa (Resolução nº 466/2012) que regulamenta sobre a participação com seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo. Os seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso de outras pessoas. O material com suas informações (questionários) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora Berta Leni Costa Cardoso com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade da sua identidade. A pesquisadora pode ser encontrada na Rua Deocleciano de Andrade, número 417, bairro São Francisco, Guanambi – Bahia e o telefone (77) 8841-4519/ 9946-1541.

O/ (a) Sr. (a) tem acesso a qualquer etapa do estudo, bem como aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas através da pesquisadora ou pelo:

CEP/UNEB e CONEP

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos

CEP/Universidade do Estado da Bahia – Uneb

Pavilhão Administrativo – Térreo – Rua Silveira Martins – 2555 – Cabula – Salvador – BA.

CEP:41150-000 telefone: (71)3117-2445 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

SEPN 510 Norte Bloco A – 3 Andar – Edifício EX – INAN – Unidade II – Ministério da Saúde.

CEP: 20750-521 – Brasília – DF – Telefone (61)33155878 – (61)33155879

Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.